

VOCAÇÃO E SANTIFICAÇÃO

ÍNDICE GERAL

Primeira Parte: VOCAÇÃO

	Índice	01
I	Breve Introdução.....	02
II-	Terminologia e Objetivos	04
III-	O Papel de Cada Ser	06
IV-	Os Dons Naturais e os Papéis do Ser Humano.....	08
V-	Os Dons Carismáticos.....	11
VI-	Vocação e Dom de Liderança.....	12
VII-	Cristo Chama Apóstolos.....	17
VIII-	Chamado e Empecilhos à Obediência.....	22
IX-	O Dom Ministerial	39
X-	Ministério Pastoral na Confissão	45
XI-	Pedro e Paulo: Pastores e Pastorado.....	48
XII-	Vocações na IPB	52
XIII-	Conclusão.....	54

Segunda Parte: MINISTÉRIO FEMININO

I	Introdução.....	55
II-	Argumento do Sacerdócio Universal.....	56
III-	Argumento Sociológico	57
IV-	Argumento da Representatividade.....	58
V-	O Argumento Histórico	60
VI-	Sola Scriptura.....	61
VII-	Os Pactos: Deus e Homem.....	62
VIII-	Argumentos Bíblicos: Ministério Feminino	63
IX-	Apostolado Feminino?	67
X-	Argumento Igualitarista	70
XI-	Argumento da Dádiva do Espírito	72
XII-	Papéis Ministeriais da Mulher	74
XIII-	Liderança Ministerial Masculina	76
XIV-	O Tempo de Paulo e o Nosso	83
XV-	Homem, Oficiante do Culto	84
XVI-	A Queda.....	84
XVII-	Marido: Símbolo de Cristo.	
	Mulher: Símbolo da Igreja.....	88

XVIII-Adão e Eva: Protótipos Simbólicos	90
XIX- Conclusão	94

Terceira Parte: SANTIDADE E SANTIFICAÇÃO

I- Síntese Introdutória	97
II- Terminologia.....	101
III- Santificação do Crente.....	104
IV- Conceitos e Meios de Santificação	111
V- Santificação, Obra do Espírito em nós.....	116
VI- Dificuldades Modernas de Santificação	120
VII- Amor, Força Motriz da Santificação.....	124
VIII- Objetivos da Santificação	133
IX- Características de uma Pessoa Santa	139
X- O Caminho da Santidade	141
XI- Ética e santificação.....	143
XII- Síntese conclusiva	148
XIII- Apêndice: O Cristão e o Sexo.....	150
XIV- Conclusões finais	165
XIV- Conselhos Finais.....	167
XV- Bibliografia	168

Primeira Parte - VOCAÇÃO

I- BREVE INTRODUÇÃO

Esperamos que este trabalho seja útil para a compreensão do seu chamado ministerial, do ministério leigo da mulher, segundo a Bíblia e a tradição reformada, e a santificação.

Chamado e santificação possuem correlação estreitíssima, não só porque um é conseqüência do outro, mas porque ambos significam “separação para Deus”. O chamado irresistível ou eficaz, aquele que decorre da eleição eterna para salvação, efetivado no tempo determinado por Deus, não é matéria de nossa disciplina; pertence à soteriologia. Vocação e Santificação enquadram-se na poimênica (de poimén, gr = pastor), cujo objetivo é a preparação para o ministério pastoral.

O preordenado para a salvação, isto é, para pertencer a Jesus Cristo, ser membro real de seu povo, ter, portanto, o requisito da membresia; somente esse, Deus, também por escolha eterna, vocaciona para o ministério pastoral; autorizando e iluminando a Igreja para “destacá-lo” de entre os demais irmãos e encaminhá-lo à preparação teológica, para que ele se habilite adequadamente ao pastorado. Chamar externamente

aquele que Deus chamou internamente é uma grande responsabilidade da Igreja; e ela deve fazer isso com critério, prudência, exame acurado, observação sem preconceitos e muita oração. Mesmo com o máximo cuidado e extremado zelo, eleger o que Deus não elegeu é possível, e tem acontecido. Os fingidos, os que querem ser o que Deus não quer que eles sejam, são hábeis na defesa dos interesses pessoais, inescrupulosos (capazes de mentir com naturalidade) e peritos em representar externamente o que não são internamente; assemelham-se a plantas de muito viço, muita aparência, mas nada de frutos; quando os dá, são de má qualidade, péssimo sabor e até venenosos. Aqueles que são pastores por si mesmos e de si mesmos competem, no campo ministerial, com os verdadeiros ministros de Deus, assim como o joio compete com o trigo, prejudicando-lhe a produção e a boa qualidade do produto.

Santo é o Separado por Deus e para ele. Uma vez operada a separação, o Salvador, “dono do separado”, começa nele o processo de santificação por meio de seu Espírito, que passa a controlá-lo, a instruí-lo nas verdades sagradas e a dirigir-lhe os passos. A santificação começa com um o ato divino da separação, e continua sendo processada por Deus no regenerado ao longo de sua vida terrena. O Salvador, portanto, atua na separação e no crescimento do separado. Tanto na prática como teologicamente, o chamado ministerial sem a santificação não existe de fato. O não regenerado que, porventura, ingressar no ministério, não será pastor de Cristo, mas de si mesmo, não passando de mercenário (cf Jo 10. 1-14). Ninguém escolhe ser pastor do rebanho de Cristo; o próprio supremo Pastor, e somente ele, seleciona e habilita seus pastores auxiliares. Não há igreja, por mais poderosa que seja, que tenha autoridade para escolher livremente seus ministros, formar seu “quadro de pastores”, segundo seus métodos psicológicos, culturais e sociológicos de “seleção de vocacionados”, exatamente como as empresas recrutam seus trabalhadores. Deus elege, chama e vocaciona. A Igreja, corpo de Cristo, também de membros eleitos, chamados e vocacionados para múltiplos serviços, iluminada pelo Espírito Santo, capta a “escolha”, e executa, ainda por orientação divina, a separação por meio de votação livre de seus fiéis em assembléia conciliar, sem qualquer influência pessoal ou familiar. Assim, Deus, por intermédio de seu povo, separa os que ele previamente vocacionou para o ministério pastoral. A vontade é sempre de Deus, nunca da Igreja ou do interessado. Espera-se que Igrejas santas indiquem para o pastorado homens santos e vocacionados para o ministério pastoral. Os interesses da Igreja não prevalecem sobre os de Deus.

II- TERMINOLOGIA E OBJETIVOS

Chamar e chamado originam-se etimológica e ideologicamente do verbo grego “**Kalein**” = chamar, com sentido técnico de “vocacionar” no Novo Testamento.

O verbo e suas derivações:

Kalein, verbo, = chamar, convocar, citar, convidar, intimar.

Klesis, substantivo, = a chamada; o chamado; chamado para servir, para pertencer a um senhor - caso do chamado para ser de Cristo; chamado para um ofício, para uma função específica: caso de Moisés.

Kletos, adjetivo, = chamado. Homem chamado; servo chamado; Igreja chamada. Entre os vários conceitos bíblicos de *kalein*, *kletos* e *klesis* estão: Chamado para servir a Deus no corpo de Cristo; Chamado para a salvação; Chamado para a santificação; chamado para o ministério pastoral.

Hiperetologia:

A Vocação já foi ministrada nos nossos seminários com o nome de “hiperetologia”, mas tal designação era inadequada, porque este termo, que vem do verbo grego “hypereteo”, significa servir em qualquer função, tanto pública como privada, mas sempre em função subalterna. O substantivo dele derivado é *hyperetês* – servo, servidor, empregado – trabalhador sem vínculo específico com a vocação ministerial. Este termo não é rico teologicamente.

Klesis: Da palavra “klesis” deriva “ekklesia”, que significa “assembléia dos que foram chamados para saírem de si mesmos e do mundo e ligarem-se a Jesus Cristo, tornando-se a “comunhão dos separados ou eleitos” em, pelo e no Messias. Dessa maneira, a melhor designação da presente disciplina deveria ser “Clesiologia”, acompanhando a posição do Rev. Kléo L. César, em seu livro, *Vocação*¹.

Vocação: do verbo latino **Voco** – eu chamo. Vocare – Chamar.

Deste verbo vieram: Vocacionar, invocar, convocar e vocação. Hoje se confunde a vocação com talento, dom, pendor, habilidade. Antigamente, era o chamado para uma função ou cargo. No âmbito teológico, sabemos que Deus não chama ou vocaciona alguém sem antes conceder-lhe o dom necessário à função ou ao ofício. O dom, pois, antecede o chamado.

1- As fontes dos termos podem ser encontradas em: a- Barclay, William: *Palavras Gregas Del Nuevo Testamento – Su Uso y su Significado*. b- Lenz César, Kléos Magalhães: *Vocação – Perspectivas Bíblicas e Teológicas*. Ver outras fontes na bibliografia. c- *Dicionário de Latim – Português*; Porto Editora; Porto, Portugal; sem data. Antônio Gomes Ferreira.

II.1- Chamado para servir a Deus na sua Igreja: *E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef 4. 11-13). Quanto, porém, ao que*

separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprovou revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue... (Gl 1. 15,16). Os contextos indicam-nos ministérios ordenados sobre os quais pesa a responsabilidade da edificação, da unidade, da santificação, do testemunho interno e externo e da missão. No texto de Gálatas Paulo fala de sua vocação apostólica para o apostolado entre os gentios, ministério que cumpriu integralmente.

Um ministro inoperante leva a comunidade à inoperosidade, à estagnação, à frieza litúrgica e testemunhal, à falta de santificação. Cristo move o pastor consagrado; este, movido por Cristo, dinamiza a Igreja local, não em direção de si mesma, do mundo, da sociedade secular, mas na direção do Senhor que a elegeu, salvou e a santifica. O ministério nas mãos de Deus, mas concedido a um pastor, é, necessariamente, cristocêntrico e, conseqüentemente, bibliocêntrico, porque Cristo, o Verbo eterno, é o centro e o móvel da revelação. Aqui está, em resumo, a primeira parte da matéria a ser discutida.

II.2- Chamado para a santificação: *Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância: pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo (I Pe 1. 14-16 cf Lv 11. 44,45; 19.2).* A santificação é conseqüência da eleição, somos eleitos para a santidade na comunhão com Cristo e para a santificação diária de nossas vidas: *Assim como nos escolheu nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele, e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade (Ef 1.4,5).* Santificação é a segunda parte a ser exposta; vista, agora, em síntese.

II.3- Chamado para salvação: *Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou (Rm 8.28-30 cf I Ts 2.12; II Ts 2.14; H 9.15 e outros).* Não desenvolvemos amplamente “a vocação eficaz”, mas deixamos transcrito o que, a respeito, nos diz a Confissão de Fé de Westminster: *Todos aqueles a quem predestinou para a vida, e só esses, é ele servido chamar eficazmente pela sua palavra e pelo seu Espírito, no tempo por ele determinado e aceito, tirando-os daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza para a graça e salvação em Jesus Cristo. Isto ele o faz, iluminando os seus entendimentos, espiritual e salvadoramente, a fim de compreenderem as coisas de Deus, tirando-lhes*

os seus corações de pedra e dando-lhes corações de carne, renovando as suas vontades e determinando-as, pela sua onipotência, para aquilo que é bom, e atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo, mas de maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela graça (C.F.W., cap. X, item 1).

O eleito, pelo que se deduz da declaração da C.F.W., não é constrangido a aceitar nem receber o “chamado eficaz” para aceitar Jesus Cristo como seu Salvador; o que realmente o constrange é o seu estado de alienação do Pai, pois não foi criado para viver longe de seus braços, distante do lar paterno. Enquanto o réprobo sente-se bem na companhia dos perdidos e nas práticas pecaminosas, o eleito, até o momento de seu chamado, experimenta um incrível deslocamento, um insuportável mal-estar. Depois que a graça entra no seu coração, previamente preparado para ela, passa a ser oposto ao mundo e odiado por ele: *Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou (Jo 17.14).* O que se disse a respeito dos apóstolos, vale para todos os eleitos, que estão em Cristo Jesus. O escolhido, antes de nascer, já se destinava à salvação, à filiação divina no Filho de Deus.

III- O PAPEL DE CADA SER

Pela mui sábia providência, segundo a sua infalível presciência e o livre e imutável conselho de sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória de sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia,, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, desde a menor até à maior (Confissão de Fé de Westminster, V.1)

III.1- Deus, Criador. Deus criou e ordena a ordem natural para sua própria glória e benefício do homem: alimentação, prazer e bem-estar, procriação e preservação da prole. Criou a ordem espiritual para introdução e manutenção da espiritualidade humana, bem como para dar à vida do homem dimensão eterna. O ser humano vive não somente a realidade dessa dupla qualificação e destinação, mas experimenta a tensão entre ambas.

Deus criou os macro-seres e os micro-seres; isto é, as coisas grandes, imensas, e as pequenas, miúdas; todas integradas entre si, com um papel geral cósmico e papéis particulares de cada conjunto, de cada espécie, de cada família e de cada indivíduo. Nada existe sem propósito. O extraordinário Criador fez o sol para governar o dia e a lua para governar a noite. Sem o sol, a vida sobre a terra seria impossível; o mesmo se diz da lua, que controla as ondas do mar, a pressão atmosférica e os ventos. O mar e a terra vivem em diálogo simbiótico: um depende do outro para existir e manter-se. Os animais e as plantas interagem-se vitalmente em uma harmonia natural miraculosa. Deus colocou na natureza seres que servirão de alimento para outros e os multiplica na proporção geométrica. Os grandes predadores reproduzem-se lentamente, mantendo o equilíbrio ecológico. O homem, porém, intervindo, quebra a cadeia e desequilibra o

sistema. Cada animal, cada inseto, cada micro-organismo, cada vegetal tem um papel específico na ordem criada. Especialmente o ser humano: cada indivíduo foi criado com um propósito definido, destinado a um determinado papel na história, seja proeminente ou não. Cada descendente humano recebe um dom do Criador para exercê-lo em benefício pessoal e em favor da coletividade. Não há pessoas sem objetivos aos olhos de Deus, mas existem os que se desviam para o mal e os que usam seus talentos indignamente. Deus coloca na humanidade eleitos e não eleitos; os primeiros disseminam a fé e o bem; os segundos, a incredulidade e o mal; os primeiros são servos de Cristo; os segundos são servos do Maligno e agentes da malignidade.

III.2- A importância e a individualidade dos pequenos seres.

Quando, ainda analfabeto, no interior do Espírito Santo, pensava que a minhoca não prestava para mais nada, a não ser como isca de pesca. Hoje, sei que, sem ela, o solo ficaria estéril, sem ventilação e sem vida. Também não tinha conhecimento para avaliar a importância dos insetos na alimentação das aves e na polinização das flores, sem a qual os frutos não surgiriam. Faltava-me conhecimento, por outro lado, para entender o papel de animais e aves, que se alimentam de frutas, e espalham, pelo transporte e pela defecação, as suas sementes, possibilitando a multiplicação das variedades e das espécies vegetais. Como disseminador de sementes, o morcego frutívoro é de importância inestimável em nossas florestas. Quanto às plantas, ainda não descobrimos tudo sobre elas, mas as nossas farmácias estão repletas de produtos oriundos de vegetais. Sem a respiração e a fotossíntese das folhas não haveria oxigênio no ar, nem seiva nos troncos, nem frutos nos ramos. Os venenos das serpentes, feitos para matar, hoje protegem vidas em anestésias, anticorpos e soro antiofídico. As aves de rapina são as faxineiras da natureza. Os insetos controlam-se mutuamente, sendo usados, atualmente, para a defesa natural de nossas lavouras hortícolas. As abelhas são utilíssimas na polinização das flores e para produção de mel, cera e própole. A formiga correição faz varredura nas florestas, eliminando escorpiões, gafanhotos, centopéias, evitando o desequilíbrio, isto é, a excessiva proliferação desses e de outros seres inconvenientes, quando em excesso. O inimigo tem também seus inimigos naturais. A aranha combate insetos, mas há vespas que combatem as aranhas. Existem vespas que injetam seus ovos na lagarta do coqueiro, evitando a destruição dos coqueirais. O sapo presta um serviço inestimável aos donos de canaviais; ele é o inimigo natural do besouro produtor da larva que perfura a cana – broca da cana – prejudicando a produção e depreciando a qualidade do caldo. Aos grandes cultivadores de cana, os batráquios antibrocas prestam imenso serviço, devendo ser protegidos. Quando, no Brasil, aplicou-se, indiscriminadamente, o agrotóxico BHC, chamado popularmente de AHCB, a eliminação sumária e em massa dos

pássaros foi uma tragédia: Os insetos multiplicaram-se incontrolavelmente, pois não havia mais predadores para eles; também as fontes foram perigosamente contaminadas. As cobras proliferam muito, mas há cobras que se alimentam de cobras, especialmente das peçonhentas. Cada espécie tem seu lugar, sua utilidade, inclusive para alimentação de outras espécies. Deus fez todas as coisas para a ordem e o equilíbrio da natureza. Nada é inútil.

III.3- Micróbios, bactérias e fungos.

Os micróbios, na ciência moderna, são colocados a serviço do homem como produtores de anticorpos, constituindo o maior instrumento moderno de combate às infecções: males microbianos. A saúde humana, nos dias atuais, depende consideravelmente dos antibióticos defensivos (profiláticos) e curativos. As bactérias fabricam nossos vinhos, vinagres e queijos. Nossos intestinos não podem prescindir da flora bacteriana, necessária ao metabolismo intestinal. Os fungos não somente alimentam os formigueiros, mas contribuem grandemente para a alimentação humana: cogumelos e algas comestíveis, por exemplo.

III.4- O relâmpago e os ventos.

As descargas elétricas dos relâmpagos ajudam fixar o azoto no solo; e uma bactéria o transfere para as leguminosas por meio de nódulos em suas raízes. A produção de feijão e de soja seria ínfima e com grãos de má qualidade se não fosse a incidência dos relâmpagos. Não se pode, portando, subestimar os efeitos benéficos deles na agricultura. Os trovões e os raios assustam-nos, mas são extremamente úteis, inclusive para provocar a precipitação pluvial.

Os ventos exercem várias funções: massageiam as plantas, enrijecendo-as; espalham o pólen, especialmente em lavouras densas de café, milho, laranja e outras; conduzem as sementes aladas a grandes distâncias; espalham a poluição dos centros urbanos, evitando a maléfica concentração de poluentes; sopram a poeira das folhas; ventilam a vegetação; produzem energia eólica.

Tudo que Deus colocou na natureza tem objetivo especificado e o cumpre; nada é inútil. Cada coisa e cada ser tem uma destinação preordenada pelo Criador, que chamou à existência todas as coisas e todos os seres e designou um papel especial para cada coisa e cada ser, mormente a pessoa humana.

IV- OS DONS NATURAIS E OS PAPÉIS DOS SERES HUMANOS.

IV.1- Todos os seres humanos nascem com determinados dons, podendo ou não desenvolvê-los com maior ou menor eficiência, mais ou menos intensidade: Uns são músicos; outros, artistas teatrais; uns são artistas da comunicação; outros, artistas plásticos; uns são atletas olímpicos; outros jogadores de futebol. Poucos escultores equipararam-se a Aleijadinho e a

Miguel Ângelo; poucos compositores igualaram-se a Mozart, a Betoven e a Bach; são raros os jogadores de futebol que se aproximaram, em eficiência, de Pelé e Garrincha; poucos filósofos nivelaram-se com Aristóteles e Kant; raros são os teólogos que se avizinham de Calvino e de Lutero; na literatura brasileira, Machado de Assis ainda não foi destronado de seu pedestal de maior romancista. Os luminares, as grandes estrelas, embora contribuam muito, não prestam a totalidade dos serviços e artes necessários à grandeza, à harmonia e ao progresso da humanidade. A obra conjuntural depende da função e do papel de cada um. Por exemplo, o dom de cozinhar. Duas pessoas, uma com o dom da culinária e outra sem ele, executam a mesma receita com os mesmos ingredientes; a da aquinhoadá com o dom da culinária, inexplicavelmente, sairá mais saborosa. O dom com o qual o indivíduo é dotado, mesmo não sendo proeminente, é que o leva a exercer um papel necessário ao mundo, a dar a sua contribuição com eficiência. As pequenas coisas e os pequenos seres são valiosos e prestam imensos serviços. O monetarismo, o apelo ao conforto e o imediatismo têm levado as pessoas a procurarem profissões mais rendosas e empregos mais estáveis em detrimento, muitas vezes, de seus dons naturais. Isso produz mais renda, mas pode levar, e tem levado, muitos ao abismo das frustrações, das depressões, dos estresses. Quem faz o que gosta de fazer, não se frustra, não se deprime, e ainda produz mais e de melhor qualidade. Há carpinteiros, marceneiros, pedreiros, encanadores, eletricitas, pintores de parede, mecânicos de automóvel, de avião, de máquinas industriais, ferramenteiros, enfermeiros, médicos, odontólogos, advogados, policiais, promotores, juízes e outros profissionais verdadeiramente satisfeitos com suas funções, e, por isso, dedicados e eficientes. Outros existem frustrados, deficientes e insatisfeitos, porque trabalham pela remuneração monetária e pelo emprego estável. Quem milita fora da área de seu dom jamais se contenta com o seu papel; trabalha forçado e insatisfeito.

IV.2- Deus confere dons artísticos. Um caso típico e exemplar é o de Bezalel, da tribo de Judá. Foi um artesão polivalente habilíssimo, sendo um homem de fé. Recebeu da divindade não somente os múltiplos dons e habilidades, mas também o Espírito de Deus. Eis o que a seu respeito o próprio Javé afirma: *...E o enchi do Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência e de conhecimento em todo ofício, para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, em prata, em bronze; para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, para toda sorte de labores (Ex 31. 3-5).* Foi o executor artístico da Tenda e da Arca, auxiliado por seu discípulo Aoliabe; tudo, porém, sob ordenação de Deus, que é o autor e mentor de todas as vocações pelas quais organiza a humanidade, estabelece o progresso do mundo e promove o bem-estar geral. Bezalel foi um artista servo de Deus, mas inúmeros artistas e cientistas, que contribuíram e contribuem com as civilizações, não temiam a Deus no passado nem o

temem no presente. O Criador usa justos e injustos na administração e progresso das civilizações. O homem não cria: descobre e inventa, sempre baseado na matéria prima, que Deus criou; e tudo ele faz por preordenação divina.

IV.3- Dons naturais. Deus dota o ser humano de dom para que ele exerça, por ele, um papel na sociedade em que se insere. Há, porém, alguns dons que são naturais e, como os outros, essenciais. Por exemplo: a- O dom da maternidade, que todas as mulheres têm, mas em umas é mais acentuado que em outras. É comum ouvir-se: *Essa nasceu para ser mãe*. b- Pode-se falar também no dom da paternidade, forte em uns pais e fraco em outros. Existem pais que se matam pelos filhos, outros são apenas reprodutores. c- Dom de associação. Somos seres sociais por natureza, vivemos em sociedade. A solidão é insuportável, porque precisamos ver e ouvir outras pessoas, conviver com elas e associar-nos a elas. d- O dom da preservação da espécie ou instinto de proteção da prole, forte, tanto nos animais como no homem. Sem ele, nossos filhos não sobreviveriam, tanto por carência alimentar como por desproteção. f- O dom da memória: a capacidade que o cérebro tem de armazenar, conservar e reviver informações e imagens do passado. g- O dom místico: a capacidade que o homem possui de perceber a existência de um mundo além do físico, do histórico, do natural. A religiosidade está ligada a este dom. h- O dom de reciclar idéias antigas e criar idéias novas; poderoso nas mentes filosóficas e lógicas. i- O dom de falar: capacidade de articular fonemas, sílabas, palavras, frases e períodos, comunicando-se por meio da linguagem. A linguagem é o maior dom natural que Deus concedeu ao homem. j- Dom de cantar. Este não é geral; são poucos as pessoas às quais Deus dotou com a capacidade de cantar com afinção, harmonia, sensibilidade e beleza. Nem sempre a boa voz é quesito maior do cantor, mas a sensibilidade natural.

Não devemos confundir os que aprendem a manusear um instrumento até com certa habilidade com o que recebeu o dom de tocá-lo com perfeição e arte. Exemplos: Milhões tocam violino, mas poucos chegam a ser um Niccolo Paganini; milhares dedilham a guitarra, mas somente alguns atingem o nível de Jimi Hendrix; centenas tocam flauta transversal; porém, poucos se nivelam com Altamiro Carrilho; violão é instrumento popularíssimo, mas não existem muitos semelhantes a Baden Power. A inteligência, o esforço e o estudo podem levar uma pessoa a ser um artista ou profissional fora de seu dom natural. Esse pode até “fazer” sucesso razoável, artístico ou profissional, ser respeitado, mas estrela de primeira grandeza, na sua área, jamais será. Muitos grandes artistas e proeminentes vultos da humanidade foram pessoas viciadas, moralmente corruptas, incrédulas e idólatras, porém, dotadas de talentos. Deus, pela graça comum, dá dons aos homens independentemente da eleição, da

regeneração e da salvação. O Criador criou e organiza a humanidade como bem lhe apraz; os seus mistérios estão além de nossa compreensão.

IV- DONS CARISMÁTICOS.

Os dons naturais são dádivas da graça comum de Deus, visando o progresso, o bem-estar e a harmonia ergológica e social da humanidade: cada ser humano com um papel distinto no seu meio-ambiente.

Os dons carismáticos são carismas especiais com o quais o Salvador equipa os membros de sua Igreja, visando-lhe a edificação. Assim, podemos perceber, por exemplo, a diferença entre a fé salvadora e a fé carismática: A fé salvadora é um dom irremovível e imodificável, isto é, não será retirado, aumentado ou diminuído, pois não depende da inteligência, do arbítrio, da razão ou da decisão do ser humano: *Porque pela graça sois salvos, mediante a fé: e isto não vem de vós, é dom de Deus; não (vem) de obras, para que ninguém se glorie*” (Ef 2,8). Esta fé, mediante a qual somos salvos, é dádiva permanente de Deus, é graça, não emerge do desejo ou da vontade do homem. Jesus enfaticamente declara: *Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão* (Jo 10.28). No corpo de Cristo há membros imaturos e maduros; há crianças, espiritualmente falando, mas há também adultos na crença, na experiência e no testemunho. Todos, porém, são igualmente salvos; todos receberam a mesma fé salvadora.

O dom carismática é um equipamento espiritual, uma dádiva do Espírito Santo, para que o servo com ele aquinhado sirva melhor e mais eficiente e especificamente a Deus na família do Cordeiro, a comunhão dos eleitos. Esse dom de natureza litúrgica pode ser retirado a qualquer tempo, se assim convier ao seu doador, mas sempre para o bem geral da Igreja, da corporação. O carisma da fé, como os outros, não é uma dádiva geral, mas especial e específica: *Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; e a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as como lhe apraz, a cada um, individualmente* (I Co 12.8-11). O apóstolo e teólogo Paulo deixa-nos claro que nem todos têm o dom carismático da fé tanto quanto o de línguas. Quem recebe um carisma proeminente na Igreja de Cristo não é, necessariamente, agraciado com a plenitude do Espírito Santo, mas simplesmente dotado por ele de um carisma espiritual para o serviço sagrado na comunhão dos redimidos.

O dom, talento ou pendor, que dota a pessoa para uma profissão ou arte; o carisma, que equipa o indivíduo para servir o seu Senhor no Corpo

de Cristo; e a Fé Salvadora, uma graça divina, pela qual o eleito recebe o Salvador e a salvação, são obras do Deus que criou, administra, preserva a humanidade, e redime os escolhidos. Quem deu o dom da arquitetura a Oscar Niemeyer foi Deus, embora ele seja comunista e ateu prático e dialético. Sua obra, porém, beneficia a sociedade. O Criador, portanto, é quem distribui os dons ou talentos, estabelecendo, dessa maneira, o progresso social, tecnológico, científico, conjuntural e estrutural da humanidade, tudo de modo admiravelmente harmônico. Tanto o dom natural como o dom espiritual ou carismático podem ser desenvolvidos por exercícios contínuos e aplicações pragmáticas. A fé salvadora, porém, não pode ser desenvolvida, pois não existe “mais salvo e menos salvo”, mas efetivamente existe mais ou menos santo, melhor servo ou pior servo.

V- VOCAÇÃO E DOM DE LIDERANÇA.

A liderança faz parte do instinto natural dos seres vivos superiores e tem o objetivo de preservar as espécies, mantendo proles sadias, conservando a herança genética, além de manter a união grupal. Não há alcatéia e matilha, em estados naturais, sem líderes; não existe formigueiro e colméia sem rainhas. Também no universo humano não pode haver comunidade, corporações ou organizações sem líderes; seria o caos social. O líder, portanto, é necessário e existe por deliberação divina para ordenar a vida comunitária em todos os seguimentos vitais da natureza e das civilizações humanas. Pastor sem dom de liderança não deve assumir o comando de igreja, especialmente se contiver mais cem membros; as ovelhas ficarão desorientadas e, conseqüentemente, desunidas.

Deus chama líderes seculares e eclesiásticos para governo e liderança do povo. Não existe governo político, sejam democráticos, autocráticos ou monocráticos, que não procedam de Deus: *Todo homem esteja sujeito às autoridades; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas (Rm 13.1)*. O Brasil teve dois grandes líderes: Getúlio Vargas e Juscelino Kubitshek, homens de visão, de administração e de cultura. O Senhor onipotente, porém, coloca no poder tanto os bons como os maus governantes, segundo o seu inescrutável propósito. Assim, conforme as Escrituras, todos os chefes de estado são guindados ao poder pelas mãos de Deus, sejam para beneficiarem as nações sejam para castigá-las. “Cada povo tem o governo que merece”. Assim foi em Israel; assim tem sido em todos os países do mundo (cf Rm 13. 1-7). O múnus de governar ou liderar é dom do Criador e, no caso da democracia, emerge do povo, que separa dos demais cidadãos o seu governante por escrutínio universal e secreto. O sistema democrático é o adotado pela Igreja Presbiteriana do Brasil (CI/IPB, cap. VII, sessão 1ª, Art. 108, Ordens da Igreja). Deus vocaciona, e a Igreja,

corpo de Cristo, certamente iluminada pelo Espírito Santo, detecta o vocacionado, separa-o e o habilita para o exercício ministerial.

O pastor de apriscos tem de ser, necessariamente, líder natural, e liderar com autoridade, eficiência e energia, mas sem autoritarismo e discriminação. O amor e o bom senso são bases indispensáveis à boa liderança pastoral. Há líderes comunitários e missionários. Quem, no entanto, determina lideranças de quaisquer naturezas é Deus, e somente ele.

V.1- Deus chama líderes para o seu povo:

a- Abraão:

Ora, disse o Senhor a Abraão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei (Gn 12.1). Abraão, não discutiu o chamado divino: Saiu; rompeu os laços territoriais, paternos e parentais, e foi para o “desconhecido”, seguindo o comando de Javé e crendo na promessa contida em seu chamamento. As garantias de que a promessa seria cumprida eram, exclusivamente, a sua inabalável fé e sua firme esperança. “A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem”. Abraão, em consequência do chamado, tornou-se o ancestral dos semitas, o genitor de Israel e o pai da fé de judeus e cristãos; tudo porque deixou-se dominar inteiramente por Deus e obedeceu-lhe irrestritamente. Na acepção maior e mais exata da expressão: ele foi um “homem de Deus”, um ser humano real, com muitas limitações e falhas, mas, por outro lado, um grande servo de seu Senhor, modelo de fidelidade ao Salvador para os pósteros, crentes de todas as raças.

b- Moisés:

Vem agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito (Ex 3.10). Moisés relutou por achar-se incapaz; quis também conhecer a identidade do Deus que o enviara para tão magna e espinhosa tarefa (Ex 3.11-13). Ele apresentou um argumento fortíssimo, de fácil constatação: disse que não falava fluentemente, pois era pesado de boca e de língua (Ex 4.10), Isto é, tinha grande dificuldade de articulação e pronunciamento das palavras. Deus, porém, não aceitou nenhuma desculpa, dizendo-lhe: *Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que há de falar (Ex 4. 12).* Deus chamou Arão, não para ser líder, mas para assessorar Moisés (Ex 4. 14,15), colocando a sua boca a serviço do líder. Eis o que Javé disse ao legislador que surgia: *Ele falará por ti ao povo; ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus (Ex 4.16).* Moisés, apesar de ser explosivo, foi fiel ao Senhor e cumpriu o seu dever até o fim de sua existência terrena: Tirou Israel do Egito; atravessou com ele o Mar Vermelho; peregrinou no deserto; recebeu de Deus a Lei e a comunicou ao povo; entregou o comando a Josué, e morreu. Sua história é uma das mais dramáticas e comoventes do Velho Testamento, desde o seu nascimento, preservação de sua vida, criação e educação pela filha de Faraó, até o

patriótico instinto de defesa de seu povo; sua visão da “sarça ardente” e seu chamado para retirar Israel do Egito, guiá-lo no deserto, dar-lhe uma legislação, organizá-lo em nação e abrir as portas de Canaã para ele. Além do maior líder de sua gente, foi também profeta proeminente: um comunicador fiel da Palavra de Deus, ainda em fase progressiva de revelação. Sua estrela pessoal brilhou e permanece brilhando, mas o ônus do chamado foi-lhe pesadíssimo, custosíssimo, penosíssimo. Vocação para o ministério não é sinônimo de sucesso material e social, mas o transporte de sacrificante cruz, exatamente como afirma Jesus Cristo: *Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me (MT 16.24)*. Fidelidade a Cristo, à sua Palavra e à sua Igreja não existe sem sacrifício, sem renúncia do “ego” e sem a luta diária contra o pecado em si mesmo, na sua comunidade eclesial e no meio ambiente em que ela se insere.

c- **Gideão:**

Então, se virou o Senhor para ele e disse: Vai nessa tua força e livra Israel da mão dos midianitas; porventura, não te enviei eu?(Jz 6.14). Gideão, com apenas trezentos homens valentes, todos escolhidos por Deus (Jz 7.6,7), derrotou os madianitas, arregimentados em poderosíssimo exército e, de suas garras, libertou Israel; tudo a toque de trombetas e a quebra de vasos incandescentes (Jz 7.16-22). O Senhor não usa incrédulos, fracos e covardes, mas pessoas crentes, dispostas, fortes e submissas; sempre foi assim. Um servo do Senhor em uma região inóspita, de pessoas incrédulas e contrárias ao Evangelho, pode causar uma revolução, uma mudança enorme na moralidade social, na religiosidade do povo e na vida das pessoas.

Ninguém exerce liderança natural se não for aquinhado por Deus com o dom de liderar, e por ele não for chamado para ser líder. Sendo mau líder, sofrerá as conseqüências, mas se liderar com justiça, equidade, amor ao semelhante, respeito aos liderados e submissão a Deus, não somente será uma bênção nas mãos do Criador, mas, certamente, receberá a recompensa, mesmo que seja exclusivamente espiritual, de seu esforço, de seu trabalho.

Gideão sentiu-se incapaz de cumprir a tarefa, que Deus lhe impusera, alegando: *Ai, Senhor meu! Com que livrarei Israel? Eis que a minha família é a mais pobre em Manassés, e eu, o menor na casa de meu pai (Jz 6.15)*. O Senhor, porém, não aceitando as suas justas desculpas, disse-lhe: *Já que eu estou contigo, ferirás os midianitas como se fossem um só homem (Jz 6.16)*. Quem vence é Deus; o homem pode ser apenas instrumento em suas mãos, quando a ele se entrega incondicionalmente como servo.

d- **Davi.**

Davi, depois de Moisés, foi o maior líder de Israel, chegando a ser tomado como prefiguração do Messias. Seu nome na história de Israel e na

hinologia do saltério é inapagável. O próprio Jesus é designado “o Filho de Davi”. Como Davi foi chamado para ser rei de seu povo: *Então, mandou chamá-lo e fê-lo entrar. Era ele ruivo, de belos olhos e boa aparência. Disse o Senhor: Levanta-te e unge-o, pois este é ele. Tomou Samuel o chifre do azeite e o ungiu no meio dos irmãos; e, daquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apossou de Davi. Então, Samuel se levantou e foi para Ramá (I Sm 16.12,13).* Samuel impressionou-se com o porte físico e a boa aparência de Eliabe, irmão de Davi, chegando a pensar que seria ele o escolhido de Deus para reinar em Israel. O Senhor, porém, lhe disse: *Não atentes para sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração (I Sm 16. 7).* A Igreja, ainda hoje, pode incorrer no mesmo erro de Samuel: preferir ministro pela aparência, pela estatura, pela desenvoltura, pela sociabilidade, pela verbosidade e pela comunicabilidade. Deus não escolhe por tais critérios. Exemplos: O ruivo Davi, o gago Moisés, o jovem Jeremias, o pobre Gideão; todos frágeis e pecadores, mas escolhidos e chamados por Deus para ministérios especiais imprescindíveis no seio do povo eleito. Tudo se enquadra no que Paulo escreve: *Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus (I Co 1. 26-29).* Nenhum pastor é grande por seus próprios talentos ou virtudes pessoais, mas por escolha e chamamento de Deus, que, soberanamente o preordenou e executa-o. Também, ninguém se torna, por si mesmo, ministro de Cristo; ministério é dom divino, é graça, não fruto de decisão pessoal, de intelectualidade, de aperfeiçoamentos acadêmicos, de desejos, por mais nobres que sejam. Deus escolhe, elege, chama e habilita os ministros de sua Igreja. Tudo vem dele.

Deus não o escolheu para ser ministro de Igreja grande nem de ovelhas ricas, mas pastor do seu rebanho em quaisquer locais, quaisquer origens e quaisquer situações sociais, culturais e econômicas.

V.2- Deus chama profetas.

No Velho Testamento, a Palavra de Deus estava em processo de revelação. No bojo do urdimento e andamento da história, acontecia também o desenvolvimento mental e social do homem. Seguindo esse caminhar histórico, Deus revelava-se e revelava sua vontade por meio de mentes iluminadas e bocas colocadas a serviço da revelação. Dessa maneira, o Criador recrutou para si sacerdotes, escritores, poetas, um legislador e vários profetas, alguns deles também bons literatos. Dentre os grandes profetas, destacamos:

a- Isaias*:

Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim(Is 6.8). Este chamado aconteceu, com a conseqüente resposta positiva e a predisposição sincera de Isaias para estar à disposição incondicional de Deus, não a serviço de si mesmo, depois que um serafim, portando uma brasa retirada do altar celeste, tocara com ela os lábios do profeta, dizendo-lhe: *Eis que ela tocou os teus lábios: a tua iniquidade foi tirada, e perdoado o teu pecado (Is 6.7).* A condição básica do chamado para o ministério é a remissão, isto é, a libertação do pecado. Quem se deixa dominar pelo pecado não tem a mínima condição de ser pastor.

Sem a apreensão correta, íntima e emocional da realidade incontestável e inarredável do Deus soberano, Senhor e Criador do universo, comandante da história e de cada ser humano, Rei e Salvador dos redimidos, perdoador de nossos pecados, não haverá condição de perfeita consciência de vocação ministerial e entrega total ao ministério sagrado, como fez Isaias (cf Is 6.1-8), que se tornou, nas mãos de Deus, o maior dos profetas messiânicos (ver Is 53).

*Isaias (Javé salva) viveu, pesumivelmente, no período de 765 a 681 a.D. , durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz, e Ezequias. Presenciou a conquista do Reino do Norte pela Assíria e o ataque de Senaqueribe a Jerusalém. Profetizou em um dos tempos mais conturbados e perigosos de seu povo. Foi, provavelmente, martirizado no reinado de Manassés.

Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre on line.

b- Jeremias:

A mim me veio, pois, a palavra do Senhor, dizendo: Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci; e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta das nações (Jr 1.4,5).

Jeremias era filho do sacerdote Hilquias, na área tribal de Benjamim (Jr 1.1), da ordem sacerdotal de Abiatar. Nasceu, aproximadamente, no ano 650 a. C. Foi chamado, recebendo, no ato de chamamento, o dom da palavra profética, em 627, no décimo terceiro ano de reinado do rei Josias (Jr 1.2). Jeremias, corajoso defensor da ortodoxia da fé judaica, segundo os primados da *Torah*, esteve ao lado de Josias na reforma religiosa que empreendeu.

O profeta das nações sofreu incompreensões do povo, ataques de falsos profetas e cruéis perseguições do déspota Jeoquim, partidário da política egípcia. Quando o exército babilônico, sob Nabucodonosor, dominou o Egito, Jeoquim foi preso e assassinado, como previu Jeremias, o mais sofredor dos grandes profetas. Diante dos tremendos desafios e das perspectivas de padecimentos, decorrentes de sua missão profética, ele chegou a clamar: *Maldito o dia em que nasci! Não seja bendito o dia em que me deu à luz minha mãe! Maldito o homem que deu as novas a meu pai, dizendo: Nasceu-te um filho, alegrando-o com isso grandemente (Jr 20.14,15).* Ministério pastoral autêntico sem sacrifício não existe. O

ministro, que entra para o pastorado, esperando recompensa financeira, pensando mais em si mesmo e em sua família que em Jesus Cristo e na sua Igreja, trai o Senhor e o seu rebanho.

c- Samuel:

Este foi juiz e profeta. Eis o seu chamado: *O Senhor chamou o menino: Samuel, Samuel! Este respondeu: Eis-me aqui! Correu a Eli e disse: Eis-me aqui, pois tu me chamaste. Mas ele disse: Não te chamei; torna a deitar-te. Ele se foi e se deitou. Tornou o Senhor a chamar: Samuel! Este se levantou, foi a Eli e disse: Eis-me aqui, pois tu me chamaste. Mas ele disse: Não te chamei, meu filho, torna a deitar-te. Porém Samuel ainda não conhecia o Senhor, e ainda não lhe tinha sido manifestada a palavra do Senhor. O Senhor, pois, tornou a chamar a Samuel, terceira vez, e ele se levantou, e foi a Eli, e disse: Eis-me aqui, pois tu me chamaste. Então, entendeu Eli que era o Senhor quem chamava o jovem. Por isso, Eli disse a Samuel: Vai deitar-te; se alguém te chamar, dirás: Fala, Senhor, porque o teu servo ouve. E foi Samuel para o seu lugar e se deitou. Então, veio o Senhor, e ali esteve, e chamou como das outras vezes: Samuel, Samuel! Este respondeu: Fala, porque o teu servo ouve. Disse o Senhor a Samuel: Eis que vou fazer uma coisa em Israel, a qual todo o que a ouvir lhe tinirão ambos os ouvidos. Naquele dia, suscitarei contra Eli tudo quanto tenho falado com respeito à sua casa; começarei e o cumprirei. Porque já lhe disse que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque seus filhos se fizeram execráveis, e ele os não repreendeu. Portanto, jurei à casa de Eli que nunca lhe será expiada a iniquidade, nem com sacrifício, nem com oferta de manjares (I Sm 3.4-14).* Samuel, ainda criança, foi usado por Deus para comunicar a Eli sua palavra de julgamento, porque seus filhos, dentro da Casa do Senhor, procediam dissolutamente, profanando o altar de Deus, o sacerdócio do pai e a honra da família sacerdotal.

Samuel foi realmente um “homem de Deus” da meninice até o fim da existência. Veja o que a Bíblia declara a seu respeito: *Crescia Samuel, e o Senhor era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra. Todo Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do Senhor (Is 3. 19,20).*

Os depravados filhos de Eli: Hofni e Finéias, morreram em luta contra os filisteus (I Sm 4.11). Eli morreu, velho e cego, de acidente (I Sm 4.18), ao ouvir que a Arca havia sido capturada pelos filisteus; que os judeus tinham sido derrotados, com milhares de vítimas; seus dois filhos estavam mortos. A casa de Eli chega ao fim; o ministério de Samuel crescia e se popularizava. Aquele que Deus chama, ele usa efetiva e abundantemente.

Extraímos alguns nomes do Velho Testamento para servir-nos de modelos, mas todos os grandes líderes vetotestamentários foram

previamente escolhidos e chamados por Deus para suas funções ou ofícios: Jacó, Isaque, José, Josué, Amós, Hoséias, Elias, Salomão, Osias, Jonas e tantos outros.

VI- CRISTO CHAMA APÓSTOLOS.

Depois subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios. Eis os doze que designou: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão; André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu (Mc 3. 13-19).

Para os que se sentem chamados por Deus para o ministério pastoral, devem observar, no chamamento dos apóstolos, o seguinte:

a- **“Chamou os que ele mesmo quis”**. Cristo chama os que ele quer chamar, não exatamente os que desejam ser chamados, os que se julgam a si mesmos vocacionados. A escolha é sempre segundo a soberana vontade do supremo Senhor. Nem sempre o que Deus quer de nós e para nós coincide com o que queremos de Deus e para ele. Quem sabe com absoluta certeza o que devemos ser e fazer na condição de ministros-servos é somente o onisciente e onipotente Rei dos reis. O homem é extremamente limitado, inclusive no conhecimento de si mesmo e na previsão dos resultados de seu ministério. Deus habilita a quem chama. Quem a si mesmo se chama, a si mesmo se habilita, opondo-se à vontade do Senhor.

Pastorado não é ministério de quem quer, mas de quem Deus quer, escolhe, chama e habilita.

b- **“Vieram para junto dele”**. **“Designou doze para estarem com ele”**. O ministro que não tem comunhão direta, íntima e ininterrupta com Cristo, dele não se alimenta espiritualmente, não se fortalece, não se condiciona ao pastoreio do rebanho do Cordeiro. O chamado implica “comunhão com aquele que chama – Jesus Cristo”. A Palavra de Deus não é uma ideologia, uma filosofia, mas um primado de fé e um roteiro de vida: “Nossa única regra de fé e norma de conduta”. Se o Espírito, que atua pela Palavra Revelada, não conduz o ministro, este fica inabilitado a conduzir as ovelhas de Cristo: *Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus (Rm 8.14).*

O cristocentrismo não pode ser apenas formal, uma simples declaração confessional, mas um fato existencial, uma realidade objetiva. Estar com Cristo não é apenas ser a favor dele, um partidário da fé cristã, mas um ramo da videira, uma pedra do edifício, um órgão do organismo, isto é, real inserção no corpo místico de Cristo, a Igreja, e verdadeira vinculação na pessoa do Redentor, sendo um com ele no consórcio espiritual viabilizado

pela eleição eterna e realizado por aquele que criou, elegeu, chamou, preparou e enviou. Reiteremos: O eleito redimido e seu Remidor tornam-se “um” espiritualmente, fato tipificado no casamento de um casal de servos de Deus, mas concretizado na união de Cristo e sua esposa, a Igreja. Portanto, o ministro realmente consagrado pode dizer com o seu irmão Paulo: *Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu mais quem vive, mas Cristo vive em mim (Gl 2.19,20a).*

c- E os enviou para pregar e para exercer a autoridade sobre os demônios.

A primeira missão do pastor, como foi a do apóstolo, é pregar o evangelho com fidelidade ao texto sagrado, submisso à iluminação do Espírito Santo para que haja correção, exatidão, nítida expressão e inteligível exposição das sacratíssimas verdades evangélicas. A pregação, necessariamente, deve ser cristocêntrica para ser bibliocêntrica. Eis o que o mestre Paulo nos diz: *...Mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus (I Co 1. 23,24).*

A missão do ministro é fazer discípulos para o Mestre, sem distinção de raça: *Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (MT 28. 18,19).* A pregação é a missão magna do pastor, mormente a evangelística. Eis a conceituação paulina a respeito: *Todo aquele que invocar o nome do Senhor será Salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas! ... E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo (Rm 10.13-15; 10.17).* O pregador não pode ocupar o tempo das pessoas com historietas, fábulas, lendas, comparações inadequadas e ilustrações incabíveis. Estas coisas podem ressaltar a figura do pregador, mas não fortalecem a pregação, não enriquecem a mensagem. Pregador autêntico é aquele que prega a pura e exclusiva Palavra de Deus.

d- Poder de expelir demônios.

Quando, pela pregação, a palavra de Deus entra na mente e no coração do pecador, ela expulsa dali as coisas malignas, exorcizando os demônios. Cada servo que o pregador ganha para Deus, é um agente que o demônio perde; alguém que estava, consciente ou inconscientemente, a serviço dele para sua perdição pessoal e a de seus circunstantes sob sua influência pecaminosa. Segundo esta perspectiva, não há pregação

autêntica da Palavra de Deus que não seja exorcista, isto é, que não expulse o mal e o maligno da vida das pessoas que ouvem e, movidas pelo poder da Palavra e toque do Espírito de Deus, sejam convertidas e, conseqüentemente, regeneradas. O Diabo, com a pregação eficaz, perde adeptos e, perdendo-os, perde terreno. Não é infreqüente o tentador voltar-se contra os verdadeiros ministros de Cristo. Nada sofre quem nada faz, quem não incomoda os demônios. Enquanto se pensar que o mal geral e o maligno manifestam-se por meio de “possessões demoníacas” com transe, desmaios, mudança de voz, enrijecimento muscular, gritos e gargalhadas roucas e cavernosas, supostamente infernais, o Demônio continuará corrompendo a doutrinação da Igreja, pervertendo a liturgia e naturalizando a mentira nos corações das pessoas de maneira hábil e sutil. Lembrem-se da afirmação de Cristo sobre as perversões de Satanás: *Vós sois do Diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira (Jo 8.44)*. Hoje, quanto mais a Igreja pensa que está vencendo o maligno, mais espaço lhe dá nas reuniões comunitárias supostamente “poderosas” e pretensamente “movidas pelo Espírito Santo”.

A pregação da sacrossanta verdade do Evangelho é a mais requintada e poderosa forma de exorcizar o maligno. A verdade de Deus é radicalmente oposta às mentiras de satanás. Deus e o Príncipe do mal ocupam posições opostas e contraditórias: Deus é a verdade; o Diabo é a mentira. Onde a verdade entra, dali a mentira sai; isto é, o “mentiroso” é exorcizado. Não há ministro verdadeiro, portanto, que não seja exorcista, que não “limpe” as pessoas e a sociedade das sujeiras morais e espirituais de Satanás e de suas conseqüentes e sempre danosas mentiras. A mentira pode vocal e existencial, isto é, pronunciada e vivida. Há mentirosos verbais e os há existenciais, quer dizer: aqueles que vivem vidas falsas, enganosas, viciadas e corruptas moral e espiritualmente.

d- **O apóstolo de mamom.** Dos doze chamados, um não era escolhido – Judas Iscariotes. Sobre ele Jesus falou na Oração Sacerdotal: *Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura (Jo 17. 12)*. O coração dele não estava em Cristo, mas em Mamom, o deus das riquezas. Seu apego ao material e, conseqüentemente, a si mesmo, chegou a tal ponto de ele vender seu Senhor por trinta moedas de prata. As conseqüências foram terríveis, mas ele não as mediou, quando praticou a indignidade da traição (cf At 1.15-20). Pastores que entram no ministério, movidos pelo “ideal” de emprego, pelo ganho fácil, oriundo dos dízimos dos crentes, que é dinheiro de Deus, assemelham-se, na intenção e na ação, a Judas Iscariotes: É, desculpe a franqueza, um traidor de Cristo.

e- **Substituto de Judas.** O substituto de Judas foi Matias por meio de escolha proposta por Pedro. Dois nomes surgiram: José, o Barsabás, apelidado de Justo, e Matias. O sorteio indicou Matias (cf At 1. 23-26), que se tornou o décimo segundo apóstolo apenas nominalmente. Ele foi uma escolha da Igreja por indicação de Pedro. O curioso é que Barsabás tinha a alcunha de Justo no seio da comunidade, mas sobre Matias, nenhuma referência. A Igreja é o Corpo de Cristo, não sua cabeça: Ela não deve falar como substituta de Cristo, como se tivesse herdado sua autoridade; ela fala em seu nome, não em seu lugar, quando é realmente a “comunhão dos redimidos”, a família de Deus.

f- **O Verdadeiro décimo segundo apóstolo.** O chamado de Paulo: *Seguindo ele estrada afora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues (At 9.3-5).* A luz divina cegou-o temporariamente. Foi conduzido até Damasco, hospedando-se, curiosamente, na casa de Judas, onde, por ordem de Deus, Ananias o encontrou e, mesmo temeroso, impôs-lhe as mãos, e ele recuperou as vistas. Viu nova luz o maior evangelista dos apóstolos de Jesus. Eis o que o Mestre diz a Ananias, encorajando-o a receber o ex-perseguidor do povo do Caminho, como eram chamados os seguidores de Cristo naqueles dias: *Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel (At 9.15).* Vejam o que registra em sua defesa perante as autoridades judaicas em Jerusalém, quando preso e ameaçado de morte por anunciar a salvação em Cristo Jesus: *Sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade (Jerusalém), e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje. Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres, de que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Destes recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém os que também lá estivessem, para serem punidos. Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente, grande luz do céu brilhou ao redor de mim. Então, caí por terra, ouvindo uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que me respondeu: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues. Os que estavam comigo viram a luz, sem, contudo, perceberem o sentido da voz de quem falava comigo. Então perguntei: Que farei, Senhor?E o Senhor me disse: Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acerca de tudo o que te é ordenado fazer. Tendo ficado cego por causa do fulgor daquela luz, guiado pela mão dos que estavam comigo,*

cheguei a Damasco. Um homem, chamado Ananias, piedoso conforme a lei, tendo bom testemunho de todos os judeus que ali moravam, veio procurar-me e, pondo-se junto a mim, disse: Saulo, irmão, recebe novamente a vista. Nessa mesma hora, recobrei a vista e olhei para ele. Então, ele disse: O Deus de nossos pais, de antemão, te escolheu para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires uma voz da sua própria boca, porque terá de ser sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido. E agora, por que de demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele (At 22.3-16). Cristo, depois da ressurreição, chamou-o pessoalmente, em primeiro lugar, para o corpo dos eleitos, para filiação na família do Salvador; e, em segundo lugar, para a missão duríssima do apostolado entre os gentios, não lhe determinando campo pastoral nem honorários. Cabia a ele dar o seu amor integral às ovelhas do Cordeiro e essas, também por amor, mantê-lo e sustentar o seu ministério. Cristo mandou; ele foi, sem bolsa e sem alforje, exatamente como o Salvador fez com outros enviados: *Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento (Mt 10. 9,18).* Deus, pelas mãos de sua Igreja, tem alimentado os seus ministros, dando-lhes o necessário à sobrevivência; ele cuida dos seus. Tanto a vocação para unir-se a Cristo como o chamado para servi-lo são irrecusáveis. Os três imperativos do divino Mestre são igualmente impositivos, poderosos e inderrogáveis: **Vinde, ide, pregai:**

*Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens (Mt 4. 19). Ide por todo mundo e **pregai** o evangelho a toda a criatura (Mc 16. 15 cf Mt 28.19).* O chamado, tanto para a salvação como para o ministério são incondicionais, porque ambos são correlacionados, preordenados e determinados por Deus. Não existe um ministro real sequer que, antes, não tenha sido vocacionado eficazmente para a salvação. A vocação eficaz antecede o “chamado ministerial”, no caso do ministro.

VII- CHAMADO E EMPECILHOS À OBEDIÊNCIA.

a- Preferência pessoal. Muitos pastores pensam como o profeta Jonas ou têm motivações semelhantes: A sua vontade tem de prevalecer sobre a de Deus; não tem nenhuma disposição interna de ir para onde ele mandar; aquele povo de lá é inferior ao seu: incivilizado, pobre, analfabeto e rude no trato com as pessoas de outras civilizações, além de concupiscente. Deus mandou Jonas para Nínive contra o seu desejo; a missão não lhe era agradável nem satisfazia seus conceitos e preconceitos culturais e raciais sobre e contra os ninivitas; mas ele teve de ir e cumprir o mandato divino. Deus não pede favor aos seus ordenados, determina; e sua ordem tem de ser executada. O pastor que

entrega sua vida a Deus, não a gere mais, não determina para onde vai, onde morar, quanto ganhar, e a que pessoas evangelizar. Quem não se deixa escravizar por Deus é aquele que “escolheu o pastorado como sua profissão, seu meio de vida.” O pastor verdadeiramente vocacionado deverá tomar por norma de seu ministério a mensagem de nosso hino:

OBEDIÊNCIA – 284 de N. C.:

**Nem sempre será para onde eu quiser
Que o Mestre me quer enviar!
É grande a seara a embranquecer,
Em que eu deverei trabalhar.
Se, pois, a caminhos que nunca segui,
Uma voz a chamar-me eu ouvir,
Direi: Meu Senhor, confiado em ti,
Estou pronto a teu mando seguir.**

*Estou pronto a fazer o que queres, Senhor,
Confiado no teu poder!
Estou pronto a dizer o que queres, Senhor,
Sempre a ti pronto a obedecer!*

**Palavras terás de amor e perdão
Que aos outros eu deva levar.
No triste caminho do vício, estão
Perdidos, que eu deva ir buscar.
Senhor, se a tua presença real
Meu trabalho há de fortalecer,
Darei a mensagem, bem firme e leal!
Estou pronto a cumprir teu querer.**

**Um canto modesto eu quero encontrar
Na seara do meu Senhor.
Enquanto for vivo eu vou trabalhar
Em prova do meu grande amor.
De ti meu sustento só dependerá,
E de tudo me hás de prover!
A tua vontade a minha será,
Estou pronto a votar-te meu ser.**

M. Brown e M. A. Clar

A Igreja é chamada para *estar* no mundo como sal, fermento, luz e árvore frutífera, enquanto o pastor, sempre um dos membros do corpo de Cristo, é vocacionado e chamado para *estar* na Igreja, habilitando-a e edificando-a para o melhor, mais santo e eficiente testemunho diante da

sociedade. Quando o pastor é eficiente no pastorado, a Igreja é eficiente no ministério secular e consagrada nas atividades eclesiais. Quando a Igreja vai bem, todos os encômios ao pastor; quando vai mal, todas as críticas a ele. A Igreja dedica-se a Cristo no exercício das funções seculares de seus membros; o pastor dedica-se ao Filho de Deus no exercício de seu ofício ministerial, que deve ser de dedicação exclusiva. Em suma: O pastor na Igreja; a Igreja no mundo.

b-Família. O estudante de teologia, que tenha pretensão ao ministério pastoral, precisa escolher bem sua futura esposa, pois ela será “enviada” com ele para campos distantes, muitas vezes incivilizados, inhóspitos ou de culturas completamente diferentes. A mulher que se dispõe a ser esposa de pastor precisa estar preparada para enfrentar situações complicadas, locais afastados de centros urbanos, meios de locomoção precários, cômmodos pastorais baixos, relacionamentos difíceis com as lideranças eclesiais e com os membros, incompreensões, críticas a ela e ao seu marido nem sempre justas e construtivas, educação dos filhos. Algumas esposas chegam a “determinar” os locais de suas preferências, e o pastor, mais marido dela que servo de Cristo, obedece-a, limitando seu ministério, desobedecendo o divino Mestre, prejudicando a sua Igreja. A mulher pode ser uma verdadeira auxiliadora do ministro ou um entrave no seu ministério. A companheira do ministro deve ter “prezadas domésticas”, ser cuidadosa com seu lar e zelosa com suas vestimentas e as do esposo. Ser prudente no falar, no comportar-se e no vestir-se, para não escandalizar as pessoas humildes e de hábitos simples da região pastoral do marido. Há, pois, necessidade que a esposa do pastor seja vocacionada para a complicada vida ministerial, ser assessora emocional e apoiadora sentimental do marido, mormente nos momentos difíceis de seu ministério, pois o lar é seu refúgio; o regaço da esposa, seu aconchego. Garantir a saúde, a educação e o futuro dos filhos é prioridade de todos os casais; e nada mais justo. Considerando, porém, que o vocacionado para o ministério pastoral deve tornar-se “uma só carne” com sua mulher, esta tem de ser, conseqüentemente, parte integrante de seu marido, um complemento de sua pessoa. Assim sendo, ela é, de certa maneira, também “chamada” para o envolvimento nas lides pastorais de seu esposo, não como co-pastora, mas elemento de sustentação como esposa, mãe e auxiliadora dele na manutenção e equilíbrio do “lar pastoral”, diferenciado dos demais lares por questões óbvias: Ele é visto como o “lar do homem de Deus”. Uma mulher de pastor dedicada ao marido, aos filhos e ao lar, além de ser um modelo, é o embasamento psicológico, moral e social do consorte para o bom desempenho ministerial, voltado exclusivamente para Cristo e sua Igreja. Quando toda família pastoral priorizar os filhos, não aceitando o mandato divina para assumir campos pastorais, onde não haja hospitais, escolas de ensino básico, colégios de segundo grau, faculdades e outros

benefícios indispensáveis à formação da prole, quem evangelizará os habitantes pobres e excluídos de áreas distantes dos centros civilizados? Não é esta, porventura, uma das causas do congestionamento de pastores nos aglomerados urbanos e a conseqüente ausência deles nas zonas rurais? Prudente será lembrar-nos do que disse nosso Senhor Jesus Cristo: *Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim (MT 10.37,38)*. A prioridade do amor a Cristo é dever de todos os redimidos, sendo, no entanto, mais exigido do pastor, por ser escolhido e chamado para ser ministro do rebanho do Cordeiro, e, portanto, exemplo de fidelidade e modelo de conduta. O amor do pastor a Cristo deve estar, necessariamente, acima de todos os amores. Ninguém é mais importante e mais amável que o Filho de Deus. Um pastor deixar de atender um apelo do Mestre para recolher ao seu divino aprisco ovelhas desgarradas e almas perdidas, isto por opção amorosa aos seus familiares (Pai, mãe, esposa e filhos), é ser indigno do Salvador. A vocação pastoral, por sua natureza, prioriza o Sumo Pastor, Jesus Cristo. O ministro é “servo de Cristo” para ser “servo dos servos leigos”. Antes de ser de sua família, ele já havia sido eleito para ser de Cristo, para servi-lo com exclusividade.

c-Dinheiro. O homem chamado para ser ministro de Cristo precisa ser inteiramente de Deus, não há de coxear entre o Senhor e mamom, isto é, não deve servir a dois senhores. Há ministros que, não se contentando com os honorários da Igreja, fazem do ministério um “bico” de final de semana, abandonando completamente o pastoreio, que se faz durante a semana nos lares dos crentes e nos hospitais pelos insubstituíveis ministérios da visitação e da consolação. Esses trabalham cinco dias para si mesmos e frações de dois dias para a Igreja; e ainda tiram férias de ambos os “empregos.” Quem cuida de ovelhas sabe que é na sala e na cozinha delas que o pastor conhece-as e, pelo conhecimento pessoal e direto de cada ovelha, pode avaliar, com razoável acerto, o rebanho inteiro. No templo, o pastor tem relações públicas, comunitárias e religiosas com os membros. Na residência, ele estabelece estreita e íntima convivência com cada ovelha de seu aprisco, conhecendo as reais condições sociais, financeiras e espirituais de cada uma delas; mas, sobretudo as relações, algumas vezes, conflituosas entre marido e mulher, entre pais e filhos. O pastor que cuida de si mesmo, não cuida do rebanho. Quem se preocupa muito com dinheiro, com futuro seu e de sua família, preocupa-se pouco com a Igreja, pensa pouco em Jesus Cristo. Não é sem motivo que Paulo escreveu: *Porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores (I Tm 6.10)*.

Em sala de aula, quando falava sobre a corrida de pastores atrás de “melhores salários”, um candidato ao pastorado me disse: *E se é da vontade do Espírito Santo que eu pastoreie uma igreja grande, que me pague bem?* Até admito, respondi-lhe, desde que você não faça nenhuma política, nenhum esforço, nenhum “sermão político”, visando conquistar a simpatia da Igreja e, conseqüentemente, a votação ou sufrágio de seu nome na eleição. E mais, se você concorrer à eleição, para o mesmo período, em uma Igreja humilde, que lhe ofereceu um quinto do óbolo e das vantagens da Igreja rica; e For eleito em ambas, ficando para você decidir para onde o Espírito quer que você vá, e onde Deus precisa mais de você. Se optar pela Igreja rica, deixando a pobre sem pastor, sem condições de concorrer com outra, poderosamente econômica, certamente tal opção não será do pelo Espírito, mas por mamom.

d- A própria vida do pastor.

A vida diária e as palavras do pastor precisam ser invariavelmente seguras e verdadeiras: Sim, sim; não, não. A Igreja não suporta líderes pusilânimes, dúbios no comportamento e nas afirmações. O ministro de Deus deve ter caráter impecável, personalidade santa e invariável. Não se admite pastor de dupla personalidade: uma religiosa e mística para a Igreja e outra secularizada e profanizada para a existência particular e social, quando longe dos olhares julgadores dos fiéis. O homem dos bastidores, no caso pastoral, tem de ser o mesmo do palco, do palanque ou do púlpito. O pastor não representa um “personagem” pastoral diante da comunidade para depois desvestir-se dele nos ambientes irreligiosos e pluralistas; ele é sempre o mesmo, tanto nas ministrações ministeriais e nos relacionamentos eclesiais como nas atividades seculares e na vida social. A imutabilidade de caráter e de personalidade é imprescindível ao pastor.

Saí do seminário cheio de sonhos, de amor pela Igreja, de respeito aos veteranos ministros daqueles dias, aos quais admirava e reverenciava. Em uma reunião de Presbitério, a primeira da qual participei como pastor. todos ficamos alojados no salão social da Igreja. Colchões de capim estendidos no chão; travesseiros de paina; cobertores leves de verão. Terminado o expediente noturno, dirimo-nos para o alojamento. Ficou combinado que às vinte e duas horas e trinta minutos o anfitrião, presbítero da Igreja, tocaria a campainha do silêncio. Na algazarra pré-reposo, muitas piadas inconvenientes, indecorosas. Eu, moralmente escrupuloso, fiquei escandalizado com a dicotomia comportamental de alguns daqueles homens circunspectos, austeros, patriarcais, sisudos, exigentes, moralistas respeitáveis da Reunião de Verificação de Poderes, da Sessão Preparatória e Culto de Abertura, e os hilários mundanizados da intimidade noturna do dormitório. Não eram os mesmos. Decepcionado e escandalizado, disse a um velho ministro, deitado de costas próximo à minha cama, um dos que reverenciava por sua “santidade”, ortodoxia e austeridade comportamental:

A brincadeira é saudável, mas o que estou presenciando é escandaloso, incompatível com um “homem de Deus”. Ele, para minha decepção, respondeu: Entre nós é assim; o ministro precisa de momentos como estes para extravasar. Então, soube que existem pastores reprimidos. E o que e quem os reprime? Deixo-lhe a responsabilidade da resposta. Muitas vezes ouvi aquele ministro, no púlpito, pregando: figura impoluta, rosto angelical, semblante expressivo de santidade, linguajar pio e doutrinação confiável. Da minha mente, porém, não saía a imagem do cidadão de pijama, dando gargalhada de chistes, charadas contos impróprios, verdadeiras frivolidades e indecências cômicas. A terapia do pastor é espiritual: ele tem prazer no ministério, alegra-se no convívio de seus familiares, na comunhão com os seus irmãos, na consolação do Espírito, nas brincadeiras saudáveis de sua gente. Dupla personalidade representativa é coisa de palhaço, de hipócrita, de fariseu; não de ministros. Alegria social e sensorialmente é da natureza do ser humano; usar hilaridade depravada, porém, é coisa de mundanos. Cuidado com a dupla personalidade! Fiscalize-se a si mesmo; cuide de seu ego; mantenha a postura singular e invariável de ministro de Cristo.

O pastor não deve possuir duas faces, uma voltada para a Igreja, outra para o interior de seu lar, onde pastoreia sua esposa e seus filhos. Alguns são gentis e amáveis com membros da Igreja, mas grosseiros e deseducados no lar.

VII.1- Deus é quem Chama.

a- **Chamado Geral:** Deus chama à existência todas as coisas e preordena um propósito para cada uma delas. Assim, criou o homem à sua imagem e à sua semelhança para gerir o mundo, dotando cada ser humano com um dom necessário, por mais simples e imperceptível que seja, mas que, no conjunto, contribui para construção, gerenciamento, desenvolvimento e grandeza da sociedade e harmonia universal. Assim, desde o lavrador que planta a semente e transplanta a muda até o engenheiro que trabalha no projeto de naves interplanetárias da NASA, ou o cirurgião que opera um paciente cardíaco, todos são chamados por Deus à existência e às funções que exercem. Todas as vocações nobres e úteis, portanto, são sagradas, pois promovem o progresso e o bem geral da humanidade ou cooperam com eles.

Antes da Reforma, o catolicismo ensinava que somente a vocação sacerdotal era sagrada; todas as demais eram profanas. Os reformadores mudaram tal conceito, especialmente com a doutrina do *sacerdócio universal de todos os crentes*, que eliminou a barreira entre os consagrados, os que recebiam o “sacramento da ordem”, e os simplesmente batizados. E mais, a salvação do leigo dependia inteiramente da mediação da Igreja. O clero representava o verdadeiro núcleo eclesial, a parte santa do corpo; em torno dele orbitava o laicato. Nos meios protestantes ainda prevalece o

conceito de que a vocação pastoral é a prioritária, a principal, a especial. Específica, sim, pois se destina a um ofício ordenado, mas não mais santo que as vocações profissionais, quando verdadeiramente concedidas por Deus, não frutos de habilitações forçadas pela tecnologia moderna. Por exemplo: Uma escola de belas artes pode formar muitos escultores e pintores sem, realmente serem artistas vocacionados de fato como, por exemplo, Aleixadinho ou Leonardo da Vinci. Uma escola de engenharia pode formar inúmeros bons arquitetos, mas não como os construtores das pirâmides do Egito, das muralhas da China ou mesmo como o arquiteto de Brasília, Oscar Niemeyer. A cultura moderna produz, muitas vezes, profissionais mais para o mercado que para as vocações reais. Tais profissionais, muitos deles cumpridores de seus deveres, são frustrados, pois não estão na profissão na qual gostariam de estar. Quando a profissão casa com a vocação, o consórcio é bem realizado e procriador.

b- Deus preordena e chama os eleitos.

Os chamados para a redenção em Cristo Jesus e para o serviço ministerial na Igreja dos eleitos redimidos são conseqüências da eterna eleição. Quem não é eleito para ser salvo e não passou pela justificação efetuada pelo Filho de Deus, jamais será efetivamente chamado para os ofícios sagrados dos múltiplos ministérios no rebanho, local ou universal, do Cordeiro. Eis um texto enfático, claro, incisivo: *Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou (Rm 8.28-30).*

Não há servo verdadeiro de nosso Senhor, não existe membro efetivo do corpo de Cristo sem eleição, sem escolha eterna, sem chamado, sem remissão vicária no Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Somos eleitos em Cristo, salvos por ele, colocados em sua Igreja para a unidade com outros irmãos, para santidade coletiva e individual, para servi-lo na comunhão dos conservos e servi-lo como cidadãos do mundo, vivendo no meio pecaminoso, mas sem contaminação.

c- Chamados para Cristo.

O Criador criou Adão e Eva, e determinou ao casal original que reproduzisse, formando a humanidade. Biologicamente, descendemos de Adão por ordenação. Ele, sendo a nossa origem, caiu; afastou-se do Criador, arrastando nele e com ele todos os seus descendentes. Até à encarnação do Messias, estávamos apenas vinculados ao primeiro homem e à primeira mulher, mas desvinculados de Deus, pois eles, conscientemente, optaram por ouvir as propostas do maligno, abandonando as ordenanças do Criador. O mal, desde então, prevaleceu no coração das pessoas, porque o

bem que pensávamos realizar não conseguíamos, mas o mal, que não desejávamos fazer, a propensão maligna de nossos corações induzia-nos a efetuar (cf Rm 7.18-23). A graça, porém, elimina o poder escravizador do pecado: *Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte (Rm 8.1,2).*

Agora somos de Deus, eleitos em seu Filho, salvos e mantidos nele e por ele mais fortemente que estávamos no velho ancestral, Adão: *Bendito o Deus e pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestes em Cristo Jesus, assim como nos escolheu nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade... (Ef 4. 3-5).* Assim como a gênese da nossa vida biofísica remonta ao casal original, o cerne da nossa existência espiritual, que transcende o universo físico, insere-se em Cristo Jesus à semelhança do ramo na videira ou do órgão no organismo. Ele é o cabeça da Igreja, o supremo Pastor das ovelhas; nós, pastores sob o seu pastoreio, devemos-lhe obediência irrestrita e incondicional, mesmo com o risco de perder a vida física : *Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á (Mt 10.39).*

Somos chamados, primeiro e principalmente, para pertencermos a Cristo. Depois, chamados para servi-lo, quer como ministros ordenados quer como leigos, onde Deus nos coloca para servi-lo na condição de servos submissos, honestos, fiéis a ele e íntegros nas nossas funções e decisões.

VII.2- Chamado Coletivo

a- Deus chama Israel.

Deus chamou a humanidade natural em Adão e Eva. Chamou uma nação racial, inicialmente, na pessoa de Abraão (Gn 12.1,2). Confirmou o chamado, posteriormente, na figura de Jacó (Gn 32. 28; Gn 35.10), a quem deu o nome de Israel. Reafirmou o chamado em Moisés (Ex 3 e 4), líder pelo qual retirou seu povo do Egito para a Terra da Promissão, organizando-o em nação com uma estrutura religiosa, sacerdotal e legal de elevado nível. Por Israel, Deus se tornou conhecido no mundo inteiro. O Criador valeu-se de dois meios para que seu nome fosse divulgado, temido e crido entre os povos: Primeiro, pelas relações políticas e diplomáticas de Israel, na condição de nação organizada, com outros povos, principalmente no reinado de Salomão. Segundo, pela diáspora, espalhando seus filhos por áreas jamais atingidas por outros meios. Nessa época, a lei foi o centro preservador do judaísmo, exercendo papel importante na manutenção da fé judaica. Assim, a fé mosaica prevaleceu com a instituição das sinagogas, que tinham por finalidade não permitir que os judeus se esquecessem da

Torah. As dominações estrangeiras diversas, culminando com a romana, amadureceram o mundo e o próprio Israel para a chegada de Jesus Cristo. A tendência do judaísmo era fechar-se em si mesmo, apropriar-se da divindade, fazer do Deus eterno e universal um deus tribal ou nacional. Contra a sua vontade, porém, Deus o instrumentalizou para divulgar o seu nome augusto e santo a todos os povos conhecidos, não somente a reis, como fizeram Daniel e Ester, mas às pessoas humildes que, por circunstâncias de exílio, os representantes do povo eleito com os quais conviveram. A essas pessoas pregaram a fé em um Deus único, criador e salvador, bem como divulgaram os ensinamentos revelados. Deus cumpre os seus propósitos por meios muitas vezes ignorados pelos homens em geral e até mesmo por seus escolhidos.

O chamado coletivo da raça judaica Deus o fez para incluir na instituição cívico-religiosa de Israel todos os cidadãos judeus. Esse povo, coletivamente, foi denominado “povo de Deus”, mas nem todos eram, de fato, reais filhos de Javé. Havia entre eles muitos indiferentes, degenerados religiosa e moralmente, e até ateus. O apóstolo Paulo, que conhecia bem o seu povo, declarou: *E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado, porque nem todos de Israel são, de fato, israelitas; nem por descenderem de Abraão são todos seus filhos...* (Rm 9.6,7). Havia, portanto, um Israel institucional, caracterizado como “povo de Deus”. Dentro desse povo, como o ouro envolvido pelo carvalho, estavam os verdadeiros eleitos; no número deles contavam-se patriarcas, juizes, reis, profetas e leigos. Todos da raça judaica eram considerados pertencentes ao povo de Deus, mas nem todos eram de fato filhos de Deus por eleição, por vocação e por redenção.

b- Deus chama a Igreja.

Em Cristo Jesus Deus chamou um novo povo, não mais de natureza racial, mas multirracial, sem qualquer privilegiamento de judeus ou gentios, pois ambos são iguais, absolutamente iguais, na pessoa unificadora e santa de nosso Senhor Jesus. Somos todos “um” nele: *Destarte, não pode haver judeu nem grego (gentio); nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gl 3.28).* A unidade no filho de Deus não é somente inter-racial, mas também sociológica e espiritual: Somos um só corpo de salvos adoradores e servidores, incluindo nessa unidade homens, mulheres, crianças, negros, brancos, ocidentais e orientais. A visão apocalíptica é abrangente e retrata bem a nova “raça eleita” na Igreja consumada do Cordeiro: *Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas; com palmas nas mãos, e clamavam em grande voz dizendo; Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação (Ap 7.9,10).* Agora não há uma raça especial, priorizada, com pessoas e coisas separadas: um sacerdócio

mediador; um só templo e um só altar para o mundo; um dia mais santificado que os outros; pessoas mais sagradas que outras; uma terra mais santa que outras terras. Em Cristo Jesus, onde quer que dois ou três estejam reunidos, em qualquer lugar do mundo, globalidade plural ou conjuntos igualitários de quaisquer pessoas, aí está o Filho de Deus (Mt 18.20). Essa Igreja reúne-se não em torno de Cristo, não por causa de Cristo, não por interesse em Cristo, quer do ponto de vista material quer do espiritual, **mas em Cristo** como consequência da eleição eterna e do **chamado eficaz** ou irresistível. O Filho de Deus é a videira verdadeira; a Igreja é a soma de seus ramos (Jo 15.1-6). Ele, a cabeça do corpo; nós, os órgãos no complexo conjunto funcional do organismo, mas sob o comando da cabeça (I Co 12.12-27). Portanto, a Igreja é a comunhão universal dos eleitos e chamados para se vincularem a Cristo, e o fizeram, na mais profunda e essencial integração espiritual, moral e social que existe. A Igreja é, portanto, universal em uma universalidade **una** pelos vínculos da mesma fé e ouvindo a mesma voz, a das Escrituras. Os salvos de cada região, por outro lado, reúnem-se fraternalmente na unidade consequencial, formando o corpo local que é, ao mesmo tempo, célula da Eclésia universal.

b- A Igreja real ou santa.

A Igreja, embora seja universal, cosmopolita, não inclui no corpo dos verdadeiros eleitos (corpus electorum) os não predestinados à salvação. Calvino chama-a de “Igreja Invisível”, porque ela é o núcleo catalisador, mas não unificador, da Igreja institucional, que ele denomina de “visível”. Esta sofre divisões e pulveriza-se em denominações. Na verdade, a Igreja invisível é que dá visibilidade autenticamente cristã à instituição eclesiástica, porque são os crentes reais, verdadeiros, que testemunham de Cristo ao mundo, que se dedicam à proclamação do Evangelho, que se afastam do pecado circundante, combatem os males sociais e sustentam a Igreja. Em épocas de perseguições, a somente “visível” capitula, mas a “invisível” manifesta-se, enfrenta e se deixa martirizar para não cometer os pecados do revide e da capitulação. Sejamos explícitos: No Filho de Deus a Igreja real existe e nele se reúne. Nessa Igreja histórica e militante, combatente, as pessoas não eleitas penetram, sendo incluídas em sua membresia institucional pelos meios normais de recepção: Profissão de fé e batismo. Principalmente em nossos dias em que a ética cristã está muito aproximada da ética social secular. Hoje, cremos, é mais fácil um réprobo, consciente ou inconscientemente, professar formalmente a fé cristã e ser recebido na comunidade visível dos eleitos. Quando, há anos, Igreja e mundo não se combinavam, não havia interesse em pertencer-se a qualquer comunidade evangélica, pois tal atitude traria ao ingressante hostilidades, rejeições, antipatias e até perseguições. Hoje, pertencer a uma “mega Igreja” traz vantagens sociais, econômicas e políticas. Alguns não eleitos podem permanecer éticos até à morte; outros revelam-se indignos da

comunhão dos escolhidos, causando prejuízos inestimáveis às comunidades locais das quais fizeram parte. Outros dividem a Igreja, criam seitas heréticas, arrebanham membros de seus núcleos originais, tornam-se caudilhos religiosos, líderes que, às custas da credibilidade dos crédulos, muitos deles ingênuos, enriquecem-se, amealham fortunas.

Da Igreja real ou invisível é que Pedro fala: *Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, provo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa lua; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia (I Pe 2. 9,10).*

Deus, pela palavra de seu ministro Pedro, assim qualifica o seu novo povo, criado em e por Cristo Jesus:

a-Raça eleita: Os que são nascidos de novo(Jo 3.3-7), regenerados, tendo, portanto, uma nova etnia, não de natureza biológica, mas espiritual. Somos a “raça de Cristo”, gerados nele para a vida eterna e para as boas obras aqui na terra. Antes, trazíamos a natureza de Adão; agora, temos a de Cristo, em quem nascemos de novo.

b- Sacerdócio real: Estamos todos no “Santo dos Santos”, isto é, em Cristo Jesus, em comunhão direta com ele, intercedendo uns pelos outros e pelo mundo. Os intermediários foram eliminados. Temos um único Mediador (I Tm 2,5) entre nós e o Pai celeste, o Filho de Deus, Segunda Pessoa trinitária. Além de sermos ministros do Messias, o Rei, somos uma Igreja laudatória, suplicante e intercessora

c- Nação santa: Um povo que Deus em Cristo separou para si: Deu-lhe um Rei, uma nova lei, constitui-lhe ministros consagrados, determinou-lhe que se reunisse em seu nome, que celebrasse a sua memória, que pregasse o seu Evangelho. Não é um povo sem pecado, mas é constituído dos escolhidos de Deus.

d- Povo de propriedade exclusiva de Deus: A Igreja não é posse de ninguém; não deve e não pode ser chamada de Igreja de fulano ou de beltrano; ela é privativamente de Deus, não só nominalmente, mas na existência, na composição, na estrutura, nas ações e no testemunho. Pedro ouviu dos lábios de Jesus a declaração de que ele fundaria uma Igreja para ser exclusivamente sua: *Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a **minha** (negrito nosso) Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16. 18).* O fundador da Igreja, portanto, é Cristo; e fundou-a nele mesmo e para ele (cf At 4. 11), mas a mantém por meio de seus ministros e membros, pedras com as quais a constrói (I Pe 2. 4-8). O pastor, portanto, deve ter sempre em mente que: a Igreja é de Jesus Cristo, e ele a pastoreia para o seu legítimo dono.

Quando a Igreja deixa de ser de Deus, passa a falar de si mesma e agir para si mesma, a fazer prosélitos para o seu redil particular. A Igreja

chama pecadores eleitos para Deus, não para si mesma; não faz prosélitos para seu aprisco denominacional, mas ovelhas do rebanho universal do Cordeiro. A filiação à Igreja local e denominacional é consequência natural, não objetivo último da catequese. Cremos, como calvinistas convictos, que a distribuição dos eleitos chamados pela mensagem salvadora e pelo testemunho da Igreja é obra do Espírito Santo, que realiza tudo em todos.

Finalidade da Igreja, segundo Pedro: proclamar as virtudes daquele que a chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. A verdadeira Igreja de Cristo não prega virtudes pessoais de seus líderes, não é antropocêntrica, pois a sua mensagem centraliza-se exclusivamente no Filho de Deus, autor e consumidor de nossa fé. Algumas igrejas tornam-se “importantes” pela elevação cultural dos seus membros, por suas posições sociais, pelas riquezas e belezas de seus patrimônios físicos. Em tais condições, escolhe os supostos “melhores pastores”, os de maiores projeções e mais destacados nomes; pagam-lhes salários elevados, orgulham-se da eminência de seus líderes. Essas igrejas, grandes e luxuosas, geralmente, elitizam-se, até sem o perceberem, fecham-se nas “redomas” de suas importâncias, alienam-se dos pobres, dos humildes socialmente falando, quebram a unidade geral do corpo de Cristo. As igrejas pobres, do interior e das periferias dos grandes centros urbanos, deixam de relacionar-se com elas por “injustificável” desnivelamento sociocultural. Um membro de Igreja grande e rica, naturalmente, difere, e muito, do seu irmão de Igreja simples das favelas ou da raça: irmão citadino e irmão caipira. Não se tratam de diferenças de qualidade cristã, mas de posições sociais, culturais e econômicas, que podem ser até extremadas. Os autênticos ministros de Cristo têm de lutar contra tais diferenças discriminatórias.

O púlpito coloca o pastor em evidência. Se ele não for realmente vocacionado para o ministério, pode envaidecer-se, achar-se elevado, acima dos irmãos de sua comunidade, vangloriar-se de si mesmo e projetar a sua imagem além do que o bom senso determina. Às vezes, a Igreja colabora com o seu personalismo, elogiando-o como pessoa, como professor, como orador sacro proeminente. Isso aconteceu com a Igreja de Corinto: Os crentes polarizaram-se em torno de figuras realmente de destaque como Paulo, Apolo e Cefas (cf I Co 1. 12); ficando Cristo, apenas, como um líder “concorrente”; pois uns pertenciam a Paulo; outros a Apolo; outros, a Cefas; outros, a Cristo, quando todos deveriam pertencer somente a Cristo. O perigo de a Igreja colocar o seu pastor em um “pedestal de honra” acima do razoável, do aceitável, é muito grande. O pastor deve ser preparado, ter cultura geral e teológica; mas não pode perder a simplicidade e a humildade. O nome que está acima de todo nome não é o seu, mas o de Cristo Jesus (cf At 4. 12). E não imaginemos que os crentes de Corinto estavam despreparados para a vida comunitária, pois, Iluminados pelo

Espírito, eram realmente espirituais: A respeito deles Paulo escreveu: *Sempre dou graças a(meu) Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento; assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós, de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo (I Co 1. 4 – 7).* Os líderes carismáticos de caráter firme e personalidade dominante podem, até de maneira natural, atrair a atenção e a preferência da Igreja, deixando a Cabeça do Corpo, o dono de seu povo, em segunda plana, apenas como objeto místico de culto, sendo, no entanto, Senhor das almas, a quem os deveres de submissão e obediência são indispensáveis, necessários à própria existência da verdadeira Igreja.

VII.3- A Igreja impura ou visível.

a- **Cristo disse que estamos nele:** *Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra (Jo 17.6 cf 17.24).* Eu sou a videira verdadeira, vós, os ramos. *Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer (Jo 15.5).* Cristo, portanto, é o fundamento, o alicerce da Igreja; ela foi eleita e chamada em sua pessoa. Pedro é um apóstolo de Cristo, chamado e salvo por ele, constituído ministro de sua Igreja. A sua “coluna” não era maior nem mais importante que as dos demais apóstolos, principalmente a do apóstolo dos gentios: *Pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios] e, quando conheceram a graça que foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim a Barnabé, a destra de comunhão...(Gl 2.8,9).* Pedro, o suposto “infalível”, foi advertido por Paulo em Antioquia (Gl 2. 11-16). Cristo, pois, fundou e organizou a sua Igreja, instituindo nela um ministério ordenado com a responsabilidade de pastoreio e de docência. Ao ministério ordenado e à Igreja toda Cristo ordenou a evangelização pela pregação da Palavra e pelo testemunho. Sobre todos os membros, e não somente sobre alguns, desceu o Espírito Santo no Pentecostes (At 2. 1-4). Esse núcleo primitivo da Igreja, chamado, escolhido e reunido pelo próprio Salvador ressurreto, certamente era a Igreja verdadeira, o corpo dos eleitos. Nela, cremos, não havia irregenerados. A Igreja, comissionada pelo seu Senhor, cumpriu o seu dever de pregar e testemunhar. Por meio de sua pregação, estendida indistintamente a judeus e gentios, chamou para o seu corpo eclesial, com uma imensa força persuasiva, eleitos e não eleitos. Ela cresceu rapidamente, mas nem todos dentro dela foram e são ovelhas ou trigo, mas bodes e joio. Desses bodes e joios surgiram e surgem muitos falsos pregadores e anticristos. Nosso divino Mestre deixou-nos as seguintes e seriíssimas advertências: *Nem todo que me diz: Senhor, Senhor! Entrará*

no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade (Mt 7.21-23). Então, se alguém disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos (Mt 24. 23,24). O risco que a Igreja corre de entregar-se a falsos cristos e seguir profetas enganadores é enorme. A pregação universal indiscriminada é necessária, pois o **ide** de Cristo tem de ser cumprido, mas esse chamado geral incluiu e inclui na Igreja convertidos e não convertidos ao longo de sua história (cf Parábola do Joio – Mt 13. 24-30).

A preocupação de algumas igrejas atuais é mais com a quantidade que com a qualidade: qualidade moral e espiritual. Tal interesse pelo número, não raro, tem acentuada perspectiva econômica, o que leva os pregadores a se valerem de técnicas modernas de comunicação, de meios persuasivos de atração, de reuniões litúrgicas festivas, agradáveis, especialmente à mocidade. Esses processos atraem muitos e vários, enchendo a Igreja de “aderentes” e “assistentes”, mais interessados em si mesmos que em Deus. O divino Mestre não usa meios atrativos, geralmente irreais, ilusórios ou de falsas promessas. O materialismo vestiu-se de espiritualismo. O apelo ao bem físico, ao bem social e ao bem financeiro repercute favoravelmente nos ouvidos materialistas.

b- Chamada externa e interna: Como vimos, a pregação da Igreja é um chamado geral e universal, porque a ela não foi dado conhecer e distinguir um eleito de um não eleito no estado de pré-conversão. Mesmo depois de convertido, é difícil saber quem é servo verdadeiro de Cristo e quem não é, pois as obras externas assemelham-se. Um anticristo pode exhibir, diante da Igreja, sinais e prodígios, que a um crente real Deus não permite realizar. Isso tende a levar os membros a darem credibilidade ao falso e julgarem destituído de fé o verdadeiro membro, mas sem capacidade de convencimento. Porém, é preciso ressaltar que nem todos os irregenerados são anticristos, nem todos escandalizam a Igreja. Muitos podem morrer dentro dela sem despertar qualquer suspeita de ter sido um rejeitado. Há quem vive a ética cristã dentro e fora da Igreja de Cristo, sem ser verdadeiramente cristão.

A Igreja, pela palavra e pelo testemunho, chama os pecadores para Cristo. O **não-eleito** pode ouvir, simpatizar-se com a mensagem, admirar a vida dos crentes; gostar da maneira pela qual a Igreja congrega as famílias, apóia o casamento, defende a indissolubilidade matrimonial, prima pela educação dos filhos, presta um culto ético e espiritual a Deus; então, adere-se a ela mais por questões sociais que religiosas. O **eleito** ouve a

mensagem, sente-se tocado por ela internamente, é iluminado pelo Espírito Santo; sua vida transforma-se, não de fora para dentro, mas dentro para fora, nasce de novo, sente ardente desejo de crescer espiritualmente, ama profundamente seus irmãos em Cristo, torna-se anunciador do Evangelho, dispõe-se a servir a comunidade dentro de sua capacidade, profissionalidade e pendores.

Todos são chamados, mas o não-eleito pode resistir ou pode desistir, pois o seu chamado é apenas externo ou salvadoramente ineficaz; enquanto, para o eleito, o chamado é irresistível ou eficaz, porque ele estava preordenado, desde o princípio, para a salvação em Cristo Jesus e para a conseqüente servitude. Sobre o chamado geral, Mateus registra a seguinte sentença do Mestre: *Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos (Mt 22. 14)*. O contexto deste texto é a parábola das bodas, em que um rei resolve comemorar as bodas de seu filho, o príncipe. Todos os amigos convidados rejeitaram o convite, cada um alegando negócio particular inadiável. O rei então, mandou seus súditos convidar a todos quantos encontrassem, pessoas, a princípio, sem qualquer ligação de amizade com o soberano e mais, sem qualquer “dignidade” para participarem de um banquete no palácio real. Todos aceitaram e se submeteram às condições de entrada no salão do banquete com as vestimentas adequadas, próprias para a festa, fornecidas pelo rei. Um convidado, porém, entrou com sua roupa usual, certamente muito humilde. O rei, notando-o, pois não podia deixar de ser notado, mandou manietá-lo de pés e mãos e o expulsou de maneira radical, pois a ofensa de desconsideração ao rei foi inaceitável (cf toda a parábola: Mt 22. 1-14). Todos são convidados pelo divino Mestre; porém, sem regeneração, sem o revestir-se de Cristo, ninguém entra no reino dos céus para as bodas eternas do Cordeiro, diante do qual toda a sua Igreja estará de vestiduras brancas (Ap 6. 11). O papel da Igreja, pois, é pregar o Evangelho a todos, a tempo e a fora de tempo: Uns aceitam e são transformados, porque preordenados desde a eternidade para serem servos do Cordeiro. Outros aceitam, entram para a Igreja, tornam-se membros, podem até morrer dentro dela, mas nunca farão parte do “corpus electorum” do Messias, e jamais incorporarão, de fato, a mensagem revelada. Este quadro é ilustrado por nosso Senhor Jesus Cristo na parábola do semeador: Há a boa terra, onde os grãos semeados devem cair, porque a ela a semente se destina. Nem todas, no entanto, caíram nela. Uma parte caiu à beira do caminho, sendo comida pelas aves; outra, em solo rochoso; brotou, mas o sol queimou-a, ainda pequena; outra, caiu entre os espinhos, e estes a sufocaram. Somente a que caiu na boa terra, adredemente preparada para ela, cresceu e produziu conforme o previsto (cf Mt 13.1-9). O semeio da palavra é geral, mas somente os corações dos preordenados a recebem e ela frutifica neles conforme a previsão divina. Deus manda a Igreja pregar, semear a boa

semente do evangelho: Esse é o meio que ele usa para chamar os seus escolhidos. Eleitos salvos em Cristo chamam eleitos a serem salvos por Cristo; eis a grande bênção.

A fé salvadora é filha da eleição; quem não é eleito jamais recebe de Deus o dom da fé regeneradora em Cristo Jesus. Esta fé, sendo uma dádiva permanente, irremovível, e tendo como alvo a vinculação eterna em Cristo Jesus, não é mensurável nem graduável e, muito menos diferenciável de pessoa para pessoa, pois todos somos absolutamente iguais em Cristo Jesus diante da graça salvadora, e não há um céu superior para uns e outro inferior para outros; não existe mais salvo e menos salvo. A fé carismática, a fé psicológica e a fé-confiança podem ser aumentadas ou diminuídas, conforme as circunstâncias pessoais do crente, seu estado emocional.

A semente de Cristo. Na explicação da Parábola do trigo e do joio, Jesus diz que as “boas sementes”, isto é, as de trigo, que ele semeia, são os filhos do reino, os redimidos, os seus servos. O campo de Deus é o mundo. As más sementes, as do joio, são os filhos do maligno, semeadas pelo Diabo no terreno do Criador, uma tremenda usurpação (cf Mt 13.36-39). Assim, na situação terrena, e no atual estado de coisas, os bons e os maus convivem no mesmo espaço, disputam as mesmas oportunidades, misturam-se temporariamente durante o crescimento, mas na frutificação separam-se. Trigo nunca se converte em joio; joio jamais se transforma em trigo.

O que devemos ressaltar é o seguinte: a- Quem chama o eleito à existência pneumofísica é Deus, e ele mesmo o coloca no mundo, chama-o e inserido-o no corpo de seu Filho, Igreja. b- Todo eleito de Deus salvo em Jesus Cristo e semente boa; e sua bondade intrínseca é permanente. c- Toda semente boa que Jesus semeia destina-se à reprodução de novas sementes da mesma espécie e qualidade. d- A produção do trigo é sempre para o Senhor da seara, Deus. Dessa maneira, todo crente verdadeiro deve sua existência ao Criador; é servo dele; identifica-se com seus congêneres na lavoura do Messias. O chamado e vocacionado por Deus e para ele tem a missão de frutificar, mesmo concorrendo desvantajosamente com a erva daninha, o joio. É no mundo que o crente produz frutos para o Dono do campo, em contato com a terra boa do supremo Agricultor, longe e livre das estradas duras e secas, dos pedregulhos e dos espinhais.

Predestinação e pregação. Muitos, ingenuamente, dizem: Sendo a pessoa predestinada à salvação, que sentido tem pregar-lhe o Evangelho, pois com ele ou sem ele ela será salva? Não é assim. Se a predestinação nos salvasse diretamente, também não haveria necessidade da morte vicária de Cristo. Deus salva os predestinados em Cristo mediante o dom da fé. A redenção, embora preordenada, custou caríssimo ao Filho de Deus. Saiu de graça para nós, mas não para ele. O mesmo Deus que nos predestinou desde a eternidade, predestinou seu Filho para nos salvar, e predestinou

aqueles que trariam a palavra redentora ao nosso coração. No meu caso, o Rev. Américo G. Coelho foi o instrumento de Deus para trazer a mensagem salvadora à minha vida. Não se iluda, você pode ter sido um preordenado para falar de Cristo a um ou mais eleitos, que Deus fez ou fará entrar em contato com você. E esse papel é compulsivo e impulsivo, não dependendo de sua vontade, mas da vontade de Deus. O Deus que predestina os fins, predestina também os meios. Exatamente porque somos comissionados por meio da preordenação divina para anunciar o Evangelho de Cristo é que não podemos calar nem negligenciar. A nobreza, a grandeza, o privilégio e a beleza de pregar as boas novas da graça redentora como comissionados por Deus são imensas; uma bênção que o Salvador concede somente aos membros de seu corpo, a Igreja.

b- **O dom de pregar.** Deus concede o dom da pregação – doutrinação e evangelização – a todos os membros da Igreja: a- Uns recebem o dom da oratória, da boa alocução, da comunicação oral fácil na forma discursiva ou retórica. No nosso meio, existiram e existem poucos notáveis oradores, pregadores de púlpitos como foram, por exemplo, Álvaro Reis e José Borges dos Santos Jr. b- Hoje, temos os pregadores eletrônicos, aqueles que têm boa imagem, uma linguagem adequada à televisão e ao rádio, e um poder forte de persuasão. Falar pela televisão, além de treino, é necessário dom de comunicador eletrônico. c- Evangelização pessoal. Há pessoas de cultura geral restrita, mas que são excelentes evangelistas pessoais. Ao longo de meu pastorado conheci vários, entre os quais cito: Paulo Pane, no sul do Rio de Janeiro, e Olavo Madeira Lopes, no sul do Espírito Santo. Esses foram leigos plantadores de igrejas por meio do evangelismo pessoal. d- A outros Deus concede o dom de escrever, de realizar a evangelização e a doutrinação por meio de boletins, folhetos, panfletos, jornais, revistas e livros. Esses vários dons de pregar são todos meios de chamamento à conversão, à membresia da Igreja. Por tais recursos, a Igreja chama os pecadores, dentre eles, com certeza, estão os eleitos. Não se deve olvidar os que recebem o dom da apologia, os que batalham em defesa da fé evangélica. No Novo Testamento, destaca-se a figura de Paulo. Na Reforma, evidenciam-se as de Lutero e Calvino. No presbiterianismo brasileiro, ficam em destaque as pessoas de Conceição, Álvaro Reis e Eduardo Carlos Pereira. Deus precisa de quem pregue o Evangelho e de quem escreva contra as heresias dominantes e influentes.

c- **O dom de ensinar.** Muitos pastores e leigos têm o dom de ensinar, possuem didática intuitiva, são capazes de transmitir com clareza as histórias, os milagres e as doutrinas das Escrituras. Falam: o povo ouve, entende e responde positiva ou negativamente

d- **O chamado de Deus é irrevogável e eficiente.** Tanto a vocação eficaz, o chamado irresistível, o chamado à comunhão dos eleitos, os dons profissionais como a vocação ministerial – clériga ou leiga- são dádivas

irrevogáveis de Deus, procedentes de seu plano eterno de criação, manutenção, condução do universo e da humanidade, bem como da eleição e salvação dos eleitos no grande Eleito, Jesus: *porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis* (Rm 11. 29 cf II Pe 1. 10,11). Em campos pastorais do interior rural de Minas e Espírito Santo, constatei a existência de inúmeros crentes, sem cultura geral, apenas aculturados espiritualmente por ouvir prédicas, estudos bíblicos e lições dominicais de eficientes ministros e de nossos primeiros evangelistas, que, não tendo verbosidade “sagrada”, possuíam “vidas consagradas”, uma “luz que brilhava intensamente em toda vizinhança, uma devocionalidade exemplar. Dois exemplos: a- Daniel Tavares, que formou a Congregação de Pequiá, ES, e exerceu influência cristã em toda região, onde os habitantes eram refratários ao evangelho. b- José Messias, no Leste de Minas. Eis o resumo de sua conversão, segundo seu testemunho pessoal: Sendo devoto de “Nossa Senhora da Luz”, resolveu construir uma capela na fazenda; introduzir nela uma imagem da “santa” de sua devoção; chamar o pároco da cidade para “abençoar a imagem” e celebrar a primeira missa; dar o nome à propriedade de “Fazenda Nossa Senhora da Luz”. Tudo pronto: Capela construída, imagem adquirida; foi convidar o padre. Esse, não somente rejeitou, como o repreendeu severamente por ter passado por cima da autoridade da Igreja e de seu pároco. É desobediência, disse, construir sem autorização e comprar imagem de qualquer origem sem consultar o padre da paróquia. Sem o apoio do padre, a família ficou desolada. Aí, a filha, que sabia ler, lembrou de um livro, que um andarilho havia deixado em pagamento pela hospedagem de uma noite no paiol. Abriu-o, e leu exatamente em Êxodo 20, os dez mandamentos. O velho Messias ficou tão impressionado, que resolveu determinar que a filha lesse o “livro” na capela todos os domingos, nos horários da missa, não só para a família, mas para os empregados, agregados e meeiros. Assim se fez.

O Rev. David Leitão soube que em São Sebastião do Maranhão havia um fazendeiro lendo a Bíblia para o povo. Saiu de Mantena até o local, 170 quilômetros, aproximadamente, em estrada de chão – trilhos somente para cavalos. O pastor hospedou-se na fazenda, pregando, ensinando, cantando hinos e orando pelo povo todas as noites. Ninguém faltava. A ânsia de aprender e adorar o Cristo vivo era intensíssima. Nem as crianças cochilavam ou se dispersavam. No final, professaram-se, recebendo o batismo, mais de trinta adultos. A fazenda, por causa da nova vida em Cristo Jesus, recebeu o nome de “Sítio da Luz”. A maneira pela qual o velho Messias foi chamado, e como chamou a sua vizinhança, somente Deus sabe. Os planos do Redentor são inescrutáveis. A capela, que seria destinada à Nossa Senhora da Luz, hoje é templo presbiteriano, e em uma área rural de Minas na qual o Evangelho não havia penetrado; onde, na época, o baixo espiritismo e o romanismo predominavam. A tendência

do cristianismo evangélico moderno é “planejar para Deus”, mas tanto a Igreja primitiva como a Igreja Presbiteriana do Brasil nos primórdios de sua história, seguiam, como servas, os planos e o planejamento de Deus, dono e senhor da Igreja. O princípio era: O Senhor nos submete, conduz-nos e nos habilita à servitude.

VIII- O DOM MINISTERIAL.

VIII.1- Escolha de Deus.

Já foi dito, mas deve ser repetido: Todos os dons procedem de Deus; principalmente a vocação ministerial, pois o Pai eterno cuida de seu povo com zelo especial, não em decorrência de méritos individuais ou coletivos, mas por amor a Jesus Cristo, o Eleito dos eleitos, o Filho Amado, a Segunda Pessoa da Trindade. Os pastores do rebanho do Cordeiro são escolhidos e colocados no pastoreio pelo próprio supremo Pastor das ovelhas: *Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres (Ef 4. 11).*

Apóstolos originais foram somente doze, mais o décimo terceiro, Paulo, com missão especial junto aos gentios, chamado ao apostolado pelo Cristo ressurreto. Todos ouviram de Cristo ou dele receberam e transmitiram à Igreja nascente e à posteridade a revelação neotestamentária. A Igreja não é apostólica porque continua tendo apóstolos, mas por fundamentar-se e instruir-se no ensino dos apóstolos, que Cristo pessoal e diretamente chamou, habilitou e comissionou. O Mestre nada escreveu, mas delegou aos seus apóstolos, mediante a possessão e inspiração do Espírito Santo, o pleno entendimento dos seus ensinamentos, a comunicação deles às igrejas, e os seus registros para as gerações posteriores, exatamente como os temos nos evangelhos, nas cartas e no livro da revelação- o Apocalipse.

Profetas são os pregadores das Escrituras aos quais o Espírito Santo ilumina para que interpretem corretamente o texto sagrado e o exponham com clareza à comunidade ou aos ouvintes desvinculados da Igreja. Deus fala por intermédio deles por meio das Escrituras; quando o Espírito os ilumina. O pastor é “ boca do Filho”, como o Filho é a “boca do Pai!” Porém, sem a iluminação do Espírito Santo, o pastor possui apenas uma “boca religiosa”, sem autenticidade e sem autoridade verdadeiramente espirituais.

Evangelistas são missionários da Igreja, comissionados por ela para evangelizar pessoas e povos de todas as regiões. A poucos Deus concede o dom de evangelizar, especialmente em se tratando de tribos incultas, de linguagem apenas oral, de idolatria arraigada, sedimentada pela cultura tribal de geração em geração.

“Pastores e mestres”, expressão que pode referir-se a dois ofícios distintos ou a duas funções da mesma pessoa. Um ministro pode ser

distintivamente mestre, até mesmo sem vocação pastoral, mas grande pendor para o magistério sagrado como, por exemplo, Júlio Andrade Ferreira e outros. O pastor, porém, tem o dever de ser mestre, pois exerce a docência da Igreja, ministrando a oficiais e a leigos. O equilíbrio entre as três funções seguintes do ministro dá a ele condição de conduzir bem o rebanho: Pregação (kérigma), ensino (didachê) e pastoreio (poimênica). No pastoreio, a visitação é fundamental, pois os problemas da ovelha, muitas vezes, somente se revelam no diálogo pastoral efetivado no interior do lar e em situação de intimidade entre o pastor e o membro. O ministro não é professor nem pregador de história, filosofia ou ciência, mas das Escrituras, e estas ele tem o dever de ensinar com absoluta lealdade, correção, fidelidade ao texto proposto, dedicação e, acima de tudo, amor ao que faz. Ele não prega para ser aplaudido, elogiado e exaltado por sua oratória, verbosidade, retórica, recursos linguísticos e de comunicação, mas para edificação e doutrinação da Igreja, instrução e fortalecimento dos fiéis; tudo para a glória de Deus.

Deve ficar bem gravado em nossas mentes o seguinte: Os ministros da Igreja de Cristo quem os escolhe e os chama é Deus. Quem a si mesmo se oferece ou por entusiasmo momentâneo, ou por influência de seu pastor, ou de sua Igreja, ou por interesse de natureza financeira, pode até ter algum sucesso pessoal, mas, certamente, vai prejudicar o rebanho de Cristo quer pela negatividade de seu ministério quer por sua improdutividade e inautenticidade.

VIII.2- Deus escolhe pela Igreja.

A nossa Constituição diz: *Vocação para ofício na Igreja é a chamada de Deus, pelo Espírito Santo, mediante o testemunho interno de uma boa consciência e a aprovação do povo de Deus, por intermédio de um concílio (CI/IPB-Art. 108)*. Pela palavra oficial de nossa Igreja, a “chamada de Deus” manifesta-se e se credencia perante a comunidade pelo “testemunho interno de uma boa consciência” e por sinais externos de vocação, segundo os critérios da Igreja. Cremos que, realmente, o Espírito Santo, se efetivamente habita no candidato ao ministério sagrado, seu testemunho interno constitui-se fonte reveladora de chamado ministerial. O aspirante ao pastorado, no entanto, quando age por impulsos internos movidos por interesses pessoais ou por fortes estímulos externos, pode vislumbrar no pastorado um meio de promoção social, uma garantia de estabilidade e de emprego, uma possibilidade de estudar às custas da Igreja, fazendo do seminário um trampolim de ascensão cultural e até de conquista profissional. Em tal situação, ele pode, mesmo inconscientemente, mistificar, camuflar ou distorcer o seu verdadeiro estado interno, demonstrando “vocação que não possui”, afirmar mentalmente o que sua consciência nega. O homem, infelizmente, é capaz de “representar” com “autenticidade” um personagem, que nada tem a ver com a realidade de seu

ser e caráter. O não verdadeiramente vocacionado passa nos testes conciliares – Conselho e Presbitério – e chega ao pastorado sem nenhum dom ministerial, pois lhe falta o necessário, o chamado divino para o pastorado. Constata-se que o joio é mais exuberante, durante o crescimento, que o trigo. A diferença se verifica somente na frutificação, mas o resultado é sempre danoso ao trigal, quando o joio predomina. O interesse provocado por estímulos familiares, por grupos de jovens e até pela Igreja pode gerar no “aspirante” a convicção falsa de vocação ministerial. Isso pode acontecer até com jovem verdadeiramente crente, bem intencionado, cheio de vontade de ser pastor, e suas respostas serem “convincentes”, conforme uma consciência cristã bem formada, mas sem a vocação específica para o ministério pastoral. Esse poderia ser um bom diácono, um bom presbítero ou um bom líder leigo, mas não será um bom pastor, porque Deus não o chamou para o pastorado. Diante dos concílios, portanto, comparecem, tanto os verdadeiros vocacionados como os hipócritas, os que querem usar a Igreja em benefício próprio; alguns podem até ser sinceros quanto ao intento, mas que não são chamados por Deus ao pastorado. Não se descarta a possibilidade de aparecerem réprobos, mas dotados de religiosidade natural, de misticismo intrínseco. Esses, enquanto não se definem, são de difícil detecção, podendo, com facilidade, enganarem o Conselho. Tais dificuldades podem levar o Conselho a aceitar um aspirante de boa dialética, de impressiva persuasão, de fácil comunicação, de família influente na comunidade, e rejeitar o verdadeiro vocacionado, exatamente por causa de sua extrema sinceridade, humildade e autenticidade. Em um parlamento, geralmente ganha quem melhor argumenta, não exatamente quem tem razão. O que afirmamos não são possibilidades, mas lamentáveis constatações. Muitos passam pelo Conselho uma vez; pelo Presbitério duas vezes; submetem-se ao período probatório de licenciatura; recebem a ordenação, assumem o pastorado, e fracassam, com mais prejuízo para a Igreja que para ele e para a família. O nosso sistema é rigoroso; os seminários são exigentes, mas nada disso impede o ingresso de ministros sem vocação.

VIII.3- Sinais externos de vocação.

A Igreja julga o suposto vocacionado ao ministério pastoral pelos sinais externos que, geralmente são:

a- **Psicológicos:** Simpatia, comunicabilidade, relacionamento, facilidade de falar em público, sociabilidade, boa apresentação, relações familiares.

b-**Místicos:** Frequência aos trabalhos da Igreja, demonstração de piedade, bom testemunho, dedicado à leitura da Palavra de Deus e à Oração, interesse pela Igreja.

c- **Cognitivos:** Inteligência, bom aproveitamento escolar, capacidade de interpretação de textos, leitura corrente e correta, facilidade no aprendizado de línguas.

Vejam, criticamente, tais externalidades, que podem ser positivas ou negativas em relação ao ministério pastoral

>**Sinais psicológicos:**

a- Simpatia: É uma virtude que pode levar ao sucesso, não somente o pastor, mas qualquer profissional que lide com o público, mormente nas áreas do magistério, da assistência social, do direito, da política e outras.

b- Comunicabilidade: Vale para todos aqueles que se dirigem ao público, relacionam com as pessoas: Políticos, advogados, vendedores, professores, e também pastores.

c- Relacionamento: Serve para todos os que trabalham como líderes sociais e empresariais, mas também para ministros do evangelho.

d- Facilidade de falar em público e a ele: Dom útil para qualquer atividade que exige comunicação: Magistério, advocacia, legislador (parlamentar), vendedor ambulante, e também pastores.

e- Sociabilidade: Serve tanto para ministros como para políticos, apresentadores, parlamentares, professores, comerciantes, sociólogos e inúmeras profissões.

f- Boa apresentação: A apresentação pessoal, a empatia, o aspecto físico impressionam muito: Por tais qualidades, o povo de Israel escolheu Saul; uma péssima escolha. Hoje, a “boa aparência conta muito em empregos como, por exemplo, “aero-moça” e tantos outros. O sorriso simpático e natural causa boa impressão. A empatia atrai e influencia. Semelhantes sinais não devem ser prioritários na detecção do chamado e na escolha ao ministério pastoral.

g- Relações familiares: Os irmãos de José não gostavam dele; os familiares de Jesus não se relacionavam bem com ele, mas ambos não foram responsáveis pelos conflitos. Há família complicada em que um “bom” no meio dela torna-se “diferente” e, por isso mesmo, rejeitado. Cautela é tudo que se exige do Conselho no caso de um aspirante ao ministério ser o único evangélico da família: isso traz problemas para ele e para os seus parentes.

Pelos sinais externos o gago Moisés jamais seria profeta, condutor de seu povo e o maior legislador da velha dispensação.

Os coríntios acusavam Paulo de forte na escrita e fraco na fala e de presença desprezível. Eis a reclamação do apóstolo: *As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível (II Co 10.10)*. Os coríntios, julgando Paulo pelas evidências externas, achavam-no incisiva e até contundente na linguagem epistolar, mas, como orador, fraco; e sua presença não inspirava admiração. Os conselhos devem ter muito cuidado e extrema prudência, ao escolherem

aspirantes ao ministério com base em manifestações, atitudes e respostas sábias de candidatos aos examinadores. Por não dispormos de outros meios, a cautela, a prudência e a oração ajudar-nos-ão. Com prudência e humildade diante de Deus, podemos valer-nos dos indícios exteriores de possível vocação, especialmente os mais evidentes, impressivos e expressivos como os psicológicos: Aparência, linguagem, afetividade, capacidade de relacionamento, inteligência, retórica, simpatia e comunicabilidade. Quando Deus escolheu Davi, Moisés e Paulo, faltavam-lhes muitos destes sinais externos. A misericórdia divina e a iluminação do Espírito Santo, certamente estarão com o Conselho, se este compuser-se de presbíteros chamados por Deus ao presbiterato. Deus escolhe homens de Deus por homens de Deus.

>Sinais místicos:

Os sinais místicos são mais seguros, mas não infalíveis. Em uma igreja ortodoxa em que o misticismo é moderado e as emoções equilibradas, entendemos ser mais fácil definir a vocação pastoral do aspirante pelos seus sinais místicos, especialmente a dedicação à Igreja, o apego às Escrituras, a prática da oração e o senso missionário. Em uma Igreja carismática, em que os externalismos são proeminentes, os sentimentos ficam “à flor da pele” nas reuniões litúrgicas, as emoções exacerbam-se; então, o conceito de “espiritualidade” torna-se superficializado, os “supostos sinais de vocação pastoral” são irreais, pois o “mais entusiasmado, o mais hilário, o mais místico, o que demonstrar mais aparência de “possessão do Espírito” nas reuniões espirituais festivas, esse, perante a comunidade e diante de seu Conselho, tem “sinais claros de vocação para o pastorado. A Escolha recai sobre ele, incidindo, geralmente, sobre a pessoa errada, sobre quem Deus não chamou. A vocação, não sendo de Deus, o escolhido da comunidade, suposto vocacionado, estará mais interessado em “prazer espiritual”, em “realização pessoal”, em “benefícios celestes” que em servir o Senhor Jesus Cristo como ‘doulos’ (escravo) de sua Igreja, renunciando, se necessário, sua própria vida. Em uma Igreja carismática, entre um candidato ao ministério que tem o dom da profecia, o do exorcismo e o dos milagres; e o outro, que nenhum deles possui, certamente o Conselho escolherá o primeiro. Mas é prudente ouvir a advertência do Senhor Jesus: *Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não profetizamos em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade* (Mt 7.22). Os sinais externos de piedade, em igreja doutrinariamente mal formada, não são parâmetros rigorosamente seguros para detectar o dom ministerial e, conseqüentemente, fazer-se uma boa escolha.

>Sinais cognitivos:

Os sinais cognitivos colocam as pessoas bem aquinhoadas deles em evidência em qualquer seguimento social. Os jovens inteligentes sobressaem nos vários graus de ensino; são aprovados nos vestibulares das melhores faculdades e nos melhores cursos superiores de graduação e pós-graduação. Os cantores e os instrumentistas ocupam posições de destaque no cristianismo contemporâneo no qual a música popular penetrou profunda e predominantemente. Quanto mais “melodias” bem ritmadas, mais o “vulgo carismatizado atribui santificação e espiritualidade ao culto. Um culto que produz alegria, não se realiza no Espírito, dizem. Dessa maneira, a inteligência musical e os dons de cantar e tocar são proeminentes em muitas de nossas igrejas. Algumas comunidades, ao traçarem o perfil e fixarem as qualidades do futuro e desejado pastor, destacam uma: “Saber tocar violão”. Teologia é posta em segunda plana.

Na Igreja, um moço inteligente é elogiado por muitos e invejado por outros. Quando demonstra fidelidade a Cristo e à Igreja, logo começa receber solicitação para ser pastor e, muitas vezes, aceita, quer por influência da comunidade, quer pela da família. Esse, pode ou não, ser vocacionado ao ministério pastoral, mas nem sempre o mais intelectualizado é chamado por Deus para o pastoreio da Igreja e, principalmente, para chamar os pecadores eleitos à redenção em Cristo Jesus. O risco de a Igreja intelectualizar-se, perdendo o contato com as massas populares, em virtude de seu “teologismo”, ininteligível ao *povo*, é muito grande. Além do mais, o intelectualismo conduz, quase sempre, ao elitismo. Precisamos de doutores para os seminários, mas que sejam, antes, pastores identificados com as ovelhas mais humildes de Jesus. Há um jargão dos exegetas de segunda linha que diz: “Não se levam as panelas para a mesa”. Creio que o referido jargão satisfaz o ministro liberal, que tem uma bíblia para a fé da Igreja e outra para a sua. Ele mantém as aparências para ir bem aos olhos da comunidade, prega o que os fiéis querem ouvir; sustentando-se, dessa maneira, no “seu emprego”, que lhe pode ser a única fonte de renda ou um bom complemento da receita familiar. Por outro lado, tal jargão, muitas vezes, nasce da exegese feita com base nas críticas textuais, documentais e históricas, nas quais o pregador descobre, com base em sua própria tradução condicionada pelos críticos, que o texto fala outra coisa, que não aquela que o passo bíblico sugere, segundo a versão adotada pela Igreja. A crítica bíblica é necessária e faz parte da cultura acadêmica dos seminários, mas deve ser usada à luz da ortodoxia e apresentada à comunidade, se for indispensável, com muita cautela. Cuidado para que, a “panela” que se deixa na “cozinha”, não manche suas mãos de carvão, mesmos que tais manchas sejam esmaecidas, mas os olhos argutos da Igreja as enxergam. Não há dúvida de que Deus usa a Igreja e seus oficiais para acolher os seus ministros, aqueles que Deus preordenou, elegeu e escolheu. Jerusalém, iluminada pelo Espírito Santo,

escolheu o décimo segundo apóstolo no lugar de Judas Iscariotes, Matias, um dos homens que acompanharam Jesus (At 1. 15-26), com destaque dos Vs. 21,22); e escolheu também diáconos, dentre eles o grande Estevão (At 6. 1- 6). Os apóstolos deixaram presbíteros (pastores) nas igrejas por eles organizadas (At 14.23). Paulo encarregou Tito de colocar presbíteros nas cidades cretenses, onde existiam núcleos de cristãos e onde igrejas se organizavam (Tt 1. 5). É um grande privilégio, mas é também uma magna responsabilidade. O Conselho, pois, ao examinar um aspirante ao ministério pastoral, deve fazê-lo com critério redobrado, com zelo à toda prova, com espírito de inteira submissão a Deus: *A ninguém imponhas precipitadamente as mãos. Não te tornes cúmplice dos pecados de outrem. Conserva-te a ti mesmo puro(I Tm 5.22).*

IX- MINISTÉRIO PASTORAL NA CONFISSÃO

A palavra mais autorizada sobre o ministério pastoral é, sem dúvida, a das confissões reformadas, todas firmadas nas Escrituras. A Segunda Confissão Helvética assim se pronuncia a respeito: ***Os ministros devem ser chamados e eleitos.*** *Ninguém deve usurpar a honra do ministro eclesiástico; isto é, apoderar-se dele por suborno ou quaisquer enganos, ou por sua própria escolha. Que os ministros da Igreja sejam chamados e eleitos por eleição legal e eclesiástica; isto é, que sejam eleitos escrupulosamente pela Igreja ou por aqueles que dele receberam delegação para tal fim, na devida ordem, sem qualquer tumulto, divisões ou rivalidade. Não se eleja qualquer um, mas homens idôneos, que se distingam por suficiente cultura sagrada, piedosa eloqüência, sabedoria simples, e por fim, pela moderação e reputação honrada, segundo a regra apostólica fixada pelo apóstolo em I Tm, cap. 3, e Tt, cap. 1*.*

* Segunda Confissão Helvética, 5.15: O Livro de Confissões, 1ª Edição, 1969, Missão Presbiteriana do Brasil Central, São Paulo, SP,

Características do Chamado, conforme a 2ª Confissão Helvética:

Idoneidade: Caráter, personalidade, maturidade, experiência religiosa, vida cristã e moralidade, tudo comprovadamente.

Cultura sagrada: Conhecimento e domínio das Escrituras, convicção doutrinária e habilitação adequada ao exercício ministerial.

Piedosa eloqüência: Capacidade de pregar com expressão piedosa, persuasão e espiritualidade. Um pregador frio, apático, que não demonstra convicção do que prega nem interação emotiva intensa na mensagem, pode apresentar uma erudita alocução, mas nunca uma pregação convincente, penetrante e edificante.

Sabedoria simples: Pregação é comunicação direta às consciências e aos corações, mais que às mentes e à racionalidade, atingindo eficazmente tanto o indoutos como os doutos.

Moderação: O pregador deve ser moderado em tudo: no falar, no agir, no gesticular, no comportar e no vestir.

O pastor é chamado por Deus e destacado de entre os demais irmãos pelas mãos da Igreja, se esta é verdadeiramente de Cristo e a ele se submete, para os seguintes ministérios:

>Pastorear o rebanho, isto é cuidar das ovelhas coletiva e individualmente. O rebanho pode ser contaminado por hábitos mundanos, éticas anticristãs, heresias, desvios litúrgicos e divisões. O ministro, como terapeuta espiritual, age com autoridade, competência e eficiência, mas sem se descuidar do espírito paternal, da serenidade, do equilíbrio, do bom senso, da indiscriminação, da sinceridade e da firmeza: virtudes que Deus concede aos seus ministros para o bom êxito no pastorado. Manter a Igreja sadia moral e espiritualmente é o desiderato maior do ministro de Jesus Cristo.

>Exercer o ministério da edificação: Alimentar o rebanho com o ensino das revelações vetero e neotestamentárias sem omissões, sem preferências pessoais, sem deturpações conscientes. Para isso, o ministro precisa conhecer profundamente a teologia reformada e aceitar as Escrituras como a infalível revelação de Deus aos homens. No ensino, deve inspirar a confiança e a credibilidade da Igreja.

>Confirmar e firmar os princípios fundamentais da Reforma: Salvação, somente em Cristo; justificação mediante a fé salvadora, um dom de Deus; união dos sacramentos –Batismo e Santa Ceia; eleição eterna e redenção dos eleitos; Escritura como única regra de fé e norma de conduta; soberania absoluta de Deus sobre a criação, a natureza e a humanidade; sacerdócio universal de todos os crentes, clérigos e leigos; Unidade universal da Igreja invisível de Cristo; ressurreição do corpo; vida eterna com o corpo ressurreto e incorruptível; consumação final.

>Exercer o poder das chaves para, com os presbíteros regentes, introduzir na Igreja os conversos e as crianças, filhas de crentes por batismo e profissão pública de fé e batismo; retirar da Igreja, pelo exercício da disciplina, os recalcitrantes no pecado, os desobedientes contumazes às autoridades e aos princípios de fé da Igreja; declarar fora da comunhão dos eleitos os que, errando, recusarem-se ouvir a Igreja e a ela se submeterem (cf Mt 18. 15-18).

>Consolar e reanimar os aflitos, os afetados por crises familiares como: doenças, mortes, hospitalizações, separações conjugais, desvios morais de filhos, depressões, estresses, angústias, tendências mórbidas, enfraquecimento da fé e outros males.

>Cuidar, principalmente, da adolescência e da juventude da Igreja, duas faixas etárias em formação e definição e, por isso mesmo, com problemas sérios de adaptação à Igreja, à família, à sociedade e à escola; acompanhar a educação moral e espiritual dos infantes.

>Evangelizar e impulsionar a Igreja para a missão evangelizadora tanto nos seus limites como em lugares distantes, onde Deus lhe oferecer oportunidade e condições para o evangelismo.

>Fazer a Igreja perceber que o pastor foi chamado, não para servir-se a si mesmo, mas servir a Cristo no seu reino e no mundo. O pastor é como o dínamo, que produz força, energia e iluminação, mas age oculto, sem visibilidade, sem ser notado, e até sem ser lembrado.

>O pastor é chamado para o sacrifício, para ser o pára-raios dos circuitos e choques da comunidade, sofrer restrições da sociedade por sua liderança contra a lassidão moral, a incredulidade e a apostasia reinantes, por sua obstinada luta contra o mal e o maligno. Os mais evidentes, vocacionados e chamados, do Velho e do Novo Testamentos, padeceram, não somente nas mãos dos adversários da fé, mas também dos próprios correligionários. Abraão, o pai da esperança de Israel, peregrinou em terra estranha; Moisés, sofreu oposição de seus irmãos de fé, e morreu sem ver a Terra da Promissão; Davi, depois de gastar sua juventude em guerras para consolidar a nação israelita e ser o principal rei de seu povo, terminou seus dias em uma família desviada e o reino dividido (cf Hb 11. 17ss). Os apóstolos, que cumpriram os deveres inerentes à vocação e ao chamado, pereceram como mártires, depois de muitas e inomináveis perseguições de judeus e romanos; os apóstolos de Cristo pereceram sob torturantes martírios. O ministro que encontra no ministério meios e até facilidades para o seu progresso econômico, para felicidades sociais dele e de sua família, para relações sem conflitos com o mundo, certamente não exerce um ministério para Cristo, mas para si mesmo. O sumo Pastor advertiu os seus pastores: *No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo (Jo 16. 33b). Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: Não é o servo maior do que o seu senhor: Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros (Jo 15. 20a).*

Vejam o que o autor da Carta aos Hebreus registra sobre os heróis da fé no velho concerto, o que fizeram e o que sofreram: *E que mais direi? Certamente me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas, os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força,*

fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros. Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus filhos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados, [homens dos quais o mundo não era digno], errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra (cf Hb 11.32-38). Os ministros verdadeiros são “amigos” e “servos” de Cristo e, por tais razões, “inimigos do mundo”; súditos obreiros, não de reinos terrestres, mas do Reino dos céus, e também militantes contra as hostes infernais que infelicitam, corrompem e danificam a ordem social e as pessoas naturais.

X- PEDRO E PAULO: PASTORES E PASTOREIO.

X.1- Pedro (I Pe 5. 1-4), que havia sido chamado por Jesus Cristo ao apostolado, acompanhara o Messias em seu ministério, recebera os ensinamentos do inigualável Mestre, prometera-lhe fidelidade incondicional; apesar de todo esse passado formador e edificante, caiu fragorosamente, negou triplamente o seu Senhor. Foi, porém, restaurado com três fortíssimos apelos pastorais do Mestre: “Apascenta os meus cordeiros”; “Pastoreia as minhas ovelhas”; “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21.15-17); isto depois de três declarações de amor ao Filho de Deus. Ele, que gostava de projeção do ego, agora, humilde pastor de ovelhas do Cordeiro, incluiu-se no corpo ministerial da Igreja, sem qualquer destaque: *Aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero com eles*” (I Pe 5.1-4). Esse grande servo de Deus, crescido espiritualmente, tem estatura espiritual e moral para recomendar aos pastores:

a- Pastoreiem o rebanho de Deus, não o que está distante, mas aquele do qual vocês fazem parte. Esse rebanho, notem bem, é de Deus tanto quanto vocês o são. Ao amá-lo e ao zelarem por ele, amam o Sumo Pastor e o glorificam.

b- Façam isso com alegria no coração, espontaneamente, não por obrigação ou por dever de ofício. Muitos pastores vão constrangidos para o campo pastoral designado. Conheci pastores padecentes de frustrações, estresses e depressões, pois os campos presbiteriais a eles destinados não eram os “preferidos”, “estavam fora de suas vocações”, sendo o pastorado, para eles, um peso. Deus, disse o apóstolo, quer que o pastor exerça o pastorado alegremente, sentindo-se realizado com o que faz, agradecendo a Deus o privilégio de servi-lo na condução de seu rebanho.

c- A sórdida ganância financeira não entra na mente e na alma do verdadeiro pastor das ovelhas de Cristo. Sua alma simples contenta-se com o pão de cada dia que o Pai celeste lhe dá, sendo sempre grato ao Pastor dos pastores por ser-lhe servo obediente, submisso, dedicado e fiel, entendendo que seu trabalho é uma bênção do céu tanto quando o sustento de sua família. A alegria do pastor está na preservação, na unidade, na santidade, no crescimento e na multiplicação do rebanho a ele entregue, não na soma de seus bens materiais.

d- A boa vontade do pastor é a força emuladora de seu ministério, a energia, até além de seus limites, no trabalho pastoral de pregação, ensino, aconselhamento, visitação e consolação.

X.2- Paulo (I Tm 3. 1-7):

a- **Aspirar o pastorado:** *Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja (v.1)* . O escolhido por Deus para o ministério pastoral, aspira-o naturalmente, pois faz parte de seu chamado interno do qual não tentará fugir. O próprio Espírito atua em sua mente, direcionando-a aos estudos teológicos. Aquele, porém, que “aspira o pastorado como uma profissão”, um meio de aculturação e de emprego, pode ter as mesmas externalidades do verdadeiro vocacionado, mas , não sendo chamado por Deus, não será bem sucedido no ministério. A “aspiração” falsa, portanto, quanto às manifestações externas, pouco ou nada se difere da “verdadeira”.

b- *É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível (v.2)*. O pastor não pode ter comportamento dúbio, coxeando entre o mundo e a Igreja; deve ser inatacável quanto à moral, à doutrina, às relações com as ovelhas, à sua vida social. Não há de descumprir seus deveres para com os concílios superiores e também demonstrará respeito às autoridades eclesiais. Sua ética cristã, portanto, deve ser irretocável, pois ele é modelo para as ovelhas de seu rebanho. É duro para a Igreja saber que seu pastor passou cheque sem fundo ou está com o nome sujo SPC por má administração de seus óbolos ou má gestão dos gastos familiares.

c- *Esposo de uma só mulher(v.2)*. Nos tempos de Paulo, o judeu de boas condições econômicas podia relacionar-se maritalmente com mais de uma mulher. Cristo restabeleceu a monogamia, restaurando a tipologia de “marido–esposa” com Cristo–Igreja”. Assim como Cristo tem somente uma Igreja, sua esposa; o marido deve ter somente uma mulher (Cf Ef 5.22-33). O pastor é modelo e exemplo das famílias da Igreja. Se ele divorcia-se pela causa justa do adultério (Mt 5.32), no meu entendimento, deve continuar na Igreja como membro, por ser a parte inocente, mas deixar o pastorado, pois sua família não é mais exemplo típico, nem modelo do casamento de Cristo com sua Igreja. Prostituir ou adulterar, nunca!

d- *Temperante e sóbrio* (v. 2). O pastor deve ser temperante e sóbrio na indumentária, na alimentação, nos divertimentos, no linguajar, nas brincadeiras e nas atitudes. Deve ser também um elemento de “tempero” nos debates exaltados dos concílios e nos conflitos familiares e grupais da Igreja. “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (Pv 15.1). O temperante é a água que apaga as labaredas das discussões, que queimam a razão. Apagar o fogo, mas deixar o calor que aquece as mentes e os corações. “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5. 9).

e- *Modesto*. O pastor deve ser comedido, simples, sem vaidade, sem orgulho. Em algumas igrejas, ele representa a intelectualidade, um grau considerável de superioridade intelectual. A tendência é envaidecer-se, “exibir cultura”, tentar sobrepujar os irmãos modestos de seu aprisco. Tal procedimento é indigno, nada próprio de um servo de Cristo.

f- *Hospitaleiro*. Hoje, nos grandes centros, a hospitalidade é difícil, por falta de espaço nos lares, e também perigosa por causa dos exploradores, que se apresentam com credenciais de evangélicos, mas não são. A marginalidade elimina a hospitalidade e coloca em risco o hospitaleiro.

g- *Apto para ensinar*. A educação teológica, principalmente nos nossos dias, é imprescindível, não somente por causa das polivalentes ideologias seculares, mas também, e principalmente, das várias heresias sectárias que nos circundam e invadem nossos rebanhos. O pastor tem de estar preparado para ensinar a sã doutrina e combater as múltiplas heresias circundantes.

h- *Não dado ao vinho* (*não dedicar-se ao vinho, não ficar do lado do vinho*). O vinho como alimentação ou como medicação é recomendável (I Tm 5.23), mas não como “bebida social” ou “ingestão viciante”. Bebidas alcoólicas devem ser excluídas definitivamente dos hábitos dos crentes por três motivos: Primeiro: Todos os vícios começam com pequenas experiências, com usos “inocentes”, toleráveis. Segundo: Tomar bebidas alcoólicas é mau exemplo para os domésticos, péssimo ensino aos filhos, e testemunho anticristão aos de fora, que olham para o crente como modelo de moralidade e sensatez. Terceiro: A bebida alcoólica é viciante e, conseqüentemente, prejudicial ao corpo e à família, além de ser um gasto com aquilo que, realmente, não é pão, exceto o vinho de boa qualidade e usado com moderação, parcimoniosamente, somente em casa e, mesmo assim, havendo filhos menores, deve ser evitado na presença deles.

i- *Não violento, mas cordato, inimigos de contendas*. O pastor não pode ser intempestivo, irascível, descontrolado, desafiador e suscitador de contendas. Gente assim não deve dirigir pessoas, assumir responsabilidade de liderança comunitária pois, se o fizer, trará problemas para si mesmo e para o grupo liderado. Autoridade não se exerce com violência, mas com persuasão e inspiração de confiança. Oposições o ministro encontrará, mas não há de revidar com agressividade ou vindita desleal de represália.

Lembre-se de que o amor pode fazer do inimigo de hoje o amigo de amanhã. A mansidão é uma das maiores qualidades do cristão: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5. 5).

j- *Não avarento.* Econômico, sim; esbanjador, gastador e avarento, não. Há pastores que não planejam os custos domésticos, não equilibram suas despesas com o que recebem. Então, contraem dívidas, comprometendo seu nome e o de sua Igreja. Cada um deve viver dentro dos limites de seus honorários. A avareza é pecado, mas o esbanjamento também o é. Guardem o ditado popular: “ Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém”.

k- *Não seja neófito.* O ministro de Deus não pode ser imaturo. A imaturidade pode levar o pastor a cometer erros evitáveis e a tomar medidas inadequadas no pastorado. O imaturo precisa passar por um processo de maturidade. O Aconselhável é que, sendo muito jovem e com poucos anos de vivência na Igreja, seja, por algum tempo, auxiliar de pastor experiente e bom administrador. Um pastor neófito, sendo colocado em uma Igreja grande, pode ensoberbecer-se, atribuindo a si mesmo uma grandeza que realmente não possui. Além do mais, a humildade é um dos melhores requisitos do pastor: “bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5.3).

XI- VOCACIONADOS NA IPB.

Jesus reconheceu que pode haver na sua Igreja pastores que a si mesmos se vocacionam. São aqueles que não entram pela porta; penetram o aprisco saltando o muro. Apropriam-se de ovelhas para benefício pessoal. Eis a declaração, a respeito, do Divino Pastor: *Em verdade, em verdade vos digo: O que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador. Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas (Jo 10. 1,2).* Quem foi chamado por Deus para o pastoreio do rebanho de seu Filho Jesus, a si mesmo não se ama, pois toda sua vida e seu amor estão centrados na pessoa de Cristo e, conseqüentemente, voltados para os seus conservos e dedicados à Igreja. O verdadeiro ministro não prioriza família, dinheiro, segurança financeira, estabilidade no emprego e posição social. Sua garantia é o Cordeiro, seu clã é a comunidade cristã, sua prioridade é servir incondicionalmente a Igreja. Suspeito que o piso salarial de cinco salários mínimos para os pastores presbiterianos, votado pelo Supremo Concílio em 1974, seja o “vocacionador” de muitos jovens. Nenhum profissional liberal forma-se com tão generosa e atraente oferta salarial. No meu tempo de pastorado, até 1974, não havia “garantias salariais” nem complementação filosófica, validação de diploma, INSS, plano de saúde, ajuda-transporte, segunda-feira pastoral e outras benesses. No meu tempo, o diploma de bacharel em teologia era reconhecido somente pela Igreja, porque para ela é que o pastor habilitava-se da melhor maneira possível, e ao seu serviço destinava-

se com prioridade absoluta. Não cursava teologia pensando em “validar diploma” pelo MEC. Formava-se para Cristo, em primeiro lugar; depois, para a sua Igreja. O pastor não punha o coração nos “rendimentos monetários” de seus óbolos, na aposentadoria, no futuro dos filhos, mas estritamente no Senhor Jesus e no seu corpo, a comunhão dos redimidos. O amor exclusivo a Cristo e aos irmãos dominava a mente e o coração do pastor; a paixão pelas almas redundava em extremado ardor missionário, tanto de ministros docentes como regentes. Resultado: A Igreja crescia. Ser pastor, hoje, na IPB, para alguns, é um bom emprego, uma rendosa “profissão”. Ou afastemos mamom do ministério, ou a IPB será a Igreja da inanição com pastores da “prosperidade”. Nem tudo está perdido; temos bons pastores, muitos deles com mestrado e doutorado, mas colocam suas habilitações a serviço de Cristo em sua Igreja.

Com desprendimento, renúncia, humildade e consagração, muitos pastores Deus chamou para liderarem o rebanho e pregarem o Evangelho na Igreja Presbiteriana do Brasil: Simonton, José Manoel da Conceição, Erasmo Braga, Álvaro Reis; Miguel Torres, Antônio Trajano e numerosas outras figuras históricas. A rainha das missionárias foi Carlota Kemper, mulher de altíssima inteligência, primorosa cultura e polivalentes dons: Teóloga, musicista, instrumentista, latinista, helenista, hebraísta, germanista, anglicanista, francês e matemática proeminente. As suas maiores e melhores qualidades, no entanto, foram: fidelidade a Cristo e às Escrituras, humildade, amor à Igreja e aos irmãos, dedicação sem reservas ao evangelismo, ao magistério, ao ministério da docência e da consolação. Tinha tudo para ser bem sucedida em seu país, os Estados Unidos, mas preferiu doar a sua vida à Igreja de Cristo no Brasil. Foi uma vocacionada auxiliadora ministerial, sem dúvida alguma. Leiam “Os Pioneiros” do Rev. Alderi Matos. Houve também incontáveis ministros anônimos, que promoveram o crescimento, a unidade e a santificação da Igreja, mas não foram, nem serão, reconhecidos. Um Exemplo: Um dos maiores e mais consagrados pastores de nossa Igreja, no sul do Estado do Rio, foi Antônio Rodrigues. Já idoso, com a esposa doente (problemas mentais), não deixava de cumprir o seu dever ministerial. Em uma de suas visitas às ovelhas da zona rural de Santa Maria de Campos, foi surpreendido por fortíssima tempestade de impetuosas rajadas e pesada chuva. O vento derrubou o seu cavalo (um pangaré), e ele, certamente desmaiado, foi levado pela enxurrada até um vale, onde foi encontrado morto por afogamento. Levado para Bom Jesus de Itabapoana, quase foi sepultado como indigente. Alguém o reconheceu e avisou a Igreja. Esta fez o seu sepultamento em cova rasa, com um caixão de pobre, mas decente. Isso, por volta de 1972. Creio que o local de sua sepultura não pode mais ser identificado. Rev. Rodrigues foi um dos milhares de eficientes e produtivos ministros de nossa Igreja completamente ignorados e,

consequentemente, esquecidos; mas Deus deles se lembrou, como o fez com o ladrão na cruz. Nossa Igreja tem uma história ministerial exemplar e inspiradora. No início de meu ministério, pastoreei cinco igrejas rurais no sul do Espírito Santo. Visitava-as de mês em mês. Em cada uma ministrava a Ceia do Senhor, batizados de adultos e crianças, realizava casamentos, visitava os doentes e os que estavam sendo discipulados. A evangelização regional, os discipulados, os aconselhamentos e a doutrinação sistemáticas e contínuas eram feitos pelos presbíteros, mestres leigos pelo testemunho e pela palavra. Ao pastor competia, apenas, fazer atos pastorais. Os presbíteros anônimos do interlande de nosso país foram autênticos heróis, mas sem visibilidade histórica e aplausos oficiais da Igreja. Foram, muitos ainda são, verdadeiros vocacionados e chamados por Deus. Nenhum interesse pessoal movia-os; nenhuma recompensa financeira almejavam ou recebiam. Hoje, para grande parte dos pastores regentes, o ministério presbiteral resume-se às reuniões do Conselho; o evangelismo e a docência tornaram-se atribuições exclusivas do pastor. A Igreja torna-se uma comunidade de veneradores e suplicantes com pouquíssima atuação missionária no mundo. Em um rebanho, onde os presbíteros não são agentes missionários e os membros pouco ou nada atuam evangelisticamente na sociedade, o crescimento fica seriamente comprometido.

XII- CONCLUSÃO:

>**Deus concede dons.** Deus criou o universo; nele particularizou a terra, dotou-a de natureza e de todos os seres naturais; criou o homem e o colocou como seu mordomo no jardim terráqueo. Cada ser humano originário de Adão e Eva é uma nova criação de Deus, específico e único, dotado pela divindade de, pelo menos, um dom que, devidamente desenvolvido, contribui para algum tipo de bem cultural, artístico ou social. Assim, pelas suas criaturas, Deus administra o mundo, fá-lo progredir em todas as áreas da ciência humana. Podemos, pois, classificar os dons da seguinte maneira: a- Dons naturais, recebidos de Deus pela graça comum, dados indiscriminadamente a eleitos e não eleitos. b- Dons ministeriais de liderança pastoral: Pastores, presbíteros e diáconos¹. c- Dons carismáticos, aqueles que, em conjunto e integradamente, edificam a Igreja. Deus agracia cada membro da comunidade com um carisma, proeminente ou não (cf I Co 12). Não há um ser humano que não seja criado com uma destinação especial, um ofício, uma função, uma arte ou um ministério. Deus, primeiro, concede dons para depois vocacionar e chamar. Quem a si mesmo se vocaciona e ingressa no pastorado sem o dom divino do pastoreio, pode até, por habilitação técnica, ser um bom profissional do ministério, mas nunca um verdadeiro pastor.

>**Sobre o Pastor.** O pastor é aquele de quem Deus cuida por meio de sua Igreja, dando-lhe o necessário à manutenção: Casa, saúde, educação dos filhos, alimentação, locomoção. Ele deve, portanto, esperar de Deus o “suficiente”, jamais o excedente para acúmulo de bens.

>O pastor tem de ser: Bom esposo, bom pai de família, bom servo de Cristo, equilibrado, cordato, sensato, prudente, comedido, justo, instruído nas Escrituras, mas humilde, amigo de todos, perdoador, pacificador, zeloso com as causas da Igreja, visitador, conselheiro, guia dos neófitos, amparo dos debilitados espiritualmente, prudente no falar, presto em ouvir (principalmente as pessoas simples do aprisco), acolhedor de todos, sem espírito faccioso, sem ostensão. Que a Igreja veja nele um pai espiritual, um irmão mais velho ou mais experiente, um amigo de todas as horas, um conselheiro capaz.

>O pastor precisa, para realizar um pastorado autêntico, colocar Cristo acima de tudo e de todos: Bens materiais, mulher, filhos, conforto, prazer sensorial e o próprio ego; ser capaz de negar-se a si mesmo, tomar cada dia a sua cruz e, com ela, seguir o seu Senhor (cf Mt 16.24,15). Enquanto o leigo trabalha para si mesmo, embora exerça função secular por ordenação divina, o pastor é um “homem de Deus”, um “doulos” de dedicação exclusiva”, uma “propriedade do supremo Pastor”. Ele não é dono de si mesmo: de sua pessoa, de sua família, de seus saberes, de sua inteligência e de sua capacidade de trabalho e gerenciamento. Tudo pertence àquele que o recrutou de entre os demais servos.

>O pastor não pode recusar campo de trabalho, pois entendemos que é o próprio Deus que o manda, pela voz de sua Igreja, e a ordenação divina é irrecusável. Deus não aceitou as desculpas de Jeremias; as de Moisés: todas, aos olhos humanos, justas; e também não aceitará as suas, se, porventura, forem formuladas. O Senhor manda, e ninguém poderá impedir. Nunca diga a Deus: Não sei; não posso; não quero. Se o fizer, os ônus da rejeição e o da desobediência serão pesadíssimos.

>Deus predestinou-o para salvação; preordenou-o ao ministério pastoral; chamou-o para pastorear um aprisco de suas ovelhas; enviou-o a um campo ministerial; protege-o nas lides pastorais; cobra-lhe honesto e consagrado desempenho.

Segunda Parte: MINISTÉRIO FEMININO

I- INTRODUÇÃO

O ministério eclesiástico feminino tem sido adotado em muitas denominações com “sucesso.” A influência do pragmatismo mercantilista norte-americano, viabilizado pelo arminianismo, penetrou o território eclesiástico, gerando o cristianismo de resultados imediatos e quantitativos sob os princípios: “*comunicação-audiência*” e “*custo-*

benefício". O ministério feminino demonstrou-se prático e produtivo; portanto, viável e aplicável. Nos arraiais presbiterianos há os que o defendem ardorosamente, firmados nos argumentos: O sacerdócio universal de todos os crentes; o igualitarismo social; os direitos universais; a democracia representativa; o testemunho histórico; o diaconato de Febe; o apostolado de Júnias; a graça niveladora de Gl 3.28; o machismo dos tempos bíblicos. Geralmente a questão é posta e exposta em termos antitéticos: *Masculinismo verso feminismo*. Estudemos a matéria, confrontando-a com a revelação bíblica.

II- ARGUMENTO DO SACERDÓCIO UNIVERSAL

A doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes, proclamada pela Reforma, não visava a ordenação da mulher, mas eliminar o clericalismo da igreja dominante em que homens interpunham-se como mediadores da graça redentora entre Deus e os fiéis. Os reformadores sustentavam que a encarnação permitiu o acesso da divindade a todos os homens. Cada pessoa, independente de sexo, está direta e pessoalmente confrontada com Deus em Jesus Cristo, seu Filho, nosso único Mediador. Ministério é serviço eclesiástico liderante, não múnus intercessor ou mediador. Todos os redimidos, homens e mulheres, são iguais diante do Redentor e perante a redenção, mas com ministérios diferenciados: clérigos e leigos. A mesma Reforma que defendeu a doutrina bíblica do "sacerdócio universal de todos os regenerados", não instituiu o ministério feminino pastoral ou presbiteral. A Igreja, corporativamente, é um sacerdócio universal (I Pe 2. 9), mas os seus ministros não são sacerdotes, muito menos os seus membros. A aplicação dos meios de graça, Ceia e Batismo, não discrimina entre masculino e o feminino, pois não existe privilégio no corpo sacerdotal de Cristo, a Igreja. O único sacerdote é Jesus Cristo, que está no *Santo dos Santos* celeste como nosso intercessor e mediador. Para os ministérios docentes, sacramentais e governamentais, o Sumo Pastor dotou o seu aprisco de apóstolos, presbíteros e diáconos.

Sobre a doutrina do "sacerdócio universal de todos os crentes" ouçamos a quase olvidada voz do autorizado e zeloso servo de Deus, Eduardo Carlos Pereira: *"Ao sacerdócio universal do povo de Deus, de que nos fala S. Pedro, substitui Roma o sacerdócio particular de uma classe sagrada, que exclui os leigos de qualquer participação na autoridade docente e regente da Igreja, reservando-lhes apenas a obediência passiva, a fé implícita"*. *"Ao brado enérgico dos reformadores, caíram cadeias seculares; em vez de um povo passivo, sem acessos diretos a seu Deus e Salvador, criado para um ministério ritualista, criou-se um ministério ativo para um povo inteligente, no pleno gozo de franca entrada ao trono da graça. Volveu-se à primitiva concepção evangélica dos ministros do Senhor: deixaram eles de ser os*

senhores da Igreja, para serem servos, “despenseiros das várias graças de Deus; deixaram de ser os sacrificadores da corrente judeu-cristã, para se tornarem os guias eleitos do povo na regência e docência da Igreja” (*Problema Religioso da América Latina, Imprensa Metodista, SP, 2ª Ed, 1949, pág. 41/42*). O nosso velho e combativo Carlos Pereira deixa claro que o primado do povo sobre o clero nada mais é que o acesso direto da Igreja total, sem os obstáculos sacerdotais mediatários, ao seu Senhor e Cabeça, Jesus Cristo, sendo os pastores simples apascentadores das ovelhas: “*A hierocracia, que fechava a Bíblia e encobria a graça cedeu o lugar a pastores que conduziam o rebanho do Senhor às fontes das águas da vida*” (*idem, pág. 42*).

III- ARGUMENTO SOCIOLÓGICO

A clericalização feminina sustenta-se, fundamentalmente, na tese da *absoluta igualdade* dos sexos. Isto, porém, do ponto de vista psicofisiológico é insustentável por não corresponder à realidade factual facilmente constatável. O sexo, por si mesmo, define o tipo biofísico, potencializa e qualifica o indivíduo para exercer papéis específicos intransferíveis na família e na sociedade: *pai e paternidade, mãe e maternidade*. Há pais não paternais e mães não maternais; são, porém, desvios da normalidade. Por outro lado, existem pais que exercem maternidade e mães que assumem a paternidade; também são exceções paliativas, necessários preenchimentos de vazios na vida dos filhos e incompletas satisfações de suas carências afetivas, psicológicas e culturais. Na ordem natural, e em situações normais, o pai não pode ser mãe; a mãe não pode ser pai. Portanto, os sexos não são *iguais* em desideratos e funções, mas biológica, psicológica, sociológica e emocionalmente complementares. Não se pode confundir, como freqüentemente se faz, *igualdade essencial e niveladora*, que não existe, com *igualdade de direitos sociais e profissionais*, que deve existir. A mulher, como o homem, é ser humano inteligente e racional e, portanto, com os mesmos direitos à educação, à liberdade, à competição profissional, à liderança empresarial e política. No exercício de *direitos iguais* as diferenças permanecem e devem ser conservadas e exaltadas: o pai não deixa de ser pai; a mãe não deixa de ser mãe. A sociedade democrática, onde todos são iguais perante a lei, constitui-se de patrões e empregados, de comandantes e comandados, de doutores e leigos, de mestres e alunos, de executivos e trabalhadores braçais, de homens e mulheres.

O que mais desestrutura a família e, conseqüentemente, a sociedade, não é o fato de pai e mãe trabalharem em funções, horários e locais diferentes, mas a felicidade com que se troca de cônjuge, introduzindo no corpo familiar as figuras competitivas dos amantes.

Padrastos e madrastas, quando substituem pais falecidos são toleráveis, mas como competidores de pais separados é, em geral, calamitoso e desastroso para os filhos, que, via de regra, tornam-se revoltados, traumatizados e desajustados. Em lares assim, a autoridade paterna inexistente e a materna se reduz, quase sempre, à reprodução. A mulher não é, nem pode ser, igual ao homem, mas deve ter os mesmos direitos sem quebra da desigualdade. O casamento jamais é a união de iguais em essência e natureza, mas unidade de desiguais na unificação de diferentes, que se complementam, completam-se, tornam-se, na linguagem bíblica, *uma só carne*. Entendemos que paternidade e maternidade vão muito além de geração e criação de filhos: pai e mãe são tipos, modelos e símbolos necessários e insubstituíveis de filhos e filhas. Os pés dos descendentes conservam vivas as pegadas dos ancestrais, quando estes lhes foram exemplos de vida. Os papéis paternal e maternal, especialmente nas sociedades primitivas, quando as famílias não possuíam bens patrimoniais, viviam da natureza, flora e fauna, eram fundamentalmente essenciais, representavam, insubstituívelmente, os centros aglutinadores do clã como padrões de moralidade, de estruturação da sexualidade e da conservação da tradição familiar, da crença e da história tribal. Os pais representavam o elo entre os filhos e seus antepassados. Cada indivíduo é a síntese de seus antecedentes tanto do ponto de vista genético como do histórico e do sociológico. Homem e mulher, em termos paternos e maternos, e na união monogâmica, igualam-se. O descendente precisa de ambos para a segura formação e estabilização de sua psique, personalidade e caráter. Os ministérios domésticos do pai e da mãe são imprescindíveis à vida social, moral e religiosa dos filhos, especialmente o casal unido e mantido nos moldes bíblicos: marido líder; mulher submissa.

No casamento, a mulher não se iguala ao marido: forma com ele, sexo oposto, portanto, desigual, uma unidade a que a Bíblia chama de *uma só carne*.

IV- ARGUMENTO DA REPRESENTATIVIDADE

A sociedade dita as normas. Nestes tempos da ditadura das massas recrutadas, manipuladas e organizadas, a chamada “democracia das classes”, entende-se que a verdade nada mais é que a “opção da maioria”, que o direito é uma conquista dos “lobbies” mais fortes, mais poderosos, com mais apoio da mídia. Jamais o provérbio popular, “*A voz do povo é a voz de Deus*”, representou tanto a realidade como em nossos dias, inclusive na Igreja, onde um só deveria ser nosso Mestre, Senhor e Guia, e nós todos, irmãos uns dos outros sem qualquer discriminação nos campos social e moral. A “sociologia classista” tem feito a cabeça de muitos membros da Igreja, que confundem *ministérios* com *representações*, a

ponto de sustentarem a tese de que o Conselho é um “corpo representativo da Igreja”, devendo ter um “representante” de cada segmento social, *especialmente das mulheres*, geralmente maioria, mas “sem voz nos concílios”. Para os teólogos, cultural e socialmente condicionados, o Conselho não é uma assembléia de ministros do rebanho, pastores do povo de Deus, mas “representantes políticos” de classes, faixas etárias e sexos. E a Igreja assim dirigida transforma-se em ajuntamento religioso de grupos heterogêneos, perdendo de vista a unidade do corpo de Cristo, força integradora, no mesmo conjunto, dos desiguais e dos diferentes. Os “políticos eclesiásticos” não vêem, portanto, o Conselho como “colegiado ministerial” composto de vocacionados por Deus e por ele chamados; sendo a assembleia que os elegeu constituída de servos de Cristo, instrumentos na efetivação dos soberanos atos vocacionais do Redentor. Enxergam-no como “parlamento de representantes” que deve refletir os “grupos sociais” da comunidade: homem, mulher, jovens, pobres, ricos, pretos, brancos, trabalhadores liberais, operários. Entendem, erradamente, que no primeiro e básico concílio, o Conselho, cada presbítero representa e defende os “interesses da classe representada”. Temos aí o absurdo eclesiológico: a Igreja, Corpo de Cristo, dividida em classes sociais, cada uma com suas reivindicações próprias e específicas. Este “socialismo representativo” é uma das causas do empenho de muitos para que a mulher tenha representação na Igreja como ministra; não pode continuar, alegam, discriminada e silenciada em sua comuna religiosa.

Com base na filosofia, consciente ou não, de que “*a voz do povo é a voz de Deus*”, menospreza-se a revelação bíblica, onde ela não se afina com a ideologia das classes reivindicantes, introduzindo na Igreja tudo que a sociedade produz, aceita, legitima e sanciona. O ministério feminino, sem apoio explícito das Escrituras, entra na Igreja pelo braço claro ou oculto do direito consuetudinário estabelecido pela igualdade dos sexos nos campos sociais, culturais e profissionais. Tais direitos, socialmente legítimos, justos e necessários, pois, em se tratando de méritos, qualidades, habilidades e funções resultantes de conquistas humanas, nenhuma diferença há entre homem e mulher. Os ministérios eclesiásticos, porém, são, a nosso ver, da inteira responsabilidade de Deus. A eles não se chega por decisão humana, por independente capacitação profissional, por concurso de provas e títulos num universo sexualmente igualitário, mas por eleição divina e vocação ministerial, segundo os procedimentos do Senhor da Igreja explicitamente revelados nos escritos sagrados vetos e neotestamentários: Deus não ungiu sacerdotisas na velha dispensação e não escolheu nem comissionou apóstolas na nova. Jesus Cristo, pedra fundamental da Igreja, estabeleceu-a sobre doze fundamentos apostólicos(Ap 21. 14 cf Ef 2. 20); nenhuma mulher se conta entre eles(1); nem a Virgem Maria, bendita entre elas(Lc 1. 42), fez

parte do colégio apostólico. A sua inestimável contribuição, por ordenação divina, deu-se por meio do ministério maternal: sacratíssima, específica e exclusiva função feminina, instrumento da encarnação do Verbo. Da maternidade dependem o surgimento e a estruturação social, psicológica e moral de todos os seres humanos. Sem maternidade cristã, consciente, honrada e santa, não se terá uma igreja fraternal e pura. Ao dignificar a maternidade, a mulher preserva-se como serve de Deus e preserva, conseqüentemente, a sua família, educando-a, pelo exemplo e pelo ensino, na Palavra de Deus e na vida eclesial. Paulo enxergou e ressaltou tal ministério ao dizer: *“Todavia, será preservada através de sua função de mãe”* (I Tm 2. 15). *Maternidade*, eis o santo ministério da mulher, seu papel sagrado na economia da criação e da redenção, segundo os propósitos divinos. A ela Deus não outorgou ministérios de apóstolas, de bispas, pastoras e presbíteras.

V- ARGUMENTO HISTÓRICO

Autoridade da tradição histórica. Procuram-se na história os exemplos das posições modernas para o ministério feminino ordenado e, portanto, clericalizado. Os registros eclesiásticos da vida histórica da Igreja evidenciam, de fato, a presença da mulher no ministério eclesiástico, mais por herança monárquica e hierárquica do que pelo fato de ser feminina. Tertuliano(Quintus Septimus Florens Tertuliano, pai latino da Igreja, 155- 220), registra a existência de três ministérios femininos, pretensamente fundamentados na bíblica: Diaconisas, virgens, viúvas e anciãs(presbíteras). Algumas dessas ministras ocuparam cargos autoritativos entre seus pares masculinos(conforme “Testamento do Senhor”, 1.23). Plínio refere-se a duas “ministrae” ou diaconisas, líderes de certa comunidade cristã (Epístolas, 10.96.8). A Didascália Siríaca (14 e 15) afirma que todas as viúvas acima de cinqüenta anos ingressavam-se no corpo de servidoras(diaconisas) da comunidade, destinada à orientação e auxílio das viúvas pobres(5). Argumentam que nas catacumbas antigas encontram-se gravuras e pinturas antigas de mulheres em pose de impetração de bênçãos a crentes de ambos os sexos. Dois afrescos parecem indicar mulheres ministrando a Santa Ceia. Dizem que as proibições impostas ao ministério feminino pelos concílios de Laodicéia, Primeiro de Orange, de Nimes, e pelo Quarto Sínodo de Cartago deixam evidente a então e anterior existência do ministério feminino ordenado na Igreja. Aludem também à primeira mulher ordenada nos meios protestantes (mas arminianos), dona Antoinette Brown, em 1853, discípula do nestoriano Charles Finney(5). No arminianismo dois soberanos competem no campo da redenção: Deus e o homem: um com a oferta da graça e outro (o ser humano) com o livre arbítrio da aceitação ou da rejeição.

O apelo à Igreja “atualizada” e “contextualizada”, e à história, para urdidura e implantação de dogmas eclesiásticos não passam de grosseiros paralelos do “múnus sacerdotal” e da “autoridade da tradição”, fontes dos dogmas romanos. Para nós, autênticos reformados calvinistas, a revelação, plenamente contida nas Escrituras, tem a palavra final e decisiva em matéria de fé, de culto e de moral. O modernismo ético, social e teológico está levando o protestantismo a retroceder, voltando ao velho postulado dicotômico: *Palavra de Deus pelas Escrituras e Palavra de Deus pela Igreja*, produzindo duas ordenações sagradas igualmente autoritativas: Os *mandamentos de Deus* e os *mandamentos da Igreja*; os segundos, mais enfáticos e mais exigidos que os primeiros. A autoridade máxima, para nós, em matéria de fé, de moral e de liturgia, é a Bíblia.

VI- SOLA SCRIPTURA

Contra o poder e autoridade da Igreja Romana para criar e impor dogmas, fundamentando-se mais na humana infalibilidade papal, no múnus eclesiástico e na tradição que na Palavra de Deus, a Reforma estabeleceu o primado das Escrituras: “*Única regra de fé e norma de conduta*”. Qualquer doutrina não fundamentada solidamente nas Escrituras, não comprovada por textos devidamente contextualizados, merece crédito e, portanto, não deve ser tida, crida e aceita como doutrina cristã. Por meio de inferências e exegeses circunstanciais e convenientes das Escrituras com o propósito de fazê-las apoiarem o que previamente, à margem dela e até contra ela, a sociedade eclesial gerava, apoiada na tradição, foi que o romanismo concebeu, estruturou e fixou dogmaticamente: a idolatria, a confissão auricular, a transubstanciação, a infalibilidade papal, a mariolatria, o purgatório e outros “princípios de fé”.

A tese da clericalização feminina procede do *igualitarismo* social, que exegetas, muitos deles sérios, esforçam-se para introduzi-la nos escritos sagrados, fazendo dela “uma revelação divina”. Isto é pior do que faz o romanismo, de onde nos afastamos. Este, pelos menos, busca nos meandros da Igreja, leiga e clerical, e de sua história, os fundamentos, algumas vezes supostos, de seus dogmas. Os eclesiólogos feministas, por outro lado, haurem a tese da *ordenação de mulheres* nas vulneráveis e circunstanciais fontes das prerrogativas igualitárias da cultura moderna e secular, tentando comprová-la por meio de frágeis e nebulosas citações bíblicas. Não há textos bíblicos claros, explícitos e indiscutíveis sobre o ministério feminino. E com exegeses forçadas não se cria e não se fundamenta doutrina. A Bíblia está deixando de ser, para tristeza de alguns, a nossa “*única regra de fé e norma de conduta*”. A sociedade humana sem Deus está passando a ditar as normas comportamentais e doutrinárias para o povo de Deus, não mais as Escrituras, antes suficientes e eficientes em matéria de fé e de moral. O que aconteceu ao

romanismo pode acontecer ao protestantismo: dogmatismos sem Bíblia; sociedade eclesiástica centralizada no clero e com autoridade divina; palavra do magistério ministerial com a mesma autoridade da Palavra de Deus e até superior a ela.

Ao inquirirmos o Novo Testamento sobre ordenação de mulheres para ministérios específicos, permanentes e oficiais, a resposta é um enfático: *não* (2).

VII- OS PACTOS: DEUS E HOMEM

A teologia reformada firma-se, basilarmente, nos pactos vetotestamentários e na aliança da graça neotestamentária; todos firmados por Deus com seu povo representado pelo sexo masculino: Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi, Jesus Cristo. Também os animais ofertados em sacrifício, conforme determinação divina, eram machos, e prefiguravam o **Filho do Homem**, nosso Senhor Jesus Cristo. Maria, instrumento de Deus para a concretização do pacto da graça, concebeu o Sumo Sacerdote de nossas almas, mas não foi sacerdotisa; nem sequer convidada foi, pelo divino Filho, a assentar-se à mesa da primeira Ceia, celebrada com os doze apóstolos. Para se negar isto ou restringir a eleição de homens como agentes factuais representativos às circunstancialidades históricas e sociais, nega-se, como se faz freqüentemente:

a- *A soberania de Deus* com seus atributos: imutabilidade, onisciência, onipotência e onipresença bem como sua ação pessoal e volitiva em todos os eventos, feitos e fatos da história, da criação e do governo universal.

b- *Os planos eternos do Criador*. Atribuem, alguns inconscientemente, ao eterno e imutável Senhor, Governador e Salvador, a temporalidade, a transitoriedade e a imprevisibilidade. Deus, segundo os teólogos extrabíblicos, sem soberania, excluiu a mulher dos pactos porque suas ações condicionavam-se a um contexto de dominância masculina. Ele, conforme pensam, não previa as futuras “conquistas” femininas. Um Deus que não prevê o porvir por desconhecimento dos fatos sociais e históricos a serem desencadeados, por não dominar a história e não governar o tempo, não pode ser o divino Criador, Governador e Mantenedor de todas as coisas. A criatura não entende o Criador e, por não entendê-lo, questiona suas ações e decisões: “*Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra(Rm 9. 20, 21)?*”

c- *A suficiência das Escrituras*. Os teólogos liberais do igualitarismo transferem os fatos sociais da sociedade secular para o reino de Cristo, que em nada se assemelha ao mundo, pois é constituído de um povo dele retirado, peregrino e forasteiro na terra. E, assimilados pela Igreja

mediante constante e sistemática repetição ideológica, costumes seculares, alguns até eventuais, convertem-se em normas de conduta e em regras doutrinárias. O bibliocentrismo, para os atualizantes, é grande empecilho. A Bíblia representa, para eles, apenas um produto religioso de determinada época, tempo em que a mulher não passava de escrava ou de “mercadoria” masculina. O mundo moderno, argumentam, não pode retroceder a tais períodos bíblicos de dominação machista. Para os que pensam assim, a Palavra de Deus circunscreve-se a um estágio tribal do desenvolvimento humano, não servindo mais para o homem moderno; apenas algumas máximas permanecem e podem ser “aproveitadas”. Para a teologia das eventualidades circunstanciais a Escritura não é “a vontade de Deus revelada ao homem”, mas o produto da religiosidade humana numa determinada época. Neste caso, e para os “profetas contemporâneos”, a Igreja de hoje também “produz e escreve” sua “escritura” para os seus dias e para a posteridade. Assim também pensa o romanismo, gerador de seus próprios dogmas.

Preferimos ficar com Paulo: *“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”* (II Tm 3. 16, 17). Continuamos crendo que a Bíblia é a Palavra de Deus, a revelação da vontade do Salvador a todos os seus eleitos de todos os tempos, raças e culturas. Se há circunstancialidades na revelação, estas são contingenciais e periféricas, verdadeiros invólucros de conteúdos reais; estes, sim, essenciais e permanentes. O dia em que a Bíblia deixar de ser *“nossa única regra de fé e norma de conduta”*, decretadas ficam a inoportunidade e a inutilidade da revelação e, como consequência, falência definitiva da fé reformada. O que Deus realizou no século XVI foi um terrível *engano*, para não dizer: *engodo*. O descrédito da Palavra de Deus implica, certamente, na destruição do cristianismo calvinista. Estamos perdendo a razão de ser e de existir. Muitos de nossos teólogos já dizem que pregar a um católico romano é injustificável proselitismo entre irmãos, é sectarismo denominacional. Os cultos são cada vez mais hiláricos e mais festivos, mas enquanto progredem no “gozo espiritual” das “bênçãos temporais” e na satisfação edônica dos ritmos dançantes na “Casa do Senhor”, retrocedem, e rapidamente, em biblicidade e reverência.

VIII- ARGUMENTOS BÍBLICOS: Ministério Feminino

a- DIACONATO

Rm 16. 1, 2: *“Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que está servindo(diaconon) à Igreja de Cencreia, para que a recebais no Senhor*

como convém aos santos, e a ajudeis em tudo que de vós vier a precisar; porque tem sido protetora(prostátis) de muitos, e de mim inclusive”.

Não há dúvida de que Febe foi “diaconisa”, como tantas outras mulheres, mas que tenha exercido ministério diaconal eclesiástico oficial e ordenado o texto e o contexto neotestamentários não comprovam. Entendemos ser correta, por estar bem contextualizada, a tradução de Almeida, Revista e Atualizada, impressão de 1988, citada acima: “*Servindo à Igreja de Cencreia*”; o que podia fazer como todos os demais irmãos, embora com muita ou maior dedicação pessoal, especialmente na proteção do apóstolo, possivelmente como sua hospedeira. A serviçalidade da mulher cristã comprova-se; o que não se comprova é a sua ordenação oficial para exercer, em nome do Cabeça da Igreja, Cristo, e em nome de sua própria cabeça, o marido, qualquer ministério eclesiástico. Deus não lhe concedeu tais funções, não por qualquer discriminação, mas por sua eterna vontade. Ele cria homens e mulheres, estabelece funções distintas para cada sexo e, dentro de seu soberano beneplácito, colocou na sua Igreja cabeças masculinas, não femininas, mas faz procederem todos os seus filhos da mulher, a quem concede a bênção de concebê-los, dar-lhes à luz, educá-los nas ciências da vida, na moralidade cristã e na fé evangélica. Nenhum privilégio é maior que este, nenhuma oportunidade de servir a Deus e ao próximo é mais extensa e mais profunda. Mas as mulheres modernas, à semelhança de Eva, querem mais: mais *status*, mais privilégios, mais “reconhecimento”. Eva não desejou somente ser sacerdotisa, almejou igualar-se a Deus, chegando-se a tal propósito, não por ouvir a Palavra de seu Criador, mas as alegações tentadoras de libertação, valorização e promoção do ego feminino colocadas pelo maligno, que se irritava com a santa unidade do primeiro casal: marido-cabeça; mulher submissa e fiel. Direitos e deveres civis iguais ao do homem é reivindicação absolutamente justa e desejável; igualdade espiritual na redenção, também; mas o assentar-se no altar, onde Deus colocou o homem, é almejar apropriar-se do que Deus não lhe concedeu.

Mulheres, mirem-se em Sara, Rebeca e Maria; lutem para serem iguais a elas, mas não almejem os postos de Moisés, de Aarão, de Pedro, de Paulo, de Jesus Cristo!

O termo *diáconos*, singular, e *diáconoi*, plural (*diácono- diáconos*) é empregado para designar o *servo* de maneira geral e informal, podendo referir-se também a qualquer servo de Deus ou de Cristo, seja do sexo masculino ou feminino. Eis alguns exemplos:

01- “*Então ela falou aos serventes(diacónois): fazei tudo o que ele vos disser*”(Jo 2. 5). Não se há de deduzir que tais “*diacónois*”(serventes) eram oficiais ordenados (diaconia oficial não existia, pois inexistia a

Igreja cristã), mas servos que serviam às mesas da festa nupcial sem qualquer conotação religiosa.

02- “Então ordenou o rei aos serventes(diacónois): Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes”(Mt 22. 13). “Diáconois” aqui são servos do rei, não um ofício sagrado.

03- “Marta agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços (diaconían). Então se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importas de que minha irmã tivesse deixado que eu fique a servir (diaconein) sozinha”(Lc 10. 40)? Marta era uma “diaconisa” no sentido amplo do termo, uma serva incansável em sua casa.

04- “Diácono(diáconos) no Novo Testamento significa: Servo(Mt 20. 26; 22. 13; Mc 9. 35); garçom(Jo 2. 5, 9); agente(Rm 13. 4; Gl 2. 17); servo de Deus e do irmão(II Co 6. 4; 11. 23; Ef 6. 21; Cl 1. 23, 25; I Tm 4. 6); servo(diáconos) em caráter oficial(Fp 1. 1; I Tm 3. 8, 12)(3).

b- Instituição do Diaconato sem Mulher.

Se os apóstolos tivessem de criar o ministério diaconal feminino na Igreja primitiva, certamente o teriam feito no ato de instituição deste ofício em Jerusalém, por ocasião da eleição de diáconos. O maior e mais justo motivo social seria o fato de a *diaconia* destinar-se ao socorro das viúvas gregas: mulher servindo mulheres. No entanto, o texto é claríssimo: “Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete **homens** (negrito nosso) de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço”(At 6. 3). E havia muitas, consagradas e santas mulheres na Igreja. O que os apóstolos não fizeram, os “teólogos” modernos fazem, baseados, por exegeses convenientes, em textos inconclusivos e em inferências inconsistentes.

I Tm 3. 11: “Da mesma sorte, quanto a mulheres, é necessário que sejam elas respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo”.

Tais mulheres só podem ser diaconisas por inferência textual descontextualizada. A evidência mais lógica é que o texto se refira às esposas de presbíteros e diáconos (3.2 e 3.12), pois estas, se não forem “respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis”, certamente dificultarão o exercício ministerial de seus maridos, que não conseguirão governar bem suas famílias. Uma texto que prima pela definição e pela clareza, definindo os cargos e ofícios de “bispo” ou presbítero (3. 2) e “diácono”(3. 8, 12), certamente, se de fato existisse, teria definido o ofício feminino, registrando: “Da mesma sorte, quanto a presbíteras e diaconisas, é necessário que sejam elas respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo”(3. 11). Se Paulo não definiu nem qualificou é porque realmente não havia ministérios femininos ordenados. Os ofícios de presbítero e diácono destinam-se a maridos monogâmicos e líderes

familiares. Presbíteras e diaconisas teriam de ser, acompanhando este modelo masculino, patriarcais, governadoras do lar, o que o texto não pressupõe e nem era costume naqueles tempos. E inversão do quatro não se fez. Na linha de argumento do Rev. Nicodemus(11), I Tm 3. 1- 7, conferido com Tt 1. 5- 9, Paulo tratava de ministério masculino pois, ao qualificar o candidato ao ofício ministerial, diz: “*É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher*”(I Tm 3. 2). “*O diácono seja marido de uma só mulher, e governe bem seus filhos e sua própria casa*”(I Tm 3. 12). Além de homem, o ministro tem de ser um “marido líder”, bom administrador da família.

O bom ministro depende, e muito, de uma boa esposa, “diaconisa do lar” à semelhança de Marta.

I Tm 5. 7- 11: “*Prescreve, pois, estas coisas, para que sejam irrepreensíveis. Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente. Não seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade, tenha sido esposa de um só marido, seja recomendada pelo testemunho de boas obras, tenha criado filhos, exercitado hospitalidade, lavado os pés aos santos, socorrido a atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra. Mas rejeita viúvas mais novas, porque, quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se*

Mais uma vez, nenhuma declaração sobre o *diaconato de tais mulheres*. Eram, as que deveriam ser “inscritas”, viúvas idosos, a partir de sessenta anos; o que já dificulta o exercício diaconal, pois a média de idade naqueles tempos, para mulher, era de 45 a 50 anos. Além do mais, o que é muito importante: não eram “inscritas” para “fazerem” algo novo ou para “serem diaconisas”, mas porque *havam feito, haviam sido diaconisas informais ao longo da vida* como servas domésticas e comunitárias, constituindo-se em conselheiras e em exemplos vivos para as viúvas mais jovens, mulheres solteiras e casadas do corpo eclesial. Para as viúvas helênicas de Jerusalém, jovens e velhas, escolheram-se, por eleição, não por indicação pessoal dos apóstolos, sete **varões**, não sete mulheres.

Calvino, referindo-se às viúvas de I Tm 5. 7- 11, diz que tais viúvas, por absoluta impossibilidade de auto-sustento, deviam ser *inscritas* para receberem a proteção da Igreja(4).

Não há como, honestamente, encontrar nos escritos neotestamentários um ministério diaconal feminino ordenado, estrita e especificamente oficial e religioso. As ordenações modernas são “decisões da Igreja”, conforme a sua lógica teológica emanada do contexto social. Para os contextualistas, uma *Bíblia que não seja a voz do povo não é voz de Deus*. Por outro lado, pensam os teólogos da religião inter e transcultural, que a Bíblia deve ser submetida a uma *releitura* para se tirar

dela um novo discurso que fale “clara e adaptadamente” aos ouvidos de cada sociedade, às mentes de cada cultura. Ela, como foi revelada e como está, é um livro velho e desatualizado, carecendo de adaptações e atualizações em suas doutrinas, conceitos e ordenanças. Para tais doutrinadores e para os que lhes seguem as doutrinas, o princípio reformado da suficiência das Escrituras em matéria de fé, moral e conduta faliu. Voltaram, e estão levando com eles muitos seguidores, aos tempos da pré-reforma, quando se fazia calar a Palavra de Deus para que o homem, sem censura escriturística, falasse, estabelecendo doutrinas e normas, em lugar e em nome do Redentor. E a Igreja se encontrava sem rumo, entregue à direção de pessoas e concílios mutáveis e falíveis, que dogmatizavam ao clamor das circunstâncias, das mudanças sociais e dos interesses imediatos.

IX- APOSTOLADO FEMININO?

Rm 16. 7: *Saudai a Andrônico e a Júnias, meus parentes e companheiros de prisão, os quais são notáveis entre os apóstolos, e estavam em Cristo antes de mim”.*

a- O Termo Apóstolo.

Significado especial. *Apóstolo* (enviado) e *apostello* (enviar), substantivo e verbo, que tomaram, no Novo testamento, conotações próprias, sem que se perdesse de vista o sentido geral de *enviado e enviar*. Os discípulos do grupo dos doze foram chamados “apóstolos” antes de serem enviados: *“E quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos”*(Lc 6.13). Para eles, portanto, o apostolado começou com o chamado, com a vocação apostólica, e não com o mandato, a missão ou comissão. *Apóstolo*, no novo conceito, é aquele que Jesus escolheu, preparou e enviou. Muitos discípulos o Mestre possuía, certamente alguns estiveram com ele o tempo todo, foram testemunhas de sua ressurreição, inclusive numerosas mulheres; setenta foram enviados (Lc 10.1), mas somente doze foram escolhidos para serem apóstolos. Fica claro, portanto, que não são as condições de: *ser discípulo, ter estado com Cristo, ser testemunha da ressurreição, ter encontrado, pessoalmente, o Cristo ressurreto*, que credenciam alguém ao apostolado no grupo do doze, mas a **eleição** e o **chamado** feitos por Cristo Jesus. São apóstolos os homens que ele soberanamente escolheu; nenhuma mulher, mesma dentre aquelas que estiveram com ele até à cruz, testemunharam o túmulo vazio, viram-no ressuscitado. Cristo não discriminou a mulher, valorizou-a consideravelmente, mas não a colocou no apostolado. Do corpo apostólico, portanto, não fazia parte a suposta *Júnia*. O que Cristo não fez, podemos fazer? Quem nos autoriza a tanto?

Paulo, contado como verdadeiro apóstolo e agindo como tal, não foge à regra do chamado e da comissão efetivados diretamente por Jesus Cristo. Ele, pois, não é *enviado dos enviados (apóstolos)*; é *enviado do Enviado Filho de Deus*. Ouçamo-lo sobre a origem e autoridade de seu ministério apostólico: “*Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem; porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo. Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a Igreja de Deus e a devastava. E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia, e voltei outra vez para Damasco*”(Gl 1. 11- 17). Paulo sustenta a tese de que Cristo constituiu duas lideranças apostólicas, uma dos judeus, Pedro, e outra dos gentios, Paulo: “... *Quando viram que o evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão (pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, também operou eficazmente em mim para com os gentios)*”(Gl 2. 7, 8). O apóstolo dos gentios dirige-se aos Gálatas com as credencias da eleição apostólica: “*Paulo, apóstolo, não da parte de homem, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos*”(Gl 1. 1). Os doze, com Matias substituindo o traidor Judas, e Paulo, todos escolhidos pessoal e diretamente por Cristo, formam o basilar ministério apostólico da Igreja, insubstituível e irrepetível. Foram os únicos comissionados por Cristo a falarem em seu nome na doutrinação, na proclamação do evangelho e na implantação da Igreja primitiva, mãe de todas as posteriores igrejas cristãs, judaicas e gentílicas.

b- **Apóstolo, Significado geral.**

Fora do círculo do doze, acrescido de Paulo, o termo *apóstolo* conserva seu étimo original de *enviado*. Muitos foram enviados pelos próprios apóstolos e pelas igrejas com a designação de “*apóstolos*”, vocábulo que, no contexto conotativo, é sinônimo de *missionário*. Os apóstolos tinham o múnus de “enviar”(*apostello*), a Igreja também podia fazê-lo, e fez, mas os *enviados* de segunda mão eram apóstolos no sentido universal do termo, sem nenhuma conotação especial, sem qualquer credenciamento para o apostolado no sentido original, isto é, não se há de compará-los a Pedro, a Paulo e aos demais apóstolos de Cristo. O fato de serem *enviados* pelos apóstolos ou pela comunidade primitiva não os transforma em apóstolos, tipos de *sucessores apostólicos*. Se por serem

enviados se convertessem em apóstolos, Cristo não teria apenas doze apóstolos originais, mas, no mínimo, setenta: “ *Depois disto o Senhor designou outros setenta; e os enviou de dois em dois, para que pregassem em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir*”(Lc 10. 1). Os apóstolos conviveram com Cristo, foram seus discípulos, testemunharam sua morte e ressurreição, viram-no ressurreto, mas nem todos que tiveram os mesmos privilégios, dentre os quais muitas mulheres, e pelo motivo de tê-los, foram chamados ao apostolado ou tornaram-se apóstolos. O apóstolo não surgiu por comissão ou por ordenação, mas chamamento especial do Senhor da Igreja. Qualquer missionário da Igreja pode receber o qualificativo de *apóstolo* no sentido geral de enviado, e nada além disso. Até para a suposta Júnia, como missionária, caber-lhe-ia o designativo, não o título, de apóstola, enviada da Igreja, denotação sem qualquer conotação oficial ou ordenatória.

c- Quem é Júnia?

Não há, e certamente não haverá, comprovação indisputável sobre o sexo de Júnia. **Iouniân** pode ser o acusativo de **Iouniâs** (Júnia), masculino, ou se grafaria **Iounián** que, neste caso, seria o acusativo de **Iounía** (Júnia), feminino. O certo é que **Júnia**, grego, era, nos tempos neotestamentários, nome tanto para homem como para mulher. Não se sabe em que sentido Paulo o usou. Os melhores e mais autoritativos textos gregos, porém, favorecem o sexo masculino(7). Referem-se a Jones como apóstolo, entre outras autoridades indiscutíveis: Leenhardt, Franz J. (8), Manson, T. W. (9) e Calvino, João(9). Traduções autorizadas como a NIV, por exemplo, grafam **Júnia** e não Júnia, seguindo Nestle: **iouniân**. Nenhum exegeta, honestamente, pode afirmar, com base em Rm 16.7, que mulheres exerceram apostolado e, por inferência, ocuparam funções ministeriais ordenadas e oficiais na Igreja primitiva como pastorado, presbiterato e diaconato.

d- Meus parentes(syngeneis):

O termo “syngeneis” pode referir-se a parentes consangüíneos, o mais provável, ou compatriotas, irmãos na fé (também conotações de *syngenes*). Eram judeus convertidos antes de Paulo, certamente quando este ainda perseguia a Igreja.

e- Companheiros de prisão:

Eles sofreram, à semelhança de Paulo, castigo de prisão, que pode ter sido em companhia de Paulo, na mesma cadeia, ou em outras cadeias e em épocas diferentes.

f- Notáveis entre os apóstolos:

Expressão que deve ser entendida como: *irmãos notáveis aos olhos dos apóstolos* e não como muitos interpretam: “*apóstolos notáveis entre seus pares*”. A referida notoriedade apostólica externamente não existiu, pois as narrativas sacras neotestamentárias nada dizem sobre eles antes e

depois da referência paulina de Rm 16.7. Como podem ser explicitamente notórios entre os apóstolos, e semelhante proeminência não ser registrada nem em termos pessoais nem em conteúdos de mensagens apostólicas? Eles podem ter sido notórios entre os apóstolos como irmãos consagrados e dispostos ao testemunho cristão, mas não como apóstolos entre seus similares.

Resumindo: Júnias, se era mulher, não podia ser apóstola, pois Jesus não chamou ninguém do sexo feminino para o apostolado, isto é, os que seriam os ancestrais, as colunas, os pais da Igreja, como os patriarcas foram para Israel. Paulo usa o termo “apóstolo” no sentido geral de “enviado”, e não com o significado especial de *eleito e vocacionado para um ministério específico, exclusivo e único*. Eis o que diz Calvino: “*Em terceiro lugar, ele os classifica de apóstolos. Contudo, ele não faz uso deste título em seu sentido próprio e geralmente aceito, mas o estende para incluir todos aqueles que não só estabelecem uma igreja, mas empregam todos os seus esforços na expansão do evangelho, em todos os rincões. Neste passagem, portanto, ele está se referindo, de uma forma geral, àqueles que plantaram igrejas, levando a doutrina da salvação a várias plagas, na qualidade de apóstolos. Ele restringe a palavra, em outra parte, à ordem principal [=ad primarium illum ordinem] que Cristo estabelecera no princípio, quando escolhera os doze discípulos*”(10).

X- ARGUMENTO IGUALITARISTA

Gl 3. 28: “*Dessarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus*”.

a- **Unidade, não Igualdade.**

A unidade pela igualdade não passa de uniformidade. Por outro lado, a unidade na desigualdade é corporalidade e organicidade, em que órgãos diversos em proeminências e funções não existem e não operam isoladamente: todos trabalham para a vitalidade, harmonia e funcionalidade do conjunto. Esse milagre é possível somente no corpo de Cristo, a Igreja. Sobre que tipo de unidade Paulo tinha em mente ao usar a expressão: “*porque todos vós sois um em Cristo*”, deixemos que ele mesmo nos explique: “*Porque assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo, pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de ser do corpo. Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa*

de o ser. Se todo corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve. Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo”(I Co 12. 12-19). Paulo ressalta que a unidade em Cristo não elimina as desigualdades, antes efetiva o papel cooperativo de cada órgão na expressão global do corpo: *“Cooperem os membros com igual cuidado em favor uns dos outros”*(I Co 12. 25b). Em outras palavras: **O homem**, conforme o seu ministério concedido por Deus; **a mulher**, segundo o papel que o Criador a ela destinou na criação e na redenção; **os judeus**, precursores do cristianismo; **os gentios**, até então excluídos da graça; **o homem livre**, mas servo do egoísmo e do pecado; **o escravo**, considerado “objeto”, um ser sem alma para o qual não se cogitava a salvação; **o homem**, valorizado perante a sociedade; **a mulher**, desvalorizada e submetida: **todos** pertencem agora, sem qualquer discriminação, ao corpo de Cristo, a Igreja. Uma constatação: O cristianismo não mudou a estrutura social, não eliminou o patronato, não acabou com a escravatura, não destruiu o judaísmo, não sepultou o gentilismo: apenas uniu todos os “desunidos”, mantendo as desigualdades, em Cristo Jesus, declarando que o “vós”, tão heterogêneo, agora se integram na, anteriormente inimaginável, unidade no Filho de Deus. Vejamos, pela descrição do próprio Paulo, que a estrutura social permaneceu a mesma dentro da Igreja:

d- **O marido continua cabeça da mulher:** *”Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça da de todo homem, e o homem o cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo*(I Co 11.3 cf Ef 5. 23).

e- **A mulher continua submissa ao marido:** *“Esposas, sede submissas aos próprios maridos, como convém no Senhor”*(Cl 3. 18 cf Ef 5. 22; 6. 9; I Pe 3. 1)

f- **Os senhores continuam senhores:** *“Senhores, tratai aos servos (douloi- escravos) com justiça e com equidade, certos de que também vós tendes Senhor no céu”*(Cl 4.1).

g- **Os escravos continuam escravos:** *“Todos os servos(douloi-escravos) que estão debaixo de jugo considerem dignos de toda honra os próprios senhores, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados”*(I Tm 6.1 cf Ef 6. 5-8; I Co 8. 20, 21).

h- **A mulher continua fora do ministério oficial ordenado:** *“E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido”*(I Tm 2.12^a).

Apesar de tudo isso, “todos são um em Cristo”, mas o marido tornou-se melhor marido; a esposa, melhor esposa; o senhor, melhor senhor; o escravo, melhor escravo. Nada se modifica: o homem permanece detentor do múnus ministerial ordenado; a mulher continua

como auxiliadora do marido, estimuladora e alimentadora de seu ministério.

Não se deve, por meio de um texto isolado e descontextualizado, imaginar um igualitarismo que Paulo não preconizou, não existiu na Igreja de seu tempo, não se notou na Igreja sucessora, não se observa hoje. Menos cabimento ainda é deduzir do texto em questão o ministério ordenado feminino.

Além do contexto remoto, que comprova a tese da desigualdade, o contexto próximo é, pelos exegetas do igualitarismo, menosprezado: O texto fala da inclusão dos gentios na Igreja de Cristo e da discriminação entre judeus, procurando justificação na Lei, e gentios, considerados de segunda categoria, por não se submeterem ao legalismo mosaico(Gl 2. 14, 21). Paulo assevera que a unidade em Cristo não se estabelece pela obediência à Lei, mas pela graça mediante a fé. O apóstolo não pregou a “comunização” da sociedade, não falou de “direitos humanos”, não pretendeu colocar no altar, lado a lado, homem e mulher; doutrinou sobre a graça redentora concedida a judeu e gentio, a senhor e escravo, a homem e mulher; ensinou que em Cristo as diferenças e as desigualdades não impedem a unidade, antes a reforçam, enriquecem-na, consolidam-na. Calvino, comentando I Co 11. 3, assim se expressa: *“Há excessiva dificuldade no que se segue. Aqui, o homem é colocado numa posição imediata entre Cristo e a mulher, de modo que Cristo não se constitui na Cabeça da mulher. Todavia, é o mesmo apóstolo quem ensina, em Gálatas 3. 28, que “em Cristo...não há nem macho nem fêmea”. Por que ele conservou essa diferença aqui, quando a eliminou da outra passagem? Minha resposta é que a solução depende do contexto de ambas as passagens. Quando Paulo diz que não há diferença entre homem e mulher, ele está falando do reino espiritual de Cristo, onde as características externas(=persone) não são levadas em conta, pois esse reino não tem nada a ver com o corpo, nada a ver com as relações físicas e recíprocas dos homens(= ad externum hominum societatem); assim, toda a sua preocupação gira em torno do espírito. Eis a razão por que Paulo declara que não há diferença nem entre “escravo e livre”. Contudo, ao mesmo tempo, ele deixa intacta a ordem civil(=civilem ordinem), bem como as distinções em honras, pois a vida cotidiana ordinária não pode avançar sem estas”(13).*

Unidade, sim; igualdade, não. A Igreja não nasce da sociedade; procede de Deus; sua verdade não é filha da razão humana; emana da revelação divina.

XI- ARGUMENTO DA DÁDIVA DO ESPÍRITO

A dádiva geral do Espírito Santo no pentecostes, argumentam, igualou os sexos no novo Israel, a Igreja. Texto:

Atos 2. 17, 18: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão.”

a- Inaplicabilidade do texto ao ministério feminino.

Consideremos o seguinte:

Pedro diz que o fenômeno pentecostal, derramamento do Espírito e universalização da mensagem revelada, é o cumprimento da profecia de Joel para *os últimos dias*. Ora, a profecia de Joel não se limita a visões e profecias, mas inclui: Prodígios no céu e sinais na terra; sangue, fogo e vapor de fumo; escurecimento do sol e vermelhidão da lua; tudo isso antes que venha o glorioso Dia do Senhor (2. 19-21). Segundo a interpretação de Pedro, os *últimos dias* haviam começado; os sinais do fim estavam ocorrendo; a volta de Cristo, portanto, era iminente. Que a Igreja vive o tempo do fim, o ínterim entre a primeira e a segunda vinda, não nos parece discutível, mas a suposta inclusão da mulher na ordem ministerial não fica evidente: Com os doze no Cenáculo reuniam-se Maria, outras mulheres, os irmãos de Jesus e outros discípulos, num total de cento e vinte (At 1. 13, 14, 15). Afirmam-se-nos que “todos”, ao receberem o Espírito, falaram “em outras línguas” (At 2. 3, 4), tendo a promessa do dom profético cumprimento imediato: “*vossas filhas profetizarão*”. Porém, Pedro, explicando aos que atribuíram embriaguez aos pregadores movidos pelo Espírito Santo, omite completamente a participação feminina na proclamação inicial e inaugural da Igreja. Menciona somente homens: “*Varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e atentai nas minhas palavras. Estes **homens**(*negrito nosso*) não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia”*(At 2.13, 14, 15). Então, com base no registro petrino, de imediato, a profecia não se cumpriu em relação às mulheres presentes, incluindo Maria, genitora do Messias. Elas, sem dúvida nenhuma, receberam o Espírito, mas não profetizaram no pentecostes, porque tal ministério, no evento institucional da Igreja, era da exclusiva competência apostólica. Lembremos que Jesus não vocacionou mulheres ao apostolado. As profecias femininas posteriores, como as das filhas de Filipe (At 21. 9), não estão registradas no Novo Testamento; certamente por não serem apostólicas e, por isto mesmo, sem autoridade doutrinária, sem conteúdo revelacional e sem relevância edificante. Os sinais cósmicos, previstos por Joel, podem ter ocorrido por ocasião da morte física de Cristo, quando houve trevas da hora sexta até a hora nona. Admitimos, com as Escrituras, que a mulher pode ter visões e profetizar, no sentido de “ensinar” e de “proclamar” a palavra apostólica revelada, não de *revelar*. A ela, pois,

Deus não concedeu o múnus sacerdotal no Velho Testamento nem o apostólico no Novo. O texto, portanto, nada diz explicitamente sobre ministério da mulher, e não há nele qualquer base, entendemos, para se inferir apostolado, bispado, presbiterato ou diaconato femininos. O Espírito que, na dispensação vetotestamentária, selecionava alguns israelitas para inspirá-los e conceder-lhes dons carismáticos, agora é uma dádiva da comunidade inteira dos eleitos regenerados. O batismo com o Espírito Santo não é privilégio de poucos, é bênção de todos os verdadeiramente redimidos e chamados para dentro do corpo de Cristo, a Igreja: homens, mulheres, jovens, senhores, servos, judeus e gentios. Perante a graça todos são iguais, mas o organismo eclesial, segundo decisão de Deus, possui distintos ministérios; e para os de apóstolos, bispos, presbíteros e diáconos Deus vocacionou homens, não mulheres. O Espírito Santo, na aplicação da graça redentora, não discrimina sexo. O regenerado, homem ou mulher, é sua habitação. Não é, contudo, da competência do Espírito outorgar o fundamental dom de apóstolo; e ele não o fez, pois o número permaneceu fixado em doze, com o posterior acréscimo de Paulo, chamado e enviado por Cristo. A Igreja de Corinto, caracteristicamente carismática, dividiu-se, pelas preferências pessoais, em três lideranças masculinas: A de Paulo, a de Apolo e a de Cefas (Pedro). Um grupo não aderiu a nenhum líder, talvez o mais problemático, composto dos que diziam: *Somos de Cristo* (ver I Co 1. 12). Patenteado fica, pois, não somente o cisma comunitário, mas o fato da não existência de ministério diretivo feminino numa igreja em que se supunha aplicada a promessa pentecostal do derramamento do Espírito, e onde a mulher, certamente, “profetizava”.

XII- PAPÉIS MINISTERIAIS DA MULHER

Bíblia registra a participação feminina em muitas áreas da vida do povo de Deus, menos no sacerdócio e no ministério apostólico. Eis algumas mulheres operantes, com papéis relevantes na história de Israel e da Igreja:

XII.1- No Velho Testamento:

a-Miriã, profetisa e líder: *“A profetisa Miriã, irmã de Arão, tomou um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças. E Miriã lhes respondia: Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou, e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro”* (Ex 15. 20, 21).

b-Débora, profetisa e juíza: *“Débora, profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo. Ela atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo”* (Jz 4, 4,5).

Um dos documentos mais antigos do Velho Testamento é o “O Cântico de Débora” (Jz, cap. 5). O narrador, no entanto, não se esqueceu de

registrar: “*Mulher de Lapidote*”, deixando clara sua condição de esposa, submissa a seu marido, como todas casadas de seu tempo e de seu povo.

c-Hulda, profetisa: “*Então o sacerdote Hilquias, Aicão, Acbor, Safã e Asaiás foram ter com a profetisa Hulda, mulher de Salum, o guarda-roupa, filho de Ticvá, filho de Harás, e lhe falaram. Ela habitava na cidade baixa de Jerusalém. E ela lhes disse: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel...*” (II Rs 22.14, 15 cf II Cr 34. 14-28). Ela, falando pelo Senhor, declarou que o rolo encontrado por Hilquias era realmente o da Lei, e que o Rei e o povo tinham de obedecê-lo. Mais uma vez, porém, se diz: “*Hulda, mulher de Salum*”. Usada por Deus, sim, mas sem perder a condição de esposa submissa e sem qualquer função sacerdotal.

Muitas profetisas atuaram em Israel (Ex 15. 20; Ne 6. 7, 14; Is 8. 3; Ez 13. 17- 23; Lc 2. 36, 37).

d-Ester: Uma judia que Deus colocou como rainha da Pérsia que, no trono, impediu o massacre de seu povo. É inestimável a contribuição destas e de outras mulheres no Velho Testamento como Eva, Sara, Rebeca, Raquel, Ana...

XII.2- No Novo Testamento:

Várias mulheres seguiram Jesus Cristo e, na condição de seguidoras, certamente, discípulas (Lc 8. 1- 3; 23. 27, 49, 55, 56; Mt 27. 55, 56; Mc 15. 40,41). Elas foram as primeiras a proclamarem a ressurreição do Filho de Deus por ordem de um anjo (Lc 24. 6-8). Jesus privilegiou a mulher samaritana com um diálogo messiânico profundo e revelador de sua messianidade (Jo 4. 27- 42). A mulher esteve presente de maneira atuante, necessária e decisiva na vida do divino Mestre do nascimento à cruz: Maria, sua mãe; Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena(Jo 19. 25). Na ressurreição: Maria Madalena (Mc 16. 9, 10), incumbida de anunciar o Cristo ressurreto aos seus discípulos(Jo 20. 11- 18). Além das mulheres que estiveram com Jesus do início ao fim de sua existência terrena, a Igreja neotestamentária contou com o ministério informal ou leigo de várias irmãs maravilhosas:

a-Maria, mãe de João Marcos: Numa época de perseguição, mantinha em sua casa uma congregação de servos de Cristo(At. 12. 12).

b-Priscila, esposa de Áquila: Hospedou Paulo em sua casa(At 18. 1. 4) e ajudou o marido na doutrinação de Apolo, o eloqüente judeu alexandrino(At 18. 26).

d-Lídia: Certamente líder de sua família, pois, ao converter-se, foi batizada com toda sua casa, convidando Paulo e Timóteo para serem seus hóspedes(At 16.14, 15).

e-Tabita (Dorcas): Discípula cristã, costureira, a quem Deus ressuscitou por intercessão de Pedro(At 9. 36-42).

f-Isabel, mãe de João Batista(Lc 1. 5- 25), a primeira a declarar a messianidade de Jesus(Lc. 1. 41- 45).

g-Maria, mãe de Jesus, que deixou um dos mais lindos e significativos cantos litúrgicos, o *Magnificat*(Lc 1. 46- 56), além do ministério maternal de inestimável significado para a história da redenção.

XIII- LIDERANÇA MINISTERIAL MASCULINA

O “feminismo bíblico”, diante de textos explícitos sobre a autoridade ministerial do homem na Igreja, tem procurado diminuir a sua força doutrinária por meio de recursos exegéticos ou por alegação de contextualidade histórica, sociológica e religioso, isto é, normas circunstancializadas pela cultura local, estabelecedoras de hábitos, costumes e regras de abrangência restrita ao espaço cultural e ao tempo, morrendo com a morte da sociedade originária. Quanto a Paulo, dizem que foi profundamente influenciado pela religião judaica machista, especialmente a do judaísmo pós-exílico, centralizada no sexo masculino, não conferindo à mulher nenhum espaço na ordem sacerdotal. A ela não se aplicava o sinal do velho pacto, a circuncisão, como se lhe aplica o da nova, o batismo, signo substituto, que lhe confere a condição de membro direto da Igreja sem qualquer discriminação de sexo. Esta acusação de submissão aos preceitos judaizantes no que concerne ao ministério feminino cabe também a Jesus Cristo, que também não incluiu a mulher, nem sua mãe, no ministério apostólico. E, ao comissionar seus discípulos, não enviou casais, mas duplas masculinas (Lc 10. 1).

Com os pressupostos acima, vejamos os textos impeditivos do ministério feminino nas reuniões litúrgicas de natureza sacramental didática e querigmática:

XIII.1-Mulher e homem na Igreja

I Co 11. 3- 16: Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça do homem, e o homem cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo. Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça. Toda mulher, porém, que ora, ou profetiza, com a cabeça sem véu, desonra a sua própria cabeça, porque como se a tivesse rapada. Portanto, se a mulher não usa véu, nesse caso que rape o cabelo. Mas, se lhe é vergonhoso o tosquiar-se, ou rapar-se, cumpra-lhe usar véu. Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem. Porque o homem não foi feito da mulher; e, sim, a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher; e, sim, a mulher,

por causa do homem. Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer o véu na cabeça, como sinal de autoridade. No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido de mulher; e tudo vem de Deus. Julgai vós mesmos: é próprio que a mulher ore a Deus sem trazer o véu? Ou não vos ensina a própria natureza ser desonroso para o homem usar cabelo comprido? E que, tratando-se da mulher, é para ela uma glória? pois o cabelo lhe foi dado em lugar de mantilha. Contudo, se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus”.

Os defensores do ministério feminino, aculturados na sociedade, tentam justificar suas posições pelas Escrituras. O texto acima tem sido muito citado por eles, mas, na verdade, não lhes serve de prova; pelo contrário, reforça a tese bíblica geral do ministério ordenado exclusivamente masculino. Para melhor entendimento do texto evidenciemos:

a- Paulo dirige-se a homens e mulheres como seres criados para a execução de papéis distintos na ordem social. Ressalvando o que é específico, segundo os propósitos do Criador para as suas mais extraordinárias criaturas, na economia da graça redentora trazida por Cristo Jesus, homens e mulheres se unificam. O apóstolo não tem em vista, portanto, a relação marido - mulher, mas a contribuição de ambos os sexos na nova humanidade recriada em Cristo.

b- O texto está dentro de um contexto de natureza disciplinar. A Igreja de Corinto não tinha a tradição religiosa de sua co-irmã de Jerusalém por estar num ambiente helênico, onde as “meretrizes cúlticas”, cerca de mil, tinham papel proeminente no culto à deusa Afrodite cujo templo situava-se no topo do outeiro Acrocorinto(12). As sacerdotisas gregas, nas celebrações pagãs da fertilidade, embora tivessem posição de submissão e passividade, falavam, às vezes desconexadamente, proferindo oráculos, sendo estimadas e admiradas. A Igreja cristã recebeu, por conversão e por adesão, muitas mulheres ex-devotas de Afrodite e de outros deuses e deusas, trazendo para a nova revelação, o cristianismo, herdeiro e sucessor da velha dispensação, os hábitos religiosos anteriores. Paulo não bateu de frente, para não somar mais uma crise à muitas existentes na Igreja de Corinto, mas estabeleceu limites à participação da mulher nas reuniões comunitárias, principalmente no que respeita à posição dela perante a autoridade masculina, não procedente do homem, mas de Deus, no ato da criação. A fraqueza doutrinária da Igreja de Corinto, por outro lado, devia-se à ausência de uma liderança única e efetiva e ao espaçamento de visitas apostólicas. A alegação a favor do ministério feminino, estando no mesmo contexto, sofre as mesmas limitações e restrições interpretativas: *não se*

pode universalizar o que é local e restrito a uma contingência situacional. Não é de bom alvitre afirmar que o texto é de caráter *universal*, quando trata de “ministério feminino”, mas local, ao falar da proeminência masculina. Paulo, como sempre faz, doutrina com base na revelação e na criação, não levando em conta as contingências culturais, pois entende que as relações homem-mulher e Cristo-Igreja emanam de decisões divinas, sendo, portanto, cultural, social e teologicamente inalteráveis.

c- **Homem, cabeça da mulher:** “*Quero que saibais ser Cristo o cabeça de todo o homem, e o homem o cabeça da mulher, e Deus o cabeça de Cristo*” (I Co 11. 3).

Paulo, firmado solidamente na revelação bíblica, diz haver uma hierarquia permanente de autoridade, não existindo possibilidade de nenhuma inversão da ordem: *Deus, cabeça de Cristo; Cristo, cabeça do homem; homem, cabeça da mulher.* Muitos teólogos, usando argumento etimológico, dizem que, neste texto, *cabeça*(*kephalê*) significa fonte, origem, procedência(14). Que a mulher procedeu do homem, segundo a criação, somos informados por Gênesis, mas de que Deus seja a *fonte* ou *origem* de Cristo as Escrituras não nos informam. E, se assim fosse, cairíamos na heresia do subordinacionismo trinitário, e a Trindade deixaria de ser Um só Deus em três pessoas co-eternas, co-iguais, consubstancias e consensuais. Preferimos acreditar, com muitos exegetas eminentes, que a palavra *cabeça*, aqui e em Efésios e Colossenses, significa *fonte de vida e autoridade.* Mas uma *fonte de vida* que não pode ser retirada, pois continua gerando a vitalidade, promovendo a existência. A interação *cabeça-corpo* é de caráter indissolúvel: Pai, Filho e Espírito Santo são um só Deus. Nenhuma destas pessoas pode ser retirada, pois a divindade existe na triunidade. Assim, nem a mulher existe sem o homem, nem o homem existe sem a mulher, mas sempre na relação *cabeça-corpo.* Podemos exemplificar com a “*cabeça do rio*”, sua fonte. O rio apareceu, originado de sua fonte, e continua mantido por ela. A relação *rio-fonte* é interativa e existencial. O rio vive da fonte. É uma dependência essencial, sem escravidão. A humanidade é um conjunto composto e integrado bilateralmente de homem e mulher, exatamente na forma do esquema paulino: “*Porque o homem não foi feito da mulher; e, sim, a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher; e, sim, a mulher, por causa do homem*”(I Co 11.8, 9). Para muitos, semelhante ordem parece injustificável subordinação, mas Deus a fez assim e assim a quer para sempre. Se a mulher se sente escrava do homem, também o homem deveria sentir-se escravo de Cristo e Cristo do Pai. Entretanto, a liberdade e autenticidade dependem desta relação existente na Trindade e projetada na humanidade pela unidade homem-mulher. Somos verdadeiros, libertos e realizados seres humanos, quando nos submetemos a

Cristo. Assim, a mulher torna-se autêntica, femininamente livre, liberta do solitarismo e da rejeição na pela condição de esposa submissa ao marido.

A denotação de autoridade do termo *kephalê* vincula-se ao sentido de *archegos* (líder), de *arché* (princípio), de *kyrios* (Senhor), de *fonte da vida*. A vida do homem veio diretamente de Deus, seu *Kephalê*, que a soprou em suas narinas. A vida da mulher veio do homem, seu *kephalê* (15). Esta ordem não pode ser subvertida; a mulher não pode exercer autoridade sobre o homem como este não a pode exercer sobre Cristo. O Sacerdote da Igreja é Cristo; o da mulher e da família é o homem. A mulher, unida ao homem, goza, por esta unidade, a bênção de ser imagem e semelhança de Deus, conforme a criação e segundo o pensamento paulino.

d- **Mulher que ora e profetiza.** Paulo admite a oração e a interpretação das escrituras (profecia) por mulheres no culto público da indefinida e confusa Igreja de Corinto, mas com o reconhecido sinal da submissão feminina, o véu. Naqueles tempos, tanto na cultura helênica como na judaica, o véu era sinal de que a mulher estava compromissada com um homem ou sob sua autoridade: a casada, submissa ao marido; a solteira, a seu pai. Na rua, ninguém se atrevia galantear uma mulher de véu na cabeça, o que representaria uma afronta ao seu senhor, esposo ou pai. A mulher sem véu não tinha dono. Era mais ou menos, embora com menor rigor comportamental e somente para as casadas, o que acontece hoje com a mulher de aliança no dedo anular: todos sabem, pelo símbolo exposto, que se trata de uma esposa; galanteio a ela é desrespeito ao seu marido. Por esta causa, Paulo, usando uma metonímia conhecida, chama o véu feminino, em I Co 11. 10, de “autoridade” (exousia). Este versículo algumas versões traduzem-no literalmente: *É por isso que a mulher deve ter autoridade (exousia) sobre a cabeça, por causa dos anjos*”(16). Alguns exegetas dizem que essa *autoridade* é da própria mulher. Houve mulher, efetivamente, revestida de autoridade(juízas e rainhas), mas o texto não discrimina e nem especifica: trata do comportamento feminino normal e geral expresso nas reuniões litúrgicas, e não de algumas delas, as especiais. Paulo, portanto, esclarece o que afirmara nos versículos 3, 7-9, isto é, na ordem da criação deve-se respeitar a hierarquia estabelecida pelo Criador: Deus-» Cristo-» homem-» mulher, sendo o véu o sinal visível de que a mulher, ao orar e ao profetizar não o faz independente do homem, mas submissa a ele(17). No esquema de gradação ministerial, Deus-» Cristo-» homem-» mulher, não se pode imaginar, bíblicamente falando, uma mulher apóstola, bispa, pastora, presbítera, exercendo autoridade ministerial sobre homens. Paulo não admite tal tipo de autoridade(I Tm 2.12).

e- **Por causa dos anjos.** Como a metonímia do véu, é possível que o termo *anjos* seja usado para significar a vigilância espiritual, que Deus exerce sobre todos os seus filhos porque, espiritualmente, não há diferença

entre homem e mulher, pois todos são um em Cristo, conforme declara o v. 11 em consonância com Gl 3. 28. Tal vigilância espiritual é exercida diretamente pelo Espírito Santo, que habita todos os regenerados, independentemente de sexo. O texto, porém, não trata da “igualdade espiritual” diante da graça universal trazida por Jesus Cristo, suficiente para todos, mas eficiente exclusivamente para os eleitos, homem ou mulher. Acompanhemos o insigne Calvino:

“Por causa dos anjos”. Esta frase recebe várias explicações. Porque o profeta Malaquias chama os sacerdotes de “anjos de Deus”(2. 7); alguns acreditam que Paulo os focaliza aqui. Porém, os ministros da Palavra jamais são descritos só desta forma, ou seja, sem o acréscimo de algo mais; além disso, essa interpretação seria bastante forçada. Portanto, eu a considero em seu sentido usual. Mas alguém poderia perguntar por que Paulo queria que as mulheres tivessem suas cabeças veladas por causa dos anjos. O que isto tem a ver com eles? Alguns respondem que os anjos se acham presentes quando os crentes estão orando, e são, por isso, testemunhas de algum indecoro que porventura é permitido entrar furtivamente em suas reuniões. Porém, que necessidade há de idéia tão engenhosa? Sabemos que os anjos estão sempre à disposição de Cristo, como igualmente sua Cabeça, sempre ao seu dispor. Portanto, quando as mulheres chegam ao ponto de satisfazer seus pendoros, e contra a lei de Deus e dos homens se apropriarem do sinal de autoridade para si mesmas, elas propiciam que os anjos vejam quão indecorosas são. Portanto, a frase é apresentada à guisa de ampliação, como se dissesse: “ Se as mulheres abolem seus véus, não somente Cristo, mas igualmente todos os anjos, serão testemunhas do desastroso resultado”(18).

Creemos, firmados nas visões litúrgicas do Apocalipse, que o culto transcende os limites da humanidade, havendo nexos espiritual entre a adoração terrestre, realizada pelos homens, e a celeste, celebrada pelos anjos. Então, a irreverência e a inconveniência, quando demonstradas na liturgia da Igreja peregrina, criam um estado desarmônico com o culto dos anjos diante do majestoso trono de Deus. Não afirmo, conjeturo, mas com razoável possibilidade de acerto. Paulo diz que os homens devem orar em todos os lugares, mas com bom testemunho (levantando mãos santas), e que as mulheres testemunhem pela decência da indumentária e por boas obras; isto é, pela vestimenta e pelo comportamento se sabia quem era a verdadeira mulher cristã (I Tm 2. 8, 9).

XIII.2- Kephâlê- Autoridade Ministerial.

Ef. 5.23: *“Porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja, sendo este mesmo Salvador do corpo. Como,*

porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos”.

Aqui, sem a menor contestação consistente, o marido é o cabeça (kephalê) da esposa num sentido similar a Cristo, *Cabeça da Igreja*: “*O marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja*”. E a analogia comparativa repete-se na cláusula da sujeição ou submissão: “*Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas e seus maridos*”. A liderança do marido sobre a esposa espelha-se e se molda no paralelo analógico da liderança de Cristo sobre a Igreja. A relação marido-mulher(não mulher-marido), tipifica e expressa a estreitíssima comunhão relacional entre Cristo e sua esposa, a Igreja. Cristo, sacerdote da Igreja; esposo, sacerdote da esposa. Esta ordem, estabelecida por Deus, não pode ser mudada em nome da racionalidade, da estrutura social, da lógica empírica, dos direitos e prerrogativas da mulher, da capacidade representativa, do igualitarismo dos sexos. O que Deus estabeleceu e a Bíblia revela deve ser, para o verdadeiro evangélico, “princípio e norma inalteráveis e irrevogáveis”. Assim como Cristo ministra sobre a Igreja, sua esposa, o marido ministra sobre sua consorte da qual é cabeça.

Melhores informações sobre *kephalê*, consultar o excelente artigo do Rev. Augustus Nicodemus, “*Ordenação Feminina- O que o Novo Testamento tem a Dizer?*”, na revista *Fides Reformata*, Vol. II, nº 1, página 59.

XIII.3- A Mulher e o Culto

I Co 14. 33- 37: “Porque Deus não é de confusão; e, sim, de paz. Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa a seus a seus próprios maridos; porque para a mulher é vergonhoso falar na Igreja. Porventura a palavra de Deus se originou no meio de vós, ou veio ela exclusivamente para vós outros. Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo”.

Este texto(o mesmo se diz de I Tm 2. 8- 15) e seu autor têm sofrido intenso ataque. “H. Conzelmann e outros negam-lhe a autenticidade, alegando ser interpolação que prejudica o correto entendimento do pensamento paulino por contrastar-se com I Co 11. 5,11,12 e vincular a Igreja ao ensino rabínico sobre a mulher, agora libertada em Cristo Jesus. Há os que acusam o próprio Paulo de tradicionalismo judaico por não se ter libertado completamente da religião anterior na qual a mulher era totalmente discriminada tanto nos ofícios litúrgicos como na vida social”(20).

Não concordamos com a afirmação de que I Co 14. 33- 37 desmente I Co 11. 5, 11, 12. No texto de I Co 11, Paulo fala da discreta participação da mulher nas reuniões litúrgicas, onde lhes admite a oração comunitária e a alocação de profecia, mas sempre sob a autoridade masculina: demonstração de respeito e submissão evidenciada por meio do obrigatório uso do véu. O apóstolo estabelece normas gerais e prescreve comportamentos adequados. Em I Co 14. 33- 37, ele trata de questões existentes, realidades presentes, pois no culto da Igreja de Corinto todos se julgavam com autoridade e direito de falarem ao mesmo tempo, inclusive as mulheres, não somente profetizando, comunicando as Escrituras, mas envolvendo-se em debates, em questionamentos, em disputas doutrinárias, em glossolalias(14. 23, 26 - 33). Muitos pensavam, como alguns pensam hoje, que, por ação direta do Espírito Santo, produziam novas revelações e, portanto, o que falavam tinha a mesma autoridade da palavra bíblica e do ensino apostólico. Semelhantes distorções levaram o apóstolo a escrever a seguinte e dura advertência: *“Porventura a palavra de Deus se originou no meio de vós, ou veio ela exclusivamente para vós outros?”*(I Co 14. 36). Orar e profetizar, direitos reconhecidos por Paulo, nada tem a ver com desordem e confusão (v. 33), inclusive com mulheres julgando-se no direito de se igualarem aos homens, desonrando o “véu da submissão”, que trazia na cabeça. A mulher ora e fala na Igreja Presbiteriana do Brasil, mas sempre sob a autoridade do Ministro, e obedecendo nossos princípios litúrgicos e doutrinários, segundo as Escrituras. Porém, se ela assumir a presidência da assembléia, questionar os pastores regentes e docentes, impor opiniões teológicas contrárias à nossa fé: é obrigação do ministério ordenado aplicar-lhe o procedimento disciplinar paulino: *Conserve-se calada!*

Conservadorismo paulino. Os mordernizantes e atualizantes da velha revelação dizem que Pedro foi judaizante doutrinário da Igreja e Paulo, judaizante social. O evangelizador dos gentios tem sido censurado, especialmente no que se refere à sua posição sobre o ministério feminino na Igreja. Acusam-no de não se ter libertado do radicalismo judaico na questão da liberdade da mulher e, em conseqüência, não compreender o obra de libertação do sexo feminino realizada por Jesus Cristo. A sua escravidão à tradição rabínica fê-lo dúbio ao enfrentar situações de fato e radical ao reafirmar o antifeminismo social e religioso do judaísmo a que pertenceu e do qual não se livrou completamente. O que chamam, porém, de apego ao judaísmo radical, chamamos de fidelidade às Escrituras do Velho Testamento, que Paulo acreditava, e nós também, serem a irrevogável e imutável Palavra de Deus, revelação permanente. Os defeitos apontados em Paulo são os mesmos indicados nos ortodoxos, nos puritanos, aqueles que continuam, no meio de todas as mudanças sociais e culturais, afirmando a autenticidade, a perenidade e a irrevogabilidade da

revelação divina documentada, por ordenação de Deus, nas Escrituras Sagradas. Todos, hoje, que persistem na sustentação do princípio reformado do “Sola Scriptura”, a “Bíblia como única regra de fé e norma de conduta”, são vistos como conservadores, tradicionalistas e retrógrados.

Apostolado relativo. Ao duvidar das posições paulinas na sua luta para estruturar uma Igreja emergente dentro do esquema bíblico dos pactos, da liturgia organizada e ordenada por Deus e da linha histórica revelacional, mostrando que o cristianismo nascente não é uma *nova igreja*, mas realizadora, continuadora e sucessora da antecedente, a israelita, fonte e base da atual. Repito: ao duvidar do seu esforço para manter o elo de continuidade entre o velho e o novo Israel, inclusive na estrutura cáltica onde se ressalta a liderança masculina, duvidam, na verdade, do todo ou de parte de seu apostolado, o que não fazemos. Estamos caminhando, já com grande espaço percorrido, para antagonismos lógicos e teológicos: religião sem Deus; cristianismo sem Cristo; biblicismo sem Bíblia; apostolicidade sem fidelidade apostólica; Igreja sem corpo eclesial. Firmando a sua autoridade apostólica, negada por grande parte da Igreja de Corinto (I Co 3. 3-5), Paulo, depois de proibir o falatório feminino questionador na Igreja, escreve: *Se alguém se considera profeta, ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E se alguém o ignorar, será ignorado” (I Co 14. 37, 38)*. Para nós, reformados não deformados, Paulo continua apóstolo, e o que ensina, inspirado pelo Espírito Santo, é *Palavra de Deus*. E se disse que a mulher, na execução litúrgica, não pode liderar o homem, está dito para ser obedecido.

XIV- O TEMPO DE PAULO E O NOSSO

Levanta-se a tese de que as limitações paulinas são frutos da época, porque ele foi um produto de seu tempo. Em razão da circunstancialidade de suas determinações, elas eram cabíveis, aceitáveis e assimiláveis pela Igreja inserida na cultura ambiental vigente no então universo paulino. Agora são inadequadas, em virtude de suas extemporaneidades e anacronismos. Na Igreja de hoje, ponderam, a mulher é, ou deve ser, absolutamente igual ao homem, não somente porque a sociedade lhe confere direitos idênticos, mas, e principalmente, porque o Espírito Santo lhe deu, no Pentecostes, os mesmos dons espirituais ou carismáticos. Sobre os carismas de liderança, no entanto, não foi assim: Cristo não colocou nenhuma mulher no colégio apostólico original, o grupo dos doze, e não há prova que o tenha feito posteriormente. A liderança da Igreja é masculina por decisão de seu Cabeça, Jesus Cristo, seguindo o procedimento de Deus no Velho Testamento. A respeito da inoportunidade, inadequação e inaplicabilidade dos ensinamentos paulinos, conforme os liberais, temos a dizer o seguinte:

a- Se os princípios doutrinários, eclesiológicos e éticos das Escrituras são eventuais, temporais e culturalmente circunscritos a um determinado público em situações socioculturais específicas, então a Bíblia não é revelação divina, mas produção da religiosidade humana sujeita a evoluções ou involuções no curso da história. O fato revelado é, por natureza, universal e irrestrito histórica, geográfica e temporalmente. Portanto, a Igreja de todas as culturas, em todos os lugares e de todas as épocas, tem de moldar-se à revelação bíblica, respeitá-la e submeter-se ela; não moldá-la e submetê-la.

b- Os homens que falaram nas Escrituras, dizem os modernizantes, não o fizeram para a humanidade, mas para sua tribo ou clã, conforme a crença paroquial e temporal professada. A universalidade e a transcendentalidade das Escrituras deixam de ser realidade para a Igreja reformada. Nenhum sentido tem a afirmação petrina: *“Pois foste regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente(negrito nosso). Pois toda carne é como a erva, e toda a sua glória como a flor da erva; seca-se a erva, e cai a sua flor; a palavra do Senhor, porém, permanece eternamente(negrito nosso). Ora, esta é a palavra que vos foi evangelizada”* (I Pe 1.23- 25). Podem argumentar, e o fazem, que as mudanças se dão somente no âmbito da legislação bíblica social, não afetando o núcleo permanente. Consideram, porventura, não essencial e não permanente a estruturação apostólica da Igreja, masculina por vocação e por ordenação de Cristo? Quando o conceito social muda, temos de mudar a ética bíblica? Quem é autoritativo para a Igreja: A Palavra de Deus ou a palavra da sociedade? Por exemplo, o novo Código Civil Brasileiro, pressionado socialmente, *discriminou o adultério*. Ao fazê-lo, revogou o sétimo mandamento da lei de Deus: *“Não adulterarás?”* Para os brasileiros em geral o mandamento divino é inaplicável, mas para a Igreja, que segue as Escrituras, não a sociedade, continua vigente. As “atualizações” humanas, seguindo a lógica racional pode até dizer, como faz o catolicismo, que na igreja cristã não é mais idolatria confeccionar “imagem de Deus”, pois a divindade de fez carne em Jesus Cristo, e seu corpo, sem idolatria, pode ser pintado e esculpido(21). Na linha de releitura da Bíblia para o mundo moderno, estamos caindo no que veementemente condenamos: O primado da palavra da Igreja sobre a das Escrituras; pior ainda: o primado da voz da sociedade sobre a voz de Deus. Se a Bíblia não autoriza, por leitura direta não preconcebida, a ordenação de mulheres ao ministério liderante do corpo de Cristo, com que base o fazemos? -A nossa, não a das Escrituras. Concordamos que Paulo escreveu no contexto de uma cultura socioreligiosa composta de três componentes culturais: Judaica, grega e romana. Esta realidade histórica, porém, não afeta as decisões divinas sobre o culto e seus dirigentes, bem como, e principalmente, a liderança do Corpo de Cristo.

Lembremos que a Igreja nasceu de um Homem, Jesus Cristo, firmou-se sobre doze colunas, doze homens. Estas verdades são transculturais e transtemporais.

XV. HOMEM, OFICIANTE DO CULTO

I Tm 2. 8- 15: Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade. Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém, com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas). A mulher aprenda em silêncio, com toda submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido(21); esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois, Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se las permanecerem em fé, e amor e santificação, com bom senso”.

A tradução de “*andros*” por *homem*, em lugar de *marido*, é mais usual, mais correta e, especialmente, mais em consonância com o contexto, que trata de culto público(v. 8), onde a mulher fica desautorizada a exercer autoridade sobre o homem.

Os dois primeiros cultos da humanidade, segundo as Escrituras, foram prestados por dois homens: Caim e Abel.

Paulo, ao contrário do que pensam os igualitaristas, não construiu a doutrina da celebração masculina do culto público sobre a base transitória da sociologia religiosa de seus dias, fundamentou-a nas Escrituras sobre dois pilares reais, permanentes e irremovíveis: **a criação e a queda.**

XV.1- Criação

“Porque primeiro foi formado Adão, depois, Eva”(I Tm 2. 13). Adão já se encontrava em plena atividade diretiva, regendo a obra criada, gerenciando o Éden e nominando os seres animados e inanimados (Gn 2. 15, 19, 20), quando sentiu necessidade, não de uma co-regente, mas de uma *auxiliar* responsável, fiel e submissa. E Deus lha deu (Gn 2. 21-25). Aqui, como disse Calvino(23), não prevalece o princípio da simples anterioridade temporal, porque João Batista veio antes de Jesus, e este é muito maior que ele. Paulo, certamente, leva em conta três consideráveis fatos:

a- Adão em primeiro lugar: anterioridade funcional. Quando Eva chegou, seu marido era o único rei sobre a criação, recebendo pessoalmente a ordem do Criador para cultivar a terra, guardar e ordenar as vidas existentes (Gn 2, 15, 19, 20). Deus a fez e a colocou como *esposa-rainha*,

auxiliadora do *marido-rei*, que se encontrava no trono em pleno exercício da realeza. À esposa de Adão nenhuma ordem governamental foi dada, a não ser sua qualificação, reconhecida por Adão, que a credenciava como consorte autêntica e confiável: *“Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne”*. A companheira de Adão era de sua mesmíssima natureza e essência. Cada macho, sabia o primeiro homem antes da primeira mulher, relacionava-se com uma fêmea de sua espécie, idônea para o relacionamento, sobre a qual dominava (Gn 2. 20b). Ele também, agora tinha a sua própria fêmea, humanamente idônea, submissa a ele, sua protegida, fiel companheira, genitora de seus filhos, propagadora e perpetuadora da raça. Paulo não quer, baseado nos primados da criação, a inversão da ordem estabelecida por Deus: Deus-Rei do homem; homem-rei da mulher, não em termos de precedência, mas de origem e de autoridade: o homem saiu das mãos de Deus; a mulher saiu da costela do homem, mas ambos, obras do Criador.

b- O primeiro pacto, o de obras, foi feito com Adão: anterioridade factual. O pacto de obras, firmada entre o Criador e a humanidade, teve como signatário, em nome de todos os pósteros, o primeiro homem, antes do advento da mulher, conforme a segunda narrativa da criação: *“E lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”*(Gn 2. 16, 17). Portanto, Eva “nasceu”(foi criada) já pactuada com Deus mediante a palavra empenhada de seu marido. A mulher entrou na história sob o signo do pacto: verdade que não se há de revogar nem negar, pois pertence, de maneira inseparável, ao conteúdo original da criação e da continuidade relacional entre o Criador e sua criatura humana. É isto que Paulo não deseja que a Igreja reverta, pois o que Deus realiza o homem não pode modificar ou desfazer sob nenhum pretexto.

c- A mulher recebeu, no ato de sua criação, o ministério da maternidade: *“E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser mãe de todos os seres humanos”*(Gn 3. 20). Se pela mulher o pecado entrou no mundo; se por ela nasceram todos os pecadores, também do seu ventre, conforme a promessa (Gn 3. 15), veio à luz a “semente”(Jesus Cristo), que esmagou a cabeça da serpente. Sem a maternidade não haveria geração; sem maternidade não existiria a encarnação do Verbo, o triunfo sobre o tentador. Deus usou, pois, a maternidade da mulher tentada e iludida para realizar o seu plano redentor. A maternidade tem sido o meio para o surgimento de muitos réprobos, mas também o instrumento pelo qual Deus insere na História seus eleitos, inclusive homens de extraordinária estatura moral, espiritual e profética como Noé, Abraão, Isaque, Jacó, José, Samuel, Davi, Salomão, Isaías, Jeremias, Daniel, João Batista, JESUS CRISTO,

Pedro, João, Lucas, Tiago, Paulo. Sem a maternidade a mulher não teria a sua própria salvação, pois a “semente da mulher” é o Salvador dos eleitos. Maria foi salva pelo seu Filho. Paulo, falando da criação, tinha em mente, com certeza, Eva, protótipo da mulher genérica(24). Tanto que ele passa do singular para o plural, ao transferir para todas as mulheres o desiderato maternal da primeira mãe: *Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se elas permanecerem em fé e amor e santificação, com bom senso (I Tm 2. 15)*. Este ministério maternal, presente no lar e expresso na Igreja, é a maior bênção da humanidade. Qualquer homem ministro está entre duas mulheres: a mãe e a esposa. Se ambas são servas de Cristo, seu ministério será muito mais eficiente. Ministra maternal, submissa, mas não inferior ao homem, a mulher contribui com o seu testemunho, com o seu ensino leigo no lar e nos grupos de estudo, e com sua oração para a unidade, a santidade e o crescimento da Igreja. O fato de proceder do homem na ordem criacional, criada para ser auxiliar, não implica em subalternidade e inferioridade, mas em ministério feminino específico, profundamente necessário na organização, estruturação, manutenção e dignificação da família divinamente instituída, célula vital da Igreja do Cordeiro.

XVI- A QUEDA

“E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão” (I Tm 2. 14). O pacto, como dissemos, foi feito com Adão, antes da criação da mulher. Esta o quebrou, arrastando na queda seu marido, em virtude de sua co-responsabilidade, consubstancialidade e co-essencialidade com Adão. Lembremos que ela não era uma pessoa independente, autônoma. Como osso dos ossos e carne da carne de seu esposo, ela era dele e estava com ele indissolúvelmente. Sendo os dois uma só carne, o seu pecado tornou-se o de seu cônjuge, independentemente de ele ter desobedecido por ato individual, ter sido tentado por sua esposa, ter comido o fruto da árvore proibida (Gn 3. 6). A serpente foi a tentadora de Eva; esta, a tentadora de seu parceiro. Paulo diz que Adão não foi iludido; Eva foi; derrubando Adão por solidariedade congênita, pois ela é extensão dele. Ele é “Ish”(homem), ela, “Ishshâ”(mulher); o masculino e o feminino completam-se em Adão, unidade conjugal, “imagem e semelhança de Deus”(Gn 5. 2 cf Gn 1. 27). A esposa é parte do marido; este tem parte nela. Um não existe sem o outro. Eva, levada à queda, arrastou seu marido. Os dois caíram juntos. A partir daí, a responsabilidade da introdução do pecado no mundo não é mais dela: é de seu esposo, na qualidade de líder. Por isso Paulo registra: *“Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram” (Rm 5. 12)*. A única iniciativa gerencial de Eva, tomada à revelia de Adão, foi um desastre de conseqüências eternas.

A humanidade, na teologia paulina, é encabeçada por dois homens: Adão e Cristo: “*O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu*” (*I Co 15.47 cf Rm 5. 12ss*). Adão é o cabeça da velha humanidade; Cristo, o da nova, a Igreja; e nesta, o Cabeça instituiu ministros masculinos, figuras do Filho do Homem com admirável interação e miraculosa integração representativa. “*Quem vos der ouvidos, ouve-me a mim; e quem vos rejeitar, a mim me rejeita; e quem, porém, me rejeitar, rejeita aquele que me enviou*” (*Lc 10. 16*).

Colunas masculinas do povo de Deus. Israel firmava-se como povo de Deus nas doze colunas patriarcais, cabeças das doze tribos (*Ap 7. 4 - 8 cf 21. 12*). A Igreja fundamenta-se em Cristo e se apóia nas doze colunas apostólicas (*Ap 21. 14*). Se o culto da Igreja terrestre é liderado pelo sexo masculino, diferente não é o celeste, segunda a visão do vidente de Patmos: Os vinte e quatro anciãos ou presbíteros (*Ap 4. 4, 10; 11. 16; 19. 4*) formam o corpo litúrgico do templo celeste. E esses anciãos estão entronizados: “*Ao redor do trono há também vinte e quatro tronos e assentados neles vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro*” (*Ap 4. 4*). No presbiterato celeste não há presbítera; e o culto da Igreja na terra é antevisão do culto no céu. Vejam a declaração de Cristo na celebração da primeira eucaristia: “*Até àquele dia em que o hei de beber, novo, no reino de Deus*” (*Mc 14. 25b*). O que Paulo, em suma, queria ensinar é que Deus não colocou mulheres no comando ministerial da Igreja e nem na sua direção litúrgica. Elas entram, apelando para seus direitos, esquecendo dos deveres que Deus lhes concedeu, inclusive o da submissão. A dose maior de culpa cabe ao arminianismo pragmático do protestantismo contemporâneo. A liderança é prerrogativa do homem, cabeça da mulher; a ele compete levantar mãos ministeriais santas (*I Tm 2. 8*) na adoração e no comando do corpo adorador. Von Allmen diz que na qualidade de homem (anêr) e de esposo é que o Cristo ressurreto governa a sua Igreja (*II Co 11. 2*), e que não há registro neotestamentário de mulher proclamando a Palavra de Deus com solenidade, na qualidade de comissionada pelo Senhor, e nem batizando ou presidindo a eucaristia. E isto, prossegue Von Allmen, não procede dos preconceitos contra a mulher daquele tempo histórico específico, mas da doutrina da criação. “*Há uma ordem, desejada por Deus, segundo a qual cabe ao homem ser o liame entre o Senhor e a mulher*”. Eis porque somente o homem deve ser consagrado e ordenado ao ministério. Não é a virilidade que lhe dá condição de ministrar na Igreja de Cristo, mas a vocação e a consagração. A doutrina bíblica rejeita a idéia pagã da “mulher medianeira da graça”. O culto cristão não anula ou modifica a ordem da criação, antes é a sua confirmação e restauração memorativa diante do povo de Deus. Para subverter a ordem da criação tem de se opor o Salvador ao Criador, o

que fez Marcião que, não por acaso, mas por heresia doutrinária, foi o primeiro a criar o ministério feminino ordenado em sua seita facciosa(25).

**XVII- MARIDO, SÍMBOLO DE CRISTO;
MULHER, SÍMBOLO DA IGREJA.**

Ef 5. 22- 32: As mulheres sejam submissas a seus próprios maridos, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja, sendo este mesmo salvador do corpo. Como, porém, A igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos. Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a Igreja; porque somos membros do seu corpo. Eis porque deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à sua Igreja”.

O autor (Paulo, para os ortodoxos) defende a tese bíblica da unidade corporativa de marido e mulher, conforme estabelecida por Deus na criação, e não por convenção social. E esta união indissolúvel de esposo-esposa é, na concepção paulina, a melhor, mais profunda e mais adequada analogia da união ***Cristo-Igreja***. A idéia do paralelo relacional entre ***marido e mulher*** e ***Deus e Igreja*** vem do Velho Testamento, onde o Salvador dos eleitos apresenta-se como o Esposo infalivelmente fiel, por seu imutável amor, de uma esposa freqüentemente envolvida em adultério espiritual(idolatria) com deuses de outros povos(Is 54. 1- 8; 62. 4; Jr 3. 6- 14; 31. 32; Ez 16. 23; Os.: caps. 1- 3). Jesus se utiliza da mesma analogia nas parábolas em que o Filho de Deus é descrito e retratado como noivo da Igreja (Mt 9. 15; Mt 22. 2- 13; Mt 25. 1- 10). “Quando se diz que Cristo é o Cabeça da Igreja (Ef 1. 22; Ef 5. 23; Cl 1. 18; I Co 11. 3), estão implícitas duas coisas: a responsabilidade que ele sente pela Igreja, e a responsabilidade que a Igreja tem para com ele. Há, aí, implicações comparáveis às das relações do casamento”(26) em que o amor é o vínculo da união de desiguais. Cristo é infinitamente superior à Igreja: Ele, Marido: eterno Filho de Deus, Mediador da criação, consumidor da redenção e da fé, Rei de todo o universo, Salvador dos eleitos, sem pecado, a Palavra de Deus encarnada, o caminho, a verdade e a vida. Ela, Igreja-esposa: Falível, pecadora e de pecadores, propensa à infidelidade, limitada, mortal,

impotente, incapaz, totalmente dependente de seu Esposo. A unidade, portanto, como já foi dito, não elimina as diferenças individuais. Cristo, ao unir-se com sua Igreja, não se tornou igual a ela e nem ela igual a Cristo (Jo 17. 21, 22). Sua união com a Igreja, compreendida pela ilustrativa imagem do corpo humano, é similar à união da cabeça com o corpo: O cérebro comanda; o corpo obedece. Esta semelhança existe na relação conjugal: marido=cabeça; mulher=corpo (Ef 5. 23). No paralelo analógico, sempre a cabeça comanda o corpo, jamais, o contrário. A analogia só é possível em virtude da similaridade dos conjuntos análogos. Não se há de buscar impropriedades na comparação analógica dos “casamentos”: *homem - mulher* e *Cristo - Igreja*, pois quem a fez foi o próprio Deus. E tal analogia deixa claramente estabelecida a liderança do marido sobre sua esposa, “em tudo submissa” a ele. Semelhante é a liderança de Cristo sobre sua esposa, a Igreja. Isto evidencia, de maneira exegeticamente convincente, que não cabe à Igreja exercer autoridade sobre Cristo como não compete à esposa liderar o marido. Logo, não é possível, segundo a ordenação divina, o ministério feminino liderante na Igreja como o de apóstola, bispa, pastora e presbítera. A Igreja-esposa não pode travestir-se de marido. O comando do rebanho e a supremacia sobre ele são, intransferivelmente, atribuições do Cordeiro. Sendo o pastor do aprisco de Deus um símile, por analogia, função e ministério, do Sumo Pastor, não pode ser do sexo feminino, pois este representa as ovelhas pastoreadas, a Igreja, esposa, não marido. Ao colocar-se uma mulher no pastoreio da Igreja, sem expressa autorização bíblica, cometem-se duas impropriedades: Primeira: O entendimento de que a verdade revelada, no que concerne ao ministério, teve validade apenas local e temporal. Segunda: Coloca-se a Palavra de Deus sob o signo da relatividade, estabelecendo-lhe supostas inoportunidades e inaplicabilidades em situações e contextos culturais em que a Igreja se insere e aos quais se adapta. O que Deus fez nos tempos bíblicos não se aplica à Igreja moderna. “Igreja moderna?”. As portas do inferno não prevalecem contra a Igreja, mas as da história prevalecem: desfiguram-na e a debilitam. A Reforma encontrou-a assim, num estado espiritual deplorável, mas politicamente dominadora. Levou-a de volta às Escrituras, e ela reviveu, mas indeléveis cicatrizes permaneceram. Há um parasita nas florestas tropicais, popularmente chamado “Mata-pau”. Ele começa tímido, um cipozinho desprezível, abraça a árvore inteira como quem a afaga. Vai engrossando, enroscando, dominando, apertando, asfixiando até transformar o hospedeiro amigo em cadáver. A esta altura, o “Mata-pau” já não precisa mais do suporte original, pois tem vida independente, árvore frondosa à custa alheia. O modernismo faz assim com a Igreja: vive nela e dela até tornar-se forte, matar a velha Igreja, apropriar-se de sua estrutura, descartar os seus restos mortais. Fez assim na Europa e

nos Estados Unidos, com ministério feminino e tudo, e começa a asfixiar a reforma no Brasil.

XVIII- ADÃO E EVA: PROTÓTIPOS SIMBÓLICOS

XVIII.1- ADÃO, PROTÓTIPO DE CRISTO.

Adão, o filho original com quem Deus firmou o pacto de obras, foi necessário antecessor natural do segundo Adão, nosso Senhor Jesus Cristo, conforme o entendimento paulino: *“Pois assim está escrito: o primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, e, sim, o natural; depois o espiritual. O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu. Como foi o primeiro homem, o terreno, tais são também os demais homens terrenos; e como é o homem celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial”*(I Co 15. 45- 49).

O crente verdadeiramente redimido é *natural* em Adão, e *espiritual* em Jesus Cristo: porta a imagem do terreno, formado da terra, e também a do celestial, o que é do céu, Cristo Jesus. Sendo *protótipo de Jesus*, pessoalmente Adão não quebrou o pacto, na concepção paulina: *“E Adão não foi iludido”*(I Tm 2. 14^a). Adão, embora não tenha ouvido a voz da serpente e não tenha, individualmente, traído o seu Senhor, Criador e Rei, *assumiu*, por solidariedade gerada pela união conjugal, o *pecado de Eva, sua esposa*. A realidade prefigurada em Adão, um tipo de profecia objetivada, cumpre-se, de maneira real e concreta em Cristo, segundo Adão, Esposo da Igreja: Como cabeça dos eleitos, e sendo o Filho de Deus, não era pecador nem cometeu pecado, mas se fez pecador, *assumindo o pecado de sua esposa*, a Igreja: *“Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus”*(II Co 5. 21). E o paralelo simbólico é ainda mais extenso: assim como Eva saiu de Adão; a Igreja procede de Cristo; como Adão antecede Eva, Cristo é eternamente anterior à Igreja; Como Adão é senhor de Eva, Cristo é Senhor da Igreja; a culpa de Eva caiu sobre Adão, e ambos morreram; a culpa da Igreja caiu sobre Jesus e ambos morreram e ressurgiram para Deus, para a vida eterna. A tese da morte da Igreja em Cristo é explícita em Paulo: *“Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque se fomos unidos com ele na semelhança de sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição; sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu, justificado está do pecado. Ora,, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos”*(Rm 6. 4- 8). Na etiologia paulina do casamento, a

anterioridade, a prioridade e a liderança do marido são irrefutavelmente evidentes, e tudo com base na criação, no pacto e na redenção; nada de circunstancialidade histórica, sociológica, cultural e temporal. O apóstolo dos gentios, inspirado, trata da matéria teologicamente, dentro da teologia estritamente bíblica, estabelecendo o primado: **Homem, cabeça da mulher; Cristo, Cabeça da Igreja**, isto é, como Cristo é o Sacerdote da Igreja, semelhante e tipicamente o homem é sacerdote da mulher: I Tm 2.12: “*E não admito que a mulher ensine (como docente sacerdotal), nem que exerça autoridade sobre o marido (parênteses nossos).*”

XVIII.2- EVA, TIPO DA IGREJA.

“*A mulher, sendo enganada, caiu em transgressão*”(I Tm 2. 14b). Eva, a esposa do primeiro Adão, representa a Igreja transgressora, esposa do segundo Adão. Quando Deus inquiriu Adão no Éden sobre seu estado de nudez, fuga e pecaminosidade, ele respondeu: *A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, eu comi*”(Gn 3. 12). Cristo, analogicamente, poderia ter dado resposta semelhante, ao sentir-se abandonado no Gólgota em condição tão alienada, em solidão tão profunda, que exclamou. “*Deus meu, Deus meu: por que me abandonaste?*”. Sim, ele poderia ter dito: *A mulher que tu me deste por esposa, a Igreja, fez isto comigo! Pessoalmente não tenho de pagar o salário do pecado, a morte, pois não pequei. Morro pela transgressão da esposa infiel que me deste.* Lembremos que a Igreja é a soma dos eleitos. O paralelo entre Eva, a mulher representativa, introdutora do pecado no mundo e mãe de todos os seres humanos pecadores, e a Igreja é muito significativo e extraordinariamente rico.

a-Igreja, esposa infiel. Nas Escrituras vetotestamentárias a Igreja, sempre que retratada como esposa de Javé, é chamada de mulher adúltera, traidora dos compromissos conjugais com o divino Marido, isto é, contumaz abrogadora do pacto. Mas, apesar de tudo, a maculada consorte é a “escolhida” de Deus, o Esposo, que a ama, respeita-a e lhe devota incorruptível fidelidade. Um dos quadros mais ilustrativos da relação de “marido moralmente inatacável com uma mulher extremamente corrupta, pintando a natureza desigual do convívio marital de Deus com a esposa, Israel, é a história de Oséias, o profeta que recebeu ordem divina para desposar uma prostituta, Gômer: “*Vai, toma uma mulher de prostituições, e terás filhos de prostituição*”(Os 1.2; ver Os 1.1ss). Infiel sempre foi a Igreja, a eleita de Deus; fiel sempre foi o seu Esposo, que jamais deixou de perdoar-lhe as traições, as infidelidades. Na analogia que Paulo faz do casamento, em Ef 5. 22-32, ele mostra que Cristo, o Esposo, entrega-se por sua amada para purificá-la, santificá-la, prepará-la para si mesmo, com o fim de apresentá-la, certamente no reino escatológico, sem mácula nem ruga (vs. 25-27). A idéia é a mesma esposada em Oséias: Deus toma para si uma mulher prostituta, a Igreja, para ser mãe de seus filhos, dedicando-lhe

imensurável amor, infinita misericórdia e incansável tolerância. E a Igreja sabe que não merece o Esposo que tem, que fez dela consorte honrada, prestigiada e garantida no lar, pois o seu casamento com Cristo é indissolúvel.

b-Mulher-mãe: “*Será preservada através de sua missão de mãe*”(*I Tm 2. 15*). A primeira mulher recebeu de seu marido, o único que tinha autoridade para fazê-lo, o nome de Eva, exatamente por ser mãe original, mãe de todos os seres humanos: “*E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos*”(*Gn 3. 20*), especialmente mãe da “semente”(Messias), que se vingaria, por sua mãe, a Igreja, da serpente(*Gn 3. 16*). A Igreja, esposa de Cristo, retratada na figura materna de Eva, não tem, nem pode ter, filhos de outros maridos. O seu desejo de mulher, sua libido espiritual (se podemos falar assim) centraliza-se exclusivamente em seu Marido, à semelhança de Eva: *Em meio de dores darás à luz, filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará*”(*Gn 2. 16*). A paixão da Igreja por Deus transforma-se em anseio traduzido nas declarações de amor do salmista: “*O meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!*”(*Sl 84. 2b*) “*Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando irei e me verei perante a face de Deus?*”(*Sl 42.2*). A mulher concebe filhos de seu marido; a Igreja os gera de Jesus Cristo e para ele. Calvino, falando sobre o ministério maternal da Igreja, diz: “*Não há outro caminho pelo qual se chaga à vida senão pela concepção no seio desta mãe, que nos dá à luz, alimenta-nos com suas tetas, ampara-nos e nos preserva até que, despojados da carne mortal, sejamos semelhantes aos anjos*”(27). Esse papel maternal da Igreja desposada com Cristo, ilustrado da maneira mais exata possível pela maternidade da esposa cristã, fiel e submissa em tudo a seu marido, é que Paulo usa para ressaltar o sublime ministério da mulher, não usurpando a posição do homem nem subvertendo a ordem estabelecida por Deus: Cristo, Cabeça da Igreja, sua esposa, mãe dos filhos de Deus; marido, cabeça da mulher, sua consorte conjugal, mãe de seus filhos, filhos de Deus: “*Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre seu galardão*”(*Sl 127. 3*). Paulo, solidamente baseado nas doutrinas da criação, redenção e eleição, sustenta a manutenção da ordem estatuída, vigente no Velho Testamento, na Igreja cristã. Ele conhecia o sacerdócio feminino nos cultos pagãos de sua época, cruzava todos os dias com prostitutas sagradas das religiões pagãs dos cultos de mistérios e da fertilidade nas “ressurreições” estacionais. Não podia admitir a intromissão de princípios humanos na instituição do novo pacto, filho e sucessor do velho, herdeiro das promessas, submisso à mesma Palavra de Deus. A mulher, figura de Igreja e de mãe, não pode exercer paternidade espiritual; seu desiderato é maternal. O corpo não manobra a cabeça. Uma mulher no pastorado ou no presbiterato seria isto: *Corpo, Igreja, mandando na cabeça, Cristo. A*

paternidade compete ao homem, tipo de Cristo, prefigurado em Adão. Não sei explicar exatamente porque o divino Senhor instituiu um sistema hierárquico criacional e revelacional de autoridade escalonada: Deus-Cristo- homem- mulher. Fico com o que ele deixou, convincentemente explicado por Paulo, como vimos até aqui.

c-A Mulher e os Sacramentos.

Outra coisa que evidencia a não inclusão da mulher no ministério liderante ordenado da Igreja é a total ausência de registro sobre sua participação na ministração dos sacramentos: batismo e Ceia. Calvino afirma que o múnus da ministração dos sacramentos compete ao ministro eclesiástico ordenado, não ao leigo nem à mulher.

Santa Ceia. Cristo, ao celebrar a Ceia inaugural, partiu o pão com os seus apóstolos e ordenou-lhes: “*Fazei isto em memória de mim*”, autorizando-os a executarem-no ministerialmente na Igreja nascente e celularmente representada nos doze ali presentes, exceto Judas Iscariotes. Jesus tinha muitas mulheres discípulas, que andavam com ele e o serviam, além de sua mãe a quem considerava e respeitava. A nenhum delas, porém, chamou para a primeira e original eucaristia, base de todas as celebrações posteriores. À mulher, portanto, não se lhe deu a ordem da celebração sacramental. Este fato, entende Calvino, prova que o Filho de Deus não deseja que a mulher seja ministra eucarística(28).

Estranho me parece que numa Igreja fundamentada na Reforma e calvinista em sua teologia e eclesiologia, como a Igreja Presbiteriana do Brasil, permitam-se mulheres ministrarem a Ceia do Senhor. Calvino está sendo esquecido ou ignorado. O § único do Art. 15 de “Princípios de Liturgia” autoriza o ministro a, na falta ou impedimento de presbíteros, convidar diáconos ou membros da Igreja em plena comunhão para auxiliarem na ministração da Ceia, mas não autoriza membros femininos, nas circunstâncias previstas, a distribuírem os elementos eucarísticos. Ao afastarmos da Reforma, também nos afastamos das Escrituras sem que a consciência cristã nos acuse de infiéis às determinações de Deus.

Batismo. O que se disse da Ceia vale para o batismo. Cristo, ao enviar seus apóstolos, ordenou-lhes fazer discípulos e batizá-los. Não ordenou mulheres ao ministério batismal. Eis porque o Novo Testamento não registra um caso sequer de rito batismal executado por elementos femininos, pois a ministração tanto do sacramento batismal como da eucaristia era da exclusiva competência do ministério ordenado masculino(29).

Paulo constrói a doutrina ministerial sobre os fundamentos da revelação, da criação e das ordenanças litúrgicas; jamais sobre a razão ou sobre fatos culturais, históricos e sociais.

XIX- CONCLUSÃO

Os que sabem que as verdades divinas são reveladas: procedentes de Deus e não dos homens;

os que aceitam integralmente as Escrituras e as tomam como regras de fé e normas de conduta e parâmetros eclesiais;

os que se julgam inabilitados e incompetentes para ditarem normas ao Revelador da palavra sagrada e aos seus apóstolos;

os que crêem que os pastores do rebanho de Cristo são exclusivamente eleitos e chamados por Deus;

os que defendem o princípio da *Igreja-serva*, figurada na *mulher-esposa submissa*- que não ordena, não preside, não dirige e não oficia as ordenanças litúrgicas e sacramentais, mas podem exercer o ministério do ensino, da música instrumental e da vocal.

Os que governam bem a sua casa; trazem os seus filhos sob sujeição e disciplina; educa-os na Igreja e procura integrá-los na sociedade eclesiástica de que fazem parte, ama sua esposa, respeita-a e cuida dela como se cuida de si mesmo.

Os que uma família exemplar, com bom testemunho dos irmãos e dos de fora.

Finalmente, todos que assim crêem e agem segundo a fé, que professam, não discutem, não alteram e não negam os seguintes legados escriturísticos:

01- Homem líder, mulher auxiliadora: Primeiro foi criado o homem, depois a mulher. E esta veio para quebrar-lhe a solidão, ser-lhe companheira e **auxiliadora**: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”(Gn 2. 18). Como **companheira e auxiliadora** do homem Deus criou a mulher e quer que ela continue assim no reino dos eleitos de Cristo, no governo espiritual de seu povo. Mulher: auxiliadora, serva, aquela que serve à semelhança da Igreja a qual tipifica e ilustra existencialmente.

02- Homem, signatário do primeiro pacto(Gn 2. 15-17). O primeiro pacto foi celebrado com Adão, antes da existência de Eva, que potencialmente já existia no corpo do homem primevo de onde Deus a tirou. Deste modo, ela entrou numa aliança pré-existente com Deus por meio de seu marido. Assim também acontece com a Igreja: seu pacto com Deus realiza-se por meio de seu Esposo, Jesus Cristo. Todos os demais pactos foram firmados por meio de homens signatários, ficando a mulher em posição de beneficiária passiva. E não podia ser diferente, pois ela representa a Igreja pecadora, objeto da graça.

03- A mulher quebrou o pacto: *Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão”(I Tm 2.14).* Ela, carne da carne e osso dos ossos do marido, uma unidade social, moral, psicológica, emocional e espiritual com ele, fê-lo participante das consequências de sua transgressão. Adão e Eva, como protótipos de Cristo e da Igreja

respectivamente, prefiguram exatamente a união entre o imaculado Cordeiro e Igreja pecadora. Cristo não pecou, mas assumiu o pecado de sua Esposa, a Igreja: *Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus*” (II Co 5.21).

04- Homem, cabeça; mulher, corpo: *“Porque o marido é o cabeça da mulher, como Cristo é o cabeça da Igreja, sendo este mesmo Salvador do corpo”* (Ef 5.23). A cabeça dirige o corpo; o corpo expressa a cabeça. A relação não superioridade nem de submissão, mas de funcionalidade, mais ou menos o que se estabelece entre Cristo e sua Igreja: *“Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos”* (Ef 5. 24). A interação cabeça-corpo é fisiologicamente natural, conforme a lei da criação. No campo espiritual, analogicamente, a relação cabeça-corpo é estrutural e espiritualmente preconcebida por Deus. Deste modo, a inversão transforma o normal em anormal, a ordem em desordem, a perfeição em perversão: *o corpo comandando a cabeça*. Como a Igreja, corpo, não dirige Cristo, Cabeça; a mulher, corpo, não pode governar o homem, cabeça: *“Não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido”* (I Tm 2.12). Sendo o homem imagem de Cristo, e a mulher, imagem da Igreja, a analogia cabeça-corpo aplica-se ao governo eclesial. Porém, se o modelo da Igreja e do lar cristão não serve para a sociedade secular, também os oscilantes padrões desta são inaplicáveis normativamente ao corpo de Cristo e a cada um de seus membros.

05- Ministério masculino. Deus não concedeu à mulher o sacerdócio no Velho Testamento nem o apostolado no Novo. Não se registra sua participação na instituição eucarística e não há qualquer evidência bíblica de que ela tenha exercido o ministério batismal na Igreja primitiva. E isto, para os que crêem nas Escrituras, reflete a vontade divina. Se Deus quisesse a mulher no ministério eclesial liderante, tê-la-ia colocado de maneira clara, insofismável.

06- Cristo, esposo; Igreja, esposa. O marido fecunda biologicamente a mulher, e ela lhe dá filhos; Cristo fecunda espiritualmente sua esposa, a Igreja, e ela produz frutos. Ele é o Pai que nos gera; a Igreja, nossa mãe que nos concebe, dá-nos à luz, alimenta-nos e nos acolhe no seu regaço. Esta imagem é do respeitável Calvino. O ministério maternal o Criador o concedeu exclusivamente à mulher; o paternal, ao homem. Não se inverte tal ordem da criação.

07- O papel da mulher. O organismo espiritual é a projeção do físico. Ambos são constituídos de cabeça e corpo, com papéis específicos e bem definidos. A mulher, símbolo do corpo eclesial, tem funções imprescindíveis tanto no campo da maternidade responsável, da sua contribuição maternal na educação cristã, como na didática da Igreja por meio do ensino religioso nas escolas bíblicas. Se Deus não a colocou no

ministério pastoral e presbiteral como dirigente litúrgica e sacramental, quer no culto terrestre quer no celeste, deu-lhe, por outro lado, missão de *serva*, de *auxiliadora*, sem qualquer pretensão de ser *cabeça*. Ela sabe, por revelação e não por aculturação social, que a união *esposo-esposa* não se dá pelo princípio da igualdade, pois são muito diferentes, mas pelos vínculos do amor, única força, dom divino, que une desiguais. Sem o ministério auxiliar feminino o masculino não existiria, como não existe lar, na bíblica acepção do termo, sem a união marido-mulher, isto é, cabeça-corpo.

08- A mulher serva. Como a Igreja, a mulher é serva por natureza. Assim tem sido, é e deve continuar sendo a mulher presbiteriana. Sem qualquer título ministerial, sem a obrigação oficial de servir, sem inclusão na “folha de pagamento” da Igreja, ela serve ao seu senhor, cumprindo os propósitos para os quais Deus a criou: ser companheira e auxiliadora. Ninguém tem feito mais na Igreja Presbiteriana do Brasil que a mulher: formadora do caráter cristão da juventude; evangelista de seus filhos; sustentadora do ministério masculino, cooperadora na obra missionária; participante da liturgia comunitária; intercessora incansável; diaconisa leiga ativa em todos os eventos da Igreja; mestra de ensino religioso de todas as faixas etárias, especialmente de crianças e adolescentes; serva dos servos na comunidade; colaboradora da Igreja nacional por meio da SAF e das federações do trabalho feminino. A submissão, o desprendimento, a liberalidade, a espontaneidade, a consagração e a livre dedicação da mulher presbiteriana qualificam-na como verdadeira serva de Cristo, como autêntica figura da Igreja do Cordeiro. Por que transformá-la em cabeça, em governanta eclesial, em líder sacramental, quando o seu Criador e Pai fê-la vir à existência como companheira e auxiliadora do homem? Pode a mulher, imagem da Igreja, ocupar a posição de cabeça concedida por Deus ao homem? Paulo, seguido por Pedro, conclui que não.

A nossa Igreja não adota o ministério ordenado feminino por questões bíblicas e teológicas. Não há fundamentação escriturística para tal ordenação ministerial, embora se reconheça o elevadíssimo papel da mulher na Igreja. Sem ela os lares não existiriam, nossos filhos não estariam na Igreja, nossos templos não seriam ornamentados como são, nossas crianças não seriam educadas religiosamente, nossos corais seriam muito fracos e pobres, os teclados de nossos órgãos e de nossos pianos seriam pouco acionados. Tudo seria muito triste!

Terceira Parte:

SANTIDADE E SANTIFICAÇÃO

I- Síntese introdutória

Santificação: Imagem do crente verdadeiro.

Santificação, na minha concepção, é o trabalho progressivo do Espírito Santo em nós, instrumentalizando-nos, para conformar a nossa vontade à de Jesus Cristo; dar nítida visibilidade à nossa cidadania cristã; habilitar-nos para o serviço, cada vez mais eficiente, no reino do Filho de Deus; aculturar-nos nos mistérios da revelação.

Deus, pelo seu Espírito Santo, trabalha o regenerado como o exímio escultor cinzela pedras brutas, transformando-as em estátuas lindas, perfeitas, históricas, admiráveis e significativas. O pecador, eleito conforme os eternos planos do Criador, é trazido ao mundo no tempo preordenado. Aos seus ouvidos, mente e coração o poder divino faz chegar a Palavra regeneradora; e então, conforme a prescrição do supremo Rei, ele a recebe, incorpora-a, aceita o Salvador anunciado, torna-se um crente, isto é, um servo de Deus. A velha criatura converte-se em nova por ato regenerador instantâneo do Espírito. Começa, a partir da regeneração, o crescimento da “pessoa nova”, uma “criança” de Deus em processo de desenvolvimento. Tal progresso é contínuo; dura até a morte física do salvo. Quanto mais o eleito-salvo santifica-se, melhor, mais útil e consagrado servo se torna. O homem nunca chega à condição de absolutamente perfeito, exatamente em decorrência de sua humanidade limitada física e espiritualmente. Por obra do Criador ele nasce no tempo, cumpre seu desiderato preordenado, e morre. Sua existência não termina com a morte; viverá em estado desencarnado sob a proteção de Deus; retomará seu corpo, mas incorruptível, e, com ele viverá eternamente com Cristo em permanente “estado de santidade”. O homem não é santo por natureza, nem o será por esforços pessoais místicos, caritativos e introspectivos. Deus, diferentemente, é santo por natureza, por essência, não por atribuição.

O Criador criou a velha humanidade em Adão para exercer, em seu nome, a mordomia mundial. A queda conturbou a velha ordem, e o homem, que deveria estar voltado para Deus, voltou-se para si mesmo, materializou-se. Para livrar uma “semente santa”, embutida na raça caída, o soberano Criador recriou, na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo, nova humanidade, cujos filiados receberam a incumbência de, não somente demonstrar o novo estado, mas também divulgar, corajosamente, a fé, a santidade, a unidade e a moralidade dos herdeiros de Cristo. Somos salvos, portanto, para sermos súditos operacionais do novo Adão, o Messias.

O reino de Cristo na terra é composto, pois, de “santificados”, aos quais, pela santificação, Deus habilita para as missões locais e internacionais, para o testemunho e, se necessário, até para o martírio. *Melhor santo, portanto, é o que melhor serve o seu Senhor.* Uma Igreja, cujos membros não se santificam, isto é, não se entregam totalmente a Jesus Cristo, fica estagnada, apática, improdutiva, invisível ao mundo. A santificação, que o Espírito Santo opera no redimido por Cristo, é para

glória de Deus; jamais para sua “beatificação”, para a egocentrização mística, para fuga da realidade, para exclusão do mundo, para atingir um alto grau de merecimento diante de Deus, para ser redimido à margem da graça e do sacrifício vicário de Cristo no Calvário, para fazer jus às benesses divinas. Santificação, por outro lado, não é “contribuição pessoal” à obra redentora de Cristo. Salvação é graça imerecida. Deus nos elege, salva-nos e nos chama, não somente para a remissão, mas também para o serviço ministerial. Talvez você já tenha ouvido o jargão: *Servo que não serve, não serve*.

Aquele que Deus faz nascer, faz também crescer. Um bebê é muito querido de seus pais, mimado por eles, emocionalmente amado enquanto bebê. O sonho dos genitores, no entanto, é que ele se torne adulto, útil à família e à sociedade. O regenerado, igualmente, enquanto necessita de leite, por falta de maturidade (cf I Pe 2. 2), tem, certamente, o amor do Pai celeste, Rei dos reis, mas precisa crescer para servi-lo no seu reino terrestre na condição de súdito.

Os meios pelos quais Deus santifica cada um de seus eleitos salvos nós, míseros mortais, desconhecemos. Sabemos que Saulo caiu no Caminho de Damasco, levantando-se o Paulo regenerado, completamente transformado e preparado para o ministério entre os gentios. Cefas, porém, tornou-se Pedro, andou com Jesus Cristo, privou-se de seu convívio, mas o negou três vezes. Mesmo durante grande parte de seu ministério apostólico, sua maturidade ainda não estava completa; contudo, veio a ser um extraordinário líder, competente servo, humilde pastor. Não há um modelo padronizado, que a Igreja possa estabelecer, para que os seus fiéis santifiquem-se. Há princípios gerais como a Oração, as Escrituras, a comunhão dos remidos e o comportamento cristão; mas nem todos se santificam por eles, embora os sigam externamente.

Santificar-se é uma necessidade, porque é natural na vida do regenerado e indispensável ao serviço e ao testemunho dos servos de Jesus.

Santidade de Deus e do homem. é um estado do ser. No caso da divindade, é um atributo permanente, significando pureza absoluta e uma total separação do mundo natural, pois Deus é puro espírito e espírito puro, transcendente e eterno. A pessoa divina não peca porque é imune à corrupção e, além do mais, zela por seu nome incomparável, imutável e incorruptível. Deus é tão santo, tão imaculado e imaculável, tão distintamente “outro”, tão inacessível, que olhos humanos não podem contemplá-lo. Em decorrência da perfeitíssima santidade, da puríssima espiritualidade, da imodificável moralidade; sua “santidade” é mais que “atributo”, que qualidade; é a sua própria essência, a expressão exata de seu “ser” acima e além da criação. O Divino é completamente “outro”, distinto da matéria e separado dela. A santidade integra a natureza de Deus (cf Is

6. 3). A definição: *Deus é santo*, é a mais perfeita e sintética descrição da divindade que se possa fazer, muito mais que dizer que “Deus é amor”. O termo “santo”, quando conota a divindade, significa: Puro, completo, perfeito, separado da matéria e do material, luminoso, brilhante, amoroso, justiceiro. O perfeito amor e a perfeita justiça encontram-se em Deus sem contradição.

Santidade, no caso do ser humano, é uma condição de “separado em Cristo”, não faz parte de sua natureza, nem pode ser uma conquista de seus esforços pessoais, independentemente da graça divina. Santo é aquele que o Deus Santo separou para ele. Quem está em Deus, não somente é um “separado”, mas “qualificado” e “habilitado” para a “santificação”. Não há santificação fora da relação com o Santo, Deus. Santo e em processo de santificação, é o pecador que Deus em Cristo remiu e separou para ele, colocando-o no estado e posição de santidade. O salvo, portanto, goza de um estado de santidade e, em decorrência desse estado, experimenta a progressividade santificadora. Quem não foi regenerado, não cresce. O esforço do réprobo para ser santo e, conseqüentemente, merecer as benesses de Deus, incluindo a salvação, é completamente inútil.

Santificação:

Santificação: eis o que, a respeito, ensina-nos a Confissão de Fé de Westminster: *Os que são eficazmente chamados e regenerados, tendo sido criado neles um novo coração e um novo espírito, são, além disso, santificados, real e pessoalmente, pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, por sua palavra e por seu Espírito, que neles habita; o domínio de todo o corpo do pecado é destruído, as suas várias concupiscências que são mais e mais enfraquecidas e mortificadas, e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor (C. F. W. Cap. XIII, item 1).*

Primeiro o pecador eleito é chamado para ser de Cristo; partido daí a santificação, conseqüência natural dos redimidos, regenerados, justificados, feitos filhos de Deus.

A CFW reconhece três poderes geradores e mantenedores da santificação:

1- A morte vicária e a ressurreição de Jesus Cristo. Em Cristo morremos e nele ressuscitamos para uma nova vida de santidade, base da santificação. A morte e a ressurreição de Cristo geram o poder realmente criador da nova humanidade. Pela morte ele nos remiu; pela ressurreição ele triunfou sobre os poderes tartáreos que nos dominavam, colocando-nos no seu reino e palmilhando conosco o caminho da santificação, melhorando-nos cada dia para a sua alegria e glória.

2- A palavra do Evangelho, que sumariza e completa a revelação vetotestamentária. Essa palavra é viva, eficaz, penetrante e transformadora

(cf Hb 4.12). O Evangelho é a potente voz do Espírito, anunciada pelo pregador, no chamamento dos pecadores: *Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés de quem anuncia coisas boas!* (Rm 10. 14, 14 cf Rm 1. 16; Ef 1. 13; Jo 17. 17). O pastor, pois, tem dupla função: Edificar a Igreja e pregar o Evangelho salvador aos de dentro e aos de fora da comunidade.

3- O Espírito Santo. O pregador vocacionado por Deus é orientado, estimulado e iluminado pelo Espírito Santo, que age também no eleito que ouvir a pregação do Evangelho, pois ele foi preordenado para crer e será tocado pelo Espírito para aceitar (cf II Ts 2. 13; Rm 8. 13- 17). O Espírito atua no coração e na mente do eleito, convencendo-o do pecado, da justiça divina e do juízo de Deus (cf Jo 16.8-11). O pastor não precisa “invocar” o Espírito; Deus o outorgou à sua Igreja, e entregou seus ministros a ele, para instrumentalizá-los na graça e instruí-los na mensagem salvadora do grande e imaculado Cordeiro. O Espírito, pois, ilumina o mensageiro para pregar a autêntica Palavra de Deus, extraída das Escrituras, e ilumina também os seus escolhidos que a ouvirem para que a entendam e aceitem o Salvador e a salvação prometida: Tudo obra da graça.

Começo e processo da santificação. A santificação começa com o decreto eterno da eleição pelo Pai; realiza-se no tempo por ato divina da separação mediante o Filho; prossegue com os cuidados do Espírito Santo no processo de crescimento espiritual. Portanto, a partir do novo nascimento ou da justificação, o servo de Deus começa a crescer ou “santificar-se”. Trata-se, como se percebe, de servo estagiário no “educandário de Cristo Jesus”, de quem recebe todo adiestramento e alimentação necessários ao desenvolvimento, ao crescimento, à pureza física, mental e espiritual indispensáveis. Assim, exclusivamente em Cristo, o crente nasce, cresce, desenvolve-se e amadurece, não para a seu próprio bem, mas para glória do Mestre. O pecador, quando sai das trevas para a luz (I Pe 2.8.9), precisa, orientado pelas Escrituras ministradas pela Igreja e iluminado pelo Espírito Santo, aprender a viver na luz e a praticar suas obras. Nos primeiros anos de conversão, a santificação é intensíssima na vida dos neoconvertidos. Depois, pode cair na indesejável rotina e paralisar ou fenecer. A luz espiritual penetra no redimido como a natural penetra os olhos do gato: Pode estar totalmente escuro ao redor, que ele recebe luz suficiente para enxergar, livrar-se dos predadores noctívagos e conseguir alimentação.

II- TERMINOLOGIA

a- Santo. A palavra **santo**, em português, vem do latim > **sanctus** = sagrado, venerável, imaculado, sem pecado, sem defeito moral.

b- Biblicamente falando, o termo **santo** procede do hebraico **qadhôsh**, que significa, basicamente, separado: separado da ordem criada; separado para Deus. No Novo Testamento, a tradução comum de **qadhôsh** é **hágios**, significando “puro”, sem mancha moral, espiritualmente perfeito, piedoso.

>O verbo hebraico, no Velho Testamento, para santificar é **“qadash”**

>O substantivo dele derivado é **“qodesh”**. Exemplo: O santo.

>O adjetivo é **“qadosh”**. Exemplo: O homem santo, o objeto santo.

>O verbo grego para santificar é **“hagiazô”**.

>O substantivo é **“hagiasmos”**: Exemplo: O santo.

>O adjetivo é **“hagios”**. Exemplo: O homem santo*.

No grego da Septuaginta e no do Novo Testamento (coinhê), há outros termos para designar santo e santidade: “hosios” = santo; “hosiotês” = santidade, retidão. Estes termos são menos usados que “hagios”, mas não menos importantes.

>Substantivo abstrato, **Hagiosyne**: santidade que, aplicado a Deus, não significa qualidade, mas essencialidade do ser perfeito, existência própria, não derivada.

*- Ver Berchoff, Louis: Teologia Sistemática. Luz Para o Caminho, Campinas, SP, 4ª Edição, 1996, pág. 531.

b-Santidade. Santidade, como já dissemos, é um estado permanente, uma condição do “separado” (“santificado”) do profano para o sagrado, do povo das trevas para o povo da luz. Santo é aquele que Deus separou para ele, salvou em Jesus Cristo, adotou como filho e o colocou a seu serviço pela pureza de vida e testemunho incondicional do reino eterno do Cordeiro. E ainda mais, para batalhar contra o maligno, os males e as manifestações malignas. Deus fez opção por nós, mesmo com todos os nossos deméritos; logo, temos de fazer opção por ele independentemente das situações favoráveis ou desfavoráveis. Somos escravos (douloi) do Messias; não nos pertencemos. Portanto, não somos nada e nada temos neste mundo que está posto no maligno. Não nos atraem e não nos escravizam: honra mundana, dinheiro, conforto material, status, prazer carnal e sexo, coisas que não fazem parte da nova criatura em Cristo.

Santo por filiação. O filho é santo, porque pertence ao um pai santo ou a uma genitora santa (cf I Co 7. 14). Esse vínculo somente se desfaz com a independência racional e moral dos filhos. Os filhos de Deus, igualmente, são santos, porque têm um Pai santo, ao qual devem honrar e imitar em todas as circunstâncias. Ouçamos o que Pedro tem a nos dizer a respeito: *Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo (I Pe 1. 13-16 cf Lv 11.44,45; 19.2).* O apóstolo citou livremente o texto levítico correspondente que diz: *Santos sereis, porque eu, o*

Senhor, vosso Deus, sou santo (Lv 19.2 cf Lv 11. 45). A condição essencial para entrar-se no estado de santidade, isto é, na situação de filhos de Deus, é a regeneração em Cristo Jesus, o novo nascimento. O “estado de santidade” do ser humano somente é possível em Deus; e sem santidade não há santificação ou, em outros termos: sem novo nascimento não pode haver crescimento; ninguém cresce sem, primeiro, ter nascido. A santificação, portanto, é um processo de crescimento e desenvolvimento contínuo, operado em nós pelo Espírito Santo. Ele usa meios internos como a racionalidade, a inteligência, os sentimentos, as emoções e a fé salvadora. Utiliza-se também de meios externos como: A Bíblia, a Igreja, as orações, a fé coletiva, os sacramentos e o testemunho dos irmãos. Assim, santificamo-nos, por emulação e condução do Santo Espírito de Deus, mas sempre a partir da regeneração.

O crente não pode esquecer-se de que é Deus quem, dominando seu ser e sua consciência, efetiva nele “o querer e o realizar”, porque a pessoa do regenerado está interagido com a de Jesus Cristo, de modo que os sentimentos permutam-se de maneira muitíssimo natural: é a liberdade dos eleitos nascidos de novo. Deus está em tudo e em todos; opera tudo em todos. O crente, pois, nascido pelo milagre da regeneração, forçosamente tem de crescer, não pode estagnar, sofrer de nanismo espiritual. É bonito e interessante de se ver uma criança no seu tempo e idade de tenra infância, mas anormal um adulto com idade psicológica e mental de criança. Todos sabemos que o crente “nasce de novo”, mas nem todos tomam consciência de que ele precisa desenvolver-se, descobrir seu carisma na Igreja e exercitá-lo. Se Deus lhe deu o dom de orar: ore; de ensinar: ensine; de pregar: pregue; de falar do evangelho às pessoas: fale; de cantar: cante; de tocar qualquer instrumento: toque; de visitar: visite; de consolar: console; de orientar: oriente; de dirigir pessoas e grupos: dirija; mas não enterre o dom que Deus lhe deu. Santificação não é abstinência de atividades nem fuga do mundo, mas trabalho, ação, dinamismo e interação no corpo de Cristo, a Igreja. Todos os santos do Velho e do Novo Testamentos, homens e mulheres, foram pessoas ativas, batalhadoras, corajosas e, especialmente consagradas. O preguiçoso e o desanimado não recebe espaço nem tarefa na seara do Mestre ou lugar no pastoreio das ovelhas do Cordeiro. O pastor não é chamado para a “vida mansa”, mas para o labor incessante. A luta diária, o enfrentamento constante das potências do mal. O trabalho é uma das qualidades virtuosas do Criador e de seu Filho Jesus: ***Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também***” (*Jo 5.17*). Santo, portanto, não é aquele que se homizia na ociosidade, mas o que se entrega ao labor diuturno, comendo o pão com suor de seu rosto, colhendo louros e amargando derrotas. A frugalidade, a humildade, a decência, a honra e a operosidade são quesitos externos do bom caráter cristão e da santidade real.

c- **Santidade de Deus.** A santidade de filho estabelece-se por sua incorporação na pessoa do Pai: Somos santos porque nosso Pai é santo. Crescemos em santidade, porque Deus processa em nós as condições necessárias ao crescimento. Deus, porém, é santo por natureza, por essência e por existência eterna. Possui uma santidade completa e absolutamente perfeita, imutável, portanto. Em Deus, a santidade é um atributo, uma forma de ser. O crente é santo por graciosa concessão divina em Cristo Jesus; e até a sua santificação depende inteiramente da graça anterior da regeneração e da bênção contínua de amparo do Espírito Santo. Há uma cadeia causal e conseqüencial estabelecida pelo Criador: Eleição > chamado > regeneração em Cristo Jesus > estado de santidade > santificação > plenitude do ser na eternidade.

Em suma: Deus é eterna e imutavelmente santo; o homem é santificado somente em Cristo Jesus. O verdadeiro regenerado santifica-se; o falso, pode até passar por transformações morais, mas nunca chegará ao perfeito entendimento dos mistérios da graça, jamais terá real comunhão com o Salvador. Muitos reprovados, portanto, ingressam na Igreja, assimilam sua ética, conformam-se ao modo de vida dos cristãos, chegam mesmo a manifestar um biblicismo “convicente, mas interiormente continuam presos ao mundo, alienados de Deus; são “crentes” meramente formais.

O atributo da santidade, dizem os teólogos sistemáticos, é comunicado aos homens, mas dentro da relatividade de suas naturais limitações, que lhe foram impostas pela queda. Prefiro dizer que a santidade passa de Deus ao homem via interação filial; e isto foi possível na pessoa do novo Adão, nosso Senhor Jesus Cristo, no qual somos “um” tanto quanto Ele e o Pai são UM: *Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim por meio da sua palavra: a fim de que sejam um; e com és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu neles e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim (Jo 17.20-23).* Não se trata, pois, de uma unidade puramente social, embora tenha aspecto externo de uma sociedade, mas de unidade essencialmente espiritual, cujo centro de atração, de ligação, de interação, de comunhão, de permuta mística e de santificação é Deus, e exclusivamente ele. É uma unidade que o mundo desconhece e, porque desconhece, não a entende; é uma unidade de filiação divina corporificada em Cristo, formando mais, muito mais, que uma sociedade: um corpo, cujos membros beneficiam-se diretamente de Cristo como o ramo vive da seiva da videira. Santo, pois, é quem está em Cristo, usufrui-se dele, frutifica-se nele e para ele. Na santificação real, o “querer de Deus” controla o ‘querer humano” a ponto de o servo de Jesus poder declarar com o seu irmão Paulo: *Estou*

crucificado com Cristo; logo, já não sou eu mais quem vive, mas Cristo vive em mim (Gl 2. 19b-20a). O novo homem ressurgiu do fim do velho homem, que morreu e ressuscitou em Cristo. Então, Cristo vive nele. A santificação do crente não é apenas o resultado da “comunicabilidade” do atributo divino da “santidade”, mas misteriosa e profunda interação entre Deus, por intermédio do Filho, e aquele que ele salvou e incorporou no organismo de sua miraculosa Igreja. O mesmo que salva, santifica.

III- SANTIFICAÇÃO DO CRENTE.

a- Necessidade de santificação

Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor (Hb 12.14). Sendo a santificação o resultado da nossa cada vez mais íntima relação com nosso Senhor Jesus Cristo e a conseqüência, como vimos, da nossa inserção no seu corpo de maneira tão real que participamos de sua morte e ressurreição; quem, embora na Igreja, e até participando de sua liderança, mas não experimenta a verdadeira santificação, a conclusão natural é que, certamente, seus olhos não verão o Senhor, como os olhos dos santos, seus irmãos, no dia do juízo. A Igreja, infelizmente, contém muitas pessoas “velhas”, espiritualmente falando, que não crescem nunca, porque não nasceram para crescer: ficam estagnadas e, conforme o número, paralisam também a Igreja. **Peter Pan** (James Watthew Barrie, Kensington Gardens, Inglaterra. Obra original: Peter and Wendy (Peter Pan), lançado em 1911. Pesquisa on line, Wikipedia, apud Jimmy Whales), o menino-personagem, que não queria ser adulto, pode ser engraçado, mas um membro de igreja que não quer crescer, que tem alma e mente fechadas à palavra pregada, aos sacramentos, às orações e ao ensino das Escrituras não é nada bonito nem sadio espiritualmente falando, pois, certamente seu organismo espiritual padece de raquitismo, doença de custosa terapia. Há pastores que não crescem, não evoluem. Alguns abandonam os livros, menosprezam as leituras e, principalmente, as pesquisas. Tais ministros fazem como os ruminantes, passam considerável parte do ministério, se não a totalidade, ruminando sermões e estudos do passado; ou são como parasitas, que vivem da seiva alheia. Lamentável!

Meios de santificação. Deus que, pelo seu Espírito, regenerou-nos e nos santifica, também providencia os meios pelos quais crescemos espiritualmente. Meios de santificação:

>Um dos meios de santificação é o próprio regenerado, cuja natureza potencial mudou, estando ele, agora, preparado e condicionado para o crescimento, pois sua vontade, afinada com a vontade de seu Pai celeste, cada dia é aperfeiçoada, aumentando sua intimidade com Deus. A relação “Pai-filho” aumenta e aprofunda-se, a ponto de ele poder afirmar com Paulo: *Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu mais quem vive, mas Cristo vive em mim Gl 2. 19b,20a).* Sua vida chegou ao ponto de ser inteiramente dedicada ao Filho de Deus.

>Conhecer bem as Escrituras, para distinguir a ética sagrada da mundana; o que um servo de Deus pode aceitar da moralidade social e o que deve rejeitar. A Bíblia é a regra de fé do crente e sua norma de conduta; assim nos ensina a Confissão de Fé de Westminster.

>Ser membro de uma Igreja, onde a Palavra de Deus é ensinada nas lições dominicais, nos estudos bíblicos e nas mensagens pastorais. A verdade repetida grava-se e se fixa na memória do crente.

>Ter o hábito da oração individual e coletiva, da devoção pessoal, da meditação diária das Escrituras. A oração e a leitura da Bíblia alimentam a alma do servo de Cristo.

>Participar da Ceia do Senhor com reverência, reflexão, espírito comunitário e, acima de tudo, com sincera confissão de pecados.

>Lutar contra seus impulsos, sejam momentâneos ou não, que podem trazer-lhe sérios aborrecimentos e pecados fatuais imprevistos.

>Procurar viver em paz com todas as pessoas, de dentro e de fora da Igreja. A busca da paz, que pode ser constrangedora hoje, ser-lhe-á benéfica amanhã. Pacificar não é, rigorosamente falando, separar brigas, mas evitar que elas aconteçam. Apagar um ponto de fogo em um palheiro é fácil, mas não depois que as chamas espalham-se e se avolumam.

>Procurar ter uma atividade na Igreja, por mais humilde que seja; isso lhe fará bem e será uma forma de culto ao Salvador. Não procure ser compreendido, compreenda; não espere ser convidado para alguma atividade; apresente-se, ofereça seus préstimos; não espere ser amado, ame.

> Procurar falar de Cristo a outras pessoas, mas sem polemizar, sem criar animosidades, sem despertar antipatia no ouvinte. Quando perceber que a pessoa não está pronta para ouvi-lo, cale-se; espere outra oportunidade. A animosidade cria barreiras, a tolerância, a amizade e o bom senso as demovem

> Procurar ser amável com todas as pessoas, sem distinção de quaisquer naturezas: para Cristo, somos todos iguais. Evite formar grupinhos na Igreja; isso é próprio lá fora, onde os afins se atraem, mas não no corpo dos redimidos em Cristo, onde não somos ligados por afinidades, mas pelo sangue de Jesus.

>Não ter orgulho de si mesmo; não tenha inveja dos outros; contente-se com o que você é e com o que Deus lhe deu.

>Não deixar, em circunstância alguma, de participar da Ceia do Senhor. Sentindo-se pecador, confesse sinceramente a Deus seus pecados; não os oculte. Celebrar mecanicamente a eucaristia, deglutir o pão e engolir o vinho sem reflexão, sem piedade, sem consciência de participação espiritual na morte e ressurreição de Cristo, bem com integração no seu corpo, não é **participar** de fato. Estive em uma Igreja, há muitos anos, em que o pastor, enquanto mastigava o pão, falava à comunidade. Foi, no meu entender, tremenda falta de reverência e até de educação.

>Sendo pai, eduque seus filhos na Igreja; seja exemplo para eles; viva o Evangelho diante deles; ore com eles e por eles; faça-se amigo de seus filhos, mas sem permitir que o desrespeitem.

>Falar diariamente com Deus, pedindo-lhe forças para continuar no ministério pastoral com fidelidade; coloque aos pés de Cristo seus fracassos, suas frustrações, suas decepções, seus sonhos não realizados, pedindo-lhe orientação, proteção, bênção e iluminação. Aprenda com seus erros: “Há tropeções que ajudam a caminhar” (Dito popular).

c- O que vale para o membro, vale para o pastor: O ministro que não se santifica, não cresce espiritualmente, fica nanico, vendo seus pares crescendo nos concílios, desenvolvendo-se nos respectivos pastorados, e ele parado, estagnado, emperrado: Não lê a Bíblia, não ora, não participa de todos os trabalhos diários de sua grei, não toma parte nas atividades departamentais, não sente o pulsar do coração da Igreja. Na verdade, nem ele entra na Igreja, nem a Igreja entra nele. Ela, para ele, não passa de uma empresa prestadora de serviços a Deus e à sociedade, sendo, em sua visão, um corpo espiritualmente neutro.

Creemos que o nanismo não acontece com os verdadeiramente regenerados, pastores e leigos, pois nesses, que são filhos, o Pai promove o crescimento quer por ação direta quer por emulação e condução do Espírito Santo. Judas Iscariotes, mais privilegiado que qualquer seminarista, pois andou com o divino Mestre, teve oportunidade de ouvi-lo pessoalmente, testemunhar seus milagres, mas o amor aos bens terrenos jamais abandonou seu coração; seus colegas de apostolado cresceram espiritualmente no trabalho, no testemunho e nos sofrimentos, e ele se perdeu. Jesus, na intercessão sacerdotal, declarou que nenhum daqueles que o Pai lhe entregou perdeu-se, a não ser o “filho da perdição” (Jo 17. 12 in fine). Deus cuida de seus filhos eleitos e salvos. O supremo Pastor vela por seus ministros.

O pastor preguiçoso, desanimado, apático, sem espiritualidade e sem liderança, desanima e paralisa também a Igreja de que é pastor. Se a Igreja fosse toda de pessoas espiritualmente raquíticas e, conseqüentemente, inertes e inermes, morreria de tédio e de ócio. A santificação implica dinamismo e ação produtiva para Deus; o pastor e o leigo que se santificam, produzem para Cristo como o ramo frutífero na videira.

Consagração irrestrita a Deus (espiritualidade e testemunho) e pureza moral em todos os meios e circunstâncias (dignidade, honestidade, veracidade, fidelidade e honra), eis os qualificativos, os méritos, as virtudes e expressividade do cristão santificado e santificando-se. Mentira, desonestidade, infidelidade, concupiscência, lascívia, desrespeito e incredulidade maculam o caráter, manjam a honra e corrompem a alma; são coisas desvirtuais, demoníacas, que não podem existir na vida de um filho de Deus e servo de Cristo.

b- Ameaças à santidade e à santificação:

Dinheiro. O dinheiro ou riquezas. O deus das riquezas é tão poderoso que Jesus, além de outras, deixou-nos a seguinte advertência: *Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas (Mt 6. 24).* O materialismo ou, especificamente, o poder econômico, tem manietado muitas igrejas e corrompido inúmeros pastores. O poder e a atração dos bens materiais são, para os fracos na fé, irresistíveis. A frugalidade tem sido rara em nossos dias. As Igrejas pobres e as regiões economicamente desprovidas de grandes fontes produtivas não são desejadas por uma quantidade grande de ministros, que preferem ficar nos grandes centros, disputar um bom e rendoso emprego público ou privado e, em finais de semana, quando não estiver em gozo de “merecidas férias”, dar uma contribuiçãozinha à Igreja por uma recompensa financeira, também “necessária”. Deixar o conforto da cidade grande e rica para enfrentar o rude sertão brasileiro é coisa do “passado”, de gente sem o hábito de conforto do automóvel, do televisor a cores, do telefone fixo e celular, da internet, dos parques, dos museus, dos teatros, dos shoppings, da abundância dos hipermercados, dos elevadores, das esteiras rolantes, dos enlatados e tantas outras facilidades metropolitanas, além das grandes universidades.

O dinheiro constrói um paraíso aqui na terra, que atrai tanto as pessoas, que até algumas igrejas criaram “a doutrina da prosperidade”, que ensina que a mesma fé que promete bênçãos espirituais, concede dádivas materiais abundantes aos que “verdadeiramente crêem”. O deus mamom compete com o Deus Yahweh dentro dos templos por meio de líderes populares que a si mesmos designam-se: “ministros”, missionários, pastores, bispos e apóstolos. O materialismo é o mal de nosso século com intervenção corruptora acentuada nas Igrejas e nos adeptos. Nós, que primamos pela seriedade de propósitos e santidade de costumes, tudo dentro da ética cristã, não devemos, para o nosso próprio bem, olvidar o ensino de Paulo: *Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores (I Tm 6.8-10).* O apóstolo dos gentios disse tudo.

Para muitos ministros, o “ganhar mais” é o alvo; não o ‘servir mais’, “o servir melhor”. O pastor é “homem de Deus”, isto é, aquele que renunciou tudo, até a si mesmo, para ser de Deus.

Sexualidade. O povo santo de Deus vive tempos difíceis, pois a sociedade moderna está extremamente liberal eticamente e, portanto, excessivamente permissiva sexualmente. Tudo, não somente se tolera, mas

se permite e justifica-se: as várias modalidades de homossexualismo; a prostituição desenfreada; a pedofilia; a pornografia popularizada em revistas, televisão e internet. O adultério pratica-se como se fosse coisa natural, um direito de homens e mulheres usarem seus próprios corpos como bem lhes aprouver. Em decorrência do sexualismo promíscuo, pecaminoso, os abortos multiplicam-se; as meninas adolescentes e pré-adolescentes engravidam-se. É nesse mundo lascivo que o ministro de Deus vive com sua família, cria e educa seus filhos e suas filhas. Alguns fracos, mal preparados para o pastorado, cedem: Praticam o adultério ou a prostituição. Esposas de pastores - poucas, felizmente - têm sido infiéis aos seus maridos. A impureza sexual no pastor ou em sua família afeta danosamente a Igreja no seu pastoreio, além de péssimo exemplo para a juventude em formação. O pastor tem de ouvir, obedecer e ensinar o que as Escrituras falam sobre homossexualismo (Rm 1. 26,27; Lv 18.20-24). O perigo de queda no abismo do pecado, tanto para o pastor como para sua esposa, ou qualquer de seus filhos, é realíssimo. Contra ele Paulo, o inolvidável doutrinador sagrado, nos adverte: *Finalmente, irmãos, nós vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, como de nós recebestes, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, e efetivamente estais fazendo, continueis progredindo cada vez mais; porque estais inteirados de quantas instruções vos demos da parte do Senhor Jesus. Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o seu próprio corpo em santificação e honra, não com desejo de lascívia, como os gentios que não conhecem a Deus; e que, nesta matéria, ninguém ofenda nem defraude a seu irmão; porque o Senhor, contra todas estas coisas, como antes vos avisamos e testificamos claramente, é o vingador, porquanto Deus não vos chamou para a impureza, e sim para a santificação. Dessarte, quem rejeita estas coisas não rejeita o homem, e sim a Deus, que também vos dá o seu Espírito Santo (I Ts 4.1-8).* Para o apóstolo missionário dos gentios, certamente inspirado por Deus, a maior ameaça à santificação é a sexualidade. Hoje, esse perigo intensificou imensuravelmente; são complicações seriíssimas para o pastor, que tem de lidar com moças e mulheres na Igreja, algumas delas, embora membros, não são regeneradas. A vigilância deve ser intensa e contínua. A visibilidade e o status do pastor, aos olhos da comunidade, podem provocar o surgimento de “fãs” do ministro, mormente se ele for jovem, de boa aparência, comunicativo e simpático. Tais “fãs” femininas, para terem motivos de aproximação, levantam “problemas” pessoais ou familiares, reais ou não. Munidas dessas “razões”, comparecem ao “gabinete pastoral”, e aí podem começar um relacionamento perigoso. Não me simpatizo com o tal de “gabinete pastoral”, onde o pastor é procurado pelas ovelhas doentes ou “supostamente doentes”. Quem tem a missão de “buscar” as ovelhas

perdidas ou feridas é o pastor; não essas o procurarem no seu escritório, refestelado em sua poltrona, à espera de uma ovelha ferida ou de um cordeiro machucado. O lugar do pastor é junto ao seu rebanho, onde quer que ele esteja. Pastor de vida santa não é o de leito fofo ou de assento macio, confortável, mas o de labor santo no santo rebanho de Deus. Se, porventura, você assumir o pastorado de uma Igreja que tenha o hábito da “Sala Pastoral”, evite receber mulheres solteiras desacompanhadas ou casadas sem os seus respectivos maridos; viúvas sem acompanhante; divorciadas sozinhas. Problemas de natureza pessoal e familiar, trate-os nas residências dos interessados. No ambiente de conflito ou sofrimento o pastor tem melhor compreensão dos fatos, mais clara visão dos acontecimentos.

d-Monogamia cristã. *O marido é o cabeça da mulher como Cristo é a cabeça da Igreja (Ef 5. 23). Assim como Cristo tem uma só Igreja, o marido cristão e, principalmente, o pastor, deve ser casado e relacionar-se com uma só mulher, e, para sermos enfáticos, exclusivamente com ela. O mesmo apóstolo diz que aquele que se deita com uma prostituta forma um só corpo com ela, profanando o casamento, quebrando o voto conjugal, ofendendo o Criador do homem e da mulher, o realizador do casamento original, que possibilitou o aparecimento e a multiplicação dos seres humanos, mas com ordem e decência (cf I Co 6. 16). O pastor, portanto, como os demais eleitos salvos por Cristo, deve ser marido de uma única esposa. Somente a morte ou o adultério, dela ou dele, são causas justas para a dissolução dos vínculos conjugais. Mesmo a “deserção irremediável de um dos cônjuges”, como entende a Confissão de Westminster, deve ser tratada com cautela, pois pode servir, nos tempos atuais, de desculpa para separações cristamente injustificáveis. O adultério do pastor, não somente profana o lar, e pode dissolver a família, mas deve pôr fim ao seu ministério pastoral, não só por representar a negação de sua santidade pessoal, mas por quebrar o símbolo de seu casamento: União de Cristo com sua Igreja. Sobre a monogamia pastoral, consultar I Tm 3.2). Entendo, segundo a compreensão que tenho do ensino bíblico a respeito da matéria em apreço que, somente em caso de adultério, o pastor tem o direito de divorciar-se da mulher adúltera e convolar novas núpcias, continuando no pastorado, pois ele é parte inocente; o seu lar desfez-se por culpa exclusiva da ex-esposa. Mesmo neste caso, o Presbitério deve examinar criteriosamente a questão, pois muitas vezes o marido contribui, de certa maneira, para o desvio moral da mulher, quer por falta de autoridade quer por carência de assistência ou ausência de carinho.*

A respeito da pureza moral, ouçamos, mais uma vez, o grande Paulo: *Fugi da impureza (porneian). Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade (porneuôm) peca contra o próprio corpo. A caso não sabeis que o vosso*

corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? (I Co 6.18,19). Para o apóstolo, os pecados do adultério e da prostituição são os mais graves, pois, afetam a moral e o corpo, além de atingirem outras pessoas da família e macularem o leito conjugal e a honra do praticante. Quando você vai à Igreja prestar culto a Deus, leva o seu corpo, expressão concreta, palpável e visível de seu ser, onde seu caráter, sua personalidade e sua espiritualidade manifestam-se. Para que a Igreja seja uma unidade de seres, tem de ser uma união de corpos. Do seu corpo sai o seu pensamento, seu raciocínio, suas palavras, e sua musicalidade, tudo devendo ser em louvor ao Criador. A Igreja escatológica também se comporá de corpos ressurretos incorruptíveis. Certamente pensando nisso, Paulo escreveu: *Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional (Rm 12.1).* Como pode o pastor cuidar da pureza moral da Igreja, se ele não cuida da sua própria? A vida espiritual do pastor e de sua família são modelos para a Igreja.

Meu velho pai, um lavrador pobre e analfabeto, dizia sempre: O homem tem de evitar o perigo das três barras: Barra de ouro (riqueza-ganância); barra de córrego (divisa de terra), que causava brigas e mortes; barra de saia (mulher ou filha do próximo e prostituta). A tentação do dinheiro e a tentação sexual são fortíssimas, e têm derrubado muitos, inclusive cristãos em evidência na comunidade. Quase a totalidade dos crimes (roubo, assalto, latrocínio, furto, assassinato ...) ou é por motivação financeira ou por passionalismo descontrolado. Acautelem-se, pastores, das riquezas e do sexualismo. Ambos, nas mãos do Maligno, são fortíssimas tentações.

O pastor é um guia espiritual, um educador bíblico, um formador de moralidade cristã; um mestre-padrão, chamado por Deus e confirmado pela Igreja, para: ter uma vida piedosa, irrepreensível aos olhos de Deus e diante do povo de Deus e do mundo; produzir sempre o fruto do Espírito, que se expressa em: *amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio (Gl 5.22,23).*

IV- CONCEITOS E MEIOS DE SANTIFICAÇÃO

a-Arminianismo: Tudo depende da vontade receptiva da pessoa humana: a salvação e a santificação. O crente, que no conceito arminiano, pode perder a salvação e, em certo momento da vida, estar muito santificado, “preparado para partir”, e em outro, despreparado. Se a morte chegar-lhe de surpresa, pegando-o em situação de despreparo, não herdará o céu que, na verdade é, para ele, uma conquista humana, embora o direito e o objeto de conquista provenham da graça divina. Deus concede de graça a salvação a todas as pessoas; umas a recebem e a conservam; outros a recebem, mas

não a conservam; outros preferem não recebê-la, valendo-se do direito de rejeição. Daí, ser possível ouvir-se de quem professa semelhante doutrina, quando junto ao leito de uma ovelha em estado terminal: *Você está preparada para encontrar-se com o Senhor Jesus?* Deus tem a graça de oferecer, mas o homem tem a liberdade de rejeitar, mas aquele que não quer recusar, sofre imensamente para manter-se “puro e digno” da misericórdia do Salvador, além de ter de sustentar o pesadíssimo fardo diário da manutenção de sua penosa decisão de “aceitar”, pois, em um momento de fraqueza, a rejeição pode acontecer. A santificação é o resultado consequencial do esforço do crente para “parecer” melhor aos olhos da divindade e aceitável por ela. Dizem: *A graça opera no coração que coopera*. Para quem entende assim, a incerteza povoa sua mente, pois nunca se sente em condições beatíficas de merecer o reino dos céus. Os arminianos batalham muito para serem santos, mas a dúvida não os deixa tranquilos. Quem confia em si mesmo, não pode ter certeza de sua Salvação. A vacilação do homem varia de acordo com o seu estado emocional, suas condições de saúde física, mental, psicológica e espiritual. *Maldito o homem que confia no homem (Jr 17.5)*. A queda alienou-nos de Deus, corrompeu nossa vontade, desviou nossos desejos do espiritual para o material. Estamos enfermos; e um doente não pode confiar sua cura a si mesmo; precisa entregar-se aos cuidados de um bom médico. Assim, estamos inabilitados a promover a nossa própria salvação; então, depositamos nossa confiança e nossa vida em Cristo Jesus, nosso Salvador.

Os arminianos entendem que o arminianismo estimula a evangelização e a santificação, porque ensina que o crente tem de pregar, pois todas as pessoas à sua volta são “candidatos à salvação”; precisa santificar-se, porque a santificação é o “caminho da manutenção da graça salvadora e perfeição do salvo”; e sem aprimoramento santificador, ninguém verá o Salvador.

O calvinista prega porque: a- Cristo deu-nos a responsabilidade de testemunhar (At 1. 8), e nós a cumprimos com dedicação de “escravos” do nosso Senhor. b- Somos embaixadores de Cristo para o ministério e mistério da reconciliação dos eleitos com o Redentor (II Co 5.20). c- Porque somos cooperadores de Deus por nomeação divina (I Co 3. 9). d- Porque somos comunicadores da sabedoria de Deus (I Co 2. 6,7). Aproveu a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação (I Co 1.21). e- Porque Deus recruta pregadores e os envia para anunciar a mensagem de redenção, visto que a salvação vem pelo ouvir a Palavra de Deus (Rm 10. 14,15). Somos, pois pregadores, e nos santificamos para isso, por compulsão e impulsão do Espírito Santo. O reformado calvinista não se purifica e não comunica a Palavra de Deus para aquisição de méritos, para recepção de bênçãos, mas porque o seu Senhor e Salvador predestinou-o

para ser mensageiro da graça. Convocado e comissionado por Deus, ele cumpre seus deveres de filho e de servo do Messias.

(Texto inspirado em “Por que testemunhar? Por que ser santo?” de Duane Edward Spencer em TULIP, Edição de 1992, CEP, São Paulo, pág. 116).

b-Catolicismo: A salvação do católico depende da intervenção e da mediação da Igreja. Ela ministra o sacramento eucarístico, que opera a purificação dos comungantes. Ela que, por meio dos sacerdotes, declara o perdão de pecados dos penitentes confessantes. É tudo muito formal e mecânico, cerimonial e repetitivo, especialmente para o leigo. Os beatos, que procuram um misticismo piedoso, abstinente, separado da sociedade secular, celibatário, com gesticulação afetada, uma voz meiga, arrastada, impostada (voz de missa), dado às meditações particulares, solitárias; esses ficam longe da observação da sociedade, livres das críticas. Quando morrem, “viram santos”, porque a Igreja constatou que “fizeram milagres”, dois, no mínimo. Assim, o catolicismo possui “santos” que não “pecaram”, pelo menos à vista dos homens; e leigos, que buscam a salvação nas missas, nas hóstias, nas penitências e nos perdões sacerdotais. As boas obras também colaboram com a salvação: as pias e as caritativas, que contam a favor do piedoso católico no julgamento celeste. Após cada confissão, seguida do perdão, o confessante sente-se “leve”, sem pecado.

d-Ascetismo: Santidade por isolamento da sociedade, solidão mística. Alguns ascetas orientais submetem-se ao isolamento e às restrições alimentares para, supostamente, santificarem-se. Os sadus da Índia e os lamas tibetanos são ascetas característicos de nossos tempos, admirados e seguidos por muitos. Estar a sós com Deus em oração é recomendável. Jesus praticou o “retiro pessoal momentâneo” para falar com o Pai. O que não se recomenda é o isolamento ascético, permanente, como meio de redenção e santificação.

e-Flagelismo: Há muitas seitas, inclusive dentro do catolicismo popular, que se entregam à flagelação para purgarem seus pecados e merecerem os favores divinos. Incluem-se no flagelismo algumas promessas absurdas como, por exemplo, subir a escadaria da Penha (Vitória-ES) de joelhos, e muitos fazem isso. Testemunhei, presencialmente, penitentes escalando o promontório da Penha, de joelhos, pela escadaria de pedras toscas; o ato promissório de carregar pedras pesadas na cabeça, morro acima, para depositá-las aos pés da cruz ou de algum santo; o transporte de cruzes enormes de madeira, às costas, em longas caminhadas, como fez “o pagador de promessa”, conduzindo uma cruz do nordeste à catedral da Senhora Aparecida, em São Paulo, percorrendo centenas de quilômetros. O pagamento de promessas sacrificiais, geralmente, inclui flagelação.

c- Pauperismo e sofrimento: Há muitas pessoas que atribuem à pobreza e ao sofrimento poderes purgatoriais de pecados e, conseqüentemente, purificadores da alma. Já ouvi, algumas vezes, em velório de não evangélicos, e até de “crentes” do carisma popular,

dizerem junto ao féretro de quem foi muito carente de bens materiais ou padeceu longamente antes de falecer: *Este está no céu; tudo que devia, pagou aqui*. Tais pessoas pensam que a pobreza é um meio que Deus usa para santificar os humildes, os desprezados, os alienados. Pobre e sofredor, por mais dura que seja sua pobreza ou por mais cruel que seja o seu sofrimento, se não for um eleito de Deus e, em consequência, não aceitar Jesus Cristo como Salvador, está irremediavelmente perdido; de nada valendo, como meio de santificação, o seu pauperismo ou sua patologia degradante. Pecamos no corpo, mas, por meio de padecimentos corporais não nos livramos do pecado. Deus pode aplicar penas físicas em seus eleitos por pecados temporais, com a finalidade de reconduzi-los à obediência, nunca, porém, para salvar-lhes a alma ou santificar-lhes o espírito. O único meio de salvação é Jesus, e o instrumento santificador do salvo é o Espírito Santo.

O espiritismo ensina que os sofrimentos da vida encarnada têm de acontecer para que os débitos de vidas anteriores sejam quitados. Então, a caridade espírita, em vez de ser um bem, é um mal para o “reencarnado”, porque interrompe seu pagamento de débito e, “desencarnado”, terá de voltar e assumir o mesmo padecimento, o que lhe será um tremendo castigo. Nesse caso, não se deve interromper a carreira ascendente e purificadora de quem precisa, obrigatoriamente, quitar o seu débito moral e social, pagar os seus crimes pregressos. A influência espírita é muito forte, consciente ou inconscientemente, no imaginário do povo brasileiro, especialmente nas classes mais humildes: “Quem faz caridade, tira uma alma do purgatório evita cair nele”, dizia minha tia-avó, mãe de criação. No espiritismo, mormente o de Kardec, não há perdão: quem erra, inevitavelmente, paga por seu erro nesta ou em outra encarnação, se a pena sofrer aqui solução de continuidade. O deus do espiritismo jamais perdoa ou tem a misericórdia de “morrer pelos pecadores”, como dizia Guerra Junqueira em seu livro *A Velhice do Padre Eterno*, falando sobre Judas Iscariotes: *O justo não perdoa, a justiça é implacável*. Para nós, a justiça divina cumpre-se em Jesus Cristo, que assumiu nossas culpas e, conseqüentemente, a morte vicária em nosso lugar, pois o salário do pecado é a morte.

d- A santificação da segunda bênção. A doutrina das duas bênçãos de João Wesley: a bênção da justificação e a bênção da santificação, influenciaram e influenciam, de certo modo, ainda hoje, as igrejas fundamentadas no weslianismo ou influenciadas por ele. No primeiro ato, Deus concede ao candidato à redenção a graça da justificação. No segundo ato, que pode acontecer em espaço de tempo curto ou longo, o Salvador outorga a graça da santificação que, na verdade, é o início da vida regenerada, ou do novo nascimento. O que está sendo salvo progressivamente chega à segunda bênção pelo exercício do amor a Deus e

ao Próximo. Tal esforço amoroso levará o crente ao ápice do ágape, ao “amor puro”. Nesse ponto, o Espírito Santo o “enche” da graça de Deus, quando então recebe a “plenitude do Espírito”. Esse “estado ideal”, alcançado pelo esforço místico do fiel, individual ou coletivamente, provocou “grandes avivamentos e fez aparecer muitos avivalistas. À oferta da justificação, o pecador respondia “sim”; ao processo da santificação, o crente se apresentava para adorar, jejuar, penitenciar e servir. A partir da segunda bênção, o crescimento do salvo estava garantido, pois sua vida espiritual tornou-se plena em Cristo, embora não perfeita em decorrência de sua condição humana. Nesse contexto doutrinário, o Espírito de Cristo e o Espírito Santo têm ministérios distintos na pessoa do eleito salvo, pois agem separadamente: um na redenção, outro na santificação, sem necessária concomitância de tempo.

No pentecostismo, a segunda bênção, ou “primeiro passo”, tomou conotação diferente. Na primeira bênção, o pecador “recebe Jesus Cristo”, adquirindo o direito à salvação. Na segunda bênção, se houver intenso esforço beatífico da parte do crente, Deus lhe concede o Espírito Santo, momento em que “é batizado no Espírito”. Para os pentecostais da Assembléia de Deus e outros carismáticos, o sinal externo do batismo com o Espírito, é o “falar em língua estranha” (glossolalia). A doutrina da glossolalia pós-regeneração fica prejudicada com o atual “falar em línguas” dos católicos carismáticos, genuflexados aos pés da Virgem e dos santos.

A doutrina da Segunda Bênção, wesliana e pentecostal, tem, a nosso ver, alguns aspectos negativos: Ei-los: a- Divide a Igreja em dois tipos de cristãos, um sem batismo, outro batizado no Espírito. a- Estabelece duas categorias de salvos: uma só com Cristo; outra com Cristo e o Espírito Santo. c- Faz a salvação e a santificação dependerem exclusivamente do homem, tanto para conquistá-las como para preservá-las. d- Deixa-nos uma interrogação: Como fica, no céu, quem morre só com Cristo, sem a bênção da vida e santificação plenas no Espírito? c- Há, ainda, outra dúvida: Como explicar que pentecostais de testemunhos não recomendáveis falaram em línguas, e outros, verdadeiros servos de Deus, jamais o fizeram?

Na verdade, é duro, muito duro, santificar-se nas igrejas carismáticas, principalmente para aqueles que não receberam do Espírito o dom da glossolalia.

e- Devocionismo: A oração, a leitura da Bíblia, o culto doméstico, a devoção individual, a freqüência aos trabalhos da Igreja, o jejum em tempos difíceis (secas, temporais, guerra), os retiros verdadeiramente espirituais, tudo isso é necessário, quando praticados com equilíbrio, moderação e sensatez, sem prejudicar a vida profissional, sem afetar a harmonia conjugal, sem cair no extremo do fanatismo. Porém, a devocionalidade é um dever do salvo, uma responsabilidade cristã do

eleito, jamais um meio de santificação para conquistarem-se benesses espirituais e eternas. Houve uma época, o início da pentecostalização de parte da nossa Igreja, em que grupos carismáticos subiam os montes, nas madrugadas, para orarem ou, como diziam, “clamarem ao Senhor”. Geralmente eram “piedosos” que não respeitavam as autoridades da Igreja, não amavam os irmãos que não subiam com eles as colinas e os promontórios isolados para a prática da “devoção”, não oravam com os conservos no templo. Era um devocionismo cismático, divisionista. Por outro lado, os que não escalavam os montes para o “clamor da madrugada” não lhes demonstravam compreensão e amor. Os dois grupos repeliam-se mutuamente, o que anulava qualquer intenção santificante. Foram tempos difíceis!

Os jovens não subiam elevações, mas freqüentavam acampamentos liderados por grupos ingleses ou americanos, que pregavam um cristianismo sem igreja, não institucionalizado. Ensinavam a desnecessidade e até o prejuízo de oficiais liderantes como presbíteros e diáconos, e que “ninguém precisa de “etiqueta” denominacional como presbiteriano, Batista, Metodista etc. Não tinham a dignidade de ensinar que Cristo instituiu a Igreja e colocou nela os seus ministros, que denominações são nomes celulares da grande, plena, e total igreja universal do Cordeiro. Influenciados por tal ensino, os jovens retornavam às suas comunidades contra os presbíteros e a autoridade pastoral. Um dos jargões dos jovens, naqueles tumultuados dias, era: “*Nós somos de Jesus Cristo*; e completavam: cremos somente nele, e só a ele devemos obediência; não cremos em igreja”. Com essa posição, na concepção e na prática, eles negavam claramente um dos pressupostos do Credo Apostólico que diz: “Creio na santa Igreja universal (católica)”. Os jovens, com a melhor das intenções, pensavam estar em “excelente” processo de santificação, à revelia de suas comunidades e à margem das autoridades eclesiásticas. Sendo membros da Igreja, estavam na obrigação de acatar e respeitar os oficiais do rebanho (CI/IPB, Art. 14,d). A tempestade passou, e muitos deles, hoje, são bons presbiterianos.

Muitos anos depois, no início da influência dos pregadores eletrônicos, ouvi uma respeitável irmã, em uma das maiores e mais tradicionais igrejas de nossa grei, dizer ao professor, em classe dominical: “Não tenho etiqueta de igreja, para mim, são todas iguais; sou apenas de Jesus, e fim de conversa”. O pior de tudo, é que o presbítero concordou com ela. Lamentável!

Sem vinculação consagrada à Igreja, cujos primados e princípios sejam estritamente bíblicos, não haverá santificação. O ramo não frutifica se não estiver na videira. Não se iluda, Cristo não retornará para arrebataram pessoas individualmente, mas a sua Igreja. Quem estiver nela, receberá a bênção da ressurreição, da transformação e da glorificação final no glorioso

Filho de Deus. Deus, primeiro, coloca o “indivíduo” no Corpo de seu Filho, a Igreja; depois, trata com ele, agora como filho da graça. Fora da comunhão dos eleitos redimidos o “indivíduo” não tem vida espiritual: Como o ramo fora da videira: murcha, seca, destina-se ao fogo (cf Jo 15.1-6). A Igreja do Cordeiro não é um “acervo de almas”; é uma “comunidade de pessoas reais”: homens, mulheres, jovens, adolescentes, infantes e bebês. Com tais pessoas autênticas Deus relaciona-se, usando a palavra das Escrituras e o testemunho interno do Espírito Santo.

V- SANTIFICAÇÃO, OBRA DO ESPÍRITO EM NÓS.

Precisamos entender firmemente que é Deus, pelo Espírito Santo, que habita em nós, e pelas Escrituras aplicadas por ele, quem nos leva à fé em Jesus Cristo, a querer e realizar o bem, a amar a Deus e ao próximo desinteressadamente: amor sem mácula, sem passionalidade, sem sentimentalismo sensorial. O desenvolvimento da salvação, isto é, o nosso crescimento espiritual, acontece porque Deus opera em nós a sua graça iluminadora para que a nossa vontade interaja com a divina, não porque mentalmente decidimos que tal aconteça, mas porque Deus, pelo Espírito, atua em nós: *Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade (Fp 2.13)*. A ação de Deus no salvo é tão natural, que ele sente que, realizando a vontade do Salvador, realiza a sua própria vontade, como um filho que, em tudo, assemelha-se a seu pai. O Paráclito, por intermédio de Paulo, antes de afirmar peremptoriamente, que é Deus quem realiza em nós tanto o querer como o realizar, ordenara ao salvo instrumentalizado pelo Espírito: *“...Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor(Fp 2.12 in fine)*. O salvo desenvolve a salvação porque Deus efetua nele o intenso desejo de crescer, servir e viver conforme os desígnios do Salvador. O caminho do desenvolvimento, isto é, a santificação, é a obediência à Palavra de Deus e a sua proclamação.

A regeneração ou novo nascimento é obra exclusiva de Deus, quando o homem estava morto em seus delitos e pecados (cf Ef 2.5) e, portanto, espiritualmente inativo, incapaz de qualquer atitude ou movimento para a restauração de sua vida. Deus, o Criador e Salvador, fê-lo nascer de novo, condicionando-o ao crescimento. Imediatamente após a regeneração começa o processo da santificação. No primeiro feito, o homem é inteiramente passivo. No segundo, o Salvador o põe na rota do crescimento, dando-lhe todas as condições para desenvolver-se, amadurecer, tornar-se um servo o mais perfeito possível.

Antes da regeneração, éramos guiados pelo “espírito da desobediência”, seguindo as inclinações da carne; depois dela, como filhos adotivos, novas criaturas em Cristo Jesus, andamos pela condução do Espírito de Deus. Vejam o que Paulo nos ensina a respeito: *Ele nos deu vida, estando nos mortos em nossos delitos e pecados, nos quais andastes*

outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais. Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo- pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus; para mostrar, nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Ef 2.1-10). Quando não éramos filhos de Deus, a carne nos dominava e o maligno nos conduzia. A misericórdia de Deus em Cristo Jesus nos libertou, arrancou-nos das trevas, colocou-nos na luz e nos conduz pela Segunda Pessoa da Trindade. Falo dos que são verdadeiramente regenerados. De “filhos da ira”, passamos a “filhos da graça” – uns mais maduros espiritualmente, outros menos, mas todos irmãos, na mesma unidade e debaixo da mesma santidade, isto é, separados para o nosso Pai celeste, mas não no mesmo estágio de santificação. Como se nota, tudo vem de Deus: a salvação, a fé, o crescimento. Somos recriados, habilitados e condicionados para a nova existência no Novo Adão. A fisiologia permanece a mesma, mas o corpo, no sentido de “soma”, recebeu um mecanismo de defesa contra a carnalidade: a censura da mente renovada dirigida pelo Espírito que em nós habita. A força do espírito transformado vence o pendor da carne, que dá para a morte, e a ação do Espírito de Deus em seus filhos possibilita-lhes o crescimento espiritual contínuo, incessante, até o fim da existência terrena. Deus, agindo no regenerado, promove a sua santificação.

O Espírito Santo, componente e representante da ordem trina, é o missionário do Filho e agente das obras da regeneração, da santificação e da iluminação. Ele, aplicando a conquista de Cristo na vida dos eleitos, comunica-lhes as graças da redenção e da ressurreição bem como regenera-os, santifica-os, guia-os, protege-os e ilumina-os. Eis um texto soteriológico e pneumatológico lapidar de Paulo: *Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque o Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que se inclinam para*

a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz. Por isso, o pendor da carne é inimizado contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça. Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita. Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segunda a carne, porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai! O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados (Rm 8.1-17).

O Espírito de Deus, o Espírito de Cristo e o Espírito Santo são designações da mesma pessoa, a Segunda da Trindade. Antes da obra vicária de Cristo, os judeus fiéis à lei mosaica não passavam de escravos dela, que tinha poder de apontar e diagnosticar o pecado, mas não de eliminá-lo ou perdoá-lo; os que estavam fora da lei ou à margem dela, eram conduzidos pelo mundo, dominados pela carne, dirigidos pelo espírito maligno. Cristo, por sua vida, paixão e morte vicária, redimiu-nos do cativeiro do pecado, colocou-nos no seu reino e doou-nos o Espírito Santo, que habita em nós, guia-nos, convence-nos do pecado, testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus, induz-nos ao arrependimento, consola-nos, assiste-nos em nossas fraquezas e nos capacita ao culto verdadeiro, cristocêntrico, não antropocêntrico: *Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis (Rm 8. 26).* Os carismas da Igreja, para que o sacerdócio universal de todos os crentes realize-se, são dádivas do Espírito (*cf I Co 12.1-11*). Até a oração verdadeira, produzida segundo a vontade de Deus, é obra interna do Espírito no crente, filho de Deus. Sem o Espírito Santo não há santificação; sem ele todas as penitências, todas as meditações místicas, todas as abstinências pias, todas caridades meritórias são inúteis e até prejudiciais. Fomos escolhidos por Deus antes que o

universo existisse para a santidade e a santificação no Espírito Santo (II Ts 2.13 cf Ef 1.4).

A santificação começa com a regeneração ou novo nascimento, que é obra do Espírito Santo, aplicando nos eleitos redimidos a conquista da vida eterna trazida por Cristo: *Em verdade, em verdade te digo (a Nicodemos): quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; o que é nascido do Espírito é espírito. Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; Assim é todo o que nascido do Espírito (Jo 3. 5-8 cf 3,3).* O Espírito, sendo soberano, domina os servos de Cristo, inclusive para santificá-los, depois de tê-los regenerado. Ele não é, portanto, manipulável, mas manipulador. Não há ser humano que tenha autoridade sobre o Paráclito; o finito não tem poder sobre o infinito; o santo por separação justificadora não pode manobrar o Santo por atributo, por natureza eterna; o pecador por origem e por práticas pecaminosas inevitáveis, não domina, não ordena, nem comanda o eternamente puro, o absolutamente sem pecado. Alguns pensam que sim; nisso, estão pecando.

VI- DIFICULDADES MODERNAS DE SANTIFICAÇÃO

Psicologismo: Os psicólogos procuram isentar seus “pacientes” da idéia de pecado e até de “sentimento de culpa”. Dizem-lhes que seus defeitos morais, seus erros, seus impulsos de perversidade, seus desejos de apropriação do alheio, sua agressividade, seu sexualismo patológico descontrolado, são heranças pregressas de famílias repressoras, de genitores que tolhiam a liberdade dos infantes, de pais que agrediam as esposas ou abusavam moralmente dos filhos. O descendente “carrega a carga negativa” de seus ancestrais e, em decorrência, não lhe pode ser imputada culpa do que é e do que faz. A palavra “pecado” não consta no dicionário dos analistas de personalidades. A mãe e o pai, por melhores que sejam, deixam marcas negativas na vida dos filhos. E os filhos de hoje, que serão pais amanhã, repetirão o mesmo processo: carregados de traumas, carregarão ainda mais os seus descendentes. Haja divã...

O outro mecanismo de transferência de culpa é a sociedade. Os psicólogos sociais, especialmente os que se colocam mais à esquerda, na linha do socialismo materialista, transferem a culpa do indivíduo para a sociedade: O homem é o produto do meio em que vive. O meio corrompido, corrompe o indivíduo dele originário e nele inserido. Há até um jargão popular: *A sociedade fabrica o criminoso para condená-lo depois.*

Antigamente, quando havia problemas de desvios morais, conflitos domésticos, traumas pessoais, padecimentos físicos, carências sociais e espirituais, os crentes procuram solução em Jesus Cristo, colocando o seu

fardo aos pés da cruz do Cordeiro. Hoje, procuram um psicólogo ou um psiquiatra, porque entendem que seu problema nenhuma relação tem com o pecado, com a queda, com sua alienação de Deus. Não havendo mais “consciência de pecado”, não há “arrependimento”; não havendo arrependimento, não pode haver o conseqüente perdão divino. Sem arrependimento, impossível se torna a santificação. O crente moderno, quando tem problema de natureza física, procura um médico; se o problema é de natureza psicológica e até moral, procura o conselheiro psicológico ou psiquiátrico. Cristo virou apenas uma figura mística, um ser de apelação religiosa, mas sem intervenção direta na realidade diária do homem, que tem seu psicólogo, seu psiquiatra e seu médico aos quais recorre, consulta e obedece. Deus é-lhe, apenas, a divindade dos ajuntamentos litúrgicos, o doador de bênçãos temporais e celestiais. Nesse mundo psicologista, a religiosidade cresce, mas a santidade diminui.

Os apelos dos “conselheiros psicológicos” materialistas ao indivíduo frustrado, traumatizado e derrotado de nossos dias são: *Você é capaz; tudo reside no seu interior; busque as potencialidades que estão em você; a capacidade e as energias para vencer são suas e de mais ninguém*. Em, outros termos : “Levanta, sacode a poeira, dá volta por cima” (verso de um samba carioca). Temos, portanto, três tipos-meios, entre outros, de transferência de culpa: a família, a sociedade e o “eu interior reprimido”. Mesmo alguns evangélicos doutrinariamente ortodoxos entram no rol dos que transferem culpas, ou para “profissionais” das áreas sociais e psicológicas, ou para o seu “eu reprimido”, causador de seus problemas e que age como se fosse uma entidade independente, capaz de tomar decisões inteligentes contra atitudes racionais e emocionais da mente ou do coração do paciente. Família, sociedade e “ego” vitimam a pessoa. Deus, porém, fica de lado, objeto de apelação apenas em estado terminal, quando os “recursos técnicos e científicos” falham totalmente. É difícil evangelizar um mundo materializado e incutir santificação em corações crédulos nas panacéias psicológicas e psiquiátricas. Quem confia inteira e estritamente em Deus, não precisa da “ajuda” de pecadores, mestres em “desvendar o interior da mente humana. Deus é tudo em todos. O psicologismo colocou o psicólogo e o psiquiatra como “confessores”, inclusive de crentes, em lugar de Jesus Cristo. Antes de ouvir o Bom Pastor, ouve-se o “contratado” para cuidar de sua alma. No mesmo caminho do psicologismo a santificação não caminha.

Demonismo. Muitas denominações e seitas neo-pentecostais atribuem aos demônios todos os males da pessoa humana: doenças, distúrbios mentais, desvios de personalidade, conflitos conjugais, separações de casais, compulsões, vícios, pensamentos maus, inclinação às drogas, cobiças sexuais, passionalidade doentia, criminalidade, pobreza, desemprego, fracassos diversos e outros. Os demônios, segundo uma

grande parte dos diabolistas, os demônios agem por “encosto” e “possessão”. Pelo “encosto”, atrasam a vida das pessoas, amarram ideais e projetos, conturbam famílias, promovem tragédias, induzem à derrota. Pela possessão, levam o “possuído” ao desequilíbrio mental, à loucura e até ao suicídio. Assim sendo, não há necessidade de arrependimento nem, conseqüentemente, de perdão, pois os males não existem por causa do pecado original e dos pecados atuais, mas por intervenção demoníaca, valendo-se do encosto e por possessão. Nunca o indivíduo é culpado por sua malignidade e por atos ilícitos e criminosos. Tal demonologia levou muitas denominações a desenvolverem técnicas de exorcismos, que são amplamente praticadas e ensinadas. Com o “livramento” dos demônios, as pessoas, no entendimento delas, tornam-se libertas e limpas, não para serem servas de Cristo, mas para “buscarem”, pelo poder da “fé positiva”, as bênçãos da saúde, da paz, da harmonia conjugal e, principalmente, da prosperidade. Tudo de indesejável e prejudicial que acontece na sociedade, na Igreja ou na vida do indivíduo, é culpa dos espíritos malignos. O “paciente” é apenas vítima de poderes externos, que apenas algumas pessoas da liderança de sua grei religiosa têm poder de eliminar.

Em uma sociedade em que o pecado é desconsiderado; em que, portanto, não se crê nos males que ele causa, tudo se centraliza no humano: Sociedade, família, indivíduo. Nos grupos sociais onde se sustenta, como fato consumado, que todos os males pessoais e coletivos derivam de heranças e influências do meio ambiente, da família e de um “ego” reprimido por poderes e forças externas opressoras, o lugar de Deus é apenas no “altar”, no “assento frio” do trono místico, mas não no coração das pessoas, na vida diária de cada um, presente em cada momento vital e em cada ato do ser. Por outro lado, em um cristianismo anímico, no qual todas as mazelas individuais e coletivas são obras satânicas, o reconhecimento da culpa individual e a responsabilização pessoal de pecaminosidade não são reconhecidos; claro fica que o arrependimento de pecados, coletivo ou individual, inexistente; que a necessidade que a alma tem de Cristo é relegada a segunda plana; que o pedido de perdão, se acontece, é somente formal e litúrgico. O mundo de “O Peregrino” de Bunian não mais existe: aquele em que o pecador depositava o fardo de seus pecados aos pés da cruz de Cristo. Não há fardo de pecado; há “carga demoníaca”, que se retira com “descarrego” ou exorcismo.

Como é difícil ser santo e pregar a santidade em uma sociedade mentalmente instruída e praticamente acostumada a transferir suas culpas aos antepassados, às repressões do “ego”, e ao Diabo. O indivíduo nunca é responsabilizado pelo que é, pelo que expressa, pelo que pratica. Isso pode até curar a sua psique, mas adocece perigosamente a sua alma. Ele descarrega sua culpa nos pais ou no Diabo, mas não se livra da ofensa a

Deus, dos malefícios naturais da queda original, das conseqüências dos pecados fatuais.

Relativismo. O relativismo afirma que não existem absolutos no campo da moralidade. Cada indivíduo tem seus hábitos, seus costumes, suas verdades, seus conceitos, seus preceitos e suas crenças, que devem ser respeitados. Para os relativistas, cada pessoa é um “universo moral em si mesmo”, sem qualquer influência e dependência de pressupostos alheios. Assim, a liberdade individual é ilimitada. Uma sociedade relativista, segundo tal critério, seria um caos conflitual generalizado, pois não haveria absolutos sociais controladores nem leis morais naturais e cívicas que impusessem restrições e respeitos. As “ilhas individuais” predominariam sobre a massa humana da sociedade. Isso é inimaginável e inconcebível. Os absolutos universais como o direito, o dever, a justiça, o bem, o mal, o certo, o errado, o bom e o ruim não existiriam em um mundo relativista. No relativismo o arbítrio individual é ilimitado; e essa ilimitação oblitera a consciência coletiva de moralidade. Tudo vale, tudo é justificável: Prostituição, adultério, homossexualismo, infidelidade conjugal, desonestidade e outros. No fundo, o relativista é um “absoluto moral”. O relativista luta para que suas idéias e posições sejam acatadas e respeitadas, mas é intolerante com os que não concordam com ele. O individualismo relativista tolera, e até justifica, um viciado em drogas, provocando angústia e sofrimento em seus pais e causando danos pessoais, muitas vezes irreparáveis. A sua “liberdade” de ser e de fazer o que deseja não leva em conta a pessoa do “outro”, a quem impõe padecimentos fortíssimos. O relativismo é um absurdo sociológico intolerável. Difícil é evangelizar um relativista que, certamente, dirá ao evangelizador: *Você tem a sua verdade, eu tenho a minha; respeite a minha verdade para eu respeitar a sua.*

Para o cristão autêntico, as Escrituras contêm os absolutos morais e espirituais necessários à fé e à conduta; nelas fala o Deus infalível, onipotente, transcendente, onisciente, santo e imutável. Seus princípios e leis são irrevogáveis e devem ser obedecidos integralmente. Ele criou a humanidade e dotou-a de leis morais reguladoras das relações sociais e dos comportamentos pessoais e interpessoais. Do conjunto de todos os povos e etnias ele retirou um povo para ser exclusivamente seu e viver segundo suas normas formativas e diretivas exaradas nas Escrituras. O relativismo desconhece Deus e desconsidera a sua palavra, razão porque justifica todo tipo de verbalização, conceitos e práticas pecaminosos, negando o teocentrismo e afirmando o antropocentrismo: O homem gira em torno de si mesmo com suas idiossincrasias, verdades próprias e permissividade.

O relativismo sustenta que cada tribo, cada grupo cultural, cada nação etnicamente constituída tem sua moralidade específica. O que é imoral para uma nação pode ser moral para outra. Segundo semelhante

preceito, a repressão à mulher na cultura muçulmana, especialmente na talibânica, estaria correta. O fato de um procedimento ser prática normal em determinada cultura não lhe dá veracidade moral. Então, o anti-semitismo alemão no tempo de Hitler seria justificado, criminosamente, pelo relativismo moral e cultural. A ideologia relativista é essencialmente mundana e, no universo da mundanidade, tem tido aceitação e adesão. A Igreja cristã, porém, sendo um povo de propriedade exclusiva de Deus, tendo como norma de conduta e fé a Escritura Sagrada, não se rege por volúveis e transitórios “princípios morais” de qualquer sociedade. Os parâmetros éticos da Palavra de Deus são universais e absolutos. Em Deus não há relatividade. O que é comportamentalmente errado para o Rei eterno em Israel, também o será em qualquer nação de primeiro mundo, ou em qualquer tribo asiática ou africana. O relativismo tem sido grande empecilho à evangelização e à santificação.

VII- AMOR, FORÇA MOTRIZ DA SANTIFICAÇÃO

Deus é amor (I Jo 4. 8 cf 4. 16). Somos filhos de Deus, logo, temos a essência deste atributo em nós, na condição de herdeiros filiais. O amor, que existe no regenerado, filho de Deus, procede de seu Pai celeste, que o amou primeiro (I Jo 4. 19), gerando nele, pelo menos seminalmente, o mesmo ágape existente em seu Criador. O amor de Deus, portanto, é a gênese de nosso amor a ele e ao próximo. Sendo a santificação o *voltar-se para o outro, o sair de si mesmo, a liquidação do ego*, evidente se torna que sua força motriz é o amor. Quem não ama, com o amor que existe em Deus e, por ele, passado para nós, seus filhos, não procede dele (cf I Jo 4.7; 4. 16,17). Quem ama respeita, considera, obedece; não trai a pessoa amada, não a difama, confia nela, vive para ela; é capaz de entregar a própria vida por ela. A virtude do amor é tão importante, que o Pai, por amor à humanidade, entregou seu próprio Filho ao sacrifício; e Cristo resumiu todos os mandamentos a dois apenas: O amor a Deus e o amor ao próximo (Mt 22. 37- 40). O Divino Mestre, restaurando Pedro ao apostolado, colocou em sua mente e em seu coração três vezes o enfático apelo: **Amas-me?** (Jo 21. 15- 17). Jesus sabia que sem amor sincero a Deus e ao próximo não há a mínima possibilidade de verdadeiro pastorado, a menor condição de vida santificada. O Mestre dos mestres, ao modificar, aprofundar e internacionalizar a lei vetotestamentária, colocou a do amor em grau moral superlativo, isto é, extremamente abrangente: Eis como nela entregou à prática: *Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos (Mt 5.43-45). “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste (Mt 5.48).* Cristo deseja que todos que vivem em estado

de santidade, em processo de santificação, tenham um amor semelhante o do Pai. Um autêntico filho de Deus, que passou pela regeneração, pela justificação e vive a graça do crescimento espiritual, não tem ódio ou rancor em seu coração, não deseja mal ao seu inimigo, é capaz de olhar para os algozes que o martirizam, como fez Jesus Cristo do alto da cruz, e dizer-lhes: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23. 34). O amor, sendo de origem divina, elimina todos os depósitos malignos da mente e do coração do redimido, dando-lhe uma santidade autêntica e interna, não manifestações externas de piedade sem fundamento real; condicionando-o à confissão sincera de seus pecados a Deus e de suas ofensas ao próximo; dando-lhe capacidade de amar sem fronteiras emocionais todas as pessoas, de todas as raças, inclusive os seus inimigos perseguidores. O amor promove a santificação verdadeira.

Paulo, o grande intérprete das mensagens de Cristo, além do lindíssimo hino do amor em I Co 13, deixou-nos um texto ético primoroso, que tem instruído todas as gerações cristãs até agora, e há de instruí-las até o fim da nossa peregrinação. Incluí-lo-emos em nosso estudo: *O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor; regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes; compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade; abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos. Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; Se possível, quando depender de vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas daí lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem (Rm 12. 9-21).*

Destaquemos alguns conselhos paulinos exarados no tópico transcrito:

>**Amor sem hipocrisia.** O cristão, mormente o pastor, não pode ter um “amor fingido” de político em campanha eleitoral, com objetivos de angariar simpatias e, no caso de ministro, de permanência no “emprego pastoral”. Este tipo de amor é danoso à causa do Mestre, e pode contribuir para o bem do pastor, mas não em benefício da comunidade. Contra a hipocrisia religiosa há os terríveis “ais” de Jesus Cristo (Mt 23. 13-23). O pastor deve ter transparência, franqueza e sinceridade em tudo. Fazendo

assim, se não conseguir a confiança da Igreja, terá, com certeza, a bênção de Deus.

>**Detestar o mal pelo apego ao bem.** De nada adiantam discursos dialéticos contra o mal, a malignidade e o pecado, se o apego ao bem não for patente, mensurável e sentido pela comunidade. Dizer e não praticar é próprio dos falsos guias, jamais dos verdadeiros. Autenticidade, sinceridade e veracidade são as mínimas qualidades que se exigem do ministro.

>**O amor fraternal e de coração.** O amor inter-elesiástico é mais que o de irmão, é de coração. Onde ele existe, não há rixas, contendas, divisões. O ministro é o primeiro a exercê-lo não “para exemplo”, mas como qualidade de seu caráter e estado de sua personalidade. A partir de sua pessoa, o seu ensino a respeito do amor torna-se eficaz e produtivo.

>**Não ser remisso no zelo.** O pastor não deve ser vagaroso nas decisões e execuções; não ser lerdo em projetar e preguiçoso em executar. Suas virtudes exigidas são: Fervor de espírito; dinamismo na atuação; habilidade em projetar; santidade no viver; consagração no servir.

>**Compartilhar as necessidades dos santos.** A Igreja é uma comunhão de iguais; nela não deve haver irmão passando fome, sofrendo desamparos por causa da pobreza, da doença ou da velhice. O pastor deve levar a Igreja a ser solidária, a criar o hábito de socorrer, compartilhando, os realmente necessitados da comunidade.

>**Abençoar o perseguidor.** O desejo humano é o de imprecicar a maldição sobre seus inimigos, principalmente se forem perseguidores contumazes. Maldizer e praguejar os detratores estão no ímpeto natural do ser humano; reagir, até com violência, a uma agressão moral ou física é parte do nosso mecanismo de defesa. Porém, o filho de Deus e servo do Senhor Jesus, precisa de força, e Deus Iha concede, para vencer seus impulsos naturais e, vencendo-os, naturalmente a sua reação diante das ofensas, dos ataques, das agressões e até do martírio, seja a do pacificador, do perdoador. Na condição de comissionado por Cristo, o ministro deve impetrar a bênção da graça, da paz e do perdão de Deus sobre seus torturadores e assassinos. Perdoar sempre; amaldiçoar, nunca. Bendizer, sim; maldizer, jamais (cf Lc 6. 27,28).

>**Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram.** Muito fácil é, para o pastor, alegrar-se com os que se alegram: Festas de aniversários, de bodas diversas, de núpcias, comemorações natalinas, ceias de fim de ano, aniversário da Igreja e outras. Duro e difícil é chorar com os que choram na pobreza, no solitarismo psicológico, na solidão social, no desemprego, nas separações conjugais, nos desvios morais de filhos ou de cônjuges, nas enfermidades, nos internamentos hospitalares e no falecimento de entes queridos. Já presenciei pastores, falando em ofícios fúnebres de membros de seu rebanho, ou com semblante neutro ou até com algum sorriso nos lábios, sem demonstrar nenhum efetivo sentimento. É

penoso para a família enlutada perceber que seu pastor não esboça qualquer reação de pesar, de dor, de sentimento por ovelha que acaba de deixar definitivamente o convívio de seus familiares e da Igreja. Essas “friezas” pastorais geralmente ocorrem, quando falece um irmão humilde, sem projeção. O mesmo não acontece nos óbitos de pessoas “proeminentes”: O velório apinha-se de pastores; os ouvidos saturam-se de sermões; os corações locupletam-se de “condolências” e de “pêsames”. Se somos todos iguais perante o Pai comum, tais disparidades não deveriam existir, mas existem. Poderão argumentar: mas Paulo disse que a “quem honra, honra” (Rm 13. 7). O apóstolo, aqui, fala de autoridades seculares, não de eclesiásticas. Nós não nos referimos a “passamento” de ministros, mas a de membros, humildes e proeminentes, que recebem “choros” diferentes nos respectivos velórios: umas sem lágrimas (talvez tenham existido interiormente); outros com excesso delas, exuberante “manifestação de solidariedade”. Disparidade de tratamento para membros da mesma comunidade.

>**Nada de orgulho.** Na Igreja de Cristo não há lugar para “espírito de grandeza”, de orgulho, de vaidade, de prepotência. Nosso governo é democrático na cúpula e nas bases: A comunidade é gerenciada por conselho de presbíteros eleitos pela assembleia; os departamentos têm presidentes e diretorias, todos eleitos por suas respectivas plenárias. O mandonismo individual, quando aparece, recebe críticas e rejeições. O pastor, mesmo que seja o mais culto da Igreja, não lhe convém o orgulho, essa anti-virtude é incompatível com o seu ministério e contrastante com o amor cristão, indiscriminador por natureza. O sentimento de igualdade no ajuntamento em Cristo Jesus deve envolver todos os corações, para que a unidade se estabeleça. Os mais elevados na escala social, segundo os padrões do mundo, devem condescender com os mais humildes. O pastor não é a figura mais importante da Igreja, mas apenas o líder, o guia espiritual modestamente nas mãos do supremo Pastor.

>**Não seiais sábios aos vossos próprio olhos.** O ministro pedante, exibido, presunçoso, sobreestimador, aquele que atribui intelectualidade a si mesmo, que se blasona de sábio, que se coloca no pedestal da superioridade, que exige ovação de suas ovelhas, torna-se figura insuportável em seu meio, não só por irradiação de antipatia, mas também por exibicionismo isolante. A altivez, se o pastor a possuir, deve ser notada, reconhecida e admirada pela comunidade, não exibida por ele. Quem se julga altivo e grande, nada possui de altivez e de grandeza, principalmente a espiritual. Consagração com eficiência, humildade e simplicidade são boas virtudes do ministro. A capacidade do pastor deve ser visível aos olhos da Igreja; a sua sensibilidade pastoral, quando real e efetiva, não somente atinge o coração dos fiéis como modifica-lhes a maneira de

pensar a seu respeito, passando de “ele é pastor da Igreja ” para “ele é o nosso pastor”, nosso pai espiritual.

>**Não pagar o mal com o mal.** Não estamos mais sob vigência da *lei de talião*, cuja justiça era vindicativa: “olho por olho e dente por dente”. Assim como Cristo, resignadamente, suportou o nosso mal na cruz, devemos suportar o mal de nosso semelhante, e não espalhar uma sequência interminável de cobranças sucessivas a cada ofensa recebida. Os que se valem de tais princípios, geram uma cadeia de vinganças, que passa de geração a geração. O perdão elimina a vingança do meio ambiente e extirpa o ódio dos corações. O perdão de Deus cria nos perdoados a capacidade de perdoar os semelhantes, não com o perdão formal, mas real, restaurador das condições anteriores ao conflito ou ao ato pecaminoso. Se o mal praticado for de conseqüências danosas e permanentes, o dever do cristão é entregar o veredito ao supremo Juiz.

>**A luta para realização do bem.** O mal, sendo obra satânica, prolifera abundante e livremente na sociedade sem Deus ou com deuses nominais, imaginários, mitológicos e ídolos divinizados; todos absolutamente falsos. O pastor precisa empenhar-se na luta contra todas as potências malignas, levando a Igreja a engajar-se nessa batalha, que é acirradíssima. O mal penetra a Igreja como o câncer, o organismo humano: sem dor inicial, sem intumescência visível. Quando se manifesta, o estado do paciente já é lastimável. A prática do bem é tão difícil, que o próprio apóstolo Paulo chegou a exclamar: *Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem faz, e sim o pecado que habita em mim. Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando conta a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros (Rm 7. 19-23).* O pecado procura arrastar-nos para o mal, agindo em nos nossos sentidos; a graça, porém, atuando pelo Espírito Santo, puxa-nos para o bem. Vivemos em luta constante, na qual se encontra o pastor, que não pode ceder, esmorecer, fracassar: A queda do pastor representa prejuízos morais e espirituais incalculáveis para a sua comunidade.

>**Paz com todos os homens.** A paz com as pessoas de fora da Igreja, enquanto elas não se tornam oponentes ativas ao povo de Deus, é possível, mas sem grande interação, pois nenhuma comunhão há entre a luz e as trevas (II Co 6. 14). A Igreja tem de “incomodar-se com o mundo”, pois nele está e a ele dirige a mensagem salvadora do Evangelho; mas ela precisa “incomodar o mundo”, porque com ele não concorda; não aceita o seu mundanismo, o seu materialismo, a sua depravada e incontrolável concupiscência. Cristo não deseja e não quer uma Igreja conivente, silenciosa, comprometida com o secularismo, acovardada e, por isso

mesmo, não incomodada nem perseguida. O ministro que se dispuser a doutrinar a Igreja para que ela não faça apenas “diferença social”, mas “moral e espiritual”, certamente, terá oposições, principalmente dos joios, que são muitos e alguns influentes. A Igreja que não expressa santidade, como Cristo a deseja (cf Ef 5. 25-27), passa a ser apenas um ajuntamento místico com fins utilitários para os seus frequentadores: prazeres sensoriais e benesses materiais. A verdadeira Igreja, obrigatoriamente, contrasta-se com o mundo pela sua unidade, santidade, universalidade, moralidade e espiritualidade.

O fato de a Igreja invisível de Cristo estar dentro da invisível conturba a sua vida, prejudica seu testemunho, macula a sua santidade corporativa e, principalmente, causa conflitos inevitáveis pelas seguintes razões: a- A Igreja invisível contém crentes reais e falsos crentes. b- Não é possível o trigo produzir plenamente com a prejudicial concorrência do joio. c- Por vontade própria ou sem ela o *bode* é instrumento e agente de seu verdadeiro senhor, o Diabo, mentiroso e pai da mentira. Os réprobos, travestidos de crentes, produzem influência maléfica na Igreja; criam e sustentam falsas doutrinas; corrompem a liturgia; quebram a unidade comunitária; introduzem práticas mundanas à guisa de modernização; geram ações pecaminosas e evitam a disciplina dos culpados em nome do amor, da compreensão e da tolerância, desprezando a justiça e a verdade. Não é fácil a comunidade de Cristo ser bíblica na crença, santa na fé, incorruptível na conduta e correta na doutrina. A verdadeira Igreja, por sua liderança, não consegue distinguir o eleito-regenerado, mas ainda fraco, criança em Cristo, susceptível a escorregões e quedas, do não-eleito, mas membro da Igreja que, costumeiramente, exhibe santidade exterior e apresenta-se como verdadeiro servo de Cristo; sendo, de fato, servo de si mesmo e de seu senhor, o maligno. Falsos profetas e falsos cristos existiram, existem e existirão na militância terrena do corpo de Cristo, infectando-o e infeccionando-o terrivelmente. Toda vigilância e profilaxia pastorais ainda carecem de considerável insuficiência diante de tamanha e tão grave infestação.

> **A vingança pertence a Deus.** Os cidadãos, de modo geral, têm o estado secular, que aplica a justiça em lugar deles. Não somente a justiça por mãos próprios é indevida como é um desrespeito ao poder instituído (Cf Rm 13). Semelhantemente, os cidadãos do reino de Deus têm um Rei, que cuida deles, assume-lhes a defesa e aplica a reta justiça contra os seus algozes martirizadores: *A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor (Rm 12.19b cf Dt 32. 35).* A vingança não pode residir em nosso coração; acidentalmente, passa por ele, mas tal passagem tem de ser rápida, para não lhe causar danos. Eis o que Paulo sentencia a respeito: *Irrei-vos e não pequeis, não se ponha o sol sobre a vossa ira (Ef 4.26).* O homem pode irar-se por questões pessoais, familiares,

patrimoniais justas ou injustas, mas seu estado iracundo tem dimensão egoísta, posto que voltado para si mesmo. Sua ira também pode voltar-se contra injustiças sociais e até contra o pecado, mas sempre trará as marcas da falibilidade, da incorreção, da falta de visão global, pois a criatura humana é limitada por natureza. A Ira divina, ao contrário, apresenta-se perfeita, justa, correta, pois Deus em sua infinita onisciência sabe perfeitamente separar o certo do errado, o justo do injusto, o bem do mal. O homem não tem essas possibilidades; em conseqüência, cumpre-lhe deixar a ira, a justiça e a vingança nas mãos do supremo Rei e reto Juiz. Nesta mesma linha, a da tolerância, do pacifismo, Jesus ensina: *Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra...*(Mt 5.38,39 cf 5. 38-42). Que o amor, e não ódio, povoe a alma do pastor e controle sua mente.

O Mestre dos mestres legou-nos o mais contundente ensino sobre a necessidade de amar a todos: *Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo, amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos (MT 5, 43-45).* Deus, por aquilo que se convencionou chamar de “graça comum”, estende seu amor a todas as pessoas dentro da ordem natural: Alimentação, ar, água, chuva, sol, lua, vento, flores, frutos, sementes, perfumes, essências naturais, fauna e flora. Quanto às ordens moral e espiritual, ele é justo, punindo os imorais e os incrédulos, principalmente os idólatras. Unicamente Deus pode ser o árbitro em todas as questões sociais, econômicas, bélicas universais, abrangendo, pela graça comum, eleitos e não eleitos. Aos seus filhos, salvos em Cristo, objetos da graça especial: o amparo, a defesa, a justiça, o acolhimento paterno e a salvação.

Quando você sentir raiva de alguém, ore por ele, perdoe, no seu íntimo renovado por Cristo, o seu delito ou sua culpa; deixe a justiça nas mãos de seu augusto Rei, dono de sua alma, da vida de seu irmão e Senhor de todas as pessoas, salvas ou não.

>**Socorro ao inimigo.** O socorro ao amigo ou ao irmão em Cristo, que passa por crises difíceis, é parte de seu dever cristão, e pode ser até recompensador do ponto de vista social e moral. Socorrer, porém, o inimigo que passa fome ou sede, que foi acidentado à sua frente, que teve sua casa consumida pelo fogo ou arrastada pelas enchentes, é um ato de desprendimento, de heroísmo e de extrema bondade. Se o inimigo reconhecer o que você fez por ele, agradeça a Deus o seu ministério da pacificação por meio do amor sem fronteira, das “brasas vivas” que você, com a sua bondade, colocou sobre sua cabeça (Rm 12. 20b).

>Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem. A melhor forma de vencer o mal é pela prática do bem. O mal da fome combate-se com a comida; o da sede, com a água; o da enfermidade, com o remédio preventivo e curativo; o da guerra, com paz; o da idolatria, com a pregação do evangelho da salvação; o do ódio, com o amor. Os ascetas pensam que a melhor maneira de livrarem-se do mal é fugir da sociedade, homiziando-se em claustros ou conventos. A queda colocou o mal e, conseqüentemente, a malignidade dentro do ser humano; não há, pois, como fugir dele, porque não se foge de si mesmo. Batalhar contra o pecado na família, na Igreja e na sociedade é penosíssimo, mas combatê-lo dentro de si mesmo; no seu coração, os sensuais; na sua mente, os mentais, é muitíssimas vezes mais difícil. O pastor, por estar mais em evidência e ter mais responsabilidade, é alvo constante das tentações diabólicas, nem sempre perceptíveis, pois o maligno é extremamente ardiloso. O ministro de Deus não pode descuidar-se da vigilância pessoal; seu fracasso trará conseqüências terríveis para sua alma, sua família e sua Igreja. Os apelos da carne são fortes; os do mundo, atraentes e convidativos; todos espiritualmente mortais. Cautela, prudência e vigilância!

O amor agápico a Cristo e o amor caritativo ao irmão estão explícitos na parábola do julgamento final. Atentem para o texto e o comentário:

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Então o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a

um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna (Mt 25.31-46).

O Rei – juiz. A parábola fala da volta de Jesus Cristo como Rei majestoso, que se entronizará, com todas as pompas reais, no trono de sua glória. Aos seus pés curvar-se-ão todos os reinados do mundo, isto é, todas as nações. O Messias então, na condição de Rei supremo, separará os eleitos (ovelhas) dos réprobos (bodes), e, assumindo pessoalmente o posto de Juiz, a magistratura singular, para declarar justificados os eternamente eleitos e redimidos por meio de sua morte vicária, destinando-os ao reino eterno; e, por outro lado, sentenciar à perdição eterna os reprovados, os bodes que, na peregrinação terrena, estiveram misturados à ovelhas.

As ovelhas verdadeiras. Cristo não criou uma comunidade de egoístas ou de místicos individualistas, cada um cuidando de seus interesses sociais e espirituais, julgando entrar nos céus sem a companhia dos conservos. Os eleitos são chamados para o Corpo de Cristo onde vivem interativamente em relações semelhantes à do ramo com o troco e com os outros ramos, à do órgão no organismo, dependente da cabeça e interdependente de outros órgãos. Ao amar, respeitar, compreender, tolerar, perdoar e ajudar o irmão, estaremos servindo o Senhor da Igreja, Cabeça do Corpo, Tronco da Videira. Tudo que se faz a um membro da família redimida, faz-se ao próprio Doador e Consumador da fé, Pai da prole cristã, nosso Senhor Jesus Cristo: *O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes (v. 40).* Cada crente tem de demonstrar seu amor a Deus, amando seus irmãos: *Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê (I Jo 4.20).* A Igreja solidária da terra é o protótipo da Igreja gloriosa do reino escatológico de Cristo. A Igreja – serva, aquela que o Rei vem arrebatara, é a que serve a Deus em adoração, submissão e obediência sob o ágape irrestrito, e serve o irmão com amor fraternal de fato e não somente de palavras.

O destino dos bodes (cabritos). Os bodes que se introduzem no rebanho de Cristo vestidos de ovelhas, ficarão nele, enganando os fiéis e a si mesmos, ocupando indevidamente espaços e postos, alimentando-se de bênçãos temporais do misticismo egocêntrico, até o dia da separação. Eles, embora no aprisco, não fazem parte da família de Deus, pois são egoístas, internamente mundanos, e somente buscam benesses materiais e bênçãos temporais. No juízo final ouvirão, certamente decepcionados, pois aguardam a salvação por méritos próprios ou por mediações

indevidas, a horrível sentença: *Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos (v.41b)*. O privilégio de ser bode no meio das ovelhas de Cristo terminará, para nunca mais a Igreja do Filho de Deus ser maculada com hipócritas e suas intromissões, as vezes convincentes na aparência.

Os cabritos fora da instituição eclesiástica, a Igreja visível, incomodam menos, pois estão no seu ambiente e são perfeitamente identificáveis, quer individualmente quer em associações. O perigo reside na presença de não-regenerados no corpo dos eleitos, geralmente hipócritas.

A fraternidade, a igualdade, a justiça, a caridade e o cooperativismo devem ser virtudes naturais dos servos de Cristo. O Senhor, Cabeça da Igreja, pensa e age nela e com ela; controla-a, não sendo jamais controlado por ela.

O amor em todas as suas formas é a base fundamental do relacionamento de servo com o seu Senhor, com os seus conservos e com os semelhantes, próximos ou não. A caridade natural, espontânea, não somente é a marca do crente, mas o mais eficiente meio de expressão da fraternidade cristã. Quem não ama a Deus e ao próximo não é santo de Cristo, não se santifica.

VIII- OBJETIVOS DA SANTIFICAÇÃO

A salvação é permanente, eterna.

1- O dom da fé salvadora é um só para todos os salvos. Tanto para o ladrão na cruz, ao lado de Cristo, que, no último momento de sua existência física, converteu-se, não tendo tempo de passar pelo processo da santificação ou crescimento espiritual, quanto Pedro, que morreu idoso, segundo a tradição, também crucificado, mas de cabeça para baixo. Ambos estão no mesmo céu e gozam do mesmíssimo nível de comunhão com a Trindade e com os conservos. Uma criança, filha da promessa, objeto da graça, regenerada por Cristo, e morta na infância, não é diferente, no reino escatológico do Cordeiro, de seus avós, servos de Deus, falecidos em idade avançada. A respeito de um servo de Deus, eleito desde a eternidade para a salvação, mas por um desses mistérios ainda não revelados, morreu nos primeiros dias de vida física, onde e como está na eternidade, as Escrituras não nos revelam. Sabemos que lá não há homem nem mulher, nem velho nem jovem, pois seremos como os anjos (Mc 12. 25); e anjo não tem sexo nem faixa etária. “Anjinho” não faz parte de nossa fé confessional. Crianças com “asinhinhas brancas” em festas natalinas não se enquadram na nossa teologia da santidade presente e,

muito menos, na futura. Salvo também está um eleito em Cristo; mas por aqueles secretos e insondáveis desígnios do Criador, nasceu com debilidade mental em uma família de Cristo; sendo batizado na infância e criado como criança e mantido, durante toda a existência, sob os cuidados dos pais e zelo da Igreja como membro da família da fé, um irmão que o Salvador nos deu para o exercício do amor desinteressado, tanto dos parentes como dos irmãos em Cristo. Lembremos que a salvação não é pela razão, pelo amadurecimento mental, pela crença racional, mas pela graça. É verdade que a graça salvadora Deus no-la concede mediante a fé (Ef 2.8), mas a fé não é produção cerebral do homem, é dádiva de Deus. Quem pode garantir que um débil mental não a possa receber de seu Pai celeste? No céu, os pais e o filho desequilibrado mentalmente serão incorruptíveis: nem os genitores apresentarão sinais de velhice, nem o filho, qualquer marca de debilidade. Um deficiente mental dependente, mas eleito e salvo por Cristo, não tem nenhuma oportunidade manifesta de santificação, segundo os parâmetros que conhecemos, mas não será diferente de seus irmãos no reino consumado de Cristo. Não haverá privilégios no céu; lá, todos seremos iguais, nivelados pela filiação em Cristo e, na eternidade, pré e pós-ressurreição, pela incorruptibilidade e nivelamento igualitário de nossos corpos.

A santidade, portanto, é um “estado do regenerado” a partir do ato regenerador, quando o escolhido é chamado à filiação em Cristo Jesus, tornando-se membro do corpo de Cristo. A muitos Deus faz passar pela graça da santificação; a outros, não; mas todos são agraciados com a salvação.

Não havendo desigualdade no céu, o que dizer, então, da “coroa de glória” de que fala o Novo Testamento? Eis o texto chave: ***Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória (I Pe 5.4)***. O referido texto está no contexto de um pastorado decente, correto, dedicado e consagrado ao Pastor dos pastores, nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, não se refere às ovelhas, isto é, ao laicato da Igreja, mas aos seus verdadeiros ministros. A coroa não é de reinado, de direito à entronização, de status, de dignidade social, de privilégio sobre os súditos, mas comparável a uma comenda ou diadema olímpica, prêmio de vitória em competição, confeccionada com folhas de louro que, com o tempo, murchavam. A coroa relatada por Pedro é *imarcescível*. Trata-se do reconhecimento do Supremo Pastor, em seu retorno, aos pastores que se esmerarem com a mesma tenacidade e a mesma dedicação com que se dedica um atleta para dar vitória ao seu país. A vitória final do pastoreio será de Jesus Cristo, não dos ministros. A coroa somente a ele pertence. A

eles, os ministros, restam sacrifícios, trabalhos duros, entrega incondicional e fidelidade ao supremo Pastor. Não se trata, pois, de graduação e estratificação nos céus, de maiores graças e bênçãos para uns e menores para outros; uma classe privilegiada de santos e outra de baixo nível. Trata-se de senso de dever realizado em um posto de altíssima responsabilidade, o pastoreio: A coroa do dever cumprido, a coroa da graça de servir. O escravo não possui nada, nem a si mesmo; tudo pertence ao seu senhor; a honra que recebe é a de batalhar, de servir com fidelidade, consagração e submissão. Somos “douloi” de Cristo. A idéia de que alguns crentes vão receber diademas de promoção, privilégios, exaltação ou mérito no céu, não se sustenta, quando cotejada com a ética de Jesus Cristo, que inverte a ordem social, criando o reino dos pequeninos, dos humildes, dos servidores (cf Mt 11.25-27; Lc 17.9). No reino consumado do Cordeiro, todos os filhos de Deus serão iguais, receberão a mesma herança. Lá não haverá desigualdades, uns elevados acima dos outros, muitos menos dominação de alguns sobre muitos. O único coroado será o Rei Jesus; sua glória cobrirá seus súditos-eleitos e salvos por ele.

2- Santificação: Caminho da servitude.

Não há ser humano, por mais justo e fiel a Cristo que seja, que morra sem pecado: *Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus (Rm 3.23). Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós (I Jo 1.8—10).* A recomendação do apóstolo é para que não pequemos; se, todavia, cometermos pecados, e os confessarmos a Deus, Jesus, junto ao Pai, intercede por nós, (I Jo 2.1,2). O crente regenerado não peca para a morte, mas, em decorrência de sua natureza pecaminosa, comete pecados, conscientes ou não, contra seu Senhor. Tanto assim, que a Palavra de Deus recomenda-nos a confissão de pecados; tendo Cristo a incluído na Oração, que recomendou aos discípulos (Mt 6.12); e Tiago ensina: *Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros (Tg 5.16a).*

É verdade que o autor da Primeira Epístola (universal) de João nos diz que os nascidos de Deus não pecam (I Jo 3. 6,8,9; 5.18). Porém, devemos notar que são “os nascidos de Deus”, isto é, que não estão mais sujeitos à perdição, pois seus pecados são, diariamente, perdoados pelo Pai celeste, que não somente confirma seus filhos em sua eterna

presença, mas também lhes promove o crescimento em santificação. O crente pode pecar, mas o pecado nunca é do seu agrado, jamais procede de seu íntimo regenerado, mas, geralmente, de seus impulsos nervosos e descontroles emocionais, e até de pressão passional. Após o ato pecaminoso, o crente dobra seus joelhos aos pés de Cristo e os confessa. Pelo que sabemos, informados pelas Escrituras, não há a mínima possibilidade de, pela santificação, a pessoa atingir a “perfeição”, a “pureza absoluta”, a “impecabilidade” e conseqüente salvação. Somos justos por justificação em Cristo; nunca chegaremos à justiça por santificação. Não crescemos espiritualmente em benefício próprio; crescemos, segundo a atuação do Espírito em nós, para a obra de Deus no mundo. A ergologia da Igreja, em todas as civilizações, emergiu e emerge do testemunho, do labor incansável e do sacrifício de seus santos, clérigos e leigos. Sem a santificação de seus membros, a Igreja ficaria estagnada, inexpressiva, improdutiva, muda, incapaz de servir, descaridosa, desalmada, impiedosa, sem vitalidade. A santificação inclui a frugalidade, a boa administração dos bens domésticos e do patrimônio público, a modéstia e a decência no vestir, a eliminação da luxúria e as virtudes morais como honestidade, fidelidade, sinceridade, veracidade, bom senso, amor a Deus e ao semelhante, fraternidade na Igreja, simplicidade natural. A ética da santificação, certamente, beneficia a sociedade, mas se contrasta com ela no que diz respeito à sua moralidade.

Paulo diz que o ministério pastoral tem por objetivo promover a edificação da Igreja, até que os crentes atinjam a “plena varonilidade”, isto é, a maturidade, e não sejam levados por qualquer vento de doutrina ou agitados de um lado para o outro como hastes delgadas. O ministério edificante deve ser de ação contínua, até que os membros cheguem à estatura de Cristo; o que se opera pela doutrinação, pela oração, pela leitura da Palavra, pelos sacramentos e pela confraternização. Cristo é o modelo, o ideal de santo, que deve ser buscado pelo ministro com todo vigor e empenho possíveis, embora jamais atingido, porque os membros de sua comunidade são pecadores por natureza, e Cristo não pecou. A imitação do Filho de Deus é o objetivo de todos os seus servos autênticos (cf Ef 4,13,14). A santificação é uma batalha contínua do eleito salvo contra a carne (sua natureza pecaminosa), o mundo (meio ambiente corrompido e corruptor), o Diabo e seus anjos malignos, que assediam o servo de Deus como leões famintos, procurando devorá-lo: *Sede sóbrios e vigilantes. O Diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge, procurando alguém para devorar (1 Pe 5.8)*. O que o crente tem de fazer, é resisti-lo pela inabalável firmeza na fé em Cristo, aquele que o

chamou à sua eterna glória; ele o defenderá, fortificará, firmá-lo-á e aperfeiçoá-lo-á nos gloriosos fundamentos da graça (cf I Pe 5. 9,10). Portanto, com a emulação do Espírito Santo; a espada da justiça, que é a Palavra de Deus, o extraordinário escudo da oração, o crente luta contra todos os seus inimigos e os vence, mas sempre sob o comando do grande comandante, nosso Senhor Jesus Cristo. Vence-os, não para sua própria glória, mas para glória do grande e extraordinário Messias, o Cordeiro vencedor.

Santo- separado para Cristo – *doulos*- escravo de Cristo.

Não somos separados para nós mesmos, especialmente o pastor, mas para Cristo. E essa separação não é para vivermos como estátuas em nichos, sendo contemplados e admirados por outros, mas para a servitude, seja nas áreas seculares, onde Deus nos coloca como profissionais técnicos ou braçais, seja nos campos ministeriais. O crente tem por obrigação, como servo de Cristo, ser exemplo moral, profissional e funcional onde o Senhor o colocou. É difícil, mas Deus exige dele testemunho cristão. Por outro lado, o pastor, no seio da comunidade, viver uma vida moralmente irrepreensível é muito mais cômodo que um leigo no comércio, na fábrica, no banco, ou na função pública, onde o exercício da honestidade é, para ele, um pesadíssimo ônus. Muitos, para não perderem o emprego, com família grande para criar, uma idade que, certamente, lhe dificultará colocação em nova empresa, submetem-se às regras injustas e às ações desonestas, mentirosas, da chefia. Os patrões desonestos justificam a desonestidade transferindo a culpa, justificável ou não, para o Estado, que sacrifica o povo com pesadíssimos impostos. Com honestidade, dizem, não há lucro; não havendo lucro, a empresa desemprega; o mercado de trabalho diminui. Com tais desculpas, partem para a desbragada sonegação, a busca do lucro fácil. O servo sincero de Deus sofre em um mundo cada vez mais demonizado, isto é, mais adepto da mentira, da falsidade, do suborno e das adulterações. No atual estado de coisas, pode haver “santo de Deus”, que compre sem nota fiscal para obter um preço menor, que adquira produtos piratas. Não mais nos escandalizará se encontrarmos “crentes” que vendam sem notas e comerciem, sem nenhum remorso, produtos de grifes falsificadas como se fossem originais.

O fardo da santidade é mais leve para o pastor, mas extremamente pesado para o membro comum da Igreja. O pastor precisa tomar consciência disso e ajudar suas ovelhas, que sofrem em um mundo acentuatadamente corrupto. No tempo dos mártires, somente permaneceram os “confessantes”, pois os débeis, à vista da morte,

capitularam, negando Jesus Cristo. Fato semelhante acontece hoje, em uma sociedade em que imperam o sexualismo e a mentira; muitos abandonam a “dureza” da “santidade” cristã, entregando-se às separações conjugais imotivadas e às falcatruas comerciais e políticas. Quando se diz que o pastor deve a Deus o seu tempo mais que integral, sua dedicação total, pois suas atividades são incessantes como: *Aos domingos: lecionar, pregar, ministrar os sacramentos; durante a semana: pastorear o rebanho, visitar, consolar, resolver conflitos, reconciliar casais, tratar de problemas de adolescentes e jovens; dar assistência aos idosos; visitas aos lares, aos hospitais, às clínicas de repouso; nada em gabinete.* Alguns, da “Igreja Vida Mansa”, respondem argumentando: Os tempos mudaram. Os pastores, hoje, não podem viver somente com os óbolos pastorais; seus compromissos são enormes, sua vida é mais social, são mais as suas necessidades, as exigências do mundo são maiores. O próprio Cristo reconheceu isso em Lc 22. 35,36), mandando retomar a bolsa, e Paulo exerceu função secular como construtor de tendas (At 18.3; cf I Co 4.12; II Co 12.13; II Co 11.8; II Ts 3.8).

Primeiro, quando eles, os apóstolos, saíram sem dinheiro e sem armas, Deus foi-lhes o sustento e a proteção. Agora, porém, Cristo, momentaneamente, se ausentaria deles, ficando-lhes o sustento e a defesa à custa de cada um. Aqui, Cristo não recomenda o lucro, o emprego secular ou a exploração cambial. Não lhes diz: Agora, arranjem um “bico secular”, pois a minha Igreja não os sustentará. Paulo, deixando Atenas, foi para Corinto, que não sustentava o seu ministério apostólico, hospedando-se na residência do casal Áquila e Priscila, expulsos de Roma por Cláudio. Eis o texto: *Paulo aproximou-se deles. E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles e ali trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas (At.18.2b,3).* Gostaria de saber o seguinte: a- Qual era o salário de Paulo na casa de Áquila? b- O que ele estava fazendo lá? Porventura pastoreava a Igreja de Corinto e fazia “um bico” em emprego secular? c- Ele não estava usando o tempo que lhe sobrava na evangelização, no ensino na Sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos? (At 18. 4). Se você trabalhar no campo missionário “com suas próprias mãos”, para não ser pesado à Igreja, imita o apóstolo dos gentios (cf II Ts 3.7-10). Vejam, para justificarem a dedicação a si mesmos, os defensores do “tempo parcial” para o rebanho de Cristo usam a Bíblia, com exegese conveniente e inapropriada.

2- Santificação não é meio de salvação, é caminho do salvo. Alguns pensam que se salvam por obras pias ou meritórias; outros por abstinências, enclausuramento, mortificações do corpo, penitências,

submissão à Igreja, guarda da lei, purificações por meio de recolhimentos, orações penitenciais, jejuns e clamores insistentes aos céus. Essas pessoas acreditam que a santificação é um meio de perfeição espiritual para que se alcance o merecimento divino da salvação. Tais instrumentos e meios de “santificação” cria um tipo de “santo alienado”, de “trânsfuga” da sociedade, de indivíduos que odeiam o mundo, mas que nada fazem para a sua melhoria ética, social e espiritual. O isolamento é a negação da verdadeira santidade. O santo está no mundo ativamente em nome de seu Senhor, iluminando, salgando e fermentando (Mt 5. 13-16; MT 13. 33). A luz da nossa santidade tem de brilhar diante dos homens, para que vejam nossas boas obras e glorifiquem nosso Pai celeste (Mt 5. 16). Santidade oculta, inexpressiva, não existe. Somos santos para Deus e para os semelhantes.

Muitos evangélicos acreditam na santificação por meio da “busca constante e insistente do Espírito Santo”, até receberem o “batismo no Espírito” e atingirem o almejado estado de “crentes completos” ou “crentes cheios do Espírito”. Finalidade de tudo: Benefício pessoal de bênçãos temporais e espirituais e a consequente posse do reino dos céus. Não se chega aos céus via santificação; somente Cristo é o caminho, a verdade e a vida; e ninguém vai ao Pai, a não ser por Ele (Jo 14. 6). A santificação é o processo natural de crescimento e desenvolvimento do regenerado, do salvo. Primeiro, a salvação; depois, a santificação.

Melhor para Deus. Santificação é, na verdade, para que o eleito e salvo em Cristo Jesus seja melhor servo, mais submisso a ele, mais consagrado, mais dedicado ao Evangelho, mais útil à Igreja. Um ser humano, se permanecer infantil a vida inteira, será sempre dependente e em nada contribuirá para sua família e para sua pátria. Passando, porém, via desenvolvimento, pelas fases naturais da infância, da adolescência, da juventude e da maturidade; cursando o primeiro, segundo e terceiro graus, fazendo ainda pós-graduação, a sua contribuição, com certeza, será inestimável a ele mesmo, aos familiares, à sociedade, à pátria, e à Igreja. O crescimento espiritual, semelhantemente, prepara o regenerado para a cidadania no Corpo de Cristo, para ser um “doulos – escravo- mais submisso e mais eficiente. Os servos, quanto mais próximos à imagem de Cristo, mais úteis serão a ele neste mundo tanto no aspecto testemunhal como na capacidade de expressão da fé com clareza, convicção e convencimento aos ignorantes, religiosamente falando. O pastor santificado, isto é, habilitado à servitude, não somente testemunha de Cristo, mas também combate as heresias e luta contra o pecado no mundo e suas intromissões na Igreja.

IX- CARACTERÍSTICAS DE UMA PESSOA SANTA.

As qualificações seguintes foram inspiradas nas definições de uma pessoa santa, feitas pelo bispo inglês, John Charles Ryle, em seu extraordinário livro, *Santidade*, publicado em 1879, e ainda atualíssimo. Fiz um tipo de resumo:

>a- Pessoa santa é a que recebe, pelo Espírito Santo, a mente de Deus e, por ela, toma conhecimento do Salvador, segundo a revelação das Escrituras. O santo abomina o que Deus abomina, e ama o que Deus ama; vê e julga o mundo conforme os parâmetros da Palavra de Deus.

>b- A pessoa santa procura livrar-se dos pecados; e observa os mandamentos de Deus; inclina-se para o seu Senhor; deseja cumprir a sua vontade; teme desagradar o Redentor e procura opor-se ao mundo; anda sempre nos caminhos das Escrituras.

>c- A pessoa santa esforça-se para ser semelhante ao seu Senhor, Jesus Cristo, buscando realizar em si a imagem do Filho de Deus: Perdoar como Cristo perdoou; agradar ao Pai como Cristo agradou; amar como Cristo amou; ser humilde como Cristo foi; fazer a vontade do Pai como Cristo fez; ser manso e paciente como Cristo; ser amigo como Cristo foi; servo do Pai como Cristo; andar como Cristo andou; ser pessoa de oração como Cristo. Finalmente: ter Cristo como modelo de sua vida.

>d- A pessoa santa é mansa, longânime, gentil, paciente, branda, não tagarela, tolerante a abusos, clemente, perdoadora, defensora mais da honra e dos direitos alheios que dos seus.

>e- A pessoa santa tem auto-controle e abnegação; procura mortificar os desejos do corpo; controla seus maus instintos e impulsos da carne; foge dos vícios e do apego às coisas do mundo; esforça-se para não ser desqualificada como serva de Cristo (cf I Co 9. 27).

>f- A pessoa santa segue o amor e a fraternidade; faz aos outros o que deseja que os outros lhe façam; é afetuosa e respeitosa com seus irmãos em Cristo; Abomina a mentira, a calúnia, a maledicência, a desonestidade e as injustiças, por menores que sejam.

>g- A pessoa santa é misericordiosa e benevolente; repele o ócio em si mesma; não se contenta em ser apenas boa, mas fazer o bem; almeja ser útil, sempre que possível.

>h- A pessoa santa é pura de coração; evita as impurezas espirituais e as atrações do mundo; é precavida contra as tentações; não se deixa levar pelas insinuações da carne; vigilante contra as sutis ciladas do tentador.

>i- A pessoa santa teme a Deus por respeito, não por medo; sabe que está nas mãos do seu Senhor e dele não se oculta; serve o seu Salvador por amor, não por receio de castigo ou condenação.

>j- A pessoa santa é humilde por natureza; mentalmente considera os outros superiores a si mesma; enxerga mais indignidade em seu coração que no coração do semelhante; diante do Rei dos reis, considera-se pó e cinza (cf Gn 18. 27), indigna das misericórdias de Deus (cf Gn 32. 10; Jó 40. 4); vê-se como a principal das pecadoras, mas objeto da graça divina (cf I Tm 1. 15); por mais que sirva a Cristo, ainda se sente serva inútil.

>l- A pessoa santa é fiel em tudo na vida: nas realizações, nos deveres, nas relações; volta-se para o semelhante, na tentativa de ajudá-lo na difícil jornada da existência; tudo que faz, porém, é feito para o seu Senhor, a quem pertence e a quem serve (cf Gl 3. 23 e Rm 12. 11). O que lhe vem às mãos para fazer, seja nobre ou humilde, executa com o máximo de perfeição possível. Como resultado natural de sua santificação, procura ser cada vez mais dedicado esposo, melhor esposa; melhor pai, melhor mãe; melhor filho, melhor filha; melhor funcionário, melhor funcionária. Sempre melhorando: eis o lema do servo de Deus.

>m- A pessoa santa é habitação do Espírito Santo e, por isso, não dá lugar ao pecado, ao tentador, às concupiscências da carne; seu prazer está na lei do Senhor e nela medita diariamente; cumpre os seus deveres como cidadã do mundo, mas vive como cidadã do céu, pois sabe que a sua passagem pela terra é rápida, posto que sua habitação final é a mansão celeste sob o comando de seu Rei, o Messias; sua vida terrena vincula-se ao povo de Deus, onde vive em comunhão com os conservos, com os quais ora, medita e instrui-se na Palavra de Deus; coopera, consagradamente, com a Igreja do Cordeiro. Sua alegria: estar com os irmãos em Cristo e compartilhar com eles; fazer de sua família um exemplo para as outras famílias; viver dignamente a fé cristã; propagar o Evangelho da graça a todos os que se relacionarem com ela, mas de maneira educada, suave, amorosa e respeitosa*.

*Texto de onde retiramos os presentes conceitos de santidade: “A Natureza da Verdadeira Santidade Prática”, J. C. Ryle: Obra: Santidade – sem a qual ninguém verá o Senhor- Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, 4ª Edição em Português, 2002, São José dos Campos; páginas: 60 – 64.

Santificação é crescimento espiritual para sermos melhores servos de Cristo, não melhores santos; mais úteis ao reino de Cristo, não mais salvos que os outros irmãos. Quanto ao serviço, jamais excederemos; nossas obras nunca ultrapassarão a medida do indispensável: *Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei:*

Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer (Lc 17.10). O servo (doulos) de Deus faz o que seu Senhor manda, age sempre de acordo com suas determinações; não faz o que bem entende; não é dono de si mesmo nem de sua capacidade e força de trabalho ministerial: Tudo é de Deus e para ele.

X- **O CAMINHO DA SANTIDADE**

Acompanhem os pensamentos conclusivos de Horatius Bonar sobre o santificação:*

a- Quem quiser ser santo, tem de assemelhar-se a Jesus Cristo, não por esforço próprio autodeterminado, mas pelo ministério do Espírito Santo, que habita em nós para conduzir-nos à fé, à santificação, à vivificação; tudo para que cheguemos, o máximo que nossa humanidade permite, à imitação do Filho de Deus, nosso modelo. Somos, pois, santificados pelo Espírito Santo (II Ts 2.13; I PE 1.2), a agente em nós da vivificação.

b- Quem quiser ser santo tem de confrontar sua vida com a de Jesus Cristo, fazendo autocrítica para verificar seus pontos fracos ou vulneráveis e corrigi-los e fortalecê-los respectivamente. Mirando Jesus Cristo, seu alvo e objetivo, certamente o servo melhora sucessivamente em bondade, fidelidade e servidão, o que é glória para o Salvador e benefício para o seu servidor (II Co 3.18).

c- Quem quiser ser santo, tem de lutar contra suas tendências carnis, contra a malignidade do mundo, contra as tentações satânicas; tem de combater o bom combate (I Tm 3. 18) e batalhar a santa batalha da fé (I Tm 6. 12). As suas armas, porém, não são carnis, mas espirituais (II Co 10.4; Ef 6. 13-17), sempre no poder do Espírito Santo (Ef 1. 13). A fortaleza reside no supremo Comandante, que nos faz mais que vencedores em tudo, embora as frentes de combate sejam muitas e os inimigos ferozes e pertinazes. Cristo foi aparentemente derrotado, mas realmente vencedor. Assim pode acontecer com o crente: o mundo vangloriar-se de sua derrota, e os céus festejarem sua vitória. O santo é colocado no mundo para lutar contra todas as formas de pecado.

d- Quem quiser ser santo tem de vigiar-se e fortalecer-se na oração e na fé (II Tm 4. 5; I Co 16. 13), porque a descrença e o pecado assediam-nos sistematicamente (Hb 12. 1). A vigilância pessoal deve ser feita dentro da vigilância da comunidade, pois nenhum soldado age no combate ou na defesa sozinho, mas em seu batalhão e em sua tropa. Os filhos das trevas atacam os filhos da luz, mas a luz sempre prevalece contra as trevas.

Bem-aventurado aquele que vigia (Ap 16. 15). O vigilante deve seguir a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância e a mansidão (I Tm 6. 11), e não se desviar um centímetro sequer dos comandos do Cristo.

e- Quem quiser ser santo tem de ter consciência de sua responsabilidade de expressar diante do mundo a sua santidade, pois não foi selado para as imundícias, mas para a possessão da graça pela misericórdia de Cristo. O crente é servo de Jesus, mas vive sob a liderança do Espírito Santo. O redimido é purificado pelo sangue do Cordeiro (Hb 13. 12) para ser santificado pelo Espírito (I Co 11. 16); guiado por ele (Gl 5. 18); ser templo dele (I Co 6. 19); andar nele (Gl 5. 16); falar por meio dele (I Co 12. 3); viver nele (Gl 5. 25); manter comunhão com ele (I Co 13. 14).

*(Ver: O Caminho de Deus para a Santidade- Horatius Bonar, Edições Paracletos, Primeira Edição, 1996 São Paulo,SP, páginas 128 a 130).

XI- ÉTICA E SANTIFICAÇÃO

Podemos declarar, em princípio, que a ética é a ciência do comportamento, e a moralidade é o comportamento em si. A primeira estabelece os princípios filosóficos da conduta; a segunda rege a prática comportamental, a aplicação da ética. O conceito de ética, tratando-se de uma ciência, é universal; enquanto o de moralidade sofre variações culturais, especialmente no campo de hábitos e costumes. O crente, embora em muitos casos, segue os princípios éticos da sociedade e adapta-se aos seus costumes naquelas áreas em que estes não conflitam com as diretrizes da moral cristã. O servo de Deus deve seguir irrestritamente a ética cristã, os postulados mandamentais e regenciais das Escrituras, mesmo naqueles pontos conflitantes com a moralidade social de seu tempo, local e cultura. O preceito dos preceitos do cristão é o amor (ágape): Amor exclusivo e incondicional a Deus, e indiscriminado ao próximo; este, segundo a condição do amor a si mesmo (MT 22.37-40). O amor agápico, no entanto, não é uma norma, mas um dom de Deus aos seus eleitos, que os habilita ao relacionamento filial com o Salvador e interativo-fraternal com o semelhante, sem qualquer discriminação. A luz externa que ilumina o caminho ético do servo de Cristo é a Palavra de Deus; a iluminação interna é ministério do Espírito Santo, que age no leito regenerado, não só para que ele compreenda a Escritura Sagrada, mas também para que a incorpore em seu coração, condicionando-o à submissão ao supremo Legislador, Mestre e Rei.

A ética cristã é a de um filho na família patriarcal em que o Pai celeste é a autoridade máxima: dita as normas, comanda o clã (Igreja), providencia-lhe todas os bens necessários à sobrevivência, à unidade, à

pureza moral, à espiritualidade e ao serviço. As normas do Pai são inquestionáveis, não competindo ao filho discuti-las, mas, obedientemente, respeitá-las, incorporá-las e executá-las. O aparente absolutismo das normas emana do amor e da responsabilidade do Pai na condução, manutenção e destinação do filho, que há de projetar na vida e na conduta o nome do seu Genitor. A ética do cristão não se baseia, portanto, em pressupostos como o **bem, o útil, o prazer, a liberdade, a situação, o pragmático, a virtude e o dever**, mas na relação com Deus, seu Criador, mantenedor, educador, condutor, protetor e Salvador. Sendo a vontade de seu Pai celeste revelada a ele na sua Palavra, conclui-se que se trata, em princípio, de ética bíblica. Podemos dizer que *ética cristã é a ética da filiação*, mas de um filho de Deus-Pai que o ama, considera, respeita, habilita, protege, salva e santifica. As ordenanças do Pai não são somente condutivas, mas amorosamente educativas e protetoras.

A ética bíblica de paternidade possui princípios absolutos, mas suas aplicações penais ou disciplinares podem sofrer agravamentos ou atenuações. Para o cristão, filho de Deus, não há penalidades eternas, mas disciplinas temporais mais ou menos severas, conforme o grau de moralidade ou espiritualidade do delito pecaminoso. O regenerado não peca para morte. O reprovado, porém, comete pecados mortais. Deus não inocenta quem toma seu santo nome em vão ou blasfema contra o Espírito Santo (Ex 20.7; MT 12.31). Há pecados, portanto, que causam a morte do pecador: *Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para a morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para a morte. Há pecado para a morte, e por estes não digo que rogue. Toda injustiça é pecado, e há pecado não para a morte (I Jo 5.16,17)*. O pecado do salvo em e por Cristo Jesus, conforme já foi dito, jamais será para morte, pois ele tem a garantia da vida eterna dada pelo seu Salvador (Jo 10. 28 cf Ef 2.8). Cumpre ao Pai, todavia, aplicar disciplina corretiva e educativa em seu filho, para que ele se santifique e melhore seu comportamento diante do Criador e Salvador. Nenhum pecado fica impune. O perdão do Pai, no entanto, possibilita a disciplina, exatamente para que o filho não se perca (Hb 12. 4-13). Há um jargão entre os evangélicos, que diz: *Não há pecadinho nem pecadão*. Há pecados mais graves e mais odiosos tanto como existem outros menos graves e menos odiosos (cf Catecismo Maior, perguntas 150 e 151). Há pecados que acarretam punições mais severas; outros são punidos com menos severidade. Jesus, na Parábola do servo vigilante, preconiza três tipos de punição, segundo a graduação do delito. O texto fala por si mesmo: *Mas, se aquele servo disser consigo mesmo: Meu senhor tarda em vir, e passar a espancar os criados e as criadas, a*

comer, a beber, e a embriagar-se; virá o senhor daquele servo em dia, em que não o espera e em hora que não sabe, e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os infiéis . Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade, será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação, levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão (Lc 12.45-48). Quanto maior o grau da responsabilidade atribuída, maior o peso da culpa cometida, chegando às penalidades eternas, na expressão de Jesus: “Sorte com os infiéis”. Dentro dessa linha bíblica de raciocínio, o Código de Disciplina da IPB tem uma escala de atenuantes e agravantes de penas, seguindo a ordem de idade e responsabilidade do praticante de pecados morais, doutrinários e sociais (cf CD, Art.13, §§ 1º e 2º).

Os pecados dos réprobos são expressões normais de quem se deixa conduzir pelo espírito que atua nos filhos da desobediência (Ef 2.2,3). O não eleito faz dos pecados meios de prazeres concupiscentes, vangloriando-se de suas potencialidades e habilidades para pecar contra o corpo, o próximo e Deus.

O cristão vive no mundo, mas como súdito do Reis dos reis, a quem deve obediência, acatamento, respeito e submissão. Quem o dirige é o Espírito Santo, que nele habita (Rm 8.9-17). É cristamente impensável um “crente mundano”, isto é, uma pessoa que se diz filha de Deus, mas não vive conforme os preceitos do “suposto pai”.

Toda a Escritura contém indicativos éticas, isto é, normas comportamentais e praticidade moral: ensinamentos morais e exemplos de vida com Deus, tanto na piedade como na relação comunitária.

A ética bíblica é para os filhos de Deus, esses incorporados à Igreja de Cristo, que é uma inserção de natureza espiritual em um mundo material e materializante. Do ponto de vista comportamental, a ética cristã paraleliza-se com a santificação, mas difere muito em termos de crença e de piedade. O crente não se comporta por controle externo, mas interno, tanto em consequência da nova natureza de regenerado – filho por adoção de Deus- como por meio da atuação, em sua mente e coração, do Espírito Santo. Ele sabe o que é certo e o que é errado por informação de seu Criador mediante a sua Palavra nas Escrituras; evita o erro e pratica o bem, não exatamente porque respeita as leis sociais e esteja sob controle da Igreja, mas por existirem nele o espírito e o amor filiais que o condicionam à benignidade, à dignidade, à sinceridade, à obediência, ao respeito, à honra, à decência, à piedade e à pureza moral. O magno

postulado da Reforma sobre a eficácia da Palavra de Deus na vida dos redimidos por Cristo é: *A Bíblia é a nossa única regra de fé e norma de conduta*. Ela não é nem contém um código específico de ética comportamental, pois são palavras do Pai aos corações de seus autênticos filhos. Os princípios constitutivos da ética bíblica são: paternidade, fraternidade, condução, instrução, disciplina e inclusão comunitária; tudo por ligação e interação diretas com Deus. O cristão regenerado não lê as Escrituras como um livro informativo, um documento histórico de natureza religiosa; lê-as para ouvir seu Pai celeste falar à sua mente, ao seu coração; e ele efetivamente fala. Deus dirige-se, paternal e autoritativamente, aos seus filhos pelas Escrituras em todas as circunstâncias de suas vidas, inclusive para corrigi-los, quando necessário: *Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (II Tm 3.16,17)*. A vida ética e espiritual do cristão emana da Escritura, implantada e implementada nele pelo Espírito Santo, o seu autorizado intérprete. Sem o ministério iluminador do Espírito não se compreende corretamente a revelação bíblica (Jo 16.7-13).

Ética normativa e consuetudinária. Ética normativa é aquela estabelecida por lei. A ética cristã é, em princípio, normativa, tendo sua origem, eficácia e regência nas ordenanças de Deus, exaradas nas Escrituras. Os cidadãos comuns, súditos de reis, de monarquias e de governos democráticos, têm, de modo geral, duas éticas: a normativa e a consuetudinária. A ética normativa nem sempre emana do consenso popular, mas resulta de imposições arbitrárias dos governantes. Exemplo: Nenhuma norma legal de aumento de tributos tem o apoio popular. Outras normas satisfazem minorias, contrariando as maiorias. Um caso típico: O Supremo Tribunal Federal, recentemente (maio de 2011), estabeleceu o princípio legal de “união estável” entre homossexuais (homem com homem e mulher com mulher), contrariando a esmagadora maioria dos brasileiros, formada de católicos, protestantes, evangélicos, espíritas kardecistas e maçons, que rejeitam semelhante conúbio, por entenderem que aberram dos princípios morais das Escrituras, da ética cristã e da normalidade familiar, que se fundamenta no consórcio entre um homem, que se torna marido e pai, e uma mulher, que se converte em esposa e mãe. Respeitar a homossexualidade, dever de todos nós, é uma coisa; aceitar o homossexualismo como opção moral e social e legitimá-lo é outra coisa. Se em um lar cristão surgir um homossexual, os pais devem tratá-lo(a) com respeito, dignidade e amor paternais, mas sem deixar de

ensina-lhe as verdades evangélicas e a normalidade sexual, segundo a natureza humana e as recomendações bíblicas. O homossexualismo, para os cristãos, é um desvio da libido natural, originário, muitas vezes, à revelia do paciente.

Os absolutos morais das Escrituras são normas universais, porque o Rei que os estabeleceu reina sobre todas as civilizações. O “princípio” moral da Palavra de Deus é “absoluto”, mas as circunstâncias podem estabelecer-lhe “atenuantes ou agravantes”. Matar e roubar são procedimentos pecaminosos graves, mas Deus ordenou a “guerra da conquista justa de Canaã”, e antes já havia prescrito a derrota, que foi feita com pilhagens, do midianitas (Nm31. 1-12); prescreveu a pena para os criminosos, acusados de crimes premeditados e cruelmente cometidos (Num35. 16-21); determinou a eliminação da idolatria e dos idólatras contumazes no seio de seu povo (Dt 13. 6-15). A mentira é condenada como ato pecaminoso e diabólico, pois o Diabo é essencialmente mentiroso e pai da mentira (Jo 8. 44). Porém, se um detento sob tortura mentir, a mentira não deixa de ser pecado, mas fortíssima será a atenuante. Aquele que mente em um tribunal para ocultar um crime, protegendo o criminoso, sua mentira é gravíssima, contendo um enorme peso moral. As atenuantes não eliminam nem abrogam os princípios universais e absolutas da lei moral das Escrituras. O suicídio é pecado, mas se, por descontrole mental, uma pessoa suicidar-se, tal suicídio será inconsciente, e há de se considerar a inconsciência como real atenuante. Os princípios do “não mentir”, “não matar”, “não suicidar-se” permanecem, mas os atos em si mesmos perdem as gravidades pelos respectivos atenuantes, se houver. O direito penal brasileiro leva em consideração as condições morais, sociais, psicológicas e educacionais do criminoso, e a situação em que o crime foi praticado. O pecado é universal; universais também são as leis morais sagradas que o coíbem.

A moralidade social espontânea e geral nem sempre coincide com a moral normativa imposta pelos poderes constituídos.

Deontologia pastoral. Deontologia vem de “deon (dever)+ontos (ser)+logia”(expressão). Significado: dever normativo ou imperativo, obrigação, execução de princípios estabelecidos. Ao pastor as Escrituras e a Igreja impõem obrigações e deveres normativos intransferíveis de natureza moral, psicológica e espiritual. A Palavra de Deus, os nossos símbolos de fé e a Igreja exigem do Ministro:

a- Fé incondicional na revelação de Deus ao mundo pelas Escrituras e consumadamente por seu Filho amado, Jesus Cristo.

b- Certeza, não necessariamente mental e psicológica, de seu chamado para o ministério. Tal certeza lhe é colocada no coração e na consciência pelo testemunho interno do Espírito Santo, que nele habita.

c- Crença inabalável na origem divina da Igreja de Cristo, fundada por ele e para ele.

d- Convicção de que o pastor, como os levitas do Velho Testamento, não tem herança patrimonial nesse mundo, pois a tudo renunciou para ser exclusivamente de Jesus Cristo a serviço da Igreja.

e- Consagração sem reservas à pregação do Evangelho, à edificação do rebanho, à doutrinação dos catecúmenos, à consolação dos aflitos, ao fortalecimento dos fracos, à assistência geral da comunidade, à disciplina dos errados, à evangelização dos irremediados.

A Igreja, particularmente, exige de seu ministro: a- Respeito e submissão às autoridades eclesásticas de sua denominação. b- Fidelidade doutrinária absoluta. c- Acatamento e execução das leis constitucionais da Igreja e de suas normas, baixadas por concílios superiores. d- Ter uma vida moral irrepreensível diante da Igreja e perante o mundo. e- Ter uma família exemplar, que sirva de modelo para as outras famílias. f- Ser reverente e respeitoso a Deus e à comunidade na supervisão e na direção da liturgia bem como, e principalmente, quando se apresenta como pregador da Palavra de Deus. g- Cuidar, prioritariamente, do rebanho de Cristo, entregue ao seu pastorado, colocando em segunda plana seus interesses pessoais e familiares. h- Ser honesto em todos os atos explícitos e atividades religiosas e seculares. i- Ser uma pessoa de piedade natural e de oração individual e coletiva. Estes são os deveres éticos categóricos e espirituais do Pastor, sua deontologia. Por eles, o pastor demonstra: vocação pastoral, ergologia ministerial, espiritualidade, consagração, santidade e santificação. Ninguém é santo por si mesmo e para si mesmo; somos santos por Deus e para ele. A verdadeira santidade não pode ser auto-beneficente, porque o Pai celeste nos fez filhos santos para honra e glória de sua divina paternidade; para pureza, progresso, unidade e santidade do reino do Cordeiro. O santo, portanto, é aquele se volta para Deus para voltar-se para seus irmãos e semelhantes.

XIII- SÍNTESE CONCLUSIVA

>Somos santos, porque Deus nos separou para ele, para ser o seu povo, criado por e em seu Filho Jesus, e organizado por ele, a Igreja; “comunhão dos chamados” que, na terra”, divide-se em “visível”, a instituição; e “invisível”, o corpo dos eleitos, a “comunion sanctorum” ou “corpus electorum”. No grupo dos “externamente chamados” estão

muitos não eleitos. Alguns podem viver princípios da ética cristã como: Serem fiéis maridos ou fiéis esposas, praticarem a honestidade, expressarem moralidade condizente com os pressupostos bíblicos, freqüentarem a Igreja, viverem harmonicamente com os membros da comunidade. Outros aderem-se à Igreja, até com entusiasmo, mas depois a abandonam, voltando ao sistema antigo de vida. Alguns, no entanto, tremendamente hipócritas, conseguem postos de liderança, de comando; e, utilizando-se de tais posições, não raro, catalisam simpatias para si mesmos; dividem a comunidade; fundam seitas antropocêntricas e, conseqüentemente, heréticas.

>Somos chamados a expressarmos moralidade santa. Deus nos escolheu em Cristo desde a fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele e vivermos o primado celeste do amor (Cf Ef 1.4). A síntese da santificação é: Amar a Deus incondicionalmente; amar o nosso próximo como a nós mesmos (Mt 22. 37-40). O santo de Deus não se deixa governar pela ética do mundo; não se submete ao comando da carne; não se curva diante das insinuações malignas de Satanás. O santo opõe-se a todo mal e luta sistemática e destemidamente no exército do bem. A pureza moral do verdadeiro servo de Cristo incomoda o seu meio ambiente, pois se contrasta radicalmente com sua filosofia de vida e combate suas ações malélicas. A santidade, logicamente, tem um aspecto de negação e outro de afirmação: Nega o mundo com sua moral concupiscente e afirma e defende amoralidade bíblica. O santo mortifica os feitos do corpo, isto é, controla suas impulsividades internas potenciais, suas exacerbações sensoriais, evitando as concupiscências interiores e os instintos sensoriais que são, principalmente já juventude, muito fortes (cf Cl 3.5 e Rm 8. 13).

>Somos chamados para o conhecimento da revelação. Seus eleitos Deus, pelo Santo Espírito, ilumina para que entendam o ensino santificador das Escrituras e a mensagem salvadora de Jesus Cristo. Para que isso aconteça, o Criador moveu o nosso coração de pedra, colocando em seu lugar um coração de carne, sensível à pregação do Evangelho da graça. O cristão, por mais humilde que seja, intelectualmente falando, compreende a mensagem central das Escrituras e aceita Jesus como seu Salvador. Porque a revelação não depende da racionalidade, a graça nivela todas as pessoas. Há instruídos incrédulos, mas também há crentes entre os intelectuais; há analfabetos descrentes, mas também existem muitos iletrados crentes. A revelação nos vem por dois meios não intelectivos: a Palavra de Deus, que atinge corações e mentes de todos os eleitos; e o Espírito Santo que habita a Igreja e, nela, cada um de seus membros. A

Palavra inspirada e o Paráclito iluminador introduzem nos escolhidos e regenerados a compreensão necessária à salvação, à instrução bíblica e à santificação. Deus coloca a sua Palavra na mente e no coração de seus filhos. Para o conhecimento das Escrituras, contribuem, e muito, os ensinamentos dominicais nas igrejas e os sermões bíblicos doutrinários, quando bem sedimentados na Palavra de Deus. A repetição facilita a apreensão. Nossos irmãos humildes do interior e os urbanos com funções de baixas qualificações são versados nas Escrituras somente pelo ouvir.

>**Somos chamados para servir a Cristo.** Sabemos que a nossa salvação é dádiva de Deus em Cristo Jesus; ficou de graça para nós, mas custou muito caro ao Filho de Deus (cf I PE 1.18,19; I Co 6.20; I Co 7.23). Seu sacrifício cruento e sua morte vicária na cruz foram exclusivamente por minha, por sua e por nossa causa, pois sem derramamento de sangue não há remissão de pecados (cf Hb 9.22). Agora, comprados por Cristo, somos dele, não para a ociosidade, para vivermos em uma graça improdutiva, em uma esperança sem sacrifício, em uma guerra da qual “fomos dispensados por incapacidade”; Deus nos engaja na batalha; nela nós, com os outros irmãos fiéis a Cristo, lutamos até ao sangue. Não é cristãmente correto alguém sentir-se feliz por não padecer, por ter ficado livre dos sofrimentos de seus conservos. O cristão, que realmente se santifica, não se omite, não se acovarda, não foge da batalha, não busca a própria glória, mas a de Cristo. Ele foi convocado para a militância do Messias; aceitou, engajou, recebeu de Deus as instruções adequadas, os armamentos necessários, e está na frente da batalha. Cristo pode contar com ele na luta da Igreja contra o pecado, a carne, o mundo e a morte espiritual. Ele santificou-se para servir, para ser mais eficiente servo. O reino de Deus no mundo precisa contar com santos destemidos, desprendidos, arrojados contra os males morais, sociais, políticos, econômicos e religiosos e, principalmente, contra Satanás.

>Não andamos segundo as normas do mundo, mas às de Deus, registradas nas Escrituras.

>Finalmente: Santificação é crescimento espiritual para sermos melhores servos de Cristo, não mais perfeitos salvos; mais úteis ao reino de Cristo, não mais elevados que os outros irmãos. Quanto ao serviço, jamais excederemos: nossas obras nunca ultrapassarão a medida do indispensável: *Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dissei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer (Lc 17.10).* O servo (doulos) de Deus faz o que seu Senhor manda; age sempre de acordo com suas determinações; não faz o que bem entende; não é dono de si mesmo, nem de sua capacidade e

força de trabalhos ministeriais; é dirigido pelo Espírito Santo, porque a obra é de Deus, não dele; tem uma vida moral irrepreensível; o seu interior é um tesouro do qual retira somente coisas boas e valiosas. Sendo a imagem do Senhor Jesus, é modelo para os irmãos mais fracos. Sabe que tudo vem de Deus; tudo é para ele.

>O filho de um Pai santo tem de ser , necessariamente, santo.

XIV- APÊNDICE: O CRISTÃO E O SEXO

Visão inicial

O cristão deve evitar o sexo pré-matrimonial e o extramatrimonial, bem como as relações sexuais promíscuas, que aberrem das ordenanças divinas.

O porquê deste apêndice: Entendi necessária a inclusão de “O Cristão e o Sexo” na disciplina de “Santidade e Santificação” por causa do sexualismo das sociedades seculares contemporâneas. O sexo predomina na cultura brasileira, aliado, frequentemente, ao dinheiro e aos vícios alucinógenos. O indevido uso do sexo tem causado transtornos individuais, domésticos e sociais. Acrescentem-se ao sexualismo as infestações venéreas como sífilis, AIDS e outras. A Igreja precisa compreender o seu tempo para, por um lado, evitar contaminações indesejáveis e, por outro, combater os pecados recorrentes de nossos dias. A ânsia do “ter” e o desbragado hedonismo, especialmente o sexo hedônico, são males fortemente contaminantes, podendo corromper ministros e membros débeis da Igreja. Cumpre-nos alertar os incautos combater os males decorrentes e recorrentes do sexo descontrolado.

XIV.1- Propósito da criação: Masculino e feminino.

O Criador, na primeira narrativa da criação, criou o par humano, macho e fêmea, acompanhando o propósito reprodutivo dos reinos vegetal e animal anteriormente criados. Ao casal Deus concedeu a bênção da reprodução para a adequada perpetuação da espécie. Os indivíduos originais saíram das mãos divinas para serem a imagem e a semelhança do Criador, ficando com a incumbência de gerar, via sexualidade, os seus semelhantes: *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que rasteja pela terra”* (Gn 1. 26- 28). Homem e mulher, eis a unidade criada, estabelecida e abençoada por Deus com os propósitos de dominação sobre a flora e a fauna, e santa procriação: *“Multiplicai-vos, enchei a terra “*. Deus quer que o sexo seja o fator de unidade conjugal, a

mais interativa comunhão bilateral, a ponto de o casal, e não o homem, separadamente, ter recebido o nome genérico de Adão: *“Homem e mulher os criou, e os abençoou, e lhes chamou pelo nome de Adão, no dia em que foram criados”*(Gn 5. 2). Jesus Cristo, operante mediador da criação (Jo 1. 3), confirma a indissolúvel união de marido e mulher dizendo: *“Desde o princípio da criação Deus os fez homem e mulher. Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe[e se unirá à sua mulher], e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não são dois, mas uma só carne”*(Mc 10. 6-8).

A unidade matriz que Deus criou, mãe das unidades matrimoniais posteriores, foi a de **homem-mulher**. A segunda narrativa da origem da humanidade, em outra linguagem, ressalta, de maneira enfática e maravilhosa, a mesma idéia de absoluta e específica interatividade do par humano, enfatizando que a solidão masculina somente pode ser quebrada pela consorte conjugal, que é da mesmíssima natureza do marido: Carne de sua carne e osso de seus ossos: *“Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”*(Gn 2.18). *“Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus, e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. Então o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu: tomou uma das suas costelas, e fechou o lugar com carne. E a constela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher, e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos, e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi formada. Por isso, deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”* (Gn 2. 20- 24).

Os eventos criacionais ensinam-nos, por meio de fatos ilustrativos, figurativos, prototípicos e significativos o seguinte:

a- O casal humano primevo, marido e esposa, foi a origem, a causa, a consequência e a sequência da humanidade. Todos os povos que se tornaram sexualmente promíscuos enfraqueceram-se, desorientaram-se, perderam a identidade, tornaram-se vítimas dos individualismos, dos personalismos, das antropolatrias: Babilônios, gregos, romanos...

b- A união conjugal era tão profunda que marido e mulher não eram apenas “sócios domésticos”, “uma mini-empresa conjugal de pessoas físicas”; um homem e uma mulher unidos por um contrato de natureza temporária, durando apenas enquanto permanecerem as conveniências, os interesses e os atrativos sexuais. A unidade consorcial do matrimônio, segundo a vontade do Criador, deveria ser consubstancial, coessencial, e com tal reciprocidade que as individualidades fundir-se-iam e se realizariam na biunidade mais natural que ordenatória. Os dois tornar-se-iam **UM**. A única expressão capaz de conotar e denotar semelhante

consustancialidade é a emocional sentença do “marido original”, pronunciada num estado de perplexidade sentimental e romântica, em suas núpcias paradisíacas: *“Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne”*. Em outras palavras: Esta sou eu; eu sou ela; ela é minha; eu sou dela; ela não é sem mim; eu não sou sem ela; ela procedeu de mim, e as minhas sementes nela frutificarão; Deus a tirou de mim para tirar dela a humanidade.

c- O princípio da unidade conjugal indissolúvel estabelecido na criação deve continuar inalterado nas gerações sucessivas. O divórcio, as separações, legais ou não, as relações sexuais pré e extraconjugais são atos e atitudes contrários à idealidade criacional, à vontade e aos propósitos do Criador e, portanto, pecaminosos. Eis, sobre esta questão, a incisiva, decisiva e autoritativa declaração de Cristo, segundo o registro de Mateus: *“Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher, e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. Replicaram-lhe: Por que mandou então Moisés dar carta de divórcio e repudiar? Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; entretanto, não foi assim desde o princípio”*(Mt 19.4-8). O mundo, posto no maligno, dominado pelo pecado, dirigido pelo espírito atuante nos filhos da desobediência (Ef 2. 2, 3), carnal por natureza, em nada se assemelha à real Igreja de Cristo, constituída de regenerados, herdeiros da promessa. A voz de Deus nas Escrituras é ouvida e obedecida exclusivamente pelos eleitos incluídos na comunhão do corpo de Cristo, a Igreja. Na família da fé quem manda, determina, ensina e dirige é o Pai celeste. Na grei do Redentor, casamento, somente entre *um homem e uma mulher*. A Confissão de Fé de Westminster, corretamente, sobre o matrimônio, doutrina:

“O casamento deve ser entre um homem e uma mulher; ao homem não é lícito ter mais de uma esposa, nem à mulher mais de um marido ao mesmo tempo (I Co 7., 2; Mc 10. 6-9; Rm 7. 3; Gn 2. 24)”. ***“O matrimônio foi ordenado para auxílio mútuo de marido e esposa (Gn 2. 18), para a propagação da raça humana por uma sucessão legítima, e da Igreja por uma semente santa (Mt 2. 15; Gn 9. 1), e para evitar a impureza (I Co 7. 2, 9).”*** Guardem bem: Casamento, no sentido bíblico e teológico, realiza-se no Senhor e exclusivamente entre um homem e uma mulher, e é de caráter indissolúvel, pois os que Deus ajunta o homem não separa; isto é, as contingências, as circunstâncias e a vontade humana não desfazem o que Deus faz. Os contratos matrimoniais efetivados fora do corpo de Cristo celebram acordos e compromissos mútuos nos termos da lei, mas não significam uniões estáveis, permanentes e indissolúveis. O casamento, e não somente acasalamento, é ato divino irrevogável,

indestrutível e incorruptível. Os que o homem ajunta já o faz com pressupostos de separação, apoiado em: a instituição do divórcio, o individualismo, o personalismo, a fragilidade e possível fenecimento do amor sensual. Não há certeza, nos feitos nupciais humanos, por mais juridicamente perfeitos que sejam, de que os cônjuges viverão juntos, um para o outro, em cooperação e fidelidade, até a morte de um deles. A insegurança é tanta, que o aforismo popular passou a ter uma viabilidade indiscutível: “*Casamento é loteria*”. Para os filhos da promessa não é assim, pois “*o que Deus ajunta o homem não separa.*” Nos tempos bíblicos, não havia o instituto civil do casamento: Contrato matrimonial assinado e testemunhado. O que ligava o noivo à noiva, estabelecendo uma nova e perene unidade familiar, era o primeiro coito nupcial. A prova de que a nubente era virgem, não havia pertencido a homem algum, bem como a promessa de que a nenhum outro pertenceria, era a marca de sangue da virgem no lençol do leito conjugal dos nubentes. Os dois tornavam-se, pela primeira relação sexual, inseparavelmente unidos, segundo a vontade de Deus. O sangue do defloramento assinalava a veracidade, a autenticidade e a santidade do pacto matrimonial efetivado na cópula nupcial. Para a Bíblia, o ato sexual estabelece a **união corporal**, transforma o par conubial em “uma só carne” (cf I Co 6.16);

d- O prazer sexual. Deus concedeu ao homem a bênção dos prazeres nas realizações criativas e funções vitais: Nas artes, nas criações literárias, na alimentação, na habitação, no turismo. Nenhum prazer, contudo, se iguala ao do sexo. O próprio Deus o recomenda ao casal: “*Seja bendito o teu manancial, e alegre-te com a mulher da tua mocidade, corsa de amores, e gazela graciosa. Saciem-te os seus seios em todo o tempo, e embriaga-te sempre com as suas carícias. Por que, filho meu, andarias cego pela estranha, e abraçarias o peito de outra (Pv 5.18- 20)?*”. A relação sexual, por criação e por ordenação de Deus, além de ser fortíssimo elo interativo, é prazerosa. O que o Criador não quer nem aprova e a venalização do sexo, “a comercialização do prazer”. Compra-se hoje, pela “lei da oferta e da procura”, no concorridíssimo mercado do erotismo vulgarizado ou elitizado, o **prazer sexual**, inclusive à domicílio pelos “garotos” e “garotas” de programa, geralmente “funcionários de empresas “eróticas”. Deus não coloca em tais antros pornográficos os seus santos. Os filhos da luz não comungam com os das trevas. E o zelo paulino vai mais longe, insta com o filhos de Deus para não se associarem com incrédulos, injustos e iníquos: “*Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto, que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão há da luz com as trevas? Que harmonia há entre Cristo e o maligno? Ou que união existe do crente com o incrédulo (II Co 6.14)?*” . O apóstolo, por outro lado, recomenda relações sexuais de mútua concordância, e que os cônjuges evitem abstinência, longos intercursos de

copulação; tudo de conformidade com a exigência orgânica de cada parceiro. O coito amoroso possibilita momentos de profundos afetos, carícias a aprofundamento do nexos conjugal: *“Por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa e cada uma o seu próprio marido. O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também semelhantemente a esposa ao marido (I Co 7. 1- 3).”* *“Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e novamente vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência (I Co 7. 5).”*. A Bíblia, portanto, considera o sexo um dom de Deus aos homens, e espera que os regenerados o exerçam, com prazer e responsabilidade, dentro da instituição divina do casamento. A primeira mulher a conceber e dar à luz um filho foi Eva, e ela não sentiu nenhuma imundícia do ato sexual, que possibilitou a concepção de Caim. Pelo contrário, entendeu que era graciosa ação divina: *“Então disse: adquirir um varão com o auxílio do Senhor”(Gn 4.1)*. O mesmo sentimento teve em relação a Sete (Gn 4.25).

XIV.2- Monogamia: Criação e aprovação de Deus

Poligamia: pecado da raça eleita.

Israel praticou a poligamia: um marido para mais de uma mulher. Não se registra, contudo, poliandria: uma mulher para mais de um marido. O fato de se encontrarem poligâmicos nas Escrituras (Abraão, Davi, Salomão) não justifica e nem autoriza tal prática na Igreja cristã, pois a poligamia surgiu como resultado da pecaminosidade humana, jamais por criação, instituição e aprovação de Deus. Nem tudo que a Bíblia registra é matéria de fé e de moral, embora pertença ao conjunto histórico da revelação. Ela pinta um retrato sem retoque do ser humano espiritualmente enfermo, incapaz de fazer a vontade do Redentor. Se tomássemos o lado negativo dos filhos do pacto, autorizados estaríamos à prática do divórcio (que Cristo condenou), da mentira, do incesto, da prostituição, do assassinato, porque lá se encontram: as mentiras de Abraão e de Rebeca (Gn 12. 11-13 e Gn 27), o incesto de Ló (Gn 19. 30ss), a prostituição de Judá (Gn 38. 13ss), a traição e o assassinato de Urias cometidos por Davi (II Sm 11. 1ss). Os pecados documentados nas Santas Escrituras revelam, por um lado, as fraquezas e os delitos do homem caído, mesmo pertencendo à raça eleita e, por outro, a tolerante misericórdia de Deus na educação, por instrução e por disciplina do povo eleito, permitindo a culminação no Remanescente Fiel e sem pecado, nosso Senhor Jesus Cristo, Cabeça da Igreja, o novo Israel. A ele o Pai manda ouvir (Mc 9. 7). Jesus desaprovou todo tipo de imoralidade.

Monogamia: ideal de Israel e da Igreja.

O casamento, como instituição divina, é monogâmico. Deus não criou duas mulheres para Adão nem dois homens para Eva. Casamento, segundo os propósitos do Criador, não é um conjunto multiunitário, mas

biunitário: Esposo e esposa, sendo os dois (não mais de dois) “uma só carne”(Gn 2. 24 cf 1. 27). A monogamia da criação recebe confirmação e aprovação indiscutíveis de Jesus Cristo: *“Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher, e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém, uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”* (Mt 19. 4- 6). O filho de Deus segue e pratica o que o seu Pai celeste ensina e ordena. O procedimento de irmão nosso, por mais respeitável que seja, em desacordo com as Escrituras, não pode ser imitado e muito menos tomado como padrão confessional ou ético. Admiramos e respeitamos Abraão, Jacó, Davi e Salomão, mas rejeitamos seus erros, repudiamos seus pecados, inclusive o da poligamia.

Marido-mulher: Cristo-Igreja.

O “casamento no Senhor”, estrita união entre um homem e uma mulher, é, aos olhos de Deus e de sua Igreja, de nobreza inigualável, pois evoca e retrata o símbolo prático, o tipo concreto e o modelo existencial da união indissolúvel de Cristo (esposo) e a Igreja (esposa). Cada casamento de um santo (separado) com uma santa (separada) efetuado na Igreja, segundo o seu ritual, reconstrói e relembra, memorativamente, o “casamento do Noivo, Jesus Cristo, com a noiva, a Igreja, que se tornou imaculada em virtude das núpcias com o Cordeiro sem pecado. O simbolismo, porém, não se restringe ao cerimonial: Continua, aprofunda-se e aperfeiçoa-se na convivência doméstica, na reprodução, na criação e educação dos filhos, na projeção da imagem consorcial perenizada e sublimada nos compartilhamentos mútuos e na interdependência. Como a união de Cristo com sua Igreja, o casamento abre o campo ideal para o exercício do amor, da compreensão, do perdão, da serviçalidade e da “reprodução de filhos para Deus em Cristo Jesus”. A idealidade preconizada por Deus é a união monogâmica dos servos de Cristo. Os cônjuges cristãos, verdadeiramente eleitos, não destroem a imagem que o casamento estabelece; antes a constroem dia a dia até poderem dizer com o irmão Paulo: “Combatemos o bom combate, acabamos a carreira, guardamos a fé”. Sobre a extraordinária imagem do “casamento, Cristo-Igreja”, passemos a palavra ao inigualável Paulo: *Como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos. Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja, e a si mesmo se entregou a ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga,, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar as suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne, antes a*

alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a Igreja; porque somos membros do seu corpo. Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à sua Igreja”(Ef 5. 24-32). A Igreja que “prostitui” com outras divindades é infiel ao Esposo, adúltera. Cristo, o Marido fiel, nunca deu e nem dará motivos para traição da esposa. A relação amorosa e consensual de *marido-mulher* inspira-se e se molda na de *Cristo-Igreja* que, por ser indissolúvel, estabelece indissolubilidade para o casamento cristão, tipo simbólico e imagem figurativa do sacratíssimo consórcio do Filho de Deus com a sua amada noiva, a Igreja.

XIV.3- Adulterio

Por causa da natureza monogâmica do casamento e de seu paralelo com o relacionamento de Deus com seu povo, o adultério era inadmissível; representava um cisma na unidade ideal criada e realizada por Deus e uma infidelidade profundamente ofensiva ao cônjuge e também ao instituidor do casamento. A imperativa proibição do adultério consta do sétimo mandamento decalógico sinaítico: “*Não adulterarás*”(Ex 20. 14). Os motivos pelos quais o adultério era proibido no Velho Testamento permanecem no Novo, ainda mais acentuados por Cristo, abrangendo a intenção adúltera oculta: “*Ouvistes o que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela*”(Mt 5.27, 28). Todos rigores vetos e neotestamentários baseiam-se na preocupação do Criador de preservar o casamento monogâmico, pois a sua destruição causaria danos irreparáveis: Corrupção e destruição da família; desamparo e insegurança dos filhos; mau testemunho aos descendentes; desaparecimento da insubstituível figura da Igreja simbolizada no lar sem mácula; transformação da Igreja em um simples público religioso, constituído de individualidades psicologicamente inseguras; esfacelamento do ninho doméstico, onde os filhos são amparados, criados, formados e preparados para a vida; fim do amor conjugal estável, permanente, livre dos males circunstanciais, dos individualismos e das concupiscências; degeneração e morte da célula-máter da sociedade em geral e das Igrejas em particular; proscricção dos velhos, dos feios e dos sexualmente incobiçáveis. De onde o casamento desaparece, o lar converte-se em dormitório, e o leito conjugal se transforma em simples alcova de prazeres despídos de respeito, consideração e amor real ao cônjuge. O mundo, sexualmente liberal e permissivo, caminha para o caos social e moral, mas a Igreja, povo eleito de Cristo, será preservada, ainda que seja por meio de um diminuto remanescente. Em resumo: Deus não permite que seus verdadeiros filhos adulterem, isto é, sejam infiéis, imundos, traidores. O adúltero contumaz é filho da perdição, não da graça, sujeito ao juízo divino: ***Digno de honra***

entre todos seja o matrimônio, bem como o leito sem mácula; porque Deus julgará os impuros e adúlteros” (Hb 13. 4).

XIV.4- Fornicação e prostituição

Os descompromissados matrimonialmente, tanto as pessoas solteiras, como as divorciadas e as viúvas, estão sob forte tentação e podem ser induzidas ou conduzidas à fornicção: relação sexual sem compromisso matrimonial com o parceiro ou parceira. O conúbio ilícito não deixa de ser um tipo de *casamento ilegítimo*, concupiscente, ao qual os escritos sagrados chamam de **fornicação** (*porneía*), **prostituição** (*akatharsía*), **impureza** (*aselgeia*): *“As obras da carne são conhecidas, e são: prostituição(porneía), impureza(akatharsía), lascívia(aselgieía)...”*(Gl 5.19 cf I Co 6. 18). A Palavra de Deus considera *fornicação* qualquer ato sexual fora da união conjugal monogâmica. Não se trata, pois, de simplesmente “fazer amor” ou “ficar com”, mas tornar-se “um”, unificar-se por meio da interação sexual com a pessoa com quem se fornic. O servo de Deus, casado ou não, templo do Espírito Santo, não pode tornar-se “uma só carne” com uma prostituta; o mesma vale para a servas, estas, pré-figuras, se solteiras e virgens, ou figuras, se casadas monogamicamente, da Igreja, noiva de Cristo. Eis o que, sobre a prostituição, ensina-nos o apóstolo Paulo: *“O corpo não é para a impureza, mas para o Senhor e o Senhor para o corpo. Deus ressuscitou ao Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não. Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta, forma um só corpo com ela? (negrito nosso). Porque, como se diz, serão os dois uma só carne (negrito nosso). Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele. Fugi da impureza! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer, é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo”* (I Co 6. 13b- 20).

A **prostituição** é mais grave e incomparavelmente mais degradante que a fornicção, por se tratar de “mercado sexual”, de venalização do corpo, de banalização do sexo. A sociedade moderna é complacente com a prostituição de adultos, havendo reação benéfica contra a infantil e a pedofilia, mas não o suficiente para impedi-las. Os prostitutos e as prostitutas são entrevistados na mídia, onde se apresentam ostensivamente como “profissionais do sexo”, dizendo ser um “trabalho honesto”, uma “profissão como outra qualquer”, bastante rendosa. A fornicção, e mais degradantemente a prostituição, representam terríveis aviltamentos do ser humano, criado para ser “imagem e semelhança de Deus”. O Salvador

deseja que os salvos não se corrompam sexualmente: *“Pois esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um saiba possuir o próprio corpo, em santificação e honra, não com desejo de lascívia, como os gentios, que não conhecem a Deus”*(I Ts 4. 3-5). A prostituição cúltica era terminantemente proibida: *“Das filhas de Israel não haverá quem se prostitua no serviço do templo, nem dos filhos de Israel haverá quem o faça. Não trarás salário de prostituição nem preço de sodomia (bestialidade) à casa do Senhor teu Deus por qualquer voto; porque uma e outra coisa são igualmente abomináveis ao Senhor teu Deus”*(Dt 23. 17, 18).

Na sociedade permissiva e carnal tudo se tolera e quase tudo se justifica como meio de felicidade, alegria, prazer e realização do ego. No corpo de Cristo, a Igreja, pratica-se o que Deus permite; repudia-se o que ele condena para que o culto ao Salvador seja realmente sincero, santo, prestado em espírito e em verdade. Assim, na pessoa de cada membro, a esposa de Cristo apresenta-se ao mundo vestida de noiva, gloriosa, casta e imaculada.

Aos santos da comunidade da fé, para que se evite a prostituição, Paulo recomenda o casamento monogômico e indissolúvel: *“Por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa e cada uma o seu próprio marido”* (I Co 7.2). *“Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado”*(I Co 7. 9). *“Aos casais ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case, ou que se reconcilie com o seu marido; e que o marido não se aparte de sua mulher”*(I Co 7. 10, 11).

Os costumes carnis da sociedade vão sendo lentamente transformados em normas sociais para, depois, serem convertidos em leis. Para o crente, a Bíblia é a sua única regra de fé e norma de comportamento. Compete à Igreja a cristianização do mundo, a moralização da sociedade; corrompe-se quando se deixa mundanizar, o que, por fraqueza, frequentemente acontece. Deus, porém, preserva um remanescente fiel.

XIV.5- Homossexualismo

A Igreja não discrimina o homossexual, pois reconhece ser possível vítima de:

- a- Educação inadequada nos primeiros anos de vida: desvio de formação.
- b- Traumas na infância e na adolescência por desajustes familiares e corrupção de menores por parentes e vizinhos.
- c- Convívio formador com uma sociedade permissiva, sem fronteiras entre o moral e o imoral, entre o decente e o concupiscente, entre o espiritual e o carnal. O indivíduo se corrompe, até por assimilação inconsciente, ao permanecer no meio corruptor, especialmente se padecer de fragilidade personal e influenciabilidade de caráter.

d- Problema genético por inversão dos genes determinantes do sexo, havendo possibilidade de fenotipia: masculino com genotipia feminina e vice versa. O defeito ou desvio genético causa, segundo muitos sexólogos, mudança na estrutura cerebral: homem com cérebro feminino; mulher com cérebro masculino.

e- O animal possui o instinto reprodutor ou energia reprodutora. O homem, além de condicionar o impulso reprodutor pela racionalidade, possui um fortíssimo elemento de origem hormonal: a libido, que atua no sistema neuro-mental, fixando e fortalecendo os psiquismos: masculino, no homem e feminino, na mulher, determinantes da heterossexualidade. Quando a libido atua fortemente no psiquismo feminino do homem, gera nele preferência homossexual. Quando atua predominantemente no psiquismo masculino da mulher, produz nela atração pelo mesmo sexo(*). Quando a libido dinamiza intermitentemente, na mesma pessoa, os psiquismos masculinos e femininos, ela se torna, alternativamente, bissexual. Quando a libido predomina condicionantemente no psiquismo oposto, não predominante, surge a *transexualidade*, a incapacidade de assumir o sexo aparente. Muitos transexuais “mudam de sexo” por cirurgia, exteriorizando o sexo genético ou fixando, social e fisicamente, o psiquismo da libido dominante. O homossexualismo, portanto, teria como causa a inversão dos psiquismos sexuais predominantes por ação deslocada da libido.

O homossexual pode externar ou não a homossexualidade, praticar ou não o homossexualismo. Há muitos que jamais se relacionaram sexualmente com parceiros(as) do mesmo sexo. O fenótipo nem sempre determina homossexualidade: Ela pode permanecer, se a sua causa for genética, mas o homossexualismo é evitável ou “curável” por “decisiva vontade própria” do homossexual e por regeneração. Os exemplos são numerosos e auspiciosos.

As Escrituras condenam a prática homossexual: “*Com homem não te deitarás, como se fosse mulher: é abominação*”(Lv 18. 22). Nós que cremos na doutrina bíblica da eleição, sabemos que um homossexual pode ser contado entre os eleitos. O dia, porém, que o “chamado divino” chegar à sua mente e atingir seu coração e sua alma, ele (ou ela) deixará o homossexualismo para viver em Cristo conforme os ditames da Palavra de Deus. Se, no entanto, ele(a) não constar no rol dos eleitos, continuará intransformado(a), vivendo a vida própria da carnalidade e da concupiscência.

XIV.6- Casamento de Homossexuais

A Igreja, que toma a Bíblia como sua regra de fé e norma de conduta, não pode aceitar o “casamento homossexual”. Dizem que não se trata de “matrimônio” entre pessoas do mesmo sexo, mas simplesmente de uma “união estável”, de um “contrato social” entre indivíduos sexualmente

semelhantes, gerando “direitos e garantias legais” de transferência de seguros, de dependência, de herança de bens móveis, imóveis e monetários em caso de falecimento de um “sócio(a)”. A separação ou distrato, consensual ou litigiosa, também traria consequências jurídicas. O “contrato de parceria”, que se instituiu legalmente, é, na verdade, um “casamento” disfarçado, pois o alvo é legitimar o conúbio homossexual em que um dos parceiros(as) “funciona” como sexo oposto. Se a sociedade, majoritariamente cristã, assimilar a “tal de união estável”, imposta por força de lei federal, será a falência de um cristianismo majoritário, mas apenas nominalmente cristão. Tal “casamento homossexual” não terá, cremos, nenhuma aceitação dos autênticos servos de Deus, nem qualquer infiltração nos meios verdadeiramente evangélicos. A sociedade pode legitimar o pecado, mas a Igreja de Cristo jamais reconhecerá ou adotará semelhante legitimação.

Nero, a Besta apocalíptica rediviva, casou-se homossexualmente duas vezes: a primeira como macho, a segunda como fêmea. Estas aberrações firmemente combatidas pelos apóstolos estão voltando. Nero ressuscita. O povo de Cristo, porém, continua o mesmo: católico e apostólico, fiel a Deus e obediente à sua Palavra revelada nas Escrituras. Entre nós, os cristãos sinceros e verdadeiros, não haverá semelhantes e abomináveis aberrações. Quando o cristianismo dominou a sociedade grego-romana, o descarado e desbragado homossexualismo desapareceu ou, pelo menos, restringiu-se consideravelmente. Um cristianismo imoral descredencia-se à petição ensinada e recomendada por Jesus: “Pai, santificado seja o teu nome!”

XIV.7- Aberrações sexuais

A homossexualidade deve merecer a atenção profilática e terapêutica da Igreja, tanto para evitar o homossexualismo como para reverter o quadro dos que o praticam, vítimas de distorções culturais, sociais e educacionais, de distúrbios psíquicos da libido e de desvios genéticos na sexualidade. As aberrações sexuais, no entanto, são absolutamente injustificáveis, deploráveis, abomináveis e incompatíveis com a ética cristã, com a dignidade e a honra dos regenerados. O cristão, mesmo o mais moralmente escrupuloso, deve conhecer, para combater, os antigos e modernos desvios sexuais. Eis algumas das **aberrações sexuais profanatórias**:

Topoinversão: prática sexual fora das genitálias ou uso indevido dos órgãos sexuais como: Sexo oral, felação, cunilíngua,, sexo anal, e outros.

Sodomia: Homossexualismo, ativo e passivo; e bestialismo; sadismo e sadomasoquismo.

Triolismo: Prática sexual a três: dois homens-uma mulher; duas mulheres-um homem.

Swing: Troca de casais estáveis e de parceiros sexuais; sexo coletivo entre vários casais. O “swing” é comum nas bacanais concupiscentes das quais participam casais elitizados e moralmente libertinos.

Sadismo: Prazer pelo sofrimento do parceiro(a). Este termo originou-se do nome do Marquês de Sade (1770- 1818). Ele afirmava que a volúpia sexual intensifica-se sob estado de posse e dominação. O dominante sente prazer e gozo no sofrimento do dominado, imobilizado, mordido, beliscado e espancado. As dores da dominação, por outro lado, são prazerosas para o dominado, segundo o entendimento sádico. O sadismo tem sido denominado também de *algolagnia ativa* (Grego: algo=dor; lagnia=davassidão) e flagelantismo: auto ou heteroflagelação. É uma herança do “sexo sagrado” do paganismo.

Masochismo (algolagnia passiva): Prazer em ser dominado sexualmente, ser submetido a sofrimentos físicos pelo dominador sexual.

Sadomasochismo: Portador de sadismo e masochismo: receber e produzir sofrimento durante o ato sexual.

Necrofilia: Atração sexual por cadáveres. O necrófilo é, sem dúvida, externa acentuada psicopatia.

Zoofilia: Prática sexual com animais, especialmente cães domésticos e cavalos. A zoofilia tem sido causa de muitas doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDs.

Pedofilia: Preferência sexual por crianças. A pedofilia foi prática comum no mundo greco-romano e entre povos primitivos como os de Guiné e os das ilhas da Melanésia (ver Spencer, Colin, em “Homossexualidade”, Ed. Record, RJ, 1995).

Travestismo: Homens que se travestem de mulher pelo uso de roupas e maquiagens femininas e se apresentam como tais, objetivando práticas homossexuais.

Transformismo: Homens que, durante o dia, apresentam-se como masculinos e até masculinizados. À noite, “transformam-se” em “mulher”, ficando irreconhecíveis. Muitas pessoas fazem do “transformismo” um meio lucrativo diuturno. De qualquer maneira, um homem vestido e pintado à moda feminina, a meu ver, é ridículo, mesmo sendo “artisticamente”. Não há necessidade de um cristão vestir-se de mulher, para em “inocentes” peças teatrais domésticas.

As misérias, moral e financeira bem como a fragilização da família contribuem para o grassamento da prostituição infantil e da pedofilia no Brasil.

As aberrações sexuais desqualificam, aviltam e degradam o ser humano, ofendem o Criador e desrespeitam, de maneira frontal e recalcitrante, as Escrituras Sagradas, destinadas à condução, à disciplina e à salvação dos seres humanos.

XIV.8- A Bíblia condena os desvios e as aberrações sexuais

A Palavra de Deus, absolutamente autoritativa e normativa para os cristãos, condena veementemente os desvirtuamentos e as aberrações sexuais:

O travestismo: *“A mulher não usará roupa de homem, nem o homem veste peculiar à da mulher; porque qualquer que faz tais coisas é abominável ao Senhor teu Deus” (Dt 22.5).* Aqui não se trata simplesmente da proibição de indumentária unissex; mesmo porque, neste período da história, a vestimenta masculina pouca diferença tinha da feminina; o mandamento procurava evitar a confusão dos sexos, o homossexualismo expresso não somente nos trejeitos efeminados ou masculinizados mas, e principalmente, no travestismo, muito popular no antigo Egito. Homens, especialmente jovens, que serviam de mulheres para outros, “atraíam” seus “clientes”, usando trajes femininos. Fica igualmente impedido o lesbianismo, embora não se tenha registros claros de homossexualidade feminina no mundo circundante e nas civilizações que influenciaram a cultura israelita.

Zoofilia: *Nem te deitarás com animal, para te contaminares com ele, nem a mulher se porá perante um animal, para ajuntar-se com ele: é confusão” (Lv 18. 23 cf Ex 22. 19).* A zoofilia era comum no mundo antigo (Lv 18. 24, 27), mas aberrava da natureza humana e dos desígnios de Deus. Segundo os autores de “Sexo com Responsabilidade”: “É também comum a manifestação do bestialismo (zoofilia) em que mulheres buscam, através de cães pequenos, a masturbação vulvar”(Obra citada, pág. 254, § 950). Longe de nós tais podridões morais.

Outras aberrações: *“Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seus próprios corações, para desonrarem os seus corpos entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente, Amém. Por causa disso os entregou Deus a paixões infames; porque até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo em si mesmos a merecida punição do seus erros”(Rm 1.22- 27).*

Paulo, no texto transcrito, mostra que a matriz de todos os pecados, inclusive os sexuais, é o *adultério espiritual consciente*: rebeldia contra Deus: Desobediência, irreverência, desrespeito, idolatria, carnalidade, egocentrismo. Ele faz um retrato da sociedade mundana de sua época que, sem retoque, é a imagem quase perfeita da atual. Esperamos que a Igreja de

hoje seja idêntica à de Paulo: Fiel a Cristo, firme na fé e na doutrina, norteada pelas Escrituras, irmanada pela graça, unida pelo amor, conduzida pelo Espírito, consagrada ao Redentor.

A sociedade grego-romana estava podre: Sócrates e Platão, dentre outros, praticavam aberta e escandalosamente a *pedofilia* (Barclay, William, em “As Obras da Carne e o Fruto do Espírito”, Ed. Vida Nova, 1985, SP, pág. 27/28). Os imperadores, a maioria, eram sexualmente corruptos. Nero casou-se com seu escravo castrado “Esporo” para quem servia de homem. Depois, casou-se com o liberto “Daríforo”, para quem servia de mulher. Júlio César era amante passivo (exoleti) de “Nicomedes”, rei da Bitúnia. O imperador romano citado foi um bissexual popularíssimo. Dele se dizia: “ Mulher de todos os homens; homem de todas as mulheres” (omnium virorum mulier, omnium mulierum virum). Calígula foi imundo pedofilista (Spencer, Colin, Homossexualidade, Ed. Record, pág. 72/73).

XIV.9- homofobia

A homofobia vem de “homo” (igual, semelhante) + fobia (medo) (do Gr. homos+fobos+ia). Homofobia é a aversão aos homossexuais. Tal ojeriza pode exacerbar-se, atingindo as raias da perseguição, das ofensas pessoais, das agressões verbais e físicas, e até do assassinato. Todos nós devemos combater semelhantes atitudes, pois um ser humano, por mais diferente dos demais que seja, por mais socialmente contraditórias que se nos pareçam suas atitudes, deve merecer respeito. Podemos discordar de sua maneira de ser e de viver, mas não temos o direito de ofendê-lo, agredi-lo e discriminá-lo.

A defesa dos homossexuais. Os que defendem os direitos dos homossexuais vão ao exagero de equipararem as “discriminações” feitas a eles com a discriminação ao negro e às mulheres. Ora, ser negro é pertencer a uma raça humana tão natural como a raça branca e a amarela. A mulher é um gênero, o feminino, componente normal e necessário da humanidade. Não haveria gerações sem o concurso dos gêneros masculinos e femininos. O negro e a mulher são componentes da humanidade, e ambos, no presente estágio, somam mais de cinquenta por cento da população mundial. Não há nenhuma, nem pode haver, imputação de “desvios morais” e “sexuais” a alguém pelo fato e condição de ser negro ou mulher, isto é, pertencer à raça negra ou ao gênero feminino respectivamente. O mesmo não se diz, e por numerosas pessoas, do grupo LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais e travestis). Comparar o “universal”, natural, com o particular diferente é analogia, no mínimo, ilógica. A Igreja não discrimina a mulher e o negro, pois Deus os criou para serem assim, e contribuírem para a formação, estruturação e progresso da humanidade. Nem as Escrituras nem os seguidores de seus ensinamentos atribuíram ou atribuem pecaminosidade a um ser humano por ter nascido negro ou mulher. A Igreja, em virtude de sua natureza e universalidade, compõe-se de membros de ambos os sexos e de todas as

raças e cores. A mulher e negro, nem para efeito de argumentação, comparam-se aos homossexuais, minoria que fez opções sexuais, com as quais a Igreja discorda, não por causa das “pessoas”, mas das condições pecaminosas em que vivem, segundo a Palavra de Deus. Aquele que é homossexual à revelia de sua vontade, a esse não se há de imputar culpabilidade pelo que é, mas apenas pelos erros que cometer. Aquele, porém, que, por opção consciente ou por interesse inconfessável, assume a homossexualidade, esse transforma o sexo em instrumento de pecado, carecendo, para receber o divino perdão, de sincero arrependimento.

XIV.10- O Pecado. Todos somos pecadores: pecamos contra Deus por pensamento, palavras e atos. Os pecados danificam nosso corpo e nossa moral, prejudicam nossa espiritualidade e nossas relações com Deus e com o próximo, afetam nossa consciência e nossa capacidade de auto e hetero-julgamento. Não somos menos pecadores que os homossexuais. A diferença entre um cristão (também sexuado) e um homossexual infiel reside na regeneração, no estado de nova criatura, segundo a graça de Deus. Há homossexuais regenerados, que abandonaram a homossexualidade, foram perdoados por Deus e vivem na família da fé perfeitamente aceitos e integrados. Cremos ser o homossexualismo pecado tanto quanto o alcoolismo, o tabagismo, o nudismo e todos os *ismos* dos vícios. A missão da Igreja é pregar contra as manifestações pecaminosas, mas amar, compreender e respeitar os pecadores. A intolerância, a nosso ver, é um pecado gravíssimo, que o cristianismo não pode praticar nem tolerar. Portanto, a Igreja não é, nem pode ser, homofóbica. Preguar contra a homossexualidade tem sido o seu papel e sua missão ao longo de milênios da história veto, neo e pós-testamentárias, mas com respeito, amor e consideração aos homossexuais. Pregação não é “homofobia”, desde que feita de maneira amorosa, civilizada e sem agrêsões de quaisquer modalidades. Homofobia é discriminação, aversão e ódio aos homossexuais. Não é o caso da Igreja.

Não adotamos e não aprovamos o nudismo; pregamos contra ele, mas não odiamos os nudistas (naturalistas). Não somos, portanto, gimnofóbicos como não somos homofóbicos. A Igreja quer continuar com o seu direito milenar de doutrinar seus membros e pregar aos não-cristãos contra quaisquer formas de pecado, incluindo o homossexualismo, condenado pelas Escrituras, mas sem discriminar socialmente os homossexuais. As portas da Igreja estão abertas aos homossexuais, onde serão respeitados e amados, mas no Corpo de Cristo não há, e jamais haverá, homossexualidade, onde o casamento desfruta de especial nobreza, por ser o símbolo das núpcias do Cordeiro com sua esposa, a Igreja. Deus pode possuir eleitos entre os homossexuais, como pode tê-los entre quaisquer classes de pecadores, até os mais perversos e contumazes. Cumpre, portanto, à Igreja: Viver o Evangelho de Cristo; testemunhar a sua

fé diante do mundo; pregar a Palavra de Deus a todas as pessoas, indistintamente; combater o pecado em si mesma e na sociedade.

A Igreja, leiga por natureza, convicção e opção, não deve intrometer-se em questões de estado, nem este interferir nos seus milenares e inalienáveis direitos de opinião, expressão, doutrinação e fé, tudo nos limites da confessionalidade, da piedade e da moralidade cristã. A ingerência arbitrária dos poderes públicos no direito de livre expressão de crença, de ética bíblica e de princípios confessionais aberra da legítima democracia. Diante das ameaças, se essas se converterem em coerção, restrição e opressão, os verdadeiros cristãos serão “forçados” ao desrespeito civil. Nunca o refrão do Hino da República foi tão necessário e atual:

Liberdade! Liberdade!

Abre as asas sobre nós!

Das lutas na tempestade

Dá que ouçamos tua voz.*

Letra de José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque – 1867 – 1934.
Música de Leopoldo Miquez, 1890. Fonte: Home IG – Hino da Proclamação da República.

XV- CONCLUSÕES FINAIS:

01- O sexo é criação divina e deve ser instrumento de sua glorificação. O seu alvo é a procriação; a sua força é a união do casal monogâmico; o seu meio é o prazer sexual incomparável e inigualável. Nenhum prazer fisiológico, psicológico e sociológico a ele se iguala. Tudo, porém, está sendo destruído pelo homem: **Filhos:** Os que não são abandonados ou relegados à segunda plana das prioridades conjugais e profissionais, são indesejados, descartados, doados, abandonados ou abortados. **União conjugal:** Os lares estão sendo desfeitos, homens e mulheres estão optando pela prostituição; multiplicam-se os divórcios; proliferam-se as mães solteiras; aumentam-se os filhos bastardos; tornam-se numerosos os adolescentes revoltados ou viciados. **Prazer:** Banalizam, venalizam, herotizam, carnalizam e corrompem o sexo, tornando-o inatural, concupiscente, lascivo e bestializado.

02- O casamento é instituição divina, monogâmico e indissolúvel. A união entre um homem e uma mulher deve cumprir os objetivos: Amarem-se e se respeitarem; ajudarem-se e se protegerem; procriarem, criarem, educarem e manterem seus filhos; proverem-lhes o futuro; darem-lhes segurança social, moral, psicológica e espiritual por meio da unidade, dignidade, santidade, moralidade e espiritualidade do lar. Primeiro, o ninho é aconchego; depois, catapulta dos filhos. Casamentos dos servos de Cristo é o Pai que os faz; fá-los bem feitos e para sempre: “O que Deus ajunta o homem não separa”.

03- Nenhuma instituição é mais honrada, mais revestida de simbolismo, mais destinada à indissolubilidade que o casamento monogâmico realizado no Senhor, pois o próprio Deus o tomou como signo e tipo da união entre Cristo e sua Igreja, em que o marido representa, tipologicamente, o Filho de Deus; e esposa, a sua Igreja por ele preservada, santificada e glorificada (Ef 5.22-33). Destruir o casamento de dois servos de Cristo é um ato de simonia, de quebra de voto, um pecado contra o Senhor.

04- No casamento, noivo e noiva tornam-se uma só carne, igualam-se não somente perante a Igreja, diante da sociedade, mas, e principalmente, aos olhos do Pai celeste que os criou e os ajuntou em matrimônio, para que continuem na unidade igualitária do corpo de Cristo: *Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto: nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”(Gl 3. 28).*

05- Não aceitamos os “casamentos homossexuais”, as tais “uniões estáveis”, juridicamente estabelecidas, de pessoas do mesmo sexo em que uma ocupa o indevido lugar de “mulher” e a outra o de “marido”. Semelhantes “ajuntamentos” ou “sociedades legais” objetivam legitimar o homossexualismo e formar supostos “lares” emanados da concupiscência. A Palavra de Deus que seus filhos ouvem, respeitam e seguem, considera o homossexualismo uma injustificável abominação ao Senhor, que prevê a perdição para os “casais” homossexuais e para todos os praticantes de aberrações heróticas: *“Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus”(I Co 6. 9)(negritos nossos).*

06- Como pais espirituais, aconselhamos os nossos filhos, jovens e adolescentes, a controlarem a sexualidade, evitando serem jogados por ela no sexualismo depravadamente promíscuo.

07 Amamos com amor cristão os homossexuais; entendemos que são seres humanos pecadores como nós; mas, como nós, regenerados, precisamos, eles também precisam ser santificados, transformados, vivificados, incluídos e mantidos na família de Cristo, onde todos os pecados são vencidos e as almas libertas do mal, do maligno e da malignidade. A Igreja que tem ex-assaltantes, ex-assassinos, ex-estupradores, pode ter, e efetivamente tem, ex-homossexuais. Acusar a Igreja de homofóbica é uma injustiça, e cria barreira enorme entre ela e os homossexuais, prejudicando aqueles que estão na homossexualidade, mas não se sentem bem, e desejam sair dela.

Em “O Cristão e o Sexo”, a maior parte dos dados obtidos foram de “Emídio S. F. Brasileiro e Marislei S. E. Brasileiro em “Sexo com Responsabilidade”, Ed. Mercury Ltda, 1996, SP; especial o Cap. VIII.

XVI- CONSELHOS FINAIS:

>Não se iluda, sem a habitação do Espírito Santo, nenhuma pessoa santifica-se verdadeiramente. Deus opera no eleito a santificação, condicionando-o ao crescimento espiritual.

>Santifique-se para ser moralmente puro, exemplo de dignidade, moralidade, decência e honra.

>Santifique-se para atingir um grau de santidade, segundo os propósitos de Deus, para honra e glória de seu Pai celeste e benefício de seus irmãos e semelhantes.

>Santifique-se para servir melhor o seu Senhor; você foi salvo e chamado para ser servo do Salvador. Quem é salvo tem de ser servo.

>Lute contra você mesmo, pois seu ego pecaminoso procura arrastá-lo para a pecaminosidade, corrompendo seus pensamentos e obstaculando suas boas intenções.

>Não se descuide da vigilância, pois o maligno mantém cerco diuturno contra você. Use no combate a ele as armas da fé: As Escrituras, a oração, a comunhão com Cristo, a comunhão com os irmãos, a fidelidade permanente.

>Não seja crente passivo, mas militante: Pregue, ensine, evangelize, testemunhe; não recue jamais, não se afaste nunca da batalha.

>Coloque-se como modelo de seus irmãos como pai, marido, filho, servo e ministro.

>Você foi chamado para ser salvo e servo, não para a salvação sem servitude. Deus não precisa de nós; nós é que precisamos dele. Quanto mais e melhor o servirmos, mais submissos e consagrados a ele seremos, mais úteis ao seu reino, mais ricos espiritualmente nos tornaremos.

>Seja piedoso e dedicado à meditação diária, ao estudo das Escrituras, à oração e à comunhão com seus irmãos; Deus o consagrou para ele, e conta com sua fidelidade, submissão e dedicação.

>Ame todos os pecadores, como o Supremo Pastor o fez, pois são dominados pelo pecado, que impiedosa e destrutivamente os escraviza, mesmo que não tenham consciência da perigosa escravidão. Lembrem-se de que servos e servas de Deus pecaram no passado e pecam no presente, mas Deus os restaurou e os reintegrou na comunhão dos redimidos, o mesmo fazendo com pecadores salvos atuais. Não há pecado imperdoável, capital, para os escolhidos e redimidos por Cristo.

>O pastor é escravo de Cristo, das Escrituras e da denominação na qual serve a Deus como Ministro. Ele tem de pregar o que Cristo ordena, o que as Escrituras revelam, o que sua Igreja determina. A sua fé confessional precisa ser, necessariamente, a fé de sua Igreja. Ele não pode pregar ou ensinar ideologias e doutrinas próprias ou alheias, que não

sejam professadas pela sua grei. O Corpo de Cristo, templo do Paracleto, a verdadeira Igreja, é a boca de Deus; o pastor é seu arauto.

BIBLIOGRAFIA DA PRIMEIRA PARTE – VOCAÇÃO

- 1-Guinness, Os – Uma Iluminadora reflexão sobre o propósito da vida e o seu cumprimento; CEP, São Paulo, 1ª Ed, 2001, 254 páginas.
- 2-Lenz César, Kléos Magalhães: Vocaçào – Perspectivas bíblicas e teológicas: Ed. Ultimado, reimpressão, 2002, MG, 172 páginas.
- 3-Vocaçào: - Preparo para o Ministério Pastoral, JET/ IPB, CEP, 1ª Edição, 2009, São Paulo, SP.
- 4-Baxter, Richard: O Pastor Aprovado, Publicações Evangélicas Seleccionadas, SP, 3ª Ed, 2006, 231 páginas.
- 5-Peterson, Eugene: O Pastor que Deus Usa: 1ª reimpressão, 2005, Ed. Textus, Niterói, RJ, 285 páginas.
- 6-Armstrong, John – organizador: O Ministério Pastoral Segundo a Bíblia, CEP, 1ª Ed 2007, SP, 288 páginas.
- 7-Baxter, Rchard: Manuel Pastoral de Discipulado, CEP, 1ª Ed. 2008, SP, 222 páginas.
- 8-Sittema, Johon: Coraçào de Pastor – Resgatando a responsabilidade pastoral do presbítero: CEP, SP, 2ª Ed. , 287 páginas.
- 9-MacArthur Jr, John: Ministério Pastoral: CPAD, Rio de Janeiro, RJ, 1998, 393 páginas.Horton, Michael: Um Caminho Melhor, CEP, 1ª Edição, 2007, São Paulo, SP, 282 páginas.
- 10- Donald, E. Price Org.: Pastores e Mestres, Edições Vida Nova,1ª Edição, 2003, São Paulo, SP, 172 páginas.
- 11-White, Peter, O Pastor Mestre: CEP, SP, 1ª Ed, 2003, 303 páginas.
- 12-Sproul, RC, Discípulos Hoje: CEP, SP, 1ª Ed, 1998, 272 páginas.
- 13-Calvino, João, Institutas: Vocaçào eficaz, vocaçào externa ou universal, vocaçào especial , CEP, Edição Clássica, 2ª Edição, 2006, SP.
- 14-Castro, Emilio (Copilador: Pastores del Pueblo de Dios em America Latina, Editora Aurora, Buenos Aires, Argentina, 1ª Edição, 1973, 190 paginas.
- 15-Artigo s obre Chamado no Novo Dicionário da Bíblia.
- 16-Artigo sobre “Chamado” no Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.
- 17-Artigo sobre Call, calling em Theological Dictionary of the New Testament: Editores: Gerhard Kittel e Gehard Friedrich, vol. III, páginas 494 a 496 (cf a partir de 487, começando com o vergo grego Kaleo)

Bibliografia de O MINISTÉRIO FEMININO

- (1) Rengstorf, Karl Heinrich: “Apóstolo, Falso Apóstolo, Apostolado, Enviar”, contribuição no “Igreja no Novo Testamento”, Gerhard Kittel, ASTE, SP, 1965, pág. 150.
- (2) Bown, Colin: “Mulher”, “Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Ed. Vida Nova, 1ª Ed., 1993, pág. 228.
- (3) Calvino, Juan:” Comentários a las Epistolas Pastorales de San Pablo”, 2ª Reimpressão, 1987, Michigan, USA, pág. 149.
- (4) Diáconos, Léxico do Novo Testamento, F. Wilbur Gingrich, revisado por Frederick W. Danker, tradução de J. P. Zabatiero, Ed Vida Nova, 1ª Ed., 1984.
- (5) Theological Dictionary of New Testament, WM. B. Eardmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, Sith Printing, Kittel, Gerhard, Editor, 1974, pág. 789.
- (6) Consultar Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, Ed Vida Nova, 1990, Vol. II, pág. 592.
- (7) Nicodemus, Augustus: “Ordenaçào Feminina: O que o Novo Testamento Tem a Dizer?”, Fides Reformata, Vol nº 1,, Janeiro-Julho de 1997, pág. 62/63. Todo o artigo é excelente por sua indiscutível fundamentaçào bíblica.

- (8) Lenhardt, Franz: “Epístola aos Romanos, Comentário Exegético”, trad. De Waldyr Carvalho Luz, do original francês: “Commentaire Du Nouveau Testament”, L’Épître de Saint Paul Aux Romains, ASTE, 1969, pág. 389.
- (9) Calvino, João: “Romanos”, trad. De Walter G. Martins, Edições Paráclitos, SP, 1997, pág. 515.
- (10) Calvino, João: “Romanos”, trad. De Walter G. Martins, Edições Paráclitos, SP, 1997, pág. 515.
- (11) Nicodemus, Augustus: obra citada, pág. 68.
- (12) Bittencourt, Benedito de Paula: Problemas de uma Igreja Local, Publicação da Associação Acadêmica “João Wesley”, 1962, São Paulo, pág. 31).
- (13) Calvino, João: I Coríntios, tradução de Valter Graciano Martins, Ed. Paráclitos, S.P., 1996, pág.330.
- (14) Munzer, K: Cabeça, Artigo no Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Vol. I, Edições Vida Nova, São Paulo, 1981, págs. 336 - 339. O autor afirma que em I Co 11. 2- 5 o significado de Kephâlê é fonte ou origem.
- (15) Consultar o erudito artigo de Elberfeld Heinrich Schlier em Theological Dictionary of the New Testament, Gerhard Kittel, 1984, Vol II, págs. 673 a 682, especialmente o item B-Kephâlê in the NY.
- (16) Munzer, Karlfried: Cabeça, em Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Vol. I, Ed. Vida Nova, 1981, S. Paulo, pág. 338.
- (17) Living Bible traduz assim o versículo I Co 11.10: “*So a woman should wear a covering on her head as a sign that she is under man’s authority*”, registrando em nota de rodapé: “*as a sign that she is under man’s authority*”. Literally: “*For tuis cause ought the woman to have power on [her]head.*”
- (18) Calvino, João: I Coríntios, tradução de Valter G. Martins, Edições Paráclitos, 1996, SP, pág. 335.
- (19) Consultar “Kephâlê in the NT” no Theological Dictionary of the New Testament, G. Kittel, Vol. III, 1984, pág. 679s.
- (20) Consultar “Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Ed. Vida Nova, SP, 1983, Art. “Mulher, Mãe, Virgem, Viúva, colaboração de C. Brown, pág. 227.
- (21) Catecismo da Igreja Católica, trad. Revista, 7ª Ed. 1997, §§ 2. 130, 2. 131, 2. 141, 1. 159, 1.161, 1.162, 476, 477.
- (22) A palavra, no texto traduzida pela ERA por “marido” é “andros”. *Gen sing. De “anêr”, macho adulto em contraste com o infante e com a fêmea, conforme “The Analytical Greek Lexicon, Harper & Brothers, N.Y. Com este sentido se encontra em I Co 13.11. Traduzem “andros” por “homem”: KJV, NIV, LB e NRSV. A Bíblia de Jerusalém assim a traduz: “Eu não permito que a mulher ensine, ou domine o homem”(andros).*
- (23) Calvino, Juan: “Comentarios as las Epistolas Pastorales de San Pablo, Jenison, Michigan, EEUU, 2 Ed., 1987, pág. 79
- (24) Linha interpretativa adotada por William Hendriksen: “ 1 y 2 Timoteo/ Tito”, “Comentario Del Nuevo Testamento”, Subcomission Literatura Cristiana de la Igreja Cristiana Reformada, Grand Rapids, Michigan, EE. UU, 1979, pág. 130s.
- (25) Von Allmen, Jean Jacques: “O CULTO CRISTÃO, Teologia e Prática”, ASTE, SP, 1968, págs. 228/229
- (26) Foulkes, Francis: “Efésios- Introdução e Comentário”, Ed. Vida Nova, Série Cultura Cristã, 1963, tradução de Márcio Loureiro Redondo, pág. 128/129.
- (27) Calvino, Juan: “Institución de la Religión Cristiana”, Cipriano de Valera en 1597, reeditada por Luis de Usoz y Río en 1858. Nova Edición Revisada em 1967. Vol II, Livro IV, cap. I, § 4, pág. 806.
- (28) Calvino, João: “As Institutas ou Tratado da Religião Cristã”, Casa Editora Presbiteriana com Luz Para o Caminho, Tradução de Waldyr Carvalho Luz, 1ª Ed., 1989, Vol. IV, Livro IV, Cap. 15, § 20.
- (29) Apostila do professor, 127 páginas, fonte 14: Vocação e Santificação.
- (30)

BIBLIOGRSFIA DA TERCEIRA PARTE – SANTIDADE E SANTIFICAÇÃO

- 1- Ryle, J.C.- Santidade –Sem a qual ninguém verá o Senhor: Editora Fiel, São José dos Campos, SP, 4ª Edição, 2002, 192 páginas.
- 2- Packer, J. I., A Redescoberta da Santidade, CEP, SP, 1ª Edição, 2002, , 256 páginasd.
- 3- Schaeffer, Francis A.- Verdadeira Espiritualidade, CEP, SP, 1ª Edição, 1999, 222 páginas.
- 4- Hulme, William E., -Dinâmica da Santificação, Editora Sinodal, RS, 2ª Edição, 1981, 163 páginas.
- 5- Haratius, Bonas- O Caminho de Deus para a Santidade, Edições Paráclitos,SP, 1ª Edição, 138 páginas.
- 6- Sproul,RC- A Santidade de Deus, CEP,SP, 1ª Edição, 1997, 233 páginas.
- 7- Packer, J. I.: Vocábulo de Deus (Santidade e Santificação): Editora Fiel, 1ª Edição, 1994, São José dos Campos, SP.
- 8- Calvino, João- Institutas, Edição Clássica, CEP, SP, 2ª Edição, ver no índice (fim do 4ª vol): Santidade e Santificação.

Onezio,

S.Paulo, janeiro de 2011

Notas: 1ª: Por julgar pertinente, inclui “Ministério Feminino” nesta apostila.

2ª: Inspirei-me, especialmente, nas obras: O Chamado, de Os Guinness; O Pastor Aprovado, de Richard Baxter; Santidade, de J. C. Ryle; A Redescoberta da Santidade, de J. I. Packer.

ⁱ - O dom de apóstolo, aquele que foi testemunha pessoal e ocular de Cristo, cessou com a morte do último apóstolo.